

**DAVID
BALDACCI**



A PROTEGIDA

DO AUTOR DE

PODER ABSOLUTO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



DAVID BALDACCI

(1960)

A Protegida

Título original americano

SAVING FAITH

1999

Tradução

HAROLDO NETTO

Rocco, 2003

David J. Baldacci

A PROTEGIDA

Tradução de HAROLDO NETTO

Rio de Janeiro – 2003

Título original SAVING FAITH

Copyright (c) 1999 by Columbus Rose, Ltd.

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, incidentes e diálogos, exceto referências a figuras públicas, são imaginários e não têm intenção de aludir a quaisquer pessoas vivas ou depreciar produtos de empresas ou seus serviços.

Direitos mundiais para a língua portuguesa reservados com exclusividade à EDITORA ROCCO LTDA.

Rua Rodrigo Silva, 26 – 4º andar

Rio de Janeiro – RJ

Tel.: 2507-2000 – Fax: 2507-2244

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Preparação de originais LINA ROCHA

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

B146p Baldacci, David A protegida / David Baldacci; tradução de Haroldo Netto. – Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

Tradução de: Saving Faith

ISBN: 85-325-1546-0. Ficção americana. Título.-0360 I. Haroldo Netto.

CDD-813 CDU-821.111(73)-3

Sinopse

Não muito longe de Washington D.C., em área de florestas da região norte do estado da Virgínia, uma pequena casa no fim de uma estrada de cascalho serve a um objetivo sigiloso. Com aparato de segurança sofisticado e câmeras em miniatura escondidas, está sendo usada pelo FBI para entrevistar uma das testemunhas mais importantes que o Bureau já teve: uma jovem com incrível história sobre o patrão, lobista influente que controla a política da casa Branca, com inimigos poderosos.

Eles sabem da reunião secreta. E um drama violento está prestes a começar.

Um detetive particular chega à casa a pedido de um cliente. Um pistoleiro de aluguel espreita a pedido de patrões poderosos.

E a testemunha, Faith Lockhart, comparece para contar ao FBI tudo o que sabe a respeito do Antes que Faith possa contar sua história, contudo, o pistoleiro puxa o gatilho e a vítima errada tomba. Faith passa a fugir das pessoas mais perigosas do país, com Lee Adams, um homem que não conhece mas em quem é obrigada a confiar.

DAVID BALDACCI é autor de best-sellers internacionais como Poder absoluto, Controle total, A vencedora, A verdade pura e simples e O poço dos desejos. Todos publicados pela Rocco. O autor mora na Virgínia, com a esposa e dois filhos.

A Aaron Priest, meu amigo.

Agradecimentos

A MINHA CARA AMIGA JENNIFER SIEINBERG, POR DESCOBRIR TANTAS informações para mim. Você daria um excelente detetive particular!

À minha esposa Michelle, por sempre dizer a verdade a respeito de meus livros.

A Neal Schiff, do FBI, pela ajuda constante e cooperação com meus romances.

Um agradecimento muito particular a Shawn Henry, agente especial do FBI, que foi muito generoso com o seu tempo, sabedoria e entusiasmo e que me ajudou a evitar algumas sérias gafes na história. Shawn, seus comentários melhoraram muito o livro.

A Martha Pope pelo conhecimento valioso e perspicaz dos assuntos de Capitólio e pela paciência com um neófito em política. Martha, você daria uma professora magnífica! A Bobby Rosen, Diane Dewwhirst e Marty Paone por compartilharem suas experiências e lembranças institucionais comigo.

A TomDePont, Dawn Dale-Bartow e Charles Nelson do NationsBank pela assistência em questões financeiras e tributárias.

A Joe Duffy, pelos esclarecimentos sobre a política de ajuda externa e respectivos procedimentos. E à sua mulher, Anne Wexler, por compartilhar seu tempo valioso e discernimento comigo.

Um agradecimento muito, muito especial, a meu amigo Bob Schule por ir além de suas obrigações me ajudando com este livro, não apenas ao proporcionar detalhes fascinantes sobre sua longa e destacada carreira em Washington, como também por ter formado uma vasta rede integrada por seus amigos e colegas a fim de me ajudar a entender melhor a política, as atividades relacionadas aos lobbies e também como Washington realmente funciona. Bob, você é um amigo maravilhoso e um profissional de verdade.

Ao deputado Rod Blagojevich (D. Illinois) por me permitir ter uma ideia da vida de um membro do Congresso.

Ao deputado Tony Hall (D. Ohio) por me ajudar a compreender melhor a triste situação dos pobres deste mundo e como esse assunto repercute (ou não) em Washington.

A meu bom amigo e parente deputado John Baldacci (D. Maine), pelo apoio e ajuda. Se todo mundo em Washington fosse como John, a trama do livro seria totalmente implausível.

A Larry Benoit e Bob Beene pela ajuda em tudo, desde a instituição do lobby até as coisas básicas do Governo, inclusive todos os recantos do prédio do Capitólio, onde atua o Congresso. Devo a eles uma de minhas cenas favoritas do livro.

A Mark Jordan, da Baldino's Lock and Key, por ter me instruído sobre segurança e sistemas telefônicos e como invadi-los. Mark, você é o melhor.

A Steve Jennings, por ler tudo e cada palavra – como sempre – me ajudando a melhorar o texto.

A meus queridos amigos David e Catherine Broome por me exporem aos cenários da Carolina do Norte e por seu encorajamento e apoio constantes.

A todas as outras pessoas que contribuíram para este livro mas que, por várias razões, querem permanecer anônimas. Eu não teria conseguido terminá-lo sem sua ajuda.

À minha editora e amiga Francês Jalet-Miller. Seu talento, estímulo e delicada

capacidade de persuasão são tudo o que qualquer escritor quer ter em um editor. Que trabalhemos em muitos outros livros juntos, Francie.

A Lisa Erbach-Vance da Aaron Priest Agency por ter sido tão generosa. E por se preocupar tanto com todos os meus livros.

E por fim, mas absolutamente tão importantes quanto os demais: Larry, Maureen, Jamie, Tina, Emi, Jonathan, Karen Torres, Martha Otis, Jackie Joiner e Jackie Meyer, Bruce Paonessa e Peter Mauceri e todo o resto da família Warner Books. Todos são tão necessários quanto o autor para que se possa fazer um livro.

Cada uma das pessoas anteriormente listadas me deu o conhecimento e a ajuda de que precisei para escrever este romance. No entanto, o modo como usei essa assistência para inventar todo o tipo de golpes, contravenções e crimes de que precisava em A protegida é exclusivamente de minha responsabilidade.

Capítulo 1

O GRUPO SOMBRIO ACOMODOU-SE NO APOSENTO AMPLO QUE FICAVA em um andar muito abaixo do nível do solo e cujo acesso era feito por um único elevador de alta velocidade. A câmara fora construída secretamente nos primeiros anos da década de 1960 sob o disfarce de reformar a casa que ficava sobre ela. O plano original, claro, era usar aquele "superbunker" como refúgio em caso de ataque nuclear.

O abrigo, contudo, não se destinava aos líderes de primeiro escalão do governo americano, e sim àqueles cujo nível de relativa "desimportância" fazia com que provavelmente não fossem capazes de fugir a tempo mas que, ainda assim, mereciam uma proteção não concedida a qualquer cidadão comum. Politicamente, mesmo no contexto da destruição total, tem que haver ordem.

O bunker fora construído numa época em que se acreditava ser possível sobreviver, escondido dentro de um casulo de aço debaixo da terra, ao impacto direto de uma arma nuclear. Depois do holocausto que aniquilaria o resto do país, os líderes surgiriam dos escombros sem ter absolutamente a quem pudessem liderar, a menos que levassem em conta a fumaça.

A construção original, acima da terra, tinha sido posta abaixo havia muito tempo, mas o aposento subterrâneo permanecia inteiro. Esquecido praticamente por toda a gente, era usado agora como local de encontro para certas pessoas na agência de informações mais importante do governo. Havia algum risco envolvido, já que as reuniões não eram relacionadas com os deveres oficiais dos participantes. As questões nelas discutidas eram ilegais, e as daquela noite eram inclusive homicidas.

Precauções adicionais tinham sido necessárias.

As paredes de aço supergrossas receberam uma camada de cobre, o que, juntamente com as toneladas de terra lançadas por cima de tudo, protegia a sala de reuniões da curiosidade dos ouvidos eletrônicos situados no espaço ou em qualquer outra parte. Aqueles homens não gostavam de ir ao subterrâneo. Era inconveniente, e, por ironia, excessivamente ao estilo James Bond, mesmo levando-se em conta os gostos admitidamente capa e espada de todos. Na verdade, há tanta tecnologia de vigilância a cercar a terra que é praticamente impossível uma conversa ter lugar em sua superfície a salvo de escutas. Para fugir dos inimigos é preciso se esconder debaixo da terra. E ali era possível ter-se a razoável certeza de que não seriam ouvidos, mesmo neste mundo de recursos de espionagem tão sofisticados.

As cabeças grisalhas presentes àquela reunião eram todas de homens brancos, a maioria dos quais se aproximando dos sessenta anos, idade da aposentadoria compulsória na agência em que trabalhavam. Vestidos discreta e profissionalmente, passariam por médicos, advogados ou banqueiros de investimentos. Quem visse aquele grupo provavelmente não se lembraria de nenhum dos integrantes um dia depois. A anonimidade era sua principal característica. Esse tipo de gente vive e morre, às vezes violentamente, por causa de detalhes como esse.

Em conjunto, o grupo estava a par de milhares de segredos que jamais poderiam vir a ser do conhecimento do público em geral, já que este certamente condenaria as ações que os originaram. O país, no entanto, exigia resultados – econômicos, políticos, sociais – que só poderiam ser obtidos pelo esmagamento de certas partes do mundo até se transformarem numa pasta sangrenta. O trabalho dos integrantes do grupo era fazer isso de um modo clandestino que

não se refletisse negativamente nos Estados Unidos e, ainda assim, conservar o país a salvo de incômodos terroristas internacionais e de outros estrangeiros descontentes com a força de Tio Sam.

O objetivo da reunião daquela noite era planejar o assassinato de Faith Lockhart. Tecnicamente, a CIA era proibida por decreto presidencial de se engajar em assassinatos.

Aqueles homens, contudo, embora empregados da CIA, não a estariam representando. Tratavam de sua agenda particular e havia pouco desacordo quanto à decisão de que aquela mulher tinha de morrer, e logo; era importantíssimo para o bem-estar do país. Eles sabiam disso, mesmo que os decretos presidenciais não soubessem. No entanto, devido ao fato de outra vida estar envolvida, a reunião ficou acrimoniosa, com o grupo mais parecendo um bando de deputados lutando em Capitol Hill por fatias do orçamento no valor de mais de um bilhão de dólares.

– O que você está dizendo, então – disse um dos homens de cabelos brancos, furando o ar denso de fumaça com um dedo magro – é que junto com a Lockhart teremos de matar um agente federal – ele balançou a cabeça, incrédulo. – Por que matar um dos nossos? Não pode dar certo. Só pode levar ao desastre.

O homem sentado à cabeceira balançou a cabeça pensativamente. Na CIA, Robert Thornhill era o mais destacado soldado da Guerra Fria, um homem cujo status dentro da Agência era único. A reputação dele era inatacável e sua coleção de vitórias profissionais sem igual. Como subdiretor de Operações, era o último bastião do sistema de defesa da agência, responsável pela condução das operações de campo que efetuavam a coleta sigilosa de informações estrangeiras. A diretoria de operações da CIA era conhecida extraoficialmente como "oficina de espões", e o subdiretor até hoje ainda não era identificado publicamente. O lugar perfeito onde se conseguir que fossem realizados trabalhos verdadeiramente significativos.

Thornhill tinha organizado aquele grupo seleta, em que todos os integrantes estavam tão aborrecidos quanto ele em relação ao estado de coisas na CIA. Fora Thornhill quem se lembrara da existência daquela enorme cápsula do tempo subterrânea, da mesma forma que descobrira o dinheiro para fazer com que, secretamente, ela retornasse às condições normais de funcionamento, além de modernizar e aperfeiçoar suas instalações. Havia milhares de brinquedinhos como aquele espalhados por todo o país, muitos dos quais significando um total desperdício do dinheiro dos contribuintes. Thornhill conteve um sorriso. em, se os governos não desperdiçassem o dinheiro suado de seus cidadãos, o que lhes restaria para fazer? Ao passar a mão pelo consolo de aço inox com seus bizarros cinzeiros embutidos, sentir o cheiro do ar filtrado e o frio protetor da terra que o cercava por todos os lados, Thornhill deixou a mente vagar para o tempo da Guerra Fria quando havia pelo menos um certo grau de certeza no confronto com a foice e o martelo. Na verdade, Thornhill preferia o pesadão touro russo à ágil serpente de areia que nunca se sabe onde está até que dá o bote e injeta seu veneno. Eram muitos os que desejavam uma única coisa na vida: derrubar os Estados Unidos. Seu trabalho era garantir que isso jamais acontecesse.

Thornhill deu uma olhada em torno da mesa, avaliou a devoção de cada homem a Tio Sam e ficou satisfeito ao concluir que a de todos equivalia à sua. Thornhill tinha querido servir à pátria desde que se entendera por gente. Seu pai trabalhara na OSS, a predecessora da CIA na Segunda Guerra Mundial. Quase nada sabia a respeito do que o pai fizera no seu tempo, mas o

homem insulara no filho a filosofia de que não havia nada mais honroso a fazer da vida que dedicá-la ao serviço da pátria.

Thornhill ingressara na CIA assim que se formara em Yale. Até o dia em que morrera, seu pai sentira muito orgulho do filho. Não mais, contudo, que o orgulho que o filho sentira do pai.

O cabelo de Thornhill era cor de prata e reluzente, o que lhe emprestava um ar distinto. Os olhos eram cinzentos e ativos, o ângulo do queixo acentuado. A voz grave era educada; o jargão técnico e a poesia de Longfellow fluíam de sua boca com igual facilidade. Ainda usava colete e preferia fumar cachimbo a cigarros. Aos cinquenta e oito anos, Thornhill poderia terminar tranquilamente seu tempo na CIA e levar uma vida agradável de funcionário público aposentado, um funcionário viajado e erudito.

Mas nem pensava em se aposentar, e o motivo era muito claro.

No decurso dos últimos dez anos as responsabilidades e dotações orçamentárias da CIA tinham sido extremamente reduzidas. O que fora desastroso, pois as tempestades que pipocavam agora pelo mundo envolviam com frequência mentes fanáticas desligadas de qualquer organização política e que, mesmo assim, possuíam a capacidade de obter armas de destruição em massa. E embora praticamente todo mundo pensasse que a alta tecnologia fosse a resposta para todas as mazelas do nosso planeta, nem os melhores satélites eram capazes de palmilhar as vielas de Bagdá, Seul ou Belgrado a fim de avaliar a temperatura emocional das pessoas. Os computadores a gravitar no espaço jamais seriam capazes de captar pensamentos, de descobrir as pulsões demoníacas que se ocultavam em seus corações. Thornhill sempre ia preferir um agente operativo inteligente e disposto a arriscar a vida ao melhor equipamento que o dinheiro fosse capaz de comprar.

Thornhill tinha na CIA um grupinho de agentes exatamente assim, elementos absolutamente leais a ele e à sua agenda particular. Todos tinham trabalhado duro a fim de recuperar para a Agência sua antiga importância. Agora Thornhill finalmente conseguira o veículo, a realização desse objetivo. Dentro de pouco tempo teria sob seu controle poderosos deputados e senadores e até mesmo o vice-presidente, além de burocratas altamente situados, e com isso seria capaz de impedir a nomeação de um advogado independente como investigador do caso Buchanan. Thornhill veria o orçamento, o efetivo e o raio de alcance da CIA no mundo retornarem ao devido lugar.

A mesma estratégia funcionara para J. Edgar Hoover quando dirigira o FBI e não era coincidência, acreditava Thornhill, que o orçamento e a influência do Bureau tivessem florescido sob ele e seus arquivos supostamente "secretos" a respeito de políticos poderosos. Se havia uma organização em todo mundo que Robert Thornhill odiava de todo o coração, era o FBI. O fato é que faria qualquer coisa para trazer a CIA de volta à linha de frente, mesmo que isso significasse ter de copiar as táticas do seu inimigo mais encarniçado. Bem, olha só como vou me sair melhor que você, Hoover.

Thornhill concentrou-se de novo nos homens reunidos à sua volta.

– Não precisar matar um dos nossos seria, claro, o ideal disse. – O fato, contudo, é que o FBI a tem sob segurança reservada vinte e quatro horas por dia. A única hora em que fica verdadeiramente vulnerável é quando vai para o chalé. Pode ser que a coloquem no programa de proteção de testemunhas sem aviso prévio, portanto vamos ter de atacar lá. Outro homem falou: – Está bem, nós matamos a Lockhart, mas deixe o agente do FBI viver, Bob, pelo amor de

Deus.

Thornhill sacudiu a cabeça.

– O risco é grande demais. Sei que matar um companheiro de profissão é deplorável. Mas não cumprir nosso dever agora seria um erro desastroso. Vocês sabem o que estamos investindo nesta operação. Não podemos falhar.

– Que droga, Bob – disse o primeiro homem a protestar –, você sabe o que acontecerá se o FBI descobrir que matamos um dos seus? – Se não conseguirmos manter uma coisa dessas em segredo, será melhor desistir de tudo que fazemos – retorquiu Thornhill. – Esta não é a primeira vez em que vidas são sacrificadas.

Outro membro do grupo adiantou-se um pouco na cadeira. Era o mais jovem de todos. Tinha, contudo, conquistado o respeito dos demais pela inteligência e capacidade de exercitar uma crueldade extrema e concentrada.

– Na verdade estamos nos preocupando exclusivamente com uma única hipótese: matar a Lockhart para evitar a investigação de Buchanan pelo FBI. Por que não apelar para o diretor do FBI e conseguir que ele mande sua equipe desistir da investigação? Nesse caso ninguém precisaria morrer.

Thornhill dirigiu ao colega mais jovem um olhar desapontado.

– E que explicação você propõe darmos ao diretor do FBI? – Que tal qualquer coisa parecida com a verdade? Mesmo no ramo das informações às vezes há espaço para a verdade, não há? Thornhill sorriu calorosamente.

– Quer dizer então que eu deveria dizer ao diretor do FBI que, por sinal, adoraria nos ver permanentemente em um museu – que desejamos que ele cancele sua investigação potencialmente explosiva para que a CIA possa usar recursos ilícitos a fim de passar a perna na agência dele. Brilhante.

Por que não pensei nisso antes? E onde você gostaria de cumprir pena? – Pelo amor de Deus, Bob, nós agora trabalhamos associados ao FBI. Não estamos mais na década de 1950. Não se esqueça do CCT.

CCT eram as iniciais do Centro de Contraterrorismo, um esforço conjunto da CIA e do FBI para combater o terrorismo, compartilhando informações e recursos. De um modo geral, era considerado um sucesso pelos envolvidos. Para Thornhill era simplesmente outro modo de o FBI meter os dedos gananciosos em seus negócios.

– Acontece que estou envolvido com o CCT de maneira modesta – disse Thornhill. – Considero que seja um lugar ideal para acompanhar-se o Bureau e o que o pessoal de lá estiver fazendo. Que geralmente não nos favorece nem um pouco.

– Vamos lá, estamos todos no mesmo barco, Bob.

Os olhos de Thornhill focalizaram o homem mais moço de um modo tal que fez com que todos os presentes na sala gelassem.

– Peço que nunca mais pronuncie essas palavras na minha presença – disse ele.

O outro empalideceu e ajeitou-se na cadeira. Thornhill mordeu o cachimbo.

– Você gostaria que eu lhe desse exemplos concretos em que o FBI levou o crédito, desfrutando a glória de trabalhos feitos pela nossa Agência? Beneficiando-se do sangue derramado por nossos agentes de campo? Aproveitando-se do número incontável de vezes em que salvamos o mundo da aniquilação? Quer exemplos de como manipulam as investigações a

fim de esmagar todo mundo e reforçar seu orçamento já exagerado? Gostaria que eu lhe desse exemplos acontecidos em meus trinta e seis anos de carreira quando o FBI fez tudo o que pôde para desacreditar nossa missão, nossa gente? Gostaria? O interlocutor de Thornhill sacudiu lentamente a cabeça.

– Não ligo a mínima se o diretor do FBI em pessoa aparecer aqui e beijar meus sapatos, jurando obediência eterna – não me deixarei influenciar. Nunca! Deixei bem clara a minha posição? – Compreendo.

Ao dizer esta palavra, o homem mais moço conseguiu não sacudir a cabeça em sinal de espanto. Todo mundo dentro daquela sala, à exceção de Robert Thornhill, sabia que o FBI e a CIA na verdade conviviam bastante bem. Embora o FBI às vezes pudesse agir com mão pesada em investigações conjuntas, por dispor de mais recursos, não estava engajado em nenhuma caça às bruxas para acabar com a CIA. Mas os homens ali presentes compreendiam muito claramente que Robert Thornhill acreditava que o FBI era seu pior inimigo. Assim também como sabiam que Thornhill tinha, décadas atrás, orquestrado inúmeros assassinatos autorizados pela CIA, com astúcia e entusiasmo.

Como contradizer um homem daqueles? – Mas se matarmos o agente – disse outro colega – você não acha que o FBI se empenhará numa cruzada para descobrir a verdade? Os recursos que têm são suficientes para garantir uma política de terra arrasada. Por melhor que sejamos, não conseguiremos fazer frente à força deles. Onde ficamos então? Ouviram-se resmungos generalizados. Thornhill olhou em torno cautelosamente. A coleção de homens ali presentes representava uma aliança desconfortável. Eram sujeitos paranóicos, insondáveis, há muito tempo acostumados a guardar segredo. Na verdade fora um milagre conseguir reuni-los.

– O FBI fará tudo o que puder para solucionar o assassinato de um agente seu e da testemunha principal de uma de suas investigações mais ambiciosas. Assim sendo, o que eu proporia fazer era dar ao FBI a solução que desejamos a que eles cheguem.

Alvo dos olhares curiosos de todos, Thornhill tomou um gole de água e depois levou um minuto preparando o cachimbo.

– Depois de levar anos ajudando Buchanan a dirigir sua operação, a consciência – ou bom senso, ou paranoia – de Faith, levou a melhor sobre ela. Procurou o FBI e começou a contar tudo que sabe. Graças a uma certa perspicácia da minha parte, conseguimos descobrir o que se passava. Buchanan, contudo, não tem a menor ideia de que sua parceira virou-se contra ele. E também não sabe que tencionamos matá-la. Só nós sabemos.

Thornhill congratulou-se intimamente pela última frase. Sensação maravilhosa, a onisciência; afinal, era seu ramo de trabalho.

– O FBI, contudo, pode suspeitar que ele saiba da traição dela ou que a possa descobrir em determinado ponto. Assim, para um observador de fora, ninguém no mundo tem maior motivação para matar Faith Lockhart que Danny Buchanan.

– E a sua ideia? – insistiu o inquiridor.

– Minha ideia – respondeu Thornhill tensamente – é bastante simples. Em vez de permitir que Buchanan desapareça, damos uma dica ao FBI de que ele e seus clientes descobriram a duplicidade de Lockhart e providenciaram a morte dela e do agente.

– Mas assim que eles pegarem Buchanan, ele contará tudo – contrapôs rapidamente o homem.

Thornhill fitou-o com a expressão de um professor desapontado olhando para o aluno. Durante o último ano, Buchanan dera a eles tudo que precisaram; agora era oficialmente descartável.

O grupo lentamente começou a perceber qual era a ideia de Thornhill.

– Quer dizer então que passamos a informação ao FBI sobre Buchanan postumamente.

Três mortes. Correção, três assassinatos – disse outro homem.

Thornhill olhou em torno, aferindo silenciosamente a reação dos outros àquele diálogo, ao seu plano. A despeito dos protestos quanto a matar um agente do FBI, sabia que três mortes nada significavam para aqueles homens. Eram da velha escola que compreendia com bastante clareza que por vezes eram necessários sacrifícios daquela natureza. Certamente o que faziam para ganhar a vida às vezes custava a vida de outras pessoas. No entanto, suas operações também tinham evitado guerras. Matar três para salvar três milhões, quem poderia argumentar contra isso? Mesmo que as vítimas fossem relativamente inocentes. Cada soldado que morre no campo de batalha também é inocente. Ações secretas, curiosamente designadas como "terceira opção" nos círculos de inteligência, ou seja, a opção entre a diplomacia e a guerra aberta, aí estava onde a CIA podia realmente provar o seu valor, acreditava Thornhill. Embora fosse também onde residissem alguns dos seus piores desastres. Bem, sem risco não há possibilidade de glória. Este epitáfio cairia muito bem na lápide do seu túmulo.

Nenhuma votação formal foi conduzida por Thornhill – não era preciso.

– Muito obrigado, cavalheiros – disse ele. – Cuidarei de tudo.

Thornhill deu por encerrada a reunião.

Capítulo 2

O PEQUENO CHALÉ DE RIPAS DE MADEIRA FICAVA ISOLADO NO FIM DE uma ruazinha de cascalho compactado, cujos acostamentos de terra se confundiam com o emaranhado de ervas rasteiras: dentes-de-leão, morriões-dos-passarinhos e labças.

A construção maltratada pelo tempo ficava no meio de quatro mil metros quadrados de terra limpa e plana que, no entanto, era cercada em três lados por uma mata densa onde as árvores lutavam umas contra as outras para alcançar a luz do sol. Por causa do terreno pantanoso e outros problemas similares, a casa jamais tivera vizinhos em seus oitenta anos de existência. A comunidade mais próxima ficava a cinco quilômetros de carro, e menos que a metade dessa distância para quem tivesse a coragem de desafiar a floresta.

Pela maior parte dos últimos vinte anos o chalé tinha sido usado para festas de adolescentes e, em uma ocasião, por sem-teto errantes atrás do conforto e da relativa segurança proporcionados por quatro paredes e um telhado, mesmo que porosos. O chalé desencorajou o atual proprietário, que o herdara recentemente e que finalmente optou por alugá-lo. Conseguiu encontrar um inquilino disposto que pagou um ano inteiro de aluguel adiantado e em dinheiro.

Naquela noite a grama alta do terreno da frente do chalé foi alisada junto ao chão e depois endireitada por um vento cada vez mais forte. Atrás da casa, uma fileira de carvalhos de grossos troncos imitava os movimentos da grama, oscilando para a frente e para trás. Podia parecer impossível, mas a não ser pelo vento, não havia outros ruídos.

Exceto um.

No meio da mata, a diversas centenas de metros diretamente atrás da casa, um par de pés chapinhava no leito raso de um riacho. As calças sujas e as botas encharcadas do homem atestavam a dificuldade com que atravessava no escuro, o terreno difícil, mesmo com a ajuda da lua quase cheia. Ele fez uma pausa para limpar a lama das botas junto ao tronco de uma árvore caída.

Lee Adams estava ao mesmo tempo suado e gelado depois daquela penosa caminhada. Aos quarenta e um anos de idade, seu corpo de um metro e oitenta e oito de altura era excepcionalmente forte. Ele se exercitava com regularidade, como demonstravam seus bíceps e deltóides. Manter-se em boa forma era uma necessidade na sua linha de trabalho. Embora precisasse ficar com frequência sentado dias seguidos num carro, ou em uma biblioteca ou tribunal examinando microfichas, também havia ocasiões em que tinha de escalar árvores, dominar homens maiores que ele, ou, como agora, atravessar matas cortadas de valas na calada da noite. Um pouco de força extra não fazia mal. No entanto, não tinha mais vinte anos e seu corpo o estava informando disso.

Lee tinha cabelo castanho, grosso e ondulado, que parecia cair perpetuamente no rosto, sorriso fácil e contagioso, ossos malares acentuados e um par de olhos azuis sedutores que faziam com que os corações femininos se agitassem desde os tempos da oitava série. No entanto, como tivera durante a carreira um bom número de ossos quebrados, além de outros ferimentos variados, sentia-se mais velho do que aparentava. E era justamente isto que o aborrecia todas as manhãs, quando acordava. Os rangidos, as pequenas dores. Tumor cancerígeno ou apenas artrite, ele às vezes se perguntava. Mas que importância tinha? Quando Deus decidisse que sua hora tinha chegado, não haveria o que fazer. Dieta, ginástica de pesos ou marchar na esteira horas a fio não mudariam a decisão lá do Alto.

Lee olhou para cima. Ainda não dava para ver o chalé, o mato era muito fechado. Voltou a atenção para os controles da câmara que havia tirado da mochila enquanto recuperava o fôlego. Tinha feito aquele mesmo percurso diversas vezes mas nunca entrara no chalé. Vira coisas, no entanto – coisas bem peculiares, por sinal. Por isto voltara. Estava na hora de apreender os segredos do lugar.

Com a respiração normalizada, prosseguiu a penosa caminhada, tendo como a única companhia a vida selvagem. Era grande o número de cervos, coelhos, esquilos e até mesmos castores ali na zona rural do estado de Virgínia. Dava para visualizar os morcegos furiosos cortando cegamente o ar em torno de sua cabeça. E a cada poucos passos tinha a impressão de que esbarrava numa nuvem de mosquitos. O que o fazia pensar seriamente em aumentar o valor da sua diária naquele caso, embora tivesse recebido uma vultosa quantia em dinheiro como adiantamento. Parou ao se aproximar da orla da mata. Tinha muita experiência em vigiar locais como aquele, visitados por muitas pessoas. O melhor era agir lenta e metodicamente, como um piloto seguindo a lista de verificação do avião. O espião só precisa esperar que não aconteça nada que o obrigue a improvisar.

O nariz torto de Lee era um permanente distintivo de honra do tempo em que lutara boxe amador na Marinha, quando descarregava sua agressividade juvenil dentro de um quadrado cercado por cordas e com o piso forrado de lona, contra um inimigo do mesmo peso e técnica. Luvas resistentes, mãos rápidas e pés ágeis, mente astuta e coração forte haviam sido suas armas, suficientes, por sinal, para lhe garantir vitórias na maior parte das lutas.

Depois do serviço militar as coisas quase sempre saíram bem para ele. Nunca verdadeiramente rico, nunca realmente pobre, a despeito de trabalhar quase sempre por conta própria. E também nunca totalmente só, embora estivesse divorciado havia quase quinze anos. A única coisa boa do seu casamento acabara de completar vinte anos.

Sua filha era alta, loura e inteligente, além de ser também a orgulhosa detentora de uma bolsa de estudo integral para a universidade de Virgínia, onde era a estrela do time feminino de lacrosse. Nos últimos dez anos Renee Adams não tivera o menor interesse, fosse qual fosse, pelo pai. Desinteresse que contara com as bênçãos da mãe, se não com sua insistência, Lee não tinha dúvida. E dizer que sua ex parecia ser uma excelente pessoa nos primeiros encontros, tão encantada com o uniforme da Marinha, tão entusiasmada em ir para a sua cama...

A ex-esposa de Lee, uma antiga dançarina de strip-tease chamada Trish Bardoe, casara-se logo em seguida ao divórcio com um sujeito chamado Eddie Stipowicz, um engenheiro desempregado com um sério problema de bebida. Lee achou que ela estava se encaminhando para o desastre e tentara conseguir a guarda de Renee alegando que a mãe e o padrasto não podiam sustentá-la. Pois bem, mais ou menos nessa época, Eddie, um baixinho canalha a quem Lee desprezava, inventou um microchip que fez dele um zilionário. A batalha de Lee pela guarda da filha perdeu a razão de ser. Para piorar, começaram a ser publicadas matérias sobre Eddie no Wall Street Journal, Time, Newsweek e inúmeros outros veículos. O homem ficou famoso. A casa em que morava com Trish e Renee chegou inclusive a ser assunto do Architectural Digest.

Lee comprara esse número do Architectural Digest. A casa nova de Trish era exageradamente grande e escura, com quase tudo vermelho-escarlata ou cor de berinjela, o que fez Lee pensar no interior de um caixão de defunto. As janelas tinham o tamanho de janelas de catedral, a mobília era enorme e o conjunto de molduras, lambris e escadarias de madeira, se transformado em lenha, daria para aquecer uma cidade do Meio-Oeste durante um ano inteiro. Havia também um chafariz com esculturas de gente nua. Que coisa mais excitante! Uma foto do casal feliz ilustrava a matéria. Na opinião de Lee, a legenda bem que podia ter sido algo como: "O Informata Imbecil e a Louraça Belzebu Atacam de Ricos de Mau Gosto." Uma foto, contudo, chamara sua atenção. Nela, Renee posara montada no garanhão mais magnífico que eleja vira, num gramado tão verde e tão bem aparado que mais parecia um lago de vidro. Lee recortara cuidadosamente a foto e a guardara em lugar seguro – uma espécie de álbum de família. O artigo, claro, não o mencionava, e tampouco havia razão para que o fizesse. O que o irritara, contudo, fora a referência a Renee como filha de Ed.

– Enteada – dissera em voz alta. – Enteada. Essa você não pode me tirar, Trish.

A maior parte do tempo não sentia inveja da fortuna que a ex-mulher tinha agora, pois isso significava que Renee jamais passaria necessidade. Mas às vezes a separação ainda doía.

Quando você tem algo por tantos anos, algo que transformou em uma parte de si próprio e que amou mais do que seria aconselhável amar qualquer coisa neste mundo, e aí perde isso – bem, Lee sempre tentou não se demorar muito pensando nessa perda. Grande e durão do jeito que era, quando se permitia pensar no buraco que tinha bem no meio do peito, terminava chorando como um bebê.

A vida às vezes é engraçada. Como quando você está com a saúde perfeita um dia e no dia seguinte cai morto.

Lee deu uma olhada na calça enlameada e flexionou a perna para se livrar de uma

câmbra, ao mesmo tempo em que espantava um mosquito do olho. Casa do tamanho de um hotel. Criados. Chafarizes. Cavalões. Jato particular... Provavelmente tudo não passava de uma chatice.

Ele apertou a câmera de encontro ao peito. Estava carregada com filme de 400 ASA cujo rendimento aumentava ajustando a velocidade ISO da câmera para 1600. Filmes rápidos requerem menos luz, e com o obturador da câmera aberto em períodos de tempo mais curtos, era menor a possibilidade da câmera tremer ou vibrar, distorcendo as fotos. Em seguida ajustou a teleobjetiva de 600mm e o tripé que vinha preso a ela.

Espiando por entre os galhos de um arbusto, Lee focalizou a lente na parte de trás do chalé. Nuvens esparsas passaram na frente da lua, aumentando a escuridão que o cercava. Fez uma série de fotos e guardou a câmera.

Não dava para dizer se o chalé estava ocupado ou não. Era verdade que não via uma única luz acesa, mas talvez houvesse lá dentro um cômodo impossível de ser visto de fora. Além do mais, não conseguia ver a frente do chalé onde talvez houvesse um carro estacionado. Tinha observado o tráfego e os padrões das pegadas em outras incursões, mas não havia muito o que ver. Poucos carros passavam por aquela estrada e também não se viam pedestres, correndo ou caminhando. Todos os carros que vira haviam voltado, demonstrando evidentemente que tinham entrado errado. Isto é, todos menos um.

Lee olhou para o céu. O vento diminuía. Lee calculou, grosso modo, que as nuvens continuariam obscurecendo o luar por mais alguns minutos. Ajeitou a mochila nas costas, aguardou um momento, tenso, como se quisesse reunir toda a sua energia, e saiu correndo de dentro da mata.

Seguiu silenciosamente até atingir um ponto onde pôde se agachar atrás de um emaranhado de arbustos bem crescidos e observar a parte da frente e de trás do chalé.

Neste mesmo instante, as sombras da escuridão clarearam com a volta da lua, que pareceu deixar-se ficar preguiçosamente a observar Lee, curiosa para saber o que ele estaria fazendo ali.

Embora isolado, o chalé ficava apenas a quarenta e cinco minutos de carro do centro da cidade de Washington, D.C., o que o tornava conveniente para um grande número de coisas. Lee investigara o proprietário e descobrira ser legítimo. O inquilino, contudo, fora um pouco mais difícil de descobrir.

Ele sacou de um aparelho que parecia ser um gravador de fita cassete mas que na verdade era uma gazua tipo pistola acionada a pilhas, dentro de um estojo, cujo zíper abriu. Apalpou os diferentes tipos de gazua dentro do estojo e selecionou o que desejava. Usando uma chave Allen, prendeu a gazua na máquina. Seus dedos moveram-se depressa, confiantemente, mesmo quando outras nuvens aprofundaram de novo a escuridão. Tinha feito aquilo tantas vezes que podia fechar os olhos e continuaria a manipular com invejável precisão suas ferramentas da ilegalidade.

Já tinha verificado as fechaduras do chalé com a lente de alcance, e o que vira também o intrigara. Fechaduras de segurança, dessas em que o ferrolho entra em posição pelo acionamento da maçaneta ou da chave, e não de mola, em todas as portas externas. Trincos em todas as janelas, tanto do primeiro quanto do segundo andar. E toda a ferragem parecia nova. Isso num chalé para alugar, caindo aos pedaços, no meio do mato.

A despeito do frio, gotas de suor nervoso apareceram em sua testa. Tocou na pistola 9mm que trazia no coldre preso ao cinto, e o contato do metal foi reconfortante. Deteve-se por um momento para deixar a arma engatilhada e travada – uma bala na câmara de tiro, o percussor puxado para trás e a segurança acionada.

O chalé também tinha um sistema de segurança, o que era, do mesmo modo, surpreendente. Se fosse mais esperto, Lee pegaria as ferramentas e iria para casa, confessando ao seu empregador que falhara no cumprimento da missão. Só que se orgulhava muito do seu trabalho. Continuaria tentando pelo menos até que acontecesse alguma coisa que o fizesse mudar de ideia. Mais ainda: era capaz de correr muito depressa quando fosse necessário.

Entrar na casa não seria tão difícil assim, particularmente porque tinha o código, obtido na terceira vez em que estivera ali quando apareceram duas pessoas. Já tinha certeza de que o chalé era grampeado, portanto fora preparado. Chegara antes e ficara esperando que o casal fizesse o que tinha ido fazer dentro da casa, fosse o que fosse. Ao saírem, a mulher digitara o código para armar o sistema de segurança. Lee, escondido na mesma touceira em que se encontrava agora, tinha uma engenhoca eletrônica capaz de pegar códigos como aquele no ar, do mesmo modo que uma bola alta às vezes cai limpinha dentro de uma luva de beisebol. Toda corrente elétrica produz um campo magnético, agindo como um pequeno transmissor. Quando a mulher alta digitou os números do código, o sistema de segurança emitiu um sinal discreto para cada número, sinal esse que foi cair na luva eletrônica de Lee.

Ele verificou mais uma vez a camada de nuvens, enfiou um par de luvas de látex com as pontas dos dedos e as palmas das mãos reforçadas, preparou a lanterna e, mais uma vez, respirou fundo. No minuto seguinte saiu de sob a proteção das árvores e encaminhou-se silenciosamente para os fundos do chalé. Tirou as botas enlameadas e deixou-as ao lado da porta. Não queria deixar traços de sua visita. Bons investigadores particulares são invisíveis. Segurou a lanterna embaixo do braço enquanto inseria a gazua na fechadura da porta e ativava o dispositivo.

Lee usava a gazua-pistola em parte para ganhar tempo, em parte porque não era craque o bastante com fechaduras. A gazua tradicional, usada juntamente com uma ferramenta de tensão, requer uso constante a fim de proporcionar aos dedos o nível de sensibilidade necessário para detectar a proximidade do instante em que os cilindros que liberam o ferrolho começam a executar sua dança. Um serralheiro experiente usando uma gazua comum abriria qualquer fechadura mais depressa que Lee com sua gazua-pistola.

Na verdade, tratava-se de uma arte, e Lee conhecia suas limitações. Em pouco tempo sentiu o ferrolho deslizando para trás.

Quando abriu a porta, o silêncio foi quebrado pelo bip abafado do sistema de segurança. Encontrou rapidamente o quadro de controle, teclou os seis dígitos e o bip cessou. Ao fechar a porta com todo o cuidado, levava consigo uma certeza absoluta: agora era um criminoso.

O homem abaixou o rifle e o ponto vermelho gerado pela mira de laser da arma desapareceu das costas largas de um Lee Adams completamente desprevenido. As mãos que empunhavam o rifle eram de Leonid Serov, antigo membro da KGB especializado em assassinatos. Serov viu-se sem emprego após a dissolução da União Soviética, mas sua capacidade para matar seres humanos com eficiência era muito solicitada no mundo dito "civilizado". Razoavelmente mimado durante muitos anos para um comunista, dono de apartamento próprio e carro, Serov ficara literalmente rico da noite para o dia no mundo

capitalista. Se soubesse antes...

Ele não conhecia Lee Adams e não tinha ideia do motivo pelo qual Lee estava ali. Não o notara senão quando correria para a touceira perto da casa, porque Lee atravessara a mata no lado mais afastado do russo. Os barulhos causados pela sua presença, Serov presumiu corretamente, tinham sido abafados pelo vento.

Serov consultou o relógio. Em breve eles chegariam. Examinou o silenciador atarraxado ao rifle e lhe fez um afago, como se fosse um cãozinho, como se quisesse proporcionar ao metal polido o dom da infalibilidade. A coronha do rifle era feita de um composto especial de Kevlar, fibra de vidro e grafite, o que lhe assegurava notável estabilidade. E a alma do cano não era raiada do modo convencional. Tinha um perfil retangular arredondado, conhecido como perfuração poligonal, com raiamento à direita. Isto visava aumentar a velocidade inicial da bala em oito por cento, e, o que era muito mais importante, tornar virtualmente impossível distinguir os projéteis disparados por aquela arma, porque não havia cheios ou raias no cano que deixassem marcas características na bala. O sucesso realmente estava nos detalhes, e Serov construía toda sua carreira com base nessa filosofia.

O lugar era tão isolado que Serov pensara em talvez remover o silenciador e confiar em sua perícia de atirador de escol, na lente de altíssima tecnologia e no seu bem concebido plano de fuga. Acreditava que sua confiança era justificada. Quando se mata alguém no meio do nada é como uma árvore que cai na floresta, quem vai ouvir? E ele sabia que alguns silenciadores distorcem grandemente a trajetória da bala, com a consequência inaceitável de ninguém morrer, a não ser o pretenso assassino, uma vez que seu cliente tomasse conhecimento do seu fracasso. Ainda assim, Serov supervisionara pessoalmente a fabricação daquele silenciador e tinha confiança de que se comportaria da forma desejada.

O russo movimentou-se em silêncio, lutando contra uma câimbra no ombro. Encontrava-se ali desde o cair da noite, mas estava acostumado a vigílias prolongadas. Jamais se cansava durante essas missões. Levava a vida tão a sério que a preparação para extinguir a vida de outra pessoa mantinha alta sua adrenalina, junto com o risco vinha o estímulo. Escalando uma montanha ou contemplando um assassinato, a possibilidade da morte tão perto fazia ironicamente com que se sentisse mais vivo.

Sua rota de fuga através da mata o levaria a uma estrada pouco movimentada onde tinha um carro em que iria para o aeroporto Dulles, nas proximidades. E seguiria em frente para outras tarefas, outros lugares provavelmente mais exóticos. No entanto, para o propósito específico de Serov, aquele cenário tinha suas virtudes.

Matar alguém na cidade era muito difícil. Apontar, puxar o gatilho e fugir passava a ser uma operação complicadíssima, porque tanto as testemunhas quanto a polícia estão apenas a alguns passos de distância, em qualquer direção. Dessem a Serov o campo, o isolamento da vida rural, a proteção das árvores, a separação das casas, e, como um tigre em um curral, ele mataria com eficiência e insensibilidade a cada dia da semana.

Serov sentou-se sobre um tronco próximo da linha de árvores e apenas a trinta metros da casa. A despeito da mata cerrada, dali tinha um bom campo de tiro. Uma bala precisava de apenas uns dois ou três centímetros de espaço livre. Pelo que lhe disseram, o homem e a mulher entrariam pela porta dos fundos. Só que não chegariam a entrar. Onde quer que o ponto vermelho do laser alcançasse, a bala mataria. Serov tinha certeza de que seria capaz de acertar

um vaga-lume a uma distância duas vezes maior.

Tudo se ajustava com tanta perfeição que os instintos de Serov lhe disseram para ficar em alerta máximo. Tinha agora uma excelente razão para não cair naquela armadilha: o homem dentro da casa. Aquele sujeito não era da polícia. Policiais não se deslocam às escondidas no meio do mato e invadem as casas dos outros. Como não fora avisado com antecedência da presença dele, concluiu que não estava do seu lado. Serov, no entanto, não gostava de se desviar de um plano já formulado. Decidiu seguir o plano original e escapar pelo meio do mato se o homem ficasse dentro da casa depois que os corpos caíssem. Se ele interferisse de algum modo ou saísse depois que os tiros fossem disparados – bem, Serov tinha bastante munição e o resultado seriam três corpos em vez de dois.

Capítulo 3

DANIEL BUCHANAN, SENTADO NO SEU ESCRITÓRIO, ÀS ESCURAS, TOMOU um pouco de café preto tão forte que quase dava para sentir a pulsação aumentar a cada gole. Passou a mão pelo cabelo, ainda grosso e cacheado, mas que deixara de ser louro para ficar branco depois de trinta anos de labuta em Washington. Após outro longo dia tentando convencer deputados que suas causas mereciam a atenção deles, o nível de exaustão era intenso, e as enormes doses de cafeína passavam a ser, cada vez mais, o único remédio. Uma noite inteira de sono não era tipicamente uma opção. Cochilar aqui ou ali, fechar os olhos no carro em que seguia para a próxima reunião ou o próximo voo, dormir vez por outra durante uma audiência interminável no Congresso e até mesmo dormir uma ou duas horas na sua cama em casa – era este seu descanso oficial. Fora isso, trabalhava em todas as facetas quase místicas de Capitol Hill – o Congresso dos Estados Unidos.

Buchanan, com mais de um metro e oitenta de altura, ombros largos e olhos brilhantes, tinha um enorme apetite de realizações desde os tempos de rapaz. Um amigo de infância entrou na política e, embora Buchanan não tivesse interesse em eleger-se, sua inteligência viva e os seus poderes naturais de persuasão fizeram dele um lobista perfeito. Seu sucesso foi instantâneo e a única obsessão de sua vida sempre foi sua carreira. Quando não estava procurando interferir no processo legislativo, Buchanan não se sentia à vontade.

Acontecia às vezes de Buchanan se encontrar no gabinete de um congressista quando ouvia soar a cigarra que anunciava as votações. Neste momento voltava a atenção para a TV que todo deputado ou senador tem no gabinete, o que lhe possibilitava saber qual era o projeto de lei em votação, ver a contagem pró e contra e saber o tempo que restava para que todos os representantes do povo sássem correndo como formigas até o plenário e votassem. Quando faltavam cerca de cinco minutos para o encerramento de uma votação, Buchanan dava por encerrada sua visita e descia correndo os corredores, procurando outros congressistas com quem precisava falar, tendo na mão o Boletim com o programa diário das votações, o que o ajudava a determinar onde certos congressistas poderiam ser encontrados – informação importantíssima quando se está rastreando alvos móveis que provavelmente não querem falar com você.

Naquele dia ele conseguira monopolizar a atenção de um senador importante, vindo com ele desde o prédio dos gabinetes até o Capitólio no trenzinho privado que aproveitava parte da pista da passarela subterrânea. Deixou o homem sentindo-se confiante, achando que podia contar

com Buchanan. Não se tratava de um de seus amigos "especiais", mas nunca se sabe de onde virá a ajuda de que precisamos. Não tinha importância se seus clientes não fossem populares ou que não tivessem um grande eleitorado. Ele simplesmente continuava insistindo. Os fins eram virtuosos e, dessa forma, podia-se aceitar que os meios para atingi-los fossem menos santos.

O escritório de Buchanan tinha pouca mobília e carecia de muitos dos equipamentos normais de um lobista atarefado. Danny, como gostava de ser chamado, não tinha ali computador, disquetes, arquivos ou qualquer coisa de importância. Arquivos de papel podem ser roubados, computadores podem ser invadidos. Telefones são grampeados o tempo todo. Espiões usam tudo quanto é engenhoca para ouvir as conversas alheias, desde copos de vidro encostados na parede a equipamentos que há um ano nem sequer tinham sido inventados mas que são capazes de sugar rios de informações valiosas diretamente do nada. Um escritório típico vaza informações valiosas do mesmo modo que um navio torpedeado perde marinheiros. E Buchanan tinha muito que esconder.

Durante mais de duas décadas Buchanan tinha sido o mais influente de todos os promotores de causas no Congresso', Em alguns aspectos muito importantes lançara os alicerces da profissão. A coisa evoluíra de um grupo de advogados caríssimos a cochilar durante depoimentos no Congresso, a um mundo de enorme complexidade onde era incalculável o valor do que estava em jogo. Graças à sua capacidade de resolver problemas particularmente complexos e difíceis dentro do Congresso, ele tinha representado com sucesso poluidores do meio ambiente em batalhas com a Agência de Proteção Ambiental, permitindo que continuassem a espalhar a morte no meio de populações completamente inocentes. Fora o principal estrategista político dos gigantes da indústria farmacêutica que tinham matado mães e seus bebês, da mesma forma como também defendera com paixão os fabricantes de armamento que não se importavam se as armas que fabricavam eram ou não seguras.

Depois atuara nos bastidores em favor dos fabricantes de automóveis que preferiam lutar a admitir estarem errados em questões de segurança. Finalmente, a maior e mais constante de suas fontes de renda, integrara a vanguarda das tropas das companhias de cigarros nas suas guerras sangrentas com todo mundo. A essa altura Washington não podia se dar ao luxo de ignorá-lo ou a seus clientes. E Buchanan acumulou uma fortuna imensa.

Muitas das estratégias que formulara durante esse tempo tornaram-se práticas estabelecidas do atual esquema de lobby do legislativo. Anos atrás, por exemplo, Buchanan fizera com que alguns congressistas apresentassem projetos de lei que ele sabia que seriam derrotados, a fim de impedir a apresentação desses projetos mais tarde em versões modificadas. Esta tática agora é empregada rotineiramente. Os clientes de Buchanan odiavam mudanças. E quando aqueles que queriam o que seus clientes tinham o importunavam muito, mordendo-lhe os calcanhares, ele se engajava em ações defensivas de retaguarda. Quantas vezes evitara um desastre político inundando os gabinetes dos congressistas com cartas, propagandas e ameaças veladas de interromper o apoio financeiro. "Meu cliente apoiará sua reeleição, senador, porque sabemos que o senhor fará o que for bom para nós. A propósito, o cheque da contribuição já foi depositado na conta da sua campanha." Quantas e quantas vezes não havia dito essas palavras...

Ironicamente, foi a fortuna ganha no trabalho de lobista em benefício dos poderosos que causou uma mudança dramática na vida de Buchanan, mais de dez anos atrás.

Seu plano original fora construir primeiro uma carreira e depois se casar e constituir

família. Decidindo conhecer o mundo antes de assumir essa responsabilidade, Buchanan percorreu a bordo de um Range Rover de sessenta mil dólares a África Ocidental em um safári fotográfico. Além dos belos animais selvagens, ele viu pobreza e sofrimento humano em um nível inimaginável. Em outra viagem, a uma região remota do Sudão, testemunhou um enterro em massa de crianças. Uma epidemia tinha atacado a aldeia, foi o que lhe disseram. Uma dessas doenças devastadoras que rotineiramente assolavam aquela região matando jovens e velhos. E que doença era, perguntara Buchanan. Algo parecido com sarampo, foi a resposta.

Em outra viagem tinha visto bilhões de cigarros produzidos nos Estados Unidos serem descarregados em um porto chinês para serem consumidos por gente que já passava a vida usando máscaras por causa da absurda poluição do ar. Viu também, com os próprios olhos, dispositivos contraceptivos já banidos nos Estados Unidos serem descarregados aos milhares na América do Sul, acompanhados por manuais de instruções escritos apenas em inglês. Viu barracos ao lado dos arranha-céus da Cidade do México, assim como inanição ao lado do deformado capitalismo russo. Embora não tivesse conseguido ir à Coreia do Norte, sabia que se tratava de um Estado gângster onde se acreditava que dez por cento da população tinha morrido de fome nos últimos cinco anos. Todo país tem uma história esquizofrênica para contar.

Após dois anos dessa peregrinação, a paixão de Buchanan pelo casamento e por ter filhos evaporou-se. Todas as crianças mortas que viu tornaram-se seus filhos, sua família. Milhões de sepulturas ainda seriam abertas para os jovens, para os velhos, para os famintos deste mundo, mas não sem uma briga que agora passara a ser sua.

E ele usou nessa briga todos os recursos de que dispunha, mais do que usara em benefício do tabaco, dos produtos químicos e dos gigantes da indústria bélica. Ele se lembrava ainda com precisão de detalhes de quando tivera essa revelação: ao retornar de uma viagem à América do Sul, em um toalete do avião, ajoelhado, sentindo fortes náuseas. Era como se tivesse assassinado pessoalmente cada criança moribunda que viu no continente.

com os olhos finalmente abertos, Buchanan começou a ir a esses lugares para ver precisamente como poderia ajudar. Tinha levado pessoalmente um carregamento de alimentos e remédios para um país, só para descobrir que não havia como efetuar o transporte para o interior. E assistira, impotente, aos saqueadores levarem sua carga humanitária.

Depois começou a trabalhar como voluntário, levantando fundos para organizações de ajuda privadas como CARE (Cooperative for American Relief Everywhere) ou religiosas, como por exemplo Catholic Relief Services. Saía-se bem, mas os dólares pareciam pingar dentro de um balde furado. Os números não o favoreciam, e o problema só fazia piorar.

Foi por isso que Buchanan voltou-se para o que sabia fazer melhor – influenciar congressistas. Deixou a firma que fundara, levando consigo apenas uma pessoa, Faith Lockhart. E nos últimos dez anos os países mais pobres do mundo passaram a ser seus clientes. Na verdade, era difícil para Buchanan vê-los como unidades geopolíticas.

A seus olhos, eram bandos frágeis de pessoas devastadas sob várias bandeiras e que não tinham voz. O restante de sua vida seria dedicado a resolver os problemas insolúveis dos destituídos.

Usou todo seu imenso talento na arte do lobby, assim como a infinidade de contatos que tinha em Washington, só para descobrir que suas novas causas estavam longe de ter a popularidade das que defendera antes. Quando ia a Capitol Hill como advogado dos poderosos, os

políticos o recebiam com sorrisos, sem dúvida imaginando contribuições para suas campanhas e com os dólares do PAC, o Comitê de Ação Política, dançando dentro de suas cabeças. Agora não lhe davam nada. Alguns congressistas jactavam-se de que nem sequer tinham passaportes e que os Estados Unidos já gastavam demais com ajuda externa. A caridade começa em casa, era o que diziam, e vamos deixar que as coisas continuem assim.

A resposta mais comum, no entanto, era, "Onde está o eleitorado, Danny? Como o deputado que alimenta etíopes consegue ser reeleito no Illinois?" Sendo conduzido rapidamente para fora de todos os gabinetes, Buchanan sentiu que todos o olhavam com piedade: Danny Buchanan, talvez o maior lobista que já existira, agora estava confuso, senil. Triste. Claro, tratava-se de uma boa causa e tudo mais, ninguém duvidava, mas vamos cair na real. África? Bebês morrendo de fome na América Latina? Tenho meus próprios problemas aqui.

– Olha aqui, Danny, se não tem comércio, tropas ou petróleo, por que diabos está desperdiçando o meu tempo? – chegou a dizer-lhe um senador altamente considerado, numa frase que poderia ser considerada como a quintessência das declarações sobre a política exterior americana.

Será que todos eram cegos, perguntou-se Buchanan vezes sem conta. Ou ele é que era o mais rematado dos tolos? Finalmente Buchanan decidiu que só lhe restava uma alternativa. Era completamente ilegal, mas quando um homem se vê empurrado à beira do precipício não pode se dar ao luxo de seguir à risca as normas de um comportamento ético ilibado. Usando a fortuna que acumulara ao longo dos anos, passou a apelar, subornar, usando meios muito especiais, certos políticos importantes, em troca da sua ajuda. A coisa funcionou maravilhosamente. A ajuda a seus clientes cresceu e Buchanan acreditou que tudo melhorava. Ou pelo menos não piorava e a manutenção do terreno precioso e duramente conquistado era uma vitória. E assim tudo funcionara bem, até um ano atrás.

Como que obedecendo a uma deixa do diretor de cena, a batida na porta da sua sala o despertou do devaneio. O prédio estava fechado, supostamente era seguro e o pessoal da limpeza havia muito tinha ido embora. Não se levantou. Ficou simplesmente observando a porta ser empurrada para dentro e aparecer a silhueta de um homem alto no vão. Ele estendeu a mão e acendeu a luz.

Buchanan franziu os olhos para se proteger da claridade. Quando se adaptou à luz, viu Robert Thornhill tirar a capa de chuva, ajeitar o paletó e a camisa e sentar-se diante dele. Os movimentos do homem eram graciosos, tranquilos, como se tivesse resolvido aparecer para tomar calmamente um drinque no seu clube.

– Como entrou aqui? – perguntou Buchanan, bruscamente.

– O prédio é supostamente seguro.

Por alguma razão, Buchanan podia sentir que havia outras pessoas escondidas atrás da porta.

– E é, Danny. É seguro sim. Para a maioria das pessoas.

– Não gosto que você venha aqui, Thornhill.

– Sou bastante delicado para usar seu nome de batismo. Gostaria que houvesse reciprocidade neste ponto. Uma coisinha de nada, claro, mas pelo menos não estou exigindo que você me chame de senhor Thornhill. O que é a norma entre senhor e servo, não é mesmo, Danny? Veja bem, não sou uma pessoa tão ruim para se trabalhar.

Buchanan sabia que o jeito arrogante de Thornhill visava perturbá-lo de tal modo que não conseguisse pensar claramente. Em vez disso recostou-se na cadeira e cruzou as mãos no colo.

– A que devo o prazer de sua visita, Bob? – Seu encontro com o senador Milstead.

– Eu podia facilmente me encontrar com ele na cidade. Não sei por que você insistiu que eu fosse à Pensilvânia.

– Mas assim você teve mais uma oportunidade para falar em favor das massas de famintos. Como pode ver, tenho coração.

– Será que chega a causar algum abalo naquilo que você chama de consciência o fato de estar usando a situação triste de milhões de homens, mulheres e crianças que consideram um milagre ver o sol nascer, só para cumprir sua lista de tarefas? – Não sou pago para ter consciência. Sou pago para proteger os interesses do país. Os seus interesses. Além do mais, se ter consciência fosse um padrão obrigatório, não haveria mais ninguém nesta cidade. Na verdade, aplaudo seus esforços. Não tenho nada contra pobres e desamparados. bom para você, Danny.

– Lamento, mas não acredito nisso. Thornhill sorriu.

– Todos os países do mundo têm gente como eu. Quer dizer, no caso de serem espertos. Conseguimos os resultados que todo mundo deseja, porque a maior parte das pessoas não tem coragem para fazer com as próprias mãos o que é preciso.

– Quer dizer então que você brinca de bancar Deus? Interessante essa sua linha de trabalho.

– Deus é um conceito. Eu lido com fatos. Por falar nisso, você ganhou muito poder usando recursos ilegais; como se atreve a me negar o mesmo direito? Na verdade Buchanan não tinha como responder, e o comportamento irritantemente calmo de Thornhill só serviu para reforçar o desamparo que sentia.

– Alguma pergunta acerca do encontro com Milstead? quis saber Thornhill.

– Você sabe bastante a respeito de Harvey Milstead para matá-lo três vezes. O que está querendo afinal? Thornhill deu uma risadinha.

– Espero que você não esteja me acusando de ter intenções ocultas.

– Pode me contar, Bob, somos sócios.

– Talvez seja tão simples quanto querer que você pule quando estalo os dedos.

– Ótimo, mas daqui a um ano, se você entrar aqui de repente como fez agora, pode ser que não saia com suas próprias pernas.

– Ameaças de um lobista solitário a mim – Thornhill suspirou. – Mas não tão solitário.

Você tem um exército de um. Como vai Faith? Bem? – Faith não faz parte disto. Faith jamais será parte disto. Thornhill balançou a cabeça, concordando.

– É você quem está na mira. Você e seu belo grupo de políticos desonestos. Os melhores e mais brilhantes do país.

Buchanan encarou friamente seu antagonista e nada disse.

– As coisas estão prestes a vir à tona, Danny. O espetáculo logo terminará. Espero que esteja preparado para sair sem deixar marcas.

– Quando eu sair, minha trilha será tão limpa que nem mesmo os seus satélites espíões serão capazes de encontrá-la.

– Confiança é algo arrebatador, sem dúvida. Pena ser tantas vezes mal direcionada.

– Isso é tudo o que queria me dizer? Que eu me prepare para fugir? Estou pronto desde o primeiro minuto em que o vi.

Thornhill levantou-se.

– Concentre-se no senador Milstead. Consiga-nos material bom, suculento. Faça com que ele fale sobre quanto vai ganhar depois que se aposentar, as tarefas que terá de realizar para criar uma impressão favorável. Quanto mais específico, melhor.

– Muito me anima ver você gostando tanto disso. Provavelmente é muito mais divertido que a baía dos Porcos.

– Não foi do meu tempo.

– Bem, tenho certeza que você deixou sua marca em outras oportunidades.

Thornhill se irritou por um momento e depois sua calma retornou.

– Você daria um belo jogador de pôquer, Danny. Mas é preciso que se lembre de que um blefe quando não se tem nada de valor na mão continua sendo um blefe.

Thornhill vestiu a capa.

– Não precisa se dar ao trabalho. Sei encontrar o caminho.

No instante seguinte Thornhill tinha sumido. O homem aparecia e desaparecia quando cismava, era a impressão que dava. Buchanan recostou-se e soltou o ar dos pulmões.

Suas mãos tremiam e ele comprimiu a mesa com força até o tremor passar.

Thornhill irrompera em sua vida como um torpedo. Buchanan passara a ser praticamente um lacaio, ora espionando aqueles que vinha subornando havia anos com seu dinheiro, ora colecionando informações para aquele ogro usar em futuras chantagens. E Buchanan não tinha forças para detê-lo.

Ironicamente, o declínio dos seus bens materiais e seu novo trabalho levaram Buchanan diretamente de volta para o lugar de onde viera. Ele crescera no bairro residencial mais elegante da Filadélfia e vivera em uma das propriedades mais magníficas daquela área. Muros de pedra – como grossas pinceladas de tinta cinza – demarcavam o perímetro do gramado imenso e perfeito em que se situava uma casa de mais de mil metros quadrados, com amplas varandas cobertas e, em edificação separada, uma garagem para quatro automóveis com um apartamento no andar superior. A casa tinha mais quartos de dormir que o dormitório de uma fraternidade e banheiros luxuosos com azulejos caríssimos e o brilho do ouro em algo tão comum quanto uma torneira.

Era o mundo dos nobres, onde estilos de vida requintados e expectativas grandiosas existiam lado a lado. Buchanan observara esse universo complexo de uma perspectiva muito próxima, mesmo que não fosse um dos habitantes privilegiados. Os membros da família de Buchanan trabalharam como motoristas, criadas, jardineiros, faz-tudo, babás e cozinheiras para aquela gente de sangue-azul. Tendo sobrevivido aos invernos da fronteira canadense, os Buchanan migraram em massa para o sul, buscando um clima mais ameno, um trabalho menos exigente que o requerido pelo machado, a pá, o barco e o anzol. No norte, caçavam para comer e cortavam madeira para se esquentar, só para ver depois, impotentes, a natureza dizimar impiedosamente suas fileiras, num processo que tornava os sobreviventes mais fortes e seus descendentes mais fortes ainda. E Danny Buchanan talvez fosse o mais forte de todos.

O jovem Danny regara o gramado e limpou a piscina, varrera e reparou a pintura da quadra de tênis, colheu flores e verduras e brincara, de uma maneira adequadamente

respeitosa, com as crianças. Mais velho, ficara íntimo da geração mais jovem, abrigados pela privacidade dos jardins complexos, fumando, bebendo e explorando sexualmente uns aos outros. Buchanan funcionou inclusive como carregador de caixão, chorando sinceramente ao transportar dois jovens que tinham desperdiçado suas vidas privilegiadas ao misturar uísque em excesso com um carro esporte, e dirigir depressa demais para seus parcos dotes de pilotos de corrida. Quando se vive a vida assim tão depressa, com frequência morre-se igualmente depressa. Como agora, por exemplo, em que Buchanan via o próprio fim aproximando-se velozmente.

Desde então ele nunca se sentira à vontade em nenhum dos dois grupos – o dos ricos ou o dos pobres. Dos ricos ele jamais faria parte, por mais que sua conta bancária crescesse. Brincava com os ricos herdeiros, mas quando chegava a hora da comida, eles iam para a sala de refeições formal, enquanto Buchanan seguia para a cozinha a fim de repartir o pão com os outros criados. Os príncipezinhos estudaram em Harvard, Yale e Princeton enquanto ele tinha aberto caminho com imensa dificuldade na escola noturna de uma instituição ridícula.

A família de Buchanan passara a ser igualmente estranha para ele. Mandou dinheiro para os parentes. Eles devolveram. Quando foi visitá-los, descobriu que não tinham assuntos comuns. Eles nem compreendiam nem se importavam com o que ele fazia. No entanto, deram um jeito para que ele sentisse que não havia nada de honesto no modo como ocupava sua vida, podia ver isso em seus rostos contraídos, na maneira como mastigavam as palavras. A própria cidade de Washington nada tinha a ver com tudo em que acreditavam. Buchanan mentia por dinheiro, por imensas somas de dinheiro. Teria sido melhor se tivesse seguido o caminho deles, optando por um trabalho honesto mas simples. Ao se elevar, caíra muito abaixo daquilo que representavam: justiça, integridade e caráter.

O caminho que escolhera nos últimos dez anos só servira para aprofundar seu isolamento. Tinha poucos amigos, mesmo que espalhados pelo mundo inteiro houvesse milhões de estranhos que dependessem dele para algo tão básico quanto a sobrevivência. O próprio Buchanan tinha de admitir que sua existência era, no mínimo, bizarra.

E agora, com o surgimento de Thornhill, Buchanan descera outro degrau na escada que levava ao abismo. Não podia mais sequer confiar em sua incontestável alma gêmea, Faith Lockhart. Ela nada sabia e nunca saberia a respeito de Thornhill: era por não ter conhecimento do homem da CIA que ainda estava em segurança. E isso custara a Buchanan seu último verdadeiro contato humano.

Danny Buchanan estava verdadeiramente sozinho.

Encaminhou-se para a janela e contemplou monumentos majestosos conhecidos em todo o mundo. Alguns poderiam dizer que suas belas fachadas eram justamente isso – fachadas.

Como a mão do mágico, eram destinadas a desviar os olhos do observador para longe dos negócios verdadeiramente importantes da cidade, efetuados geralmente para o benefício de uns poucos eleitos.

Buchanan aprendera que o poder efetivo e duradouro deriva-se essencialmente da força de uns poucos sobre muitos, já que as pessoas, em sua maioria, não se compõem de animais políticos. E preciso que haja um equilíbrio delicado na ação desses poucos sobre os muitos, com gentileza e civilidade, e Buchanan sabia que o maior exemplo disso na história do mundo era ali mesmo.

Fechando os olhos, deixou que a escuridão o envolvesse, que novas energias entrassem

em seu corpo para a luta do dia seguinte. No entanto, aquela prometia vir a ser uma longa noite, pois na verdade a vida passara a ser um túnel comprido que o levaria a lugar nenhum. Se ao menos pudesse se assegurar da destruição de Thornhill, tudo teria valido a pena. Tudo o que Buchanan precisava era uma fenda estreita na escuridão, mais nada. Se ao menos isso fosse possível...

Capítulo 4

O CARRO SEGUIA PELA ESTRADA PRECISAMENTE À VELOCIDADE LIMITE.

O homem dirigia, a mulher ia sentada ao seu lado. Ambos tinham uma postura rígida, como se temessem um ataque súbito um do outro.

Quando um jato, trem de aterrissagem baixado, passou barulhentosamente por cima deles como um falcão mergulhando a caminho do aeroporto Dulles, Faith Lockhart fechou os olhos e fez de conta por um momento que se encontrava naquele avião, só que começando uma viagem para bem longe, em vez de estar prestes a aterrissar. Quando abriu lentamente os olhos, o carro saiu da rodovia principal e eles deixaram a claridade desagradável das luzes de sódio para trás. Em pouco tempo passavam veloz e suavemente por fileiras irregulares de árvores em ambos os lados da estrada e valas profundas e largas, alagadas e cobertas de relva; o monótono pulsar das estrelas passou a ser a única fonte de claridade além dos feixes de luz gêmeos dos faróis do carro.

– Não compreendo por que a agente Reynolds não pôde vir hoje – disse ela.

– A resposta, por sinal bastante simples – respondeu o agente especial Ken Newman –, é que você não é a única investigação a cargo dela. Mas não sou exatamente um estranho, sou? Nós só vamos conversar, como das outras vezes. Faça de conta que sou a agente Brooke Reynolds. Estamos todos na mesma equipe.

O carro virou em outra estrada, ainda mais isolada. Nela, as árvores foram substituídas por campos sem vegetação que aguardavam a última passada da lâmina dos tratores.

Dentro de um ano haveria ali um número de casas quase igual ao que um dia houvera de árvores, acompanhando o prosseguimento da expansão dos subúrbio. Agora a terra parecia apenas devastada, nua. E desolada, talvez por causa do que estava por vir. A este respeito, a terra e Faith Lockhart eram uma coisa só.

Newman deu uma olhada em Faith. Embora não gostasse de admitir, não se sentia à vontade perto dela. A impressão que tinha era de estar sentado ao lado de uma bola de explosivo plástico, ativado, sem ideia de quando podia detonar. Ele mudou de posição. Sua pele estava um pouco esfolada onde o couro do coldre esfregava. Na maior parte das pessoas forma-se um calo nesse ponto, mas a pele dele insistia em ficar empolada e formar feridas. Ironicamente, achava que a dor representava uma vantagem, porque ele nunca relaxava; era uma clara advertência de que se baixasse a guarda, o desconforto poderia se transformar de pequeno em fatal. Naquela noite, contudo, por estar usando colete à prova de balas, o coldre não arranhava a pele; a dor e a consciência mais aguçada estavam longe de serem tão fortes.

Faith sentia o sangue latejar nos ouvidos – tinha todos os sentidos exaltados, como quando estava deitada, tarde da noite, e ouvia um barulho estranho, perturbador.

Quando a gente é criança e isso acontece, corre-se para a cama dos pais para ser

embalado, consolado pelos seus braços amorosos e compreensivos. Mas os pais dela estavam mortos, e tinha agora trinta e seis anos de idade. Quem iria proteger Faith Lockhart? – E depois desta noite voltará a ser a agente Reynolds e não eu – disse Newman. – Você se sente bem com ela, não é? – Não sei se a palavra "bem" se aplica a situações como esta.

– Claro que sim. E, na verdade, é muito importante. Reynolds é uma pessoa bastante sincera e direta. Acredite em mim, se não fosse por ela, isto não iria dar em nada. Você não nos deu exatamente muito com o que prosseguir. Mas ela acredita em você. Enquanto você não fizer nada que destrua essa confiança, terá uma aliada poderosa em Brooke Reynolds. Ela gosta de você.

Faith cruzou as pernas e os braços ao mesmo tempo. Tinha cerca de um metro e sessenta e cinco e o torso curto. Seu busto era mais liso do que gostaria, mas tinha as pernas longas e bem torneadas. Se não fosse por mais nada, sempre podia contar com elas para chamar a atenção. Os músculos definidos das barrigas das pernas e das coxas, visíveis através das meias, ela reparou, atraíam o olhar de Newman inúmeras vezes com o que parecia ser um interesse moderado.

Faith afastou do rosto o cabelo castanho comprido e descansou a mão na ponta do nariz. Umhas poucas mechas de cabelo branco flutuavam no meio dos escuros. Ainda não eram perceptíveis, mas isso mudaria com o tempo. Na verdade, a pressão a que estava sendo submetida indubitavelmente ia acelerar o processo do envelhecimento. Além do trabalho árduo, da inteligência ágil e de sua firmeza, Faith sabia que a boa aparência ajudara na sua carreira. Acreditar que a aparência faz toda a diferença é uma posição superficial, sem dúvida, mas na verdade isso às vezes pode ser verdade, particularmente quando se lida com auditórios predominantemente masculinos o tempo todo, como acontecera com ela durante toda a sua carreira.

Os sorrisos amplos que recebia ao entrar no gabinete de um senador não eram devidos tanto às suas células cinzentas, Faith sabia, mas às saias com as bainhas acima dos joelhos que gostava de usar. Às vezes era uma coisa tão sedutoramente simples quanto um sapato. Ela estava falando sobre crianças moribundas, famílias vivendo em canos de esgotos em terras longínquas e aqueles homens com os olhos fixos nos dedos dos seus pés. Deus do céu, a testosterona é a maior das fraquezas do homem e a mais poderosa vantagem das mulheres. Pelo menos ajudava a equilibrar um jogo que sempre transcorreria favorecendo o sexo masculino.

– É bom ser tão bem amada – disse Faith. – Mas me pegar num beco e vir para cá no meio do nada, altas horas da noite, é um pouco demais, não acha? – Você aparecer no escritório de Washington simplesmente não era uma opção aceitável. Você é a testemunha principal naquilo que pode ser uma investigação importantíssima.

O lugar para onde estamos indo é seguro.

– Você quer dizer que é perfeito para uma emboscada. Como sabe que não estamos sendo seguidos? – Estamos sendo seguidos, claro que estamos – pela nossa gente. Se tivesse alguém andando por aí, nosso pessoal teria descoberto antes de nos mandar para lá. Tínhamos um carro nos seguindo até sairmos da rodovia. Não há mais ninguém aí atrás.

– Então vocês são infalíveis. Gostaria de ter gente assim trabalhando para mim. Onde vocês encontram essas pessoas? – Olha, nós sabemos o que estamos fazendo, certo? Agora se acalme.

Mas no mesmo instante em que mandou que se acalmasse, ele examinou o espelho

retrovisor.

Newman deu uma olhada no telefone celular que estava em cima do banco da frente, e Faith leu facilmente seus pensamentos.

– De repente pensando em pedir reforços? Ele dirigiu-lhe um olhar cortante mas nada disse.

– Tudo bem, vamos então tratar do que interessa – disse ela.

– O que realmente eu ganho com tudo isso? Nunca chegamos a definir exatamente este ponto.

Como Newman continuou sem responder, ela estudou-lhe o perfil por um minuto, avaliando seu sangue-frio. Estendeu a mão e tocou no seu braço.

– Eu me arrisquei um bocado para fazer o que estou fazendo – disse ela. Sentiu que ele estava tenso através do paletó do terno, no ponto onde seus dedos se fixaram. Aplicou um pouco mais de pressão no mesmo lugar, e com a ponta dos dedos pôde distinguir o tecido do paletó da camisa. Quando Newman virou-se ligeiramente para ela, Faith já tinha conseguido sentir o colete à prova de balas que ele estava usando. De repente a saliva evaporou-se de sua boca, juntamente com seu autocontrole.

Newman a encarou.

– Olha aqui, vou abrir o jogo. Qual exatamente será o acordo que vão fazer, não é da minha conta. Até agora você não nos deu realmente nada de concreto. Mas jogue limpo e tudo sairá bem. Você terá seu acordo, nós teremos aquilo de que precisamos e muito em breve você terá uma nova identidade e estará vendendo conchas nas ilhas Fiji, enquanto seu sócio e os companheiros dele serão hóspedes do Governo por um longo período. Não se entusiasme, não se preocupe demais, limite-se a tentar sobreviver. Lembre-se de que estamos do seu lado. Somos os únicos amigos que tem.

Faith recostou-se, conseguindo finalmente desviar os olhos do colete à prova de balas de Newman. Decidiu que já era hora de explodir sua bomba. Podia muito bem tentar com ele, em vez de com Reynolds. De certo modo, Reynolds e ela tinham se dado bem. Duas mulheres em um mar de homens. De muitas maneiras sutis, a agente compreendera coisas que um homem jamais teria entendido. Por outro lado, no entanto, não tinham passado de duas gatas vira-latas circulando em torno de espinhas de peixe num beco sujo.

– Quero trazer Buchanan. Sei que posso convencê-lo. Se trabalharmos juntos, o seu caso será muito mais consistente.

Ela falou depressa, sentindo-se extremamente aliviada por finalmente ter posto aquilo para fora.

O rosto de Newman traiu seu assombro.

– Faith, nós somos um bocado flexíveis, mas não vamos fechar um acordo com o sujeito que, segundo você, foi o cérebro de tudo.

– Você não compreende todos os fatos. Por que ele fez o que fez. Buchanan não é o bandido em toda essa história. É o mocinho.

– Ele violou a lei. De acordo com você, corrompeu funcionários públicos. Isso me basta.

– Quando você entender por que ele fez isso, não pensará mais assim.

– Não coloque suas esperanças nessa estratégia, Faith. Não faça isso a si própria.

– E se eu disser que ou somos nós dois ou nada? – Você estará cometendo o maior erro

da sua vida.

- Então sou eu ou ele? – E não ia ser uma escolha difícil.
- Vou ter que falar com Reynolds.
- Ela lhe dirá a mesma coisa que eu.
- Não tenha tanta certeza. Posso ser bastante persuasiva. E acontece também que estou certa.

– Faith, você não tem ideia do que está envolvido aqui. Nesse nível, agentes do FBI não decidem quem deve ser processado. Isso é com o gabinete do ministro da Justiça.

Mesmo que Reynolds tome o seu lado, e eu duvido que venha a fazê-lo, posso lhe assegurar que não há jeito dos advogados cooperarem. Se tentarem derrubar todos esses políticos poderosos e redigirem um acordo bonzinho com o sujeito que os meteu nesse mato sem cachorro, vão perder os rabos e logo em seguida os empregos. Estamos em Washington, lidando com gorilas de quatrocentos quilos. Haverá telefones tocando sem parar, a imprensa vai ficar histérica, estarão sendo fechados acordos por baixo dos panos na base de um por minuto, e no fim do dia todos nós teremos sido fritados. Acredite em mim, faço isto há mais de vinte anos. É Buchanan ou nada.

Faith recostou-se e contemplou o céu. Por um momento, em meio às nuvens, visualizou Danny Buchanan jogado em uma cela escura, sem esperança. Não podia deixar que isso acontecesse. Tinha que falar com a agente Reynolds e os advogados, convencê-los de que tinham de assegurar imunidades também a Buchanan. Que esse era o único jeito que podia dar certo. Só que Newman parecia tão seguro de si... O que ele dissera fazia sentido. Estavam em Washington, afinal. Tão repentinamente quanto o riscar de um fósforo, sua confiança desapareceu por completo. Será que ela, a lobista consumada, que vinha conquistando votos de políticos só Deus sabia durante quanto tempo, deixara de levar em conta a situação política local? – Tenho que ir ao banheiro – disse Faith.

– Chegaremos no chalé em cerca de quinze minutos.

– Na verdade, se você dobrar na primeira à esquerda, vamos encontrar um posto de gasolina vinte e quatro horas a menos de dois quilômetros.

Ele ficou espantado.

– Como sabe disso? Faith sustentou o olhar dele com uma expressão de confiança que mascarava seu pânico crescente.

– Gosto de saber onde estou indo. O que inclui o povo e a geografia.

Newman nada respondeu, mas dobrou à esquerda e logo estavam entrando em um posto Exxon bem iluminado e com uma loja de conveniência. A rodovia tinha que ser perto dali, a despeito do isolamento aparente, porque havia caminhões tipo cavalo-mecânico estacionados por toda a parte. Era evidente que se tratava de um local onde os caminhoneiros gostavam de comer. Homens de botas e chapéus de caubói, calças jeans Wrangler e jaquetas enfeitadas com logomarcas de peças automotivas, cruzavam o estacionamento. Alguns abasteciam pacientemente seus caminhões, outros bebericavam café quente, fiapos do vapor passando pelos rostos cansados, curtidos. Ninguém prestou atenção quando o seda parou no lado mais afastado do prédio.

Faith trancou a porta do toalete, abaixou o tampo do vaso e sentou-se. Não precisava usar as instalações e sim de tempo para pensar, para controlar o pânico que a atacava de todos os

lados. Olhou em torno, lendo distraidamente os rabiscos deixados na parede, cuja tinta amarela já começava a descascar. A linguagem obscena de algumas frases quase fez com que corasse. Havia coisas inteligentes, e até mesmo engraçadíssimas, não obstante sua rudeza. Provavelmente ultrapassavam qualquer coisa que os homens tivessem escrito no toalete ao lado, mesmo que a maioria deles jamais aceitasse esta possibilidade. Os homens sempre subestimam as mulheres.

Faith levantou-se, jogou água fria da torneira no rosto e secou com uma toalha de papel. Foi quando seus joelhos decidiram ceder e ela os trancou, agarrando com as duas mãos a louça da pia, os dedos recurvados. Tivera pesadelos em que fazia justamente isso no seu casamento: trancava os joelhos e depois desmaiava por causa do esforço. Bem, uma coisa a menos para se preocupar. Nunca tivera um relacionamento duradouro na vida, a não ser se levasse em conta um certo menino na quinta série cujo nome não era capaz de lembrar mas cujos olhos azuis da cor do céu jamais esqueceria.

Danny Buchanan lhe proporcionara uma amizade durável. Fora seu mentor e pai substituto nos últimos quinze anos. Vira potencial nela onde ninguém jamais vira. Dera-lhe uma chance quando precisava desesperadamente. Tinha ido para Washington com ambição e entusiasmo ilimitados, mas sem saber exatamente o que faria. Lobby? Não sabia nada a respeito, mas parecia excitante. E lucrativo. O pai de Faith fora um homem bom, mesmo que sem objetividade, sempre de um lado para outro, a arrastar mulher e filha de um esquema em que iria enriquecer para outro. Ele era uma das mais cruéis invenções da natureza: um visionário sem o talento necessário para concretizar suas visões. Media o tempo em que passava empregado e recebendo salário em dias e não em anos. Todos viviam nervosamente de semana em semana. Quando os planos davam errado e ele começava a perder o dinheiro de outras pessoas, pegava Faith e a mãe e fugia. Em certa ocasião ficaram sem ter onde morar, e a fome foi uma sensação muito frequente. Mesmo assim, seu pai sempre conseguia levantar-se de novo, mesmo que cambaleante. Até o dia em que morreu. A pobreza era uma lembrança poderosa e duradoura para Faith.

O que ela queria era uma vida boa e estável, sem depender de ninguém. Buchanan lhe dera a oportunidade e o conhecimento para realizar seu sonho, e muito mais do que isso. Ele não tinha apenas a visão, mas também as ferramentas para executar suas ideias envolventes. Jamais poderia traí-lo. Até hoje sentia enorme assombro e admiração pelo que tinha feito e se esforçava tanto para continuar fazendo. Ele fora a rocha de que ela precisara naquele estágio de sua vida. No entanto, o relacionamento dos dois mudara no último ano. Mais recluso que nunca, ele parará de falar com ela. Andava irritadiço, estourava por qualquer motivo. Quando o pressionara para que dissesse o que o perturbava, recuara mais uma vez para sua solidão. A intimidade do relacionamento anterior tornou mais difícil ainda para Faith aceitar a mudança.

Ele tornou-se furtivo e parou de convidá-la para viajar em sua companhia; deixaram inclusive de se engajar nas sessões de estratégia tradicionalmente longas.

E aí então Buchanan fez algo inteiramente original e pessoalmente devastador: mentira para ela. Fora uma questão trivial, mas as implicações eram sérias. Se mentia em coisas insignificantes, o que estaria lhe escondendo de importância? Tiveram um confronto final e Buchanan lhe dissera que nenhum bem poderia advir se lhe contasse o que o perturbava. E largou a bomba.

Se ela quisesse deixar o emprego estava livre para fazê-lo e talvez já estivesse mesmo na

hora, insistira enfaticamente. O emprego que ele lhe dera! O pai dizendo à filha precoce para dar o fora da casa, foi o efeito que isso provocou em Faith.

Por que Buchanan ia querer que se afastasse? Finalmente ela conseguiu vislumbrar o que se passava. Como pudera ter sido tão cega? Estavam perseguindo Danny. Alguém estava em cima dele, que não queria compartilhar seu destino com Faith. Cara a cara ela o confrontara com esta hipótese. E ele, também cara a cara, negara tudo.

E insistira para que fosse embora. Nobre até o fim.

Mas se Buchanan não confiava mais nela, Faith traçaria uma rota separada para eles. Depois de muito pensar, fora ao FBI. Sabia que havia uma chance de ter sido o FBI que, de algum modo, descobrira o segredo de Danny, mas isto até poderia facilitar as coisas. Agora milhares de dúvidas a assaltavam. Tinha realmente acreditado que o Bureau ia dar pulos de alegria com a chance de convidar Buchanan para colaborar com a promotoria? Amaldiçoou-se por ter dado o nome de Danny, embora ele fosse muito famoso em uma cidade de gente famosa e o FBI não pudesse deixar de perceber a ligação. Queriam que Danny fosse para a prisão. Ela iria no lugar dele.

Será que esta teria que ser sua única possibilidade? Nunca se sentira tão solitária em toda a vida.

Olhou sua imagem no espelho rachado. Os ossos do rosto pareciam querer furar a pele, os olhos não podiam estar mais fundos. Um centímetro de pele entre ela e o nada.

Seu grande plano, a saída para ambos, tornara-se de repente uma queda livre vertiginosa de proporções insanas. Seu pai teria simplesmente feito as malas e desaparecido dentro da noite. O que a filha dele deveria fazer?

Capítulo 5

LEE SACOU DA PISTOLA E A APONTOU PARA FRENTE ENQUANTO se deslocava pelo corredor. com a outra mão ia balançando a lanterna em arcos lentos e firmes.

O primeiro aposento que viu foi a cozinha, contendo uma geladeira pequena dos anos 50, um fogão elétrico GE e um linóleo gasto preto e amarelo revestindo o piso.

As paredes apresentavam manchas claras provocadas por infiltrações de água. O teto não tinha acabamento, as vigas e o piso sob o linóleo eram claramente visíveis.

Lee observou os velhos canos de cobre e os enxertos mais novos de PVC que faziam uma série de ângulos retos através das vigas escurecidas e expostas das paredes.

Não havia cheiro de comida ali, só o de gordura, presumivelmente endurecida nos queimadores do fogão e nas entranhas do respiradouro, juntamente com alguns trilhões de bactérias. No centro da cozinha, uma mesa de fórmica toda lascada e quatro cadeiras de metal trabalhado e encosto de vinil. As bancadas nada tinham em cima e não havia pratos visíveis. Tampouco havia toalhas, cafeteira ou frascos de condimentos, nem qualquer outro item ou toque pessoal que pudesse sugerir que a cozinha fora usada na última década. Era como se ele tivesse voltado atrás no tempo, ou tivesse esbarrado num abrigo antiaéreo colocado em serviço durante a histeria dos anos.

A pequena sala de jantar ficava logo depois da cozinha. Lee reparou no lambri de madeira da altura da cintura, escurecido e rachado pelo passar do tempo. Sentiu de repente um arrepio, embora o ar ali dentro fosse viciado e opressivo. Aparentemente a casa não tinha aquecimento central, nem tampouco Lee vira um único aparelho de ar-condicionado montado nas paredes. Também não havia tanque de óleo para aquecimento do lado de fora, pelo menos acima do nível do solo. Lee viu os aquecedores elétricos ao longo da parte inferior das paredes, ligados nas tomadas. O teto, tal como na cozinha, também era inacabado. O fio elétrico que alimentava o candelabro coberto de poeira passava por buracos perfurados nas vigas expostas. A eletricidade, deduziu Lee, devia ter chegado na casa depois dela ter sido construída.

Ao se deslocar pelo corredor na direção da parte da frente da casa, Lee não viu o raio de luz invisível, posicionado à altura do seu joelho, que cortava o corredor de lado a lado. Assim que penetrou naquele perímetro de segurança, um clique foi ouvido em algum ponto no interior da casa. Lee sobressaltou-se por um momento, apontando a arma em largos círculos, mas depois relaxou. Era uma casa velha, e casas velhas fazem muitos barulhos. Ele só estava sendo nervoso, e, no entanto, tinha todo o direito de sê-lo. O chalé e sua localização pareciam ter saído direto de um dos filmes da série Sexta-feira 13.

Ele entrou em um dos cômodos da frente. Sob a luz da lanterna, viu que a mobília tinha sido empurrada de encontro às paredes e que havia pegadas e sinais de arrasto nas camadas de poeira que recobriam o chão. No centro do quarto havia algumas cadeiras de dobrar e uma mesa retangular. Uma pilha de xícaras de plástico para café fora deixada ao lado de uma cafeteira elétrica. Pacotes de pó de café, creme e açúcar completavam o quadro.

Lee reparou em tudo isso e estremeceu quando viu as janelas. Não só as cortinas pesadas estavam completamente fechadas, como também as vidraças tinham sido tapadas por grandes folhas de compensado, as cortinas penduradas por debaixo da madeira.

– Que merda – resmungou. Descobriu rapidamente que as janelinhas quadradas que

havia na porta da frente tinham sido tapadas com cartolina. Sacou da câmara e fez alguns instantâneos de todos aqueles itens intrigantes.

Querendo completar a busca o mais cedo possível, Lee subiu correndo a escada para o segundo andar. Abriu cautelosamente a porta do primeiro quarto de dormir e deu uma espiada. A cama era pequena e estava feita e o cheiro de mofo o assaltou imediatamente. As paredes ali também não tinham acabamento. Encostou a palma da mão na parede exposta e sentiu imediatamente o ar que vinha de fora entrando pelas frestas. Assustou-se por um momento quando viu um raio de luz vindo da parte de cima da parede, mas logo se deu conta de que era o luar entrando pela fresta que ficava no lugar onde a parede deveria encontrar o telhado.

Abriu com cuidado a porta do armário e ainda assim o rangido foi tão prolongado que ele conteve a respiração. Lá dentro nenhuma roupa, nem mesmo um simples cabide.

Sacudiu a cabeça e entrou no banheirinho que ficava ao lado. Ali havia um teto rebaixado mais moderno, linóleo no chão com um desenho de seixos e paredes de placas de gesso cobertas de papel descascado com estampa florida. O chuveiro era uma unidade de fibra de vidro de uma só peça. Não havia, contudo, toalhas, papel higiênico ou sabonete. Banho ou mesmo só se refrescar, de jeito nenhum.

Entrou no outro quarto, ao lado do primeiro. Ali o cheiro de mofo da roupa de cama era tão forte que ele quase precisou tapar o nariz com a mão. O armário também estava vazio.

Nada daquilo fazia sentido. Parou no meio do clarão projetado pelo luar que entrava pela janela, sentiu no pescoço o vento que passava pelas frestas nas paredes e sacudiu a cabeça. O que Faith Lockhart estava fazendo ali senão usando o chalé como uma espécie de ninho de amor? Esta fora sua conclusão inicial, muito embora a tivesse visto apenas com a tal mulher alta. As pessoas às vezes mudam de inúmeros modos. Mas com um cheiro de mofo tão forte, ninguém conseguiria fazer sexo em cima daquelas cobertas.

Retornando ao andar térreo, ele entrou no outro espaço da' parte da frente, que presumiu fosse a sala de estar. Ali as janelas também tinham sido fechadas com tábuas.

Havia uma estante presa numa das paredes, embora sem livros. Como na cozinha, o teto era inacabado. Quando Lee virou a lanterna para cima, viu os pequenos pedaços de madeira presos entre as vigas em ângulos de quarenta e cinco graus, formando uma linha de Xs que cortava o teto. A madeira era visivelmente diferente da usada na construção original, mais clara e de uma outra granulação. Reforço na sustentação? Por que teria sido necessário? Ele sacudiu a cabeça como costumam fazer os homens resignados a seus fados. Agora na lista de preocupações de Lee constava também a possibilidade de que o maldito segundo andar ruísse a qualquer instante em cima da sua cabeça. Já imaginava a manchete que anunciava seu falecimento: Detetive Azarado Morre com Banheira na Cabeça; Ex-Esposa Milionária se Recusa a Fazer Comentários.

Lee gelou quando seguiu com o olhar a luz da lanterna. Lá estava, numa das paredes, uma porta. Quase certamente um armário. Nada de pouco usual aí, exceto o fato da porta estar fechada por uma tranca. Adiantou-se e foi examinar a tranca mais de perto – foi quando viu o montinho de serragem de madeira no chão, diretamente embaixo da tranca. Sem dúvida fora deixada ali quando a pessoa que fora fazer a instalação fizera o buraco na porta. Parafusos externos. Um sistema de segurança.

Uma tranca instalada recentemente no armário interior de uma casa de aluguel em

péssimas condições naquele fim de mundo. O que poderia ser tão valioso ali para alguém se dar a tanto trabalho? – Que merda – resmungou Lee de novo. Queria ir embora, mas não conseguia tirar os olhos da tranca. Se Lee Adams tinha um defeito – e dificilmente isso poderia ser considerado como defeito tendo em vista sua linha de trabalho – era de ser um homem muito curioso. Segredos eram algo que o atormentavam. Quem tentava lhe ocultar alguma coisa o enfurecia. Sendo um homem simples totalmente convencido de que grandes forças cheias de dinheiro se escondiam pela terra criando todos os tipos de problemas para gente comum com como ele, Lee acreditava no princípio da revelação plena com todo o coração. Pondo em ação sua crença, prendeu a lanterna debaixo do braço e guardou a arma no coldre. Seus dedos trabalharam agilmente ajustando uma gazua nova na gazua-pistola. Respirou fundo, pegou o aparelho, inseriu no orifício da fechadura e ligou. Quando o ferrolho recuou, Lee respirou fundo outra vez, sacou da pistola e apontou para a porta, ao mesmo tempo em que girou a maçaneta. Na verdade não acreditava que alguém tivesse se trancado em um armário e estivesse pronto para pular em cima dele, mas já vira coisas estranhas acontecerem. Podia haver alguém do outro lado daquela porta.

Quando viu o que havia dentro do armário, uma parte dele desejou que o problema fosse tão simples quanto alguém se preparando para pegá-lo numa emboscada. Praguejou baixinho, colocou a pistola no coldre e correu.

Dentro do armário, o que apareceu através da porta aberta foi o clarão das luzinhas vermelhas de várias pilhas de equipamento eletrônico.

Lee entrou correndo na outra sala da frente e passou o fecho de luz da sua lanterna em movimentos regulares cada vez mais altos até que viu do que se tratava. Havia a lente de uma câmera na parede perto da sanca. Provavelmente uma lente miniaturizada, projetada especificamente para vigilância secreta. Impossível de ser vista na obscuridade, mas o raio de luz da lanterna refletia-se nela. Deslocando o fecho, encontrou um total de quatro lentes.

Que merda. O barulho que tinha ouvido. Devia ter tropeçado em algum dispositivo que acionara as câmeras. Correu de volta para o armário da sala de estar e iluminou a parte da frente do aparelho de vídeo.

Eject! Onde diabos estava o botão do Eject? Encontrou, apertou e nada aconteceu. Apertou inúmeras vezes. Nada. Então percebeu o pequeno sensor de infravermelho e vislumbrou a resposta. O aparelho era comandado por um controle remoto especial, e os botões normais das funções tinham sido cancelados. Sentiu o sangue gelar com as possibilidades que aquele tipo de dispositivo sugeria. Teve ímpetos de meter uma bala no aparelho mas, por tudo quanto sabia, a maldita coisa devia ser blindada e ele acabaria engolindo a própria bala. E se a fita do vídeo fosse apenas uma cópia de segurança para uma ligação em tempo real com um satélite? Haveria uma câmera ali dentro? Podia ter gente olhando para sua cara naquele exato instante. Por um segundo ridículo, pensou em fazer um gesto obsceno de desafio mostrando o dedo médio.

Estava prestes a fugir de novo quando teve uma súbita inspiração. Remexeu na mochila, os dedos geralmente firmes agora não muito destros. Achou o estojo, pegou-o, lutou com a tampa por um segundo e conseguiu retirar de seu interior um ímã pequeno mas poderoso.

Os ímãs são um equipamento popular entre ladrões por serem ideais para localizar e soltar pinos de janelas depois que o vidro é cortado. De outro modo, acabarão por derrotar o mais competente dos ladrões. Só que agora serviria para desempenhar o papel contrário: em vez de

ajudá-lo a entrar tornaria possível executar o que esperava que seria uma saída invisível.

Passou o imã na frente do aparelho de vídeo e depois por cima. Repetiu a operação tantas vezes quanto pôde no único minuto que se concedeu antes de fugir para salvar a vida. Rezou para que o campo magnético do imã apagasse as imagens registradas na fita. As suas imagens.

Jogou o imã de volta na mochila, virou-se e correu para a porta. Só Deus sabia o que podia estar no seu caminho. De repente ele parou. Devia voltar ao armário, arrancar o aparelho de vídeo e levá-lo consigo? O barulho que ouviu a seguir tirou tudo isso da sua cabeça.

Um carro estava chegando.

– Filha da mãe! – rosnou Lee.

Seriam Faith Lockhart e sua acompanhante? Tinham vindo ali em noites alternadas, mas, pelo visto, o padrão fora abandonado. Voou pelo corredor, abriu a porta dos fundos, lançou-se por ela e saltou por cima dos degraus de concreto. Aterrissou pesadamente na grama molhada, os pés descalços escorregaram e ele caiu feio. O impacto tirou-lhe o fôlego, e o cotovelo, que batera num ângulo esquisito, doeu. Mas o medo é um grande analgésico. Em questão de segundos estava de pé correndo ruidosamente para a linha das árvores.

Atingira a metade do percurso quando o carro entrou na entrada de automóvel, a luz dos faróis balançando um pouco quando passou da estrada pavimentada para o piso irregular. Deu mais umas passadas, alcançou as árvores e mergulhou, escondendo-se.

O ponto vermelho demorou-se por alguns momentos no peito de Lee. Serov podia tê-lo abatido facilmente, mas ia alertar as pessoas do carro. O ex-integrante da KGB apontou o rifle para a porta do lado do motorista. Esperou que o homem que agora se metera no mato não fosse idiota a ponto de tentar alguma coisa. Tivera muita sorte até agora. Escapara da morte não uma, mas duas vezes. Ninguém deve desperdiçar tanta sorte, seria de muito mau gosto, pensou Serov, fazendo novamente a pontaria pela luneta de laser.

Lee devia ter continuado a correr, mas parou, arquejante, e engatinhou de volta à linha de árvores. A curiosidade sempre fora sua característica principal, às vezes de forma exagerada. Além do mais, quem estivesse atrás de todo aquele equipamento eletrônico já o identificara. Com os diabos, provavelmente já sabia o nome do seu dentista e que preferia Coca à Pepsi, de modo que podia muito bem ficar mais um pouco e ver o que ia acontecer.

Agachou-se e pegou a luneta de visão noturna de tecnologia FLIR, ou seja, Forward-looking Infrared, sistema de simulação infravermelho, um imenso aperfeiçoamento em relação ao sistema que intensifica a luz ambiente, ou I-squareds, que Lee usara no passado. O sistema FLIR trabalha, em essência, captando o calor. Não precisa de luz para operar e, ao contrário do I-squareds, é capaz de distinguir imagens escuras sobre fundos igualmente escuros, com o calor transferido para imagens de vídeo com a clareza do cristal.

Quando Lee focalizou a engenhoca, o campo de visão passou a ser verde com as imagens em vermelho. O carro pareceu tão perto que Lee teve a impressão de que se esticasse a mão poderia tocá-lo. A área do motor aparecia particularmente brilhante, já que estava muito quente. Observou o homem que saltou do lado do motorista. Lee não o reconheceu, mas ficou tenso quando viu Faith Lockhart saltar do carro e juntar-se a ele. Os dois ficaram lado a lado, mas o homem hesitou como se tivesse esquecido alguma coisa.

– Que droga – exclamou Lee por entre os dentes cerrados. A porta.

Ele focalizou a luneta por um momento na porta dos fundos do chalé. Estava

escancarada.

O homem obviamente viu aquilo. Virou-se, encarando a mulher e meteu a mão por baixo do paletó.

Escondido no mato, Serov fixou o ponto de laser na base do pescoço do homem e sorriu satisfeito. O homem e a mulher estavam alinhados lindamente. A munição que o russo estava usando era altamente especial, do estilo usado pelas forças militares, com camisa de metal. Serov era um estudioso dedicado tanto de armas quanto dos ferimentos causados por elas. Dotada de alta velocidade, a bala sofreria uma deformação mínima ao passar através do alvo. No entanto, causa danos devastadores quando a energia cinética da bala é liberada e se perde rapidamente dentro do corpo. O ferimento inicial e a cavidade aberta são muitas vezes maiores que o tamanho da bala antes de se fecharem parcialmente. E a destruição dos tecidos e dos ossos ocorre radialmente, lembrando o epicentro de um terremoto, causando estragos terríveis a grande distância. A seu modo, na opinião de Serov, algo bastante bonito.

A velocidade era a chave para os níveis de energia cinética – o russo estava perfeitamente ciente disso – os quais, por sua vez, determinam a extensão do dano sobre o alvo. Duplica o peso da bala e a energia cinética será duplicada. Serov, contudo, havia muito tempo aprendido que quando se dobra a velocidade do disparo, a energia cinética é quadruplicada. E tanto a arma de Serov quanto a munição por ele usada estavam no topo da escala de velocidade. Sim, verdadeiramente uma beleza.

No entanto, por causa da camisa de metal, a bala podia facilmente passar através de uma pessoa e acertar e matar outra. O que não é um resultado impopular para soldados em combate. Ou para assassinos de aluguel com dois alvos. Mas se fosse necessária uma outra bala para matar a mulher, não haveria problema. Munição é artigo relativamente barato. Consequentemente, os seres humanos também são.

Serov respirou, ficou absolutamente imóvel e comprimiu levemente o gatilho.

– Oh, meu Deus! – gritou Lee quando viu o homem girar e bater violentamente contra a mulher. Os dois caíram no chão como se os seus corpos tivessem sido costurados juntos.

Por puro instinto, Lee correu para ajudar. Um tiro acertou a árvore imediatamente à direita da sua cabeça. Prontamente ele se atirou no chão e buscou proteção quando outro tiro quase o acertou. Deitado de costas, o corpo tremendo tanto que mal conseguia segurar a maldita luneta, examinou a área de onde imaginou que os tiros vinham.

Outra bala caiu tão perto que levantou terra úmida no seu rosto, fazendo com que seus olhos ardessem. Quem quer que fosse sabia muito bem o que estava fazendo e tinha condições de abater um dinossauro. Dava para perceber que o atirador se aproximava dele metodicamente, quadricula por quadricula.

Devia estar usando um silenciador, porque os tiros lembravam alguém batendo na parede com a palma da mão. Pá. Pá. Pá. Podiam ser, por exemplo, bolas de gás explodindo em um aniversário infantil e não pedaços cônicos de metal voando pelos ares a milhões de Mach, na tentativa de suprimir um certo detetive particular.

A não ser pela mão que segurava a luneta, Lee tentou não se mexer, ou respirar. Por um instante terrível, viu o ponto vermelho da mira de laser desenhando uma linha perto da sua perna como uma cobra curiosa, e depois desaparecer. Não lhe restava muito tempo. Se continuasse ali era um homem morto.

Colocando a arma sobre o peito, Lee esticou os dedos e cuidadosamente apalçou a terra por um instante até que encontrou uma pedra. Usando apenas uma torção do punho, jogou-a a uns dois metros de distância e esperou; quando bateu em uma árvore, uma bala atingiu o mesmo ponto poucos segundos depois.

Lee instantaneamente zerou a luneta infravermelha no calor do clarão do último tiro, quando o gás superquente e sem oxigênio que escapou da boca do cano colidiu com o ar exterior. Esta simples reação de elementos físicos custara a vida a muitos soldados, ao revelar sua posição. Esperava conseguir o mesmo resultado agora.

Lee usou o clarão da boca do cano para fixar a luneta na imagem térmica do homem em meio à proteção das árvores. O atirador não estava tão longe assim, pelo contrário, encontrava-se bem dentro do alcance da SIG de Lee. Sabendo que provavelmente disporia apenas de uma única oportunidade, levantou a arma vagarosamente, tentando conseguir uma linha de tiro limpa. Conservando o olhar no seu alvo através da luneta, desativou a segurança, disse uma prece silenciosa e deu oito tiros dos quinze que havia no carregador. Os tiros foram bem concentrados, aumentando a chance de atingir seu alvo, e soaram muito mais altos que os do rifle, dados com silenciador. Em todos os lados, a vida selvagem fugiu do conflito humano.

Um dos tiros de Lee por milagre atingiu o alvo, principalmente porque Serov colocou-se bem na trajetória da bala ao tentar se deslocar para uma posição mais próxima.

O russo grunhiu de dor quando a bala entrou no seu antebraço esquerdo. Por uma fração de segundo foi só o ardor, depois veio o latejar vago quando a bala foi rompendo caminho através dos tecidos macios e das veias, despedaçou o úmero e finalmente veio a descansar na clavícula. Na mesma hora seu braço esquerdo tornou-se pesado e inútil. Depois de matar mais de dez pessoas em sua carreira, sempre com uma arma de fogo, Leonid Serov finalmente descobriu o que era levar um tiro. Segurando o rifle com a mão boa, o ex-agente da KGB optou pela saída profissional. Virou-se e saiu correndo, o sangue chapinhando no chão a cada passada.

Através da FLIR, Lee observou-o correndo por alguns momentos. Pelo modo como recuava, teve certeza quase absoluta de que um dos tiros o acertara. E decidiu que seria tanto idiota quanto desnecessário sair atrás de um homem armado e ferido. Além do mais, tinha outra coisa a fazer. Pegou a sacola e correu na direção do chalé.

Capítulo 6

ENQUANTO LEE E SEROV TROCAVAM TIROS, Faith lutava para recuperar o fôlego. A colisão com Newman, além de impedi-la de respirar direito, deixou seu ombro latejando de dor. Num espasmo convulsivo, conseguiu rolar o corpo para o lado e foi nessa hora que sentiu uma substância quente e pegajosa no vestido. Por um momento terrível achou que tinha sido baleada. Faith não podia saber, mas a pistola Glock do agente do FBI tinha agido como um miniescudo desviando a bala quando saíra do seu corpo.

Esta era a única razão pela qual ainda estava viva. Por um momento olhou fixamente para o que restara do rosto de Newman, e começou a se sentir enjoada.

Desviando os olhos, Faith agachou-se e enfiou a mão no bolso de Newman para apanhar as chaves do carro. Seu coração batia tão freneticamente que era difícil se concentrar.

Mal conseguiu segurar as malditas chaves. Ainda encolhida, abriu a porta do lado do

motorista.

Faith tremia tanto que não poderia dizer se ia poder dirigir uma vez que entrasse no carro. Mas quando se viu sentada, bateu e trancou a porta. Virou a chave na ignição, engrenou e meteu o pé no acelerador com tanta aflição que o motor morreu. Praguejando aos gritos, girou a chave de novo. Desta vez apertou com mais cuidado o acelerador e o motor continuou funcionando.

Já ia acelerar para sair quando levou tamanho susto que sentiu o coração na boca. Havia um homem de pé junto da janela do lado do motorista. Ofegava muito e parecia tão apavorado quanto Faith. Mas o que realmente chamou sua atenção foi a pistola que apontava diretamente para ela. Fez um gesto para que baixasse o vidro. Faith pensou se não valeria a pena acelerar ao máximo.

– Nem pense em fazer isso – disse ele, aparentemente lendo os seus pensamentos. – Não fui eu quem atirou em você. Se fosse – acrescentou – já estaria morta.

Finalmente Faith baixou um pouquinho o vidro.

– Destranque a porta – disse ele. – E vamos embora.

– Quem é você?

– Vamos andando, moça. Não sei quanto a você, mas não quero estar por perto quando aparecer mais gente. Pode ser que os outros tenham melhor pontaria.

Faith destrancou a porta e escorregou para o lado. Lee pôs a pistola no coldre, jogou o saco de ferramentas na parte de trás, entrou, bateu a porta e deu a partida.

Neste instante, o celular que estava em cima do banco da frente tocou, fazendo com que ele e Faith se sobressaltassem. Lee parou o carro. Os dois olharam para o telefone e se entreolharam.

– Não é meu – disse ele.

– Também não é meu – replicou Faith.

Quando o celular parou de tocar, ele perguntou: – Quem é o cara morto?

– Não vou lhe dizer coisa alguma.

O carro chegou à rua, ele engrenou e acelerou.

– Você pode vir a se arrepender desta decisão.

– Acho que não.

Lee pareceu ficar confuso com o tom confiante de Faith. Ela afivelou o cinto de segurança quando ele fez uma curva um pouco rápido demais.

– Se foi você quem o matou, vai me matar também, independente do que eu lhe conte ou não. Se estiver dizendo a verdade e não foi você, então não creio que me matará só porque não vou falar.

– Você tem uma perspectiva muito ingênua do bem e do mal. Até mesmo os mocinhos às vezes têm que matar.

– Fala por experiência própria? – Faith encostou-se mais na porta.

Ele acionou a tranca.

– Não vai querer agora se jogar do carro. Só quero saber o que está acontecendo. A começar pela identidade do cara morto.

Faith o encarou, assustada, os nervos completamente destroçados. Quando finalmente conseguiu falar, a voz era quase inaudível.

– Você se importa se formos para um lugar qualquer, qualquer lugar, para que eu possa

sentar e pensar um pouco? Ela dobrou os dedos e acrescentou, rouca: – Nunca vi ninguém ser morto antes. Nunca fui quase...

A voz subiu quando disse a última frase e ela começou a tremer.

– Por favor, pare o carro. Pelo amor de Deus, pare! Vou vomitar.

Lee parou no acostamento, derrapando, e acionou o botão que destrancava as portas.

Faith inclinou-se para fora, abaixou a cabeça e vomitou.

Ele esticou o braço e pôs a mão no ombro dela, apertando com força até que parou de tremer.

– Você vai ficar bem – disse ele, falando baixo e com firmeza. Depois esperou que ela conseguisse se sentar de novo e fechou a porta antes de continuar.

– Primeiro temos que abandonar este carro. O meu está do outro lado do bosque. Vai levar só uns minutinhos para chegar lá. Depois conheço um lugar onde você poderá ficar em segurança. OK?

– OK – Faith conseguiu responder.

Capítulo 7

MENOS DE VINTE MINUTOS MAIS TARDE, UM SEDÃ PAROU NA ENTRADA de carros do chalé e um homem e uma mulher saltaram. O metal de suas armas refletiu a luz dos faróis do carro. Aproximando-se do morto, a mulher ajoelhou e examinou o corpo. Se não houvesse conhecido Ken Newman muito bem, podia ser que não conseguisse identificá-lo. Já tinha visto mortes como aquela antes, mas ainda assim sentiu o estômago embrulhado. Levantou-se rapidamente e virou de costas. A dupla examinou minuciosamente o chalé e depois deu uma rápida espiada na linha de árvores antes de voltar ao corpo.

O sujeito grandalhão e barrigudo olhou para o corpo de Ken Newman e soltou uma praga. Howard Constantinople era "Connie" para todos que o conheciam. Agente veterano do FBI, já vira praticamente de tudo na carreira. Aquele, contudo, era território novo até mesmo para ele. Ken Newman era um bom amigo. Connie deu a impressão de que ia soluçar.

A mulher pôs-se de pé ao lado dele. com um metro e oitenta e cinco era mais ou menos da sua altura. O cabelo castanho escuro era cortado bem curto e dobrava na altura das orelhas. O rosto comprido e fino tinha um ar inteligente e o terninho que vestia era elegante e caía bem. Tanto a passagem do tempo quanto o estresse gerado pela profissão tinham esculpido rugas finas em torno de sua boca e dos olhos escuros e tristes. Examinou a área em torno, com a facilidade de quem estava acostumada não só a observar como também a fazer deduções precisas a partir do que via. Suas feições crispadas demonstravam claramente a fúria que sentia.

Aos trinta e nove anos, o semblante atraente de Brooke Reynolds e seu físico alto e esguio a tornavam sedutora desde que desejasse a atenção dos homens. No entanto, metida como estava no meio de um divórcio difícil que lançara seus dois filhos num verdadeiro inferno, não saberia dizer se voltaria a desejar a companhia de um homem.

Reynolds fora batizada, apesar dos protestos da mãe, com o Brooklyn Dodgers Reynolds, graças ao pai, fanático pelo time de beisebol com esse nome. Por sinal, ele nunca mais fora o mesmo homem desde que seu bem-amado time mudou-se para a Califórnia. Quase que desde o primeiro dia de vida, a mãe insistira para que a filha fosse chamada de Brooke.

– Meu Deus – disse ela finalmente, o olhar fixo no colega morto.

Connie olhou para ela.

– E então, o que fazemos agora? – perguntou ele. Brooke livrou-se do desespero que se abatera sobre ela.

Estava na hora de agir, rápida mas metodicamente.

– Estamos diante de uma cena de crime, Connie. Não temos muita escolha.

– Polícia local? – Isto é um ataque a um agente federal – respondeu ela –, portanto o Bureau conduzirá as investigações.

Brooke descobriu que não conseguia tirar os olhos do cadáver.

– Mas ainda assim teremos que trabalhar com o pessoal do município e do estado. Tenho contatos com eles, e estou razoavelmente segura de que conseguiremos controlar o fluxo das informações.

– com um ataque a um agente federal, vamos ter aqui a Unidade de Crimes Violentos do Bureau. E aí estará rompida nossa Muralha da China.

Reynolds respirou fundo para conter as lágrimas que sentia estarem subindo a seus olhos.

– Faremos o melhor que pudermos. A primeira coisa é proteger a cena do crime, não que isto vá ser difícil aqui.

Vou ligar para Paul Fisher no QG e contar o que se passou.

Mentalmente ela foi seguindo a cadeia de comando do WFO, o escritório do Bureau em Washington. Teriam que ser notificados o ASAC, o SAC e o ADIC. O ADIC, ou diretor assistente encarregado, era o chefe do Bureau em Washington, ocupando uma posição, na verdade, uma coisinha à toa abaixo do próprio diretor-geral do FBI. Em pouco tempo, pensou, haveria ali abreviaturas em número suficiente para afundar um encouraçado.

– Aposto o que quiser como o próprio diretor-geral vai querer vir também – acrescentou Connie.

As paredes do estômago de Reynolds começaram a arder. Um agente ser assassinado era um choque. Um agente perder a vida durante um plantão era um pesadelo do qual ela jamais iria acordar.

Uma hora mais tarde, a polícia local tinha convergido para a cena do crime, por sorte sem nenhum acompanhamento da imprensa. O médico legista atestou o que todo mundo já sabia: o agente especial Kenneth Newman morrera de um tiro de rifle disparado a distância. A bala entrara na parte superior do pescoço, saindo pelo rosto.

Enquanto a polícia local montava guarda, os agentes da Unidade de Crimes Violentos, ou VCU, coletavam indícios metodicamente.

Reynolds, Connie e seus superiores se reuniram em torno do carro dela. Fred Massey, o agente mais graduado presente por ser diretor assistente, era um homem pequeno, destituído de senso de humor, com mania de sacudir a cabeça com movimentos exagerados. O colarinho da camisa branca ficava frouxo em torno do pescoço magro e a cabeça calva resplandecia à luz da lua.

Um agente da Unidade de Crimes Violentos apareceu com um videoteipe apanhado no interior da casa e um par de botas lamacentas. Reynolds e Connie tinham visto as botas quando examinaram o chalé, mas, sabiamente, preferiram não mexer em nenhum indício.

– Alguém esteve na casa – ele informou. – As botas estavam na varanda de trás. Não

houve arrombamento. O alarme foi desativado e o armário de equipamentos estava aberto. Pode ser que tenhamos a imagem do invasor na fita. Tropeçaram no raio de laser.

Ele entregou a fita a Massey, que prontamente a repassou para Reynolds, num ato que estava longe de ser sutil. Tudo aquilo era responsabilidade dela. Ou ficaria com todo o crédito ou seria responsabilizada pelo fracasso. O agente da Unidade de Crimes Violentos pôs as botas dentro de um saco de provas e voltou para continuar a revista da casa.

– Quero ouvir suas observações, agente Reynolds – disse Massey, e todos entenderam a razão do seu tom de voz seco.

Alguns dos outros agentes tinham derramado lágrimas abertamente e praguejado em voz alta quando viram o corpo do colega morto. Como única mulher ali presente, e ainda por cima supervisora de Newman, Reynolds achou que não podia se dar ao luxo de desmanchar-se em lágrimas na frente deles. A imensa maioria dos agentes do FBI nunca nem sequer sacam suas armas, a não ser para renovação do certificado. Reynolds tinha se perguntado algumas vezes como reagiria se uma catástrofe daquelas a atingisse diretamente. Sabia agora: não muito bem.

Aquele provavelmente seria o caso mais importante de que Reynolds se encarregaria. Pouco tempo atrás ela fora designada para trabalhar na Unidade de Corrupção, componente da ilustre Divisão de Investigações Criminais. Depois de receber um telefonema de Faith Lockhart uma noite e encontrar-se secretamente com a mulher em diversas ocasiões, Reynolds fora nomeada supervisora de esquadrão de uma unidade indicada para tratar de um caso especial. Esse "especial" representava a oportunidade, caso Lockhart estivesse falando a verdade, de derrubar alguns dos maiores nomes no governo dos Estados Unidos. A maioria dos agentes daria a vida para ter um caso desses.

Pois bem, era o que acontecera a Reynolds, naquela noite.

Ela levantou o teipe.

– Tenho a esperança de que este teipe vá nos contar algo do que aconteceu aqui. E com Faith Lockhart.

– Você acha provável que ela tenha atirado em Ken? Caso afirmativo, uma caçada nacional terá início em dois segundos disse Massey.

Reynolds sacudiu a cabeça.

– Meu instinto me diz que ela não teve nada a ver com isso. Mas o fato é que não sabemos o suficiente. Vamos analisar o tipo de sangue e outros resíduos. Se ficar provado que o sangue é só do Ken, saberemos que ela não foi baleada. Sabemos que ele não disparou a arma. E estava com o colete à prova de bala. Alguma coisa, contudo, arrancou um pedaço da sua Glock. Connie balançou a cabeça afirmativamente.

– A bala que o matou. Entrou pela parte de trás do pescoço e saiu pela frente. Ele tinha sacado a arma, provavelmente a tinha na altura do olho, a bala que o matou bateu nela e mudou de direção.

Connie engoliu em seco antes de finalizar.

– Os resíduos encontrados na pistola de Ken apoiam esta conclusão.

Reynolds lançou um olhar triste para o homem e continuou a análise.

– Quer dizer então que Ken pode ter ficado entre Faith Lockhart e o atirador? Connie levantou lentamente a cabeça.

– Escudo humano. Eu achava que só o Serviço Secreto fazia essa besteira.

Reynolds continuou.

– Falei com o legista. Não sabemos nada ao certo por ora e, pelo ferimento, só podemos supor a trajetória da bala, mas acho que a probabilidade maior é de que tenha sido um tiro de fuzil. E fuzil não é o tipo de arma que uma mulher costume trazer dentro da bolsa.

– Havia então outra pessoa esperando por eles? – arriscou Massey.

– E por que essa pessoa iria querer matá-los e depois entrar na casa? – quis saber Connie.

– Pode ser que Newman e Lockhart é que tenham entrado supôs Massey.

Reynolds sabia que fazia anos que Massey não trabalhava em uma investigação de campo, mas ainda era seu chefe e não podia ignorá-lo. Não era obrigada, contudo, a concordar com ele.

Ela sacudiu a cabeça decisivamente.

– Se eles tivessem entrado, Ken não teria sido morto na entrada para carros. Ainda estariam dentro da casa. Nós entrevistamos Lockhart pelo menos duas horas de cada vez. Chegamos aqui uma meia hora depois que eles. E as botas não eram de Ken. De qualquer forma, são de homem, provavelmente tamanho 44 ou maior. Tudo indica que se trata de um sujeito grandão.

– Se Newman e Lockhart não entraram, e se não há sinais de que a entrada foi forçada, a terceira pessoa então teria que dispor da senha do alarme – o tom de voz de Massey foi claramente acusatório.

Reynolds não poderia sentir-se mais infeliz, mas tinha que prosseguir.

– A se julgar por onde Ken caiu, tudo indica que ele acabara de saltar do carro. Alguma coisa o deve ter assustado. Ele sacou a Glocke levou um tiro.

Reynolds levou-os à entrada de carros.

– Vejam só os sulcos dos pneus aqui. O terreno pode estar razoavelmente seco, mas os pneus realmente marcaram a terra. Acho que alguém estava saindo da casa correndo.

com os diabos, tão depressa que deixou as botas.

– E a Lockhart? – Pode ser que o atirador a tenha levado – disse Connie. Reynolds avaliou a sugestão.

– É possível, mas não vejo razão. Eles também a querem morta.

– Em primeiro lugar, como o atirador soube que tinha que vir aqui? – perguntou Massey, respondendo em seguida à sua própria pergunta. – Vazamento? Reynolds vinha pensando nesta possibilidade desde o instante em que vira o corpo de Newman.

– com o devido respeito, senhor, não vejo como poderia ser o caso.

Massey foi contando os pontos nos dedos.

– Temos um homem morto, uma mulher desaparecida e um par de botas. Juntando tudo, temos diante de nós uma terceira pessoa envolvida. Diga-me como uma terceira pessoa chegou aqui sem uma informação privilegiada.

Reynolds respondeu falando muito baixo.

– Pode ter sido uma coisa aleatória. Lugar solitário, possível roubo armado. Acontece.

Ela respirou rapidamente antes de prosseguir.

– Mas se o senhor estiver com a razão, em caso de vazamento, não será completo.

Todos a fitaram com curiosidade.

– O atirador obviamente não tinha conhecimento da nossa mudança de planos de última

hora. Que Connie e eu viríamos aqui hoje de noite – explicou Reynolds. – Normalmente eu estaria com a Faith, mas tive que trabalhar em outro caso. Como não deu certo, decidi no último minuto vir com Connie para cá.

Connie deu uma olhada na van.

– Você tem razão. Ninguém poderia ter sabido. Nem mesmo Ken sabia.

– Tentei telefonar para Ken cerca de vinte minutos antes de chegarmos. Não queria aparecer de repente. Se ele visse um carro parar na casa segura sem um aviso prévio, poderia ter se assustado, atirado primeiro e deixado as perguntas para depois. Já devia estar morto quando liguei.

Massey deu um passo na direção dela.

– Agente Reynolds, sei que você está conduzindo esta investigação desde o princípio. Sei que o uso desta casa segura e do circuito fechado de televisão foram aprovados por quem de direito. Compreendo as dificuldades que encontrou neste caso e para ganhar a confiança da testemunha.

Massey fez uma pausa, parecendo selecionar as palavras com grande cuidado. A morte de Newman deixara a todos atônitos, embora agentes do FBI corram esse risco com certa frequência. Ainda assim, haveria uma culpa definida naquele caso e todo mundo sabia disso.

Massey continuou.

– Sua abordagem, contudo, dificilmente pode ser considerada de acordo com os padrões recomendados. E o fato é que um agente está morto.

Reynolds aproveitou o intervalo maior.

– Tivemos que agir com muita discrição. Não podíamos exatamente cercar Lockhart de agentes. Buchanan teria desaparecido antes de termos provas suficientes para a promotoria.

Ela respirou fundo.

– Senhor, o senhor pediu minhas observações. Aqui estão. Não creio que Lockhart tenha matado Ken. Acho que Buchanan está por trás disso. Temos que encontrá-la. Mas precisamos fazer isso discretamente. Se abrimos o jogo Ken Newman provavelmente terá morrido em vão. E se Faith Lockhart estiver viva, não continuará por muito tempo se tornarmos público o que ocorreu.

Reynolds olhou para a van justo no instante em que as portas se fechavam sobre o corpo de Ken. Se estivesse acompanhando Faith Lockhart em vez dele, era muito provável que tivesse perdido a vida em seu lugar. Para qualquer agente do FBI a morte é sempre uma possibilidade, mesmo que remota. Se fosse morta, será que Brooklyn Dodgers Reynolds desapareceria na lembrança de seus filhos? Tinha certeza de que sua filha de seis anos se lembraria sempre de sua "Mommy". Mas tinha dúvidas a respeito de David, com três anos. A ideia de que no futuro ele fosse se referir a ela apenas como sua mãe "biológica" era quase paralisante.

Um dia chegara a ceder ao impulso ridículo de procurar uma quiromante. A mulher a recebera calorosamente, dera-lhe uma xícara de chá de ervas e batera um longo papo, formulando perguntas que tentou fazer com que soassem casuais. Reynolds sabia que essas perguntas eram destinadas a coletar informações às quais a quiromante acrescentaria um palavreado típico e sem sentido quando "visse" o passado de Reynolds, assim também como o seu futuro.

Depois de examinar a mão de Reynolds, a quiromante dissera que sua linha da vida era

curta. Na verdade, significativamente curta. A pior que já vira. Isto foi dito com a mulher olhando fixamente para uma cicatriz na palma da mão de Reynolds. Cicatriz esta que ela sabia ser resultante de um tombo em cima de uma garrafa quebrada de Coca-Cola no quintal de sua casa quando tinha oito anos.

A quiromante pegara sua xícara de chá, dando a impressão de esperar que Reynolds quisesse mais informações, presumivelmente mediante o pagamento de uma taxa extra sobre os honorários combinados. Reynolds tinha informado a ela que era forte como um cavalo, e levava anos sem pegar um simples resfriado.

A morte não acontece só por causas naturais, replicara a quiromante, alçando as sobranceiras pintadas para enfatizar a afirmativa óbvia.

com isso, Reynolds lhe pagara os cinco dólares e saíra porta afora.

Agora ficou pensando.

Connie raspou a terra com a ponta do pé.

– Se Buchanan estiver por trás disso, provavelmente já estará muito longe.

– Acho que não – contestou Reynolds. – Fugir logo depois do que houve aqui seria a mesma coisa que admitir sua culpa. Não, ele vai se segurar.

– Não gosto disto – declarou Massey. – Por mim a gente solta um alerta geral e prende a Lockhart, presumindo que ainda esteja viva.

– Senhor – disse Reynolds, com a voz tensa, irritada –, não podemos acusá-la quando temos razão para acreditar que não esteve envolvida no homicídio. Muito ao contrário, pode muito bem ser uma vítima. O Bureau ficaria sujeito a um sem-número de ações civis se ela aparecer. O senhor sabe disso.

– Testemunha essencial, então. Ela tem todos os requisitos para isso.

Reynolds o encarou diretamente.

– Um alerta geral não é a resposta. Vai causar mais mal do que bem. A todos os envolvidos.

– Buchanan não tem razão para mantê-la viva.

– Lockhart é uma mulher inteligente – disse Reynolds. Passei bastante tempo com ela, vim a conhecê-la. É uma sobrevivente. Se puder aguentar uns dias, teremos possibilidade de êxito. Buchanan não pode saber o que ela vem nos contando.

Mas se soltarmos um alerta geral designando-a como testemunha essencial, será o mesmo que assinar sua sentença de morte. Todos ficaram em silêncio por algum tempo.

Foi Massey quem falou: – Acha mesmo que pode encontrá-la sigilosamente? – Acho.

O que mais ela poderia dizer? – É seu instinto ou o seu cérebro falando? – Ambos.

Massey examinou-a por um longo momento.

– Por ora, agente Reynolds, concentre-se em procurar Lockhart. O pessoal da Crimes Violentas vai investigar a morte de Newman.

– Eu faria com que vasculhassem o quintal procurando o projétil que matou Ken. Depois passariam para o bosque – disse Reynolds.

– Por que no bosque? As botas estavam na varanda. Ela contemplou a linha de árvores.

– Se eu estivesse aqui para emboscar alguém, lá – ela apontou o bosque – seria minha primeira escolha tática. Boa proteção, excelente linha de tiro e uma rota de fuga encoberta pelas árvores. Carro esperando, arma jogada fora, pouco tempo de trajeto até o aeroporto Dulles.

Dentro de uma hora o atirador estaria em outro fuso horário. O tiro que matou Ken entrou pela nuca. Ele está de costas para o bosque. Ken não deve ter visto quem o atacou, ou não teria voltado as costas para ele.

Ela olhou de novo para o bosque denso.

– Tudo aponta para lá.

Outro carro parou perto deles e o diretor do FBI em pessoa saltou. Massey e seus assistentes se apressaram a recebê-lo, deixando Connie e Reynolds sozinhos.

– Então, qual é o nosso plano de ação? – perguntou Connie.

– Talvez eu queira experimentar aquelas botas na minha Cinderela – disse Reynolds, olhando para Massey, que conversava com o diretor. Era um antigo agente de campo que, Reynolds tinha certeza, iria encarar aquela catástrofe de forma extremamente pessoal. Todos e tudo que fosse associado ao acontecido seriam objeto de intenso escrutínio.

– Vamos seguir nossa rotina – disse ela. – Mas isto aqui Reynolds bateu com o dedo no teipe – é realmente tudo o que temos. Vamos cair em cima de quem quer que apareça aqui. com força, como se não houvesse um amanhã.

– Dependendo dos resultados, pode ser que não nos reste muitos amanhã, Brooke – disse Connie.

Capítulo 8

LEE SEGUROU O VOLANTE COM TANTA FORÇA QUE SEUS DEDOS ficaram brancos. Quando a viatura da polícia, luzes piscando, passou disparada na direção oposta, ele deixou escapar o ar dos pulmões e pisou com força no acelerador.

Estavam no seu carro depois de terem se livrado do outro. Ele limpou minuciosamente o interior do carro do morto, mas podia facilmente ter esquecido algo. E hoje em dia há equipamentos capazes de encontrar coisas completamente invisíveis a olho nu. Nada bom.

Faith observou as luzes da viatura policial desaparecerem na escuridão perguntando-se se seu destino seria o chalé. Será que Ken Newman tinha mulher e filhos? Não havia uma aliança de casado no seu dedo. Como tantas mulheres, Faith tinha o hábito de observar esse tipo de coisa rapidamente. No entanto, ele lhe parecera do tipo paternal.

Enquanto Lee conduzia o carro pelas estradas secundárias, a mão de Faith subiu, desceu e desenhou uma linha vertical cortando seu peito, quando terminou de fazer o sinal-da-cruz. O movimento quase automático causou-lhe uma sutil sensação de surpresa. Ela acrescentou uma prece silenciosa para o homem morto e pela família que ele poderia ter.

– Lamento que você tenha morrido – disse em voz alta para aliviar seus crescentes sentimentos de culpa por ter sobrevivido.

Lee virou-se para ela.

– Seu amigo? Faith sacudiu a cabeça.

– Foi morto por minha causa. Não chega? Faith espantou-se ao ver como as palavras da oração e o remorso tinham voltado com tanta facilidade. Por causa do nomadismo paterno, sua presença na missa fora esporádica. Mas a mãe insistia em escolas católicas onde quer que a família se aventurava a estabelecer-se, e o pai seguira a mesma regra depois da morte da mulher. A educação católica certamente tinha impregnado alguma coisa nela além da constante

pancada da régua sobre os nós dos seus dedos dada pela freira Fulana ou Sicrana. No verão que antecedeu seu último ano, ela ficara órfã, e as viagens com o pai foram abruptamente interrompidas por um ataque do coração. Foi mandada para morar com uma parenta que não a queria e que se esforçou ao máximo para não lhe dar atenção. Faith rebelou-se tanto quanto pôde. Fumou, bebeu, deixou de ser virgem muito antes de estar na moda. Na escola, o puxar da sua saia para baixo dos joelhos dia e noite pelas freiras só servia para fazer com que tivesse vontade de encurtar a droga da saia na altura da entreperna. Tudo somado, foi um ano verdadeiramente esquecível, seguido por diversos outros parecidos, enquanto lutava para se formar na faculdade e tentava tomar um rumo na vida. Depois, durante os últimos quinze anos, pensou que a direção que tomara fosse perfeita mas eis que agora se via debatendo, precipitando-se de encontro às pedras. Faith olhou para Lee.

– Precisamos chamar a polícia, contar a alguém que ele está lá.

Lee sacudiu a cabeça.

– Isso vai desencadear sei lá o quê. Definitivamente não é uma boa ideia.

– Não podemos simplesmente deixá-lo assim sem mais aquela. Não é justo.

– Você sugere que a gente entre na delegacia da esquina e tente explicar o que houve?

Vão nos botar em camisa-de-força.

– Mas que droga! Se você não vai tomar uma providência, eu vou. Não vou deixá-lo lá para ser comido pelos esquilos.

– Está bem, está bem. Acalme-se – ele suspirou. – Acho que podemos dar um telefonema anônimo daqui a algum tempo, fazer com que a polícia verifique.

– Ótimo.

Poucos minutos depois ele notou que Faith retorcia os dedos.

– Tenho outro pedido – disse ela.

O estilo dela exigir coisas começava realmente a irritar Lee. Tentou não pensar no quanto doía seu cotovelo, nos incômodos grãos de terra em seus olhos, nos perigos desconhecidos que jaziam à sua frente.

– Que é? – Tem um posto de gasolina aqui perto. Eu gostaria de me lavar. Se não tiver problema – apressou-se a acrescentar.

Lee deu uma olhada nas manchas em suas roupas e abrandou.

– Sem problema – concordou.

– Fica logo adiante...

– Eu sei onde é – interrompeu ele. – Sempre faço um reconhecimento do terreno onde estou trabalhando.

Faith limitou-se a encará-lo, espantada.

No banheiro, Faith tentou não pensar no que fazia enquanto, com dificuldade, limpava as manchas de sangue da roupa. Ainda assim, a cada dois minutos tinha ímpetos de arrancar fora toda a roupa que vestia e se lavar, usando o sabão líquido e as toalhas de papel da pia suja.

Quando entrou novamente no carro, o olhar de seu companheiro expressou o que a boca não disse.

– Vou sair dessa, por enquanto – disse ela.

– A propósito, meu nome é Lee. Lee Adams.

Faith permaneceu em silêncio. Lee deu a partida no motor e eles deixaram o posto.

– Você não tem que me dizer seu nome – ele falou. – Fui contratado para segui-la, sita.

Lockhart.

Ela lhe dirigiu um olhar desconfiado.

– Quem o contratou? -Não sei.

– Como é possível que não saiba quem o contratou? – Admito que seja um pouco incomum, mas às vezes acontece. Há pessoas que se envergonham de contratar um detetive particular.

– Então é isso que você é? Um detetive particular? O tom de voz dela foi de desprezo.

– Pode ser um modo perfeitamente legítimo de se ganhar uma grana. E eu sou tão legítimo quanto é possível alguém ser.

– E como foi que essa pessoa veio a contratar você? – A não ser pelo fato de que tenho um anúncio sensacional nas Páginas Amarelas, não tenho como explicar.

– O senhor tem ideia daquilo em que se meteu, sr. Adams? – Digamos que tenho uma ideia melhor agora do que algum tempo atrás. Ver-me servindo de alvo é algo que sempre mereceu toda a minha atenção.

– E quem atirou no senhor? – O mesmo sujeito que matou seu amigo. Acho que acertei uma bala nele, mas ele fugiu.

Faith esfregou as têmporas e olhou para a escuridão do lado de fora. As palavras que ele pronunciou a seguir a assustaram.

– Qual é o seu caso, Proteção de Testemunhas? Lee esperou. Quando ela não respondeu, ele prosseguiu.

– Fiz um exame rápido no seu amigo enquanto você se ocupava em afogar o motor do carro. Ele tinha uma Glock nove milímetros e um colete de Kevlar, que na verdade de nada lhe adiantou. O crachá pendurado no cinto dizia FBI. Não tive tempo para verificar sua identidade. Então, qual era o nome dele? – Interessa? – Pode ser.

– Por que Proteção de Testemunhas? – perguntou ela.

– O chalé. Trancas especiais, sistema de segurança. É uma casa segura, de certo modo. Ninguém mora lá, quanto a isto não resta dúvida.

– Então você entrou lá. Ele concordou.

– A princípio pensei que você estivesse tendo um caso. Dois minutos lá dentro e vi logo que não se tratava de um local para encontros amorosos. Mas, sem dúvida, é uma casa estranha. Câmeras ocultas, sistema de gravação em fita. A propósito, você sabia que estava num palco? A expressão de espanto do rosto dela respondeu a pergunta.

– Se não sabe quem o contratou, como foi contratado para me seguir? – Fácil. Uma mensagem telefônica disse que um pacote de informações sobre você e um adiantamento dos meus honorários seriam entregues no meu escritório. E foram.

Uma pasta a seu respeito e uma bolada de dinheiro vivo. Dizia para que eu seguisse seus movimentos, e eu segui.

– Ninguém me disse que eu estava sendo seguida.

– Sou muito bom nisso.

– É o que parece.

– Sabendo aonde você ia, eu chegava antes. Bastante simples.

– A voz era de homem ou de mulher? – Impossível dizer. Era misturada.

– Isso não o deixou desconfiado? – Tudo me deixa desconfiado. Uma coisa é certa, quem quer que esteja querendo pegar você, não está brincando. A munição que aquele cara usou teria derrubado um elefante.

Eu vi de perto e por pouco não entro pelo cano.

Ele calou-se e Faith não conseguiu dizer mais nada. Tinha diversos cartões de crédito na bolsa, todos praticamente sem limites de despesa. Mas também inúteis, todos eles, porque assim que um fosse usado saberiam onde se encontrava. Pôs a mão na bolsa e apalçou o chaveiro da Tiffany com as chaves de sua bela casa e do seu carro de luxo. Inúteis também. Tinha na carteira a grande soma de cinquenta e cinco dólares e umas poucas moedas. Não tinha nada, exceto aquele dinheiro e a roupa do corpo.

A infância pobre voltou urrando com todas as suas lembranças desesperançadas e sujas.

Faith na verdade tinha uma grande soma de dinheiro em espécie, mas guardada em um cofre no seu banco em D.C. O banco não abriria senão no dia seguinte pela manhã.

E havia dois outros itens, ainda mais importantes que guardava nesse cofre: uma carteira de motorista e um cartão de crédito. Ambos tirados sob um nome falso. Tinham sido relativamente fáceis de arrumar, mas esperara nunca ser obrigada a usá-los. Quem mandou ter guardado tudo no banco, em vez de em um lugar mais acessível. Sacudiu a cabeça ante tamanha burrice.

com a carteira de motorista e o cartão de crédito poderia ir praticamente a qualquer lugar. Se tudo ruísse em cima de sua cabeça, ela dissera frequentemente a si própria, aquilo representaria sua possibilidade de fuga. Pois bem, o telhado desabou, as paredes estão rachando, o furacão assassino bate à sua janela e a velha gorda volta de limusine para o hotel. É hora de armar uma barraca e dar por encerrada esta fase de sua vida.

Olhou para Lee. O que faria com ele? Faith sabia que seu maior desafio era sobreviver o resto da noite. Talvez ele pudesse ajudá-la a conseguir isso. Parecia saber o que estava fazendo e tinha uma pistola. Se conseguisse entrar e sair do banco sem muito problema, ficaria bem. Seriam cerca de sete horas entre o momento presente e a hora de abertura do banco. Que poderiam muito bem ser sete anos.

Capítulo 9

THORNHILL ACOMODOU-SE NO PEQUENO ESTÚDIO DE SUA LINDA CASA antiga recoberta de hera em um bairro exclusivo em McLean, Virgínia. A família de sua mulher tinha dinheiro e ele se deleitava com os luxos que o dinheiro pode comprar, assim como a liberdade que lhe dava ter sido funcionário público toda a sua carreira. Naquele exato momento, contudo, não se sentia muito satisfeito.

A mensagem que acabara de receber era inacreditável e, no entanto, sabia muito bem que todos os planos podem falhar. Olhou para o homem sentado à sua frente. Também era um veterano da Agência e membro do grupo secreto de Thornhill. Philip Winslow compartilhava os ideais e as preocupações de Thornhill. Tinham passado muitas noites no estúdio deste relembando as glórias passadas e formulando planos que assegurassem que haveria também muitos triunfos no futuro. Ambos tinham se formado em Yale, onde foram dois dos melhores e mais brilhantes alunos que por lá passaram. Tinham ido trabalhar na CIA em um tempo em que

era considerado uma honra servir à pátria e em que a CIA pegava o seu quinhão das melhores cabeças da Ivy League. Pertenciam também a uma geração em que um homem fazia o que fosse preciso para proteger os interesses do seu país. Thornhill acreditava de todo o coração que um homem de visão precisava estar disposto a correr riscos para alcançar essa visão.

– O agente do FBI foi morto – disse Thornhill ao seu amigo e colega.

– E Faith Lockhart? – quis saber Winslow.

Thornhill sacudiu a cabeça de modo quase imperceptível.

– Ela desapareceu.

Winslow resumiu: – Quer dizer então que matamos um dos melhores agentes do Bureau e deixamos o verdadeiro alvo fugir – ele sacudiu o gelo na sua bebida. – Nada bom, Bob. Os outros não ficarão felizes ao saber disso.

– Só para dar logo todas as boas notícias, o nosso homem também foi alvejado no processo.

– Pelo agente? Thornhill sacudiu a cabeça.

– Não. Havia uma outra pessoa lá. Não sabemos de quem se trata, por enquanto. Serov foi interrogado e deu a descrição do homem que estava no chalé. Estamos trabalhando nisso com os computadores, neste exato momento. Em pouco tempo deveremos conhecer sua identidade.

– Ele poderia nos dizer alguma outra coisa? – Por ora não. O sr. Serov está sendo recolhido em alojamento seguro.

– Você sabe que o Bureau virá com tudo investigar o que houve, Bob.

– Mais precisamente – disse Thornhill –, o Bureau fará tudo o que puder para encontrar Faith Lockhart.

– De quem eles suspeitam? – Buchanan, claro. É o mais lógico – respondeu Thornhill.

– E o que vamos fazer com ele? – Por ora, nada. Nós o manteremos informado. Quer dizer, com pelo menos a nossa versão da verdade. Vamos mantê-lo ocupado ao mesmo tempo em que não perderemos de vista o FBI. Como ele vai viajar para fora da cidade nesta manhã, estamos cobertos nesta parte. No entanto, se a investigação do FBI chegar perto demais de Buchanan, asseguraremos a ele uma morte precoce e forneceremos aos nossos irmãos de profissão todos os fatos sórdidos sobre como Buchanan tentou provocar a morte de Lockhart.

– E Lockhart? – quis saber Winslow.

– Ah, o FBI irá encontrá-la. Mesmo limitados, eles são muito bons nesse tipo de coisa.

– Não sei como isso possa nos ajudar. Ela fala e Buchanan decide nos levar com ele.

– Acho que não – retrucou Thornhill. – Quando o FBI a encontrar, nós também estaremos lá, se não tivermos chegado primeiro. E desta vez não erraremos. com Lockhart fora de cena, Buchanan logo se seguirá, e aí poderemos prosseguir com o nosso planejamento original.

– Meu Deus, se ao menos funcionasse.

– Oh, mas vai funcionar – garantiu Thornhill com o otimismo costumeiro.

Para durar tanto quanto ele naquele ramo era preciso ter uma atitude positiva.

Capítulo 10

LEE ENTROU COM O CARRO NO BECO E PAROU. VASCULHOU com O olhar a paisagem escura. Tinham viajado por mais de duas horas e ele estava razoavelmente certo de que não tinham sido seguidos e ligara para a polícia de um telefone público. Embora estivessem relativamente seguros agora, Lee ainda conservava a mão no cabo da pistola, pronto para sacá-la a qualquer momento a fim de liquidar os inimigos com os tiros de sua letal SIG. Brincadeirainha.

Atualmente era possível matar-se a um céu de distância, com uma bomba mais inteligente que um homem, tirando-se a coisa mais importante que um ser humano tem, sem que fosse preciso dizer nem algo como, "Oi, você está morto". Lee gostaria de saber se durante o milissegundo necessário para cremar os pobres filhos-da-mãe o cérebro funcionava com rapidez suficiente para produzir o pensamento de que a Mão de Deus tinha se abatido sobre eles, em vez de algo fabricado pelo homem. Por um instante de loucura, examinou o céu procurando um míssil. Mas, dependendo de quem estivesse envolvido naquilo, talvez não fosse tanta loucura.

– O que foi que você contou à polícia? – quis saber Faith.

– Curto e grosso. A localização do lugar e o que aconteceu.

– E?

– O despachante não acreditou, mas esforçou-se ao máximo para me conservar na linha. Faith deu uma olhada no beco.

– Este é o lugar seguro de que você falou? Mesmo no escuro ela conseguiu ver as rachaduras escondidas, a lata de lixo e o barulho distante dos passos na calçada.

– Não, nós deixamos o carro aqui e andamos até lá. Que, a propósito, é o meu apartamento.

– Onde nós estamos?

– North Arlington. Está sendo transformada em área de yuppies, mas ainda pode ser perigoso, especialmente a esta hora da noite.

Ela conservou-se ao lado de Lee quando desceram o beco e entraram na rua seguinte, que era uma avenida de casas geminadas velhas mas bem conservadas.

– Qual é a sua?

– A grande ali na ponta. Proprietário aposentado, mora na Flórida. Tem mais outras duas ou três casas. Faço uns servicinhos para ele, que me dá uma colher de chá no valor do aluguel.

Faith começou a sair do beco, mas Lee a deteve.

– Me dá um segundo, quero verificar tudo primeiro. Ela o agarrou pelo casaco.

– Você não vai me deixar aqui sozinha.

– Só vou me assegurar de que não tem ninguém nos esperando para dar uma festa-surpresa. Qualquer coisa que pareça estranha, dá um grito que eu apareço em dois segundos.

Ele desapareceu e Faith escondeu-se de novo no beco. Seu coração batia tão alto que ela meio que esperou que uma janela se abrisse a qualquer instante e alguém lhe jogasse um pé de sapato. Quando achou que não ia conseguir mais ficar sozinha, Lee reapareceu.

– OK, parece limpo. Vamos.

A porta externa da casa estava trancada, mas Lee a abriu com sua chave. Faith notou a câmera de vídeo presa na parede, acima da sua cabeça.

Lee olhou para ela.

– Minha ideia. Gosto de saber quem vem me ver. Subiram quatro lances de escadas até o último andar e percorreram o corredor até a última porta à direita. Faith reparou nas três fechaduras. Lee abriu cada uma delas com chaves diferentes.

Quando a porta se abriu, ela ouviu um bip. Eles entraram no apartamento. Na parede havia um painel de alarme. Um pouco acima, aparafusado na parede, um pedaço de cobre reluzente. Lee dobrou a folha de cobre para baixo para que cobrisse o painel de alarme, pressionou alguns botões e o bip parou.

Ele olhou para Faith, que o observava detidamente.

– Radiação de Van Eck. Você provavelmente não ia compreender.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Você provavelmente tem razão.

Ao lado do painel de alarme havia uma pequena tela de vídeo embutida na parede. Nela Faith pôde ver a varanda da frente. Obviamente era a imagem fornecida pela câmera de vigilância externa.

Lee trancou a porta da frente e pôs a mão em cima dela.

– É de aço, montada numa armação metálica especial que eu mesmo fiz. Não importa se a fechadura é forte. O que geralmente cede é a moldura. Uma porcaria de uma viga cinco por dez, se você tiver sorte. O presente de Natal de um ladrão dado pela indústria de construção. Usei também trincos à prova de gazua, sensores externos de movimento, um celular conectado no link telefônico do sistema de alarme. Ficaremos bem.

– Posso considerá-lo de certa forma preocupado com questões de segurança.

– Não. Sou paranóico.

Faith ouviu alguma coisa aproximando-se pelo corredor. Estremeceu, mas relaxou quando viu Lee sorrir e mover-se na direção do barulho. Um segundo mais tarde, um velho pastor alemão apareceu. Lee agachou-se e brincou com o cachorro, que rolou de costas. Lee atendeu o animal esfregando-lhe a barriga.

– Ei, Max, como vai indo, garoto?

– Lee fez um carinho na cabeça de Max, e o cachorro lambeu afetuosamente a mão do dono.

– Seguinte, isso aqui é o melhor equipamento de segurança que já inventaram. Você não tem que se preocupar com falta de energia elétrica ou tempo de vida útil das pilhas, ou com alguém virando casaca.

– Então o seu plano é que nós fiquemos aqui? Lee levantou os olhos para ela.

– Quer alguma coisa para beber ou comer? Nós bem que podíamos resolver esse problema de barriga cheia.

– Um chá quente seria bom. Na verdade, eu não seria capaz de olhar para comida neste instante.

Minutos depois estavam sentados à mesa da cozinha. Faith bebericava um chá de ervas e Lee preferiu uma xícara de café. Max ficou debaixo da mesa, cochilando.

– Temos um problema – começou Lee. – Quando entrei no chalé tropecei em algo. Isto quer dizer que estou no vídeo deles.

Faith pareceu chocada.

– Meu Deus, eles podem estar atrás de nós neste exato momento!

– Talvez seja bom – disse Lee, dirigindo-lhe um olhar penetrante.

– E por quê?

– Não estou no ramo de ajudar criminosos.

– Quer dizer então que você pensa que sou criminosa?

– E você é? Faith passou a mão na xícara de chá.

– Eu estava trabalhando com o FBI e não contra eles.

– Tudo bem, o que eles estavam fazendo com você?

– Não posso responder.

– Então não posso ajudar você. Vamos, eu lhe dou uma carona até a sua casa.

Lee começou a se levantar. Ela agarrou seu braço.

– Espera, por favor, espera.

A ideia de ser deixada sozinha era simplesmente paralisante.

Ele tornou a sentar-se e ficou na expectativa.

– Quanto eu vou ter que lhe contar para você me ajudar? – Depende do tipo de ajuda que quiser. Não vou fazer nada contra a lei.

– Eu não lhe pediria isso.

– Então você não tem problema, a não ser a existência de alguém querendo matá-la.

Faith, nervosa, tomou um gole do chá enquanto Lee a observava.

– Se vão saber quem você é a partir do vídeo, será que deveríamos estar calmamente sentados aqui?

– Eu estraguei a fita. Passei ímã em cima dela. Faith fitou-o com um brilho de esperança nos olhos.

– Será que conseguiu apagá-la?

– Não posso garantir. Não sou perito nesses assuntos.

– Mas no mínimo eles talvez tenham que gastar algum tempo para reconstruí-la?

– É a esperança que tenho. Mas não estamos aqui às voltas com um grupo de bandeirantes. O equipamento de gravação tinha também um sistema de segurança incorporado.

É bem possível que se a polícia tentar forçar a retirada da fita, ela se autodestrua.

Pessoalmente, eu daria os quarenta e sete dólares que tenho no banco se isso acontecesse. Sou um homem que gosta de privacidade. Ainda assim, você tem que me contar o que se passa.

Faith nada disse. Limitou-se a fitá-lo com os olhos arregalados, como se Lee tivesse acabado de lhe fazer uma proposta indecorosa.

Lee inclinou a cabeça na direção dela. – Vou lhe dizer uma coisa. Eu sou detetive, certo? Farei algumas deduções e você me dirá se estão certas ou não. Que tal? Como Faith continuou em silêncio, ele prosseguiu.

– As câmeras que vi eram apenas na sala. E a mesa, cadeiras, café e o resto estavam também somente na sala. Agora, interrompi um raio de laser ou o que quer que tenha sido montado ali como segurança do sistema. Tudo indica que foi isto que fez as câmeras funcionarem.

– Acho que faz sentido – disse Faith.

– Não, não faz. Eu tinha o código de acesso ao sistema de alarme.

– E daí?

– E daí que entrei com o código e desarme o sistema de segurança. Por que então aquele

dispositivo ainda estaria operando? Do modo como estava armado, mesmo quando o sujeito com quem você estava desarmasse o sistema de segurança, teria ligado as câmeras. Por que ele ia querer filmar a si próprio? Faith pareceu ficar profundamente confusa.

– Não sei.

– Surpresa! Para que a filmassem sem seu conhecimento. Agora, aquela casa isolada com uma instalação de segurança nível CIA, os federais, as câmeras e os grampos, tudo isso aponta para uma coisa.

Lee fez uma pausa como se estivesse pensando em como exatamente expressar aquilo.

– Eles levaram você para lá a fim de interrogá-la. Mas talvez não estivessem certos do seu nível de colaboração, ou pensassem que alguém podia tentar matá-la, e filmam tudo para o caso de você desaparecer depois.

Faith olhou para ele com um sorriso resignado.

– Excelente a capacidade de previsão deles, não acha? Lee levantou-se e olhou pela janela enquanto pensava nos fatos de que tinha conhecimento. Algo terrivelmente importante acabava de lhe ocorrer. Algo em que deveria ter pensado muito antes. E embora não conhecesse aquela mulher, estava se sentindo meio sem graça a respeito do que tinha a dizer.

– Tenho uma má notícia para você.

Faith ficou assustada. – Como assim?

– Você está sendo interrogada pelo FBI. Presumivelmente também está sob a custódia protetora deles. Um dos caras do FBI é morto protegendo você e eu provavelmente feri o sujeito que o matou. Os federais têm a minha cara na fita deles.

Ele fez uma pausa. – Vou ter que entregar você. Faith deu um pulo.

– Você não pode fazer isso! Não pode! Disse que ia me ajudar!

– Se eu não entregar você estarei procurando encrenca séria num lugar onde os caras não fazem muita cerimônia para se envolver com os outros. O mínimo que pode me acontecer é perder a licença de detetive particular. Tenho certeza de que, se a conhecesse melhor eu me sentiria ainda pior por fazer isso, mas no fim do dia não vou saber nem se minha avó compensaria o risco.

Ele vestiu o paletó. – Quem costuma lidar com você?

– Não sei o nome dele – respondeu Faith friamente.

– Tem um número de telefone?

– Não adiantaria nada. Duvido que ele fosse capaz de atender agora.

Lee lançou-lhe um olhar de dúvida.

– Você está querendo me dizer que o cara que morreu era seu único contato?

– Exatamente.

Faith selou a mentira com uma expressão de total inocência.

– O cara era o seu contato e nunca se deu ao trabalho de dizer o nome? Não é exatamente o que mandam os manuais do FBI.

– Desculpe, é tudo o que sei.

– É mesmo? Pois deixa eu lhe dizer o que sei. Vi você naquele chalé três vezes com uma mulher. Uma morena alta. Como é que funcionava, você ficava sentada do lado dela e a chamava de "Agente X"? – Ele inclinou-se, aproximando bem seu rosto do rosto dela. – Regra Número Um do Papo-Furado: assegure-se de que a pessoa para quem você está mentindo não

possa verificar sua mentira.

Ele enfiou o braço no dela.

– Vamos.

– Sabe de uma coisa, sr. Adams, o senhor tem um problema do qual pode ainda não ter se apercebido.

– É mesmo? Incomoda-se de me contar o que é?

– O que exatamente vai contar ao FBI quando me entregar?

– Não sei. Que tal a verdade?

– Tudo bem. Vamos examinar a verdade. Você estava me seguindo porque alguém que não conhece e que não é capaz de identificar mandou. O que significa que temos apenas a sua palavra a este respeito. Você conseguiu me seguir mesmo que o FBI tivesse garantido que ninguém poderia. Você esteve naquela casa hoje. Seu rosto está na fita de vídeo. Um agente do FBI está morto. Você disparou sua arma. Você diz que atirou no outro homem, mas não tem como provar sequer que havia um outro homem lá. Assim, de fatos comprovados só temos que eu e você estivemos no chalé hoje. E que você disparou sua arma e que há um agente do FBI morto.

– A munição que matou aquele cara não pode ter sido disparada da minha pistola – disse ele furioso, largando o braço dela.

– Você jogou a outra arma fora.

– Por que então eu teria tirado você de lá? Se fui eu o assassino, por que não a matei lá no chalé?

– Não estou dizendo o que eu penso, sr. Adams. Só estou sugerindo que é bem possível que o FBI desconfie do senhor. Suponho que se não houver nada no seu passado para fazer com que fiquem desconfiados pode ser que acreditem no que disser.

Ela fez uma pausa e acrescentou em seguida: – Eles provavelmente o investigarão por um ano e o deixarão de lado se não aparecer nada que o incrimine.

Lee olhou para ela de cara feia. Seus anos mais recentes eram escrupulosamente limpos. Se voltasse um pouco mais para trás, as águas ficavam mais sujas. No início de sua carreira de detetive particular fizera algumas coisas que agora nem pensaria em fazer. Nada de ilegal, mas mesmo assim, difíceis de explicar para agentes federais meticulosos e moralistas.

E havia também as ordens restritivas que sua ex-mulher conseguira pouco antes de Lucky Eddie acertar uma mina de ouro com o tal microchip. Alegou que Lee a estava seguindo e que talvez fosse violento. Lee teria sido violento se tivesse posto as mãos na cachorra. Sempre que ele pensava nos ferimentos que vira nos braços e rosto da filha ao fazer uma visita inesperada à ratoeira onde elas moravam, quase tinha um ataque do coração. Trish dissera que Renee caíra na escada. Mentira na sua frente com a maior cara-de-pau, quando Lee podia ver a marca do que sabia ser um soco na pele delicada da filha. Pegara um pé de cabra e acertara o carro de Eddie, só não tendo repetido a dose no próprio porque o sujeito se trancou no banheiro e chamou a polícia.

Assim sendo, ia querer mesmo o FBI espionando sua vida nos próximos doze meses? Por outro lado, se deixasse aquela mulher ir embora e os federais descobrissem a pista dele, onde ia parar? Para qualquer lado que se virasse esbarrava num ninho de cobras.

– Quer me deixar no escritório do FBI em Washington? – perguntou Faith em tom

divertido. – Fica na esquina de Fourth com F.

– OK, você venceu – disse Lee, irritado. – Mas eu não pedi que essa bosta caísse no meu colo.

– E eu também não pedi que você se envolvesse. Mas...

– Mas o quê?

– Mas se você não estivesse lá, eu não estaria viva agora. Desculpe não lhe ter agradecido antes. Estou agradecendo agora.

A despeito das suspeitas, Lee sentiu que sua raiva cedia lentamente. Ou aquela mulher era sincera ou era uma das embusteiros mais espertas que já conhecera. Ou talvez fosse ambas as coisas. Afinal, estavam em Washington.

– É sempre um prazer ajudar uma dama – disse ele secamente. – OK, suponhamos que eu decida não entregar você. Em que está pensando para passar a noite fora?

– Preciso sair daqui. Preciso de um pouco de tempo para avaliar tudo isso.

– O FBI não vai deixar que você simplesmente vá embora. Presumo que tenham acertado algum acordo.

– Ainda não. E mesmo que tivéssemos, não acha que eu teria bons motivos para denunciá-los por violar o contrato?

– E o que me diz das pessoas que tentaram matá-la?

– Uma vez que eu tenha algum espaço, poderei decidir o que fazer. Provavelmente vou terminar simplesmente voltando para o FBI. Mas não quero morrer. Não quero que ninguém ligado a mim morra – ela o encarou muito deliberadamente.

– Agradeço a sua preocupação, mas sei tomar conta de mim. Então, para onde planeja ir e como pensa chegar lá? Faith começou a dizer qualquer coisa, mas interrompeu-se. Olhou para baixo, repentinamente cautelosa.

– Se não confiar em mim, Faith, nada vai funcionar – encorajou Lee delicadamente. – Se eu deixar que se vá, significa que defendê-la passará a ser uma de minhas atividades mais importantes. Mas ainda não me decidi. Muita coisa depende do que você está pensando. Se os federais precisarem de você para derrubar pessoas poderosas – e o que vi até agora elimina claramente a possibilidade de estarmos às voltas com coisas menores – vou ter que tomar o lado deles.

– E se eu concordasse em voltar desde que eles garantissem a minha segurança?

– Acho razoável. Mas qual é a garantia de que você voltará?

– E se você fosse comigo? – retrucou ela rapidamente.

Lee ficou tão tenso que chutou acidentalmente Max, que saiu de sob a mesa e lançou-lhe um olhar triste.

Faith prosseguiu depressa.

– Provavelmente é apenas uma questão de tempo até que o identifiquem na fita. E a pessoa em quem você atirou, e se ele identificar você para quem o contratou? É óbvio que você também está em perigo.

– Não estou certo...

– Lee – interrompeu Faith excitadamente –, já lhe ocorreu que a pessoa que o contratou para me seguir tivesse seguido você também? Você pode muito bem ter sido usado para armar o atentado.

– Bem, se podiam me seguir, podiam seguir você também – reagiu ele.

– Mas, e se de algum modo queriam incriminá-lo?

Lee bufou quando percebeu a gravidade da situação. Filha da mãe, que noite. Como diabo não percebera que aquilo podia acontecer? Cliente anônimo. Uma bolada de dinheiro vivo. Alvo misterioso. Chalé isolado. Ele devia estar em coma.

– Estou ouvindo.

– Tenho um cofre em um banco de Washington. Nesse cofre tenho dinheiro em espécie e uns pedaços de plástico com outro nome inscrito que nos permitirão ir tão longe quanto precisarmos. O único problema é que podem estar vigiando o meu banco. Preciso de sua ajuda.

– Não posso acessar seu cofre.

– Mas pode me ajudar a examinar o banco, ver se tem alguém vigiando. Você é obviamente melhor que eu nisso. Eu entro, limpo o cofre e dou o fora o mais depressa possível enquanto você me protege. Qualquer coisa que pareça suspeita a gente corre como o diabo.

– Você fala de um jeito que parece até que vamos roubar o banco – disse ele, irritado.

– Juro por Deus que tudo que está dentro do cofre é meu. Lee passou a mão pelo cabelo.

– Tudo bem, pode ser que dê certo. E depois? – Depois seguimos para o sul.

– Que lugar do sul? – Costa das Carolinas. Outer Banks. Tenho uma casa numa das ilhas.

– Seu nome consta como proprietária? Eles podem verificar isso.

– Fiz a compra em nome de uma firma e assinei os papéis com o meu outro nome, como funcionária. Mas e você? Não pode viajar usando seu próprio nome.

– Não se preocupe comigo. Já fui mais gente em minha vida do que a Shirley MacLaine, e tenho os documentos para provar.

– Então estamos combinados.

Lee baixou os olhos para Max, que tinha acomodado a cabeçorra no colo dele, e esfregou delicadamente o focinho do cachorro.

– Por quanto tempo? Faith sacudiu a cabeça. – Não sei. Uma semana, talvez. Lee suspirou.

– Acho que posso arranjar para que a senhora lá de baixo tome conta do Max.

– Então você vai me ajudar? – Desde que você compreenda que embora eu não me importe de ajudar quem precisa, também não me agrada bancar o maior trouxa do mundo.

– Você não me parece do tipo capaz de desempenhar esse papel.

– Se quiser realmente dar uma risada, diga isso à minha ex-mulher.

Capítulo 11

ALEXANDRIA É UMA CIDADE ANTIGA LOCALIZADA AO NORTE DO ESTADO de Virgínia, na margem ocidental do rio Potomac e 10km ou quinze minutos de carro ao sul da capital, Washington, D.C. Fundada por causa da sua posição, floresceu como porto durante largo período de tempo. Ainda é um lugar rico e atraente para se viver, embora o rio não mais desempenhe um papel proeminente no futuro econômico da cidade.

O cenário comporta tanto dinheiro antigo quanto novo das famílias aninhadas nas graciosas casas de tijolo, pedra e estrutura de madeira características da arquitetura do final do século XVIII e início do XIX. Algumas ruas são pavimentadas com as mesmas pedras arredondadas que sustentaram os passos de Washington e Jefferson. E do jovem Robert E. Lee

nas duas casas em que morou na infância e que ficavam em frente uma da outra na rua Oronoco, assim batizada por causa de um determinado tipo de tabaco cultivado há muito tempo na Virgínia. Muitas das calçadas da cidade são de tijolos e contornam as numerosas árvores que vêm dando sombra às casas, ruas e habitantes de Alexandria há tanto tempo. Um bom número das cercas de ferro batido que circundavam os pátios e jardins das casas tem seus espigões e acabamentos de inspiração europeia pintados de dourado.

Naquela hora da manhã as ruas da Cidade Velha estavam em silêncio, a não ser pelo gotejar da chuva e o soprar do vento entre os galhos das velhas árvores nodosas, cujas raízes superficiais se agarravam no solo de argila dura da Virgínia. Os nomes das ruas refletiam as origens coloniais da cidade. De carro, a pessoa ia passando por ruas do Rei, Rainha, Duque e Príncipe. Áreas destinadas especificamente a estacionamento eram raras, e por isso as ruas estreitas eram repletas com virtualmente todos os modelos e marcas de automóveis. Contrastando com as casas de duzentos anos, as carrocerias de cromo, borracha e metal pareciam estranhamente fora de lugar, como se uma deformação do tempo tivesse levado os automóveis de volta para a era do cavalo e da carroça.

A estreita casa geminada de quatro andares revestida de tijolos que ficava metida entre uma série de outras ao longo da Duke Street não era, de modo algum, a mais grandiosa da área. Tinha uma árvore solitária no pequeno jardim da frente, um bordo inclinado e com o tronco fendido coberto de novos galhos frondosos. A cerca de ferro batido estava em boas – mas não soberbas – condições. A casa tinha um jardim e um pátio nos fundos, mas as plantas, o repuxo e a estrutura de tijolos não eram dignos de nota se comparados com outros localizados a poucos passos de distância.

No interior da casa, a mobília era muito mais elegante do que o observador seria levado a esperar com base no que era possível ver do lado de fora. Havia uma razão simples para isso: o lado de fora era algo que Danny Buchanan não podia esconder de olhos curiosos.

Os primeiros traços cor-de-rosa da alvorada começavam a aparecer na linha do horizonte quando Buchanan se sentou, inteiramente vestido, na pequena biblioteca oval ao lado da sala de refeições. Um carro o esperava para levá-lo ao aeroporto, o Reagan National.

O senador com quem ia se encontrar integrava a Comissão de Compras, muito possivelmente a mais importante do Senado, já que ela (e suas subcomissões) controlava os cordões da bolsa do governo. Mais importante ainda para o que Buchanan queria, o homem também presidia a Subcomissão de Operações no exterior, que determinava a destinação da maioria dos dólares de ajuda ao exterior. O senador, um homem alto e distinto, de maneiras afáveis e estilo confiante, era, havia muito tempo, associado de Buchanan. Ele sempre desfrutara o poder que acompanhava sua posição e, conseqüentemente, vivia além de suas possibilidades. Já o pacote de aposentadoria que esperava conseguir com Buchanan era quase impossível de ser exaurido.

O esquema de suborno de Buchanan começara cautelosamente. Ele tinha analisado todos os personagens da cena política de Washington que podiam mesmo que remotamente favorecer seus objetivos, e se podiam ou não ser subornados. Muitos membros do Congresso eram ricos, mas também havia muitos que não eram. com frequência, era um pesadelo tanto financeiro quanto familiar integrar o Congresso. Era preciso sustentar duas casas e a área metropolitana de Washington não era barata. E quase sempre a família não acompanhava o parlamentar eleito.

Buchanan se aproximava daqueles que imaginava pudesse corromper e dava início a um longo processo de examinar sutilmente seu possível envolvimento. As cenouras com que acenava eram pequenas a princípio mas cresciam rapidamente se os alvos demonstrassem algum entusiasmo. Buchanan selecionava bem, porque nunca tivera um alvo que não concordasse em trocar votos e influência política por recompensas a receber mais adiante. Talvez achassem que a diferença entre o que ele propunha e o que acontecia em Washington todos os dias era, na melhor das hipóteses, mínima. Buchanan não podia dizer se eles se importavam com o fato do objetivo ser ou não digno. Entretanto, não tinham se dado ao trabalho de, por conta própria, aumentar a ajuda exterior a qualquer dos clientes de Buchanan.

E todos eles tinham visto os colegas deixarem seus mandatos e pegarem o ouro dos grupos de lobby. Mas quem ia querer trabalhar duro então? A experiência de Buchanan era de que ex-parlamentares davam péssimos lobistas. Procurar de chapéu na mão antigos colegas sobre os quais não tinham mais a menor influência era algo que não atraía aquela gente excessivamente orgulhosa. Muito mais inteligente era usá-los quando eram poderosos. Fazer com que trabalhassem duro primeiro. E pagar generosamente mais tarde. O que poderia ser melhor? Buchanan perguntou-se se conseguiria manter-se racional e lógico durante o encontro com um homem a quem já tinha traído. Só que a traição era servida em grandes doses naquela cidade. Todo mundo estava constantemente procurando uma cadeira para sentar antes que a música parasse. O senador estaria compreensivelmente preocupado. Bem, ia precisar entrar na fila juntamente com o restante.

Buchanan de repente sentiu-se cansado. Não queria entrar no carro ou subir em outro avião, mas ele não tinha voz ativa nessas questões. Ainda um membro da classe dos servidores do estado da Filadélfia? O lobista focalizou a atenção no homem que estava de pé diante dele.

– Ele manda seus cumprimentos – disse o sujeito corpulento. Para o mundo de fora era o motorista de Buchanan, mas na verdade tratava-se de um dos homens de Thornhill acompanhando de perto sua responsabilidade mais importante.

– E por favor transmita ao sr. Thornhill os meus mais sinceros votos para que Deus determine que ele não fique um só dia mais velho – disse Buchanan.

– Houve importantes desenvolvimentos dos quais ele gostaria que o senhor tomasse conhecimento – disse o homem, impassível.

– Tais como? – Lockhart está colaborando com o FBI a fim de derrubar o senhor.

Por um breve momento, Buchanan teve uma difusa sensação de que ia vomitar e se sujar todo.

– De que diabo você está falando? – Esta informação acaba de ser passada pelo nosso agente que opera dentro do Bureau.

– Você quer dizer que a pegaram numa cilada? Obrigaram-na a trabalhar para eles? Exatamente como vocês fizeram comigo.

– Ela os procurou voluntariamente. Lentamente, Buchanan recuperou o autocontrole.

– Conte-me tudo – disse.

O homem respondeu com uma série de verdades, meias-verdades e mentiras deslavadas. Todas expressas com igual e bem treinada sinceridade.

– Onde está Faith agora? – Entrou na clandestinidade. O FBI a está procurando.

– Quanto ela contou a eles? Devo fazer planos para deixar o país? – Não. O jogo ainda

está muito no início. O que ela contou até agora não justifica qualquer ação legal. Falou sobre o processo utilizado e não sobre o nome dos envolvidos.

No entanto, isto não quer dizer que não sejam capazes de dar seguimento ao que foi dito. Só que terão que tomar cuidado. Os alvos não são exatamente trouxas que qualquer um engana.

– E o tão louvado sr. Thornhill não sabe onde Faith se encontra? Espero que sua onisciência não vá falhar agora.

– Não tenho informação a este respeito.

– Um lamentável estado de coisas para uma agência destinada a recolher informações – disse Buchanan, conseguindo forçar um sorriso. Na lareira estalou um tronco, e uma grossa bola de seiva saltou e atingiu a tela protetora. Buchanan observou-a pingando na malha da tela, sua fuga impedida, sua existência acabada. Por que subitamente sentia que o restante de sua vida tinha, simbolicamente, terminado? – Talvez eu devesse tentar encontrá-la.

– Na verdade não é da sua conta.

Buchanan olhou fixamente para ele. O idiota tinha mesmo dito aquilo? – Não é você quem vai para a prisão.

– Vai dar certo. Você se limita a continuar o que está fazendo.

– Quero me conservar informado. Certo? Buchanan virou-se para a janela. No reflexo do homem estudou a reação dele às suas palavras ditas com aspereza. Mas o que realmente valiam essas palavras? Era evidente que perdera aquele round. E que, na verdade, não tinha como ganhá-lo.

A rua estava escura, não havia movimentos visíveis, só o barulho familiar dos esquilos trepando nas árvores e depois pulando de galho em galho, no seu eterno jogo da sobrevivência. Buchanan estava engajado em uma prova similar, só que mais perigosa do que pular de um lado para outro se agarrando na casca escorregadia de árvores com mais de seis metros de altura. O vento tinha começado a soprar com mais força; seu gemido já era ouvido na chaminé. Um pouco de fumaça espalhou-se na sala.

O homem consultou o relógio.

– Precisamos sair em quinze minutos para apanhar o seu voo – ele pegou a valise de Buchanan, virou-se e saiu.

Robert Thornhill sempre fora cuidadoso na maneira como entrava em contato com Buchanan. Nada de telefonemas para casa ou o escritório. Encontros cara a cara só em condições que não despertassem suspeitas, onde a vigilância realizada por outros fosse impossível. O primeiro deles tinha sido uma das raras vezes na vida de Buchanan em que ele se sentira inadequado face a um oponente. Thornhill apresentara, com toda a calma, provas dos negócios ilegais de Buchanan com membros do Congresso, altos funcionários e até mesmo com gente de dentro da Casa Branca. Fitas de todos eles tratando de esquemas de votação, estratégias para derrotar a legislação, discussões francas a respeito do que seriam os falsos deveres deles uma vez que perdessem o mandato e como os pagamentos seriam feitos. O homem da CIA descobrira a rede de fundos e companhias de Buchanan destinadas a canalizar dinheiro para dois elementos de sua lista.

– Você agora trabalha para mim – dissera Thornhill sem rodeios. – E continuará fazendo tudo o que faz agora até que minha rede fique tão forte quanto o aço. Aí então você se afastará e eu assumirei.

Buchanan tinha recusado.

– Prefiro a prisão – dissera. – Será como uma escravidão contratada do século XVIII, aqui mesmo na Virgínia.

Thornhill, Buchanan se lembrava, parecera ligeiramente impaciente.

– Desculpe por não ter sido claro. Prisão não é uma escolha possível. Ou você trabalha para mim ou morre.

Buchanan empaldecera com a ameaça, mas se mantivera firme.

– Um funcionário público envolvido em um assassinato? – Sou um tipo especial de funcionário público. Trabalho em situações extremas, o que tende a justificar o que faço.

– Minha resposta é a mesma.

– Você também fala por Faith Lockhart? Ou devo consultá-la pessoalmente? Buchanan sentiu-se como se tivesse levado uma bala no cérebro. Era bastante claro para Buchanan que Robert Thornhill não era um tipo provocador. Não havia sinal de arrogância no homem. Se ele dissesse algo tão inócuo como "Sinto muito ter chegado a este ponto", você provavelmente estaria morto no dia seguinte. Thornhill era uma pessoa cuidadosa, deliberada e concentrada, pensara Buchanan na ocasião. Não diferente dele próprio. Buchanan decidiu cooperar. Para salvar Faith.

Agora Buchanan compreendia a importância das salvaguardas de Thornhill. O FBI o vigiava. Pois bem, eles tinham lá o trabalho que lhes era designado. Buchanan duvidava que estivessem no mesmo lado que Thornhill, no que dizia respeito a operações clandestinas. Mas todo mundo tem um calcanhar de aquiles. Thornhill encontrara facilmente o dele em Faith Lockhart. Fazia muito tempo que Buchanan se perguntava qual seria o ponto fraco de Thornhill.

Buchanan arriou o corpo em uma poltrona e estudou a pintura pendurada na parede da biblioteca. Era um retrato de mãe com um filho. Pertencera a um museu particular durante quase oitenta anos. Fora pintado por um dos mais conhecidos – embora menos popular – mestres renascentistas. A mãe claramente era uma mãe protetora, o menino, ainda pequeno, não era capaz de se defender. As cores fantásticas, os perfis primorosamente pintados, o brilho sutil da mão que inventara aquela imagem era tão evidente em cada pincelada, que nunca deixava de deleitar quem quer que visse aquela pintura. O gentil dobrar de um dedo, a luminosidade dos olhos, cada detalhe permanecia tão vibrante como há quase quatrocentos anos, quando a tinta secara.

Era o amor perfeito em ambos os lados, sem a complicação de agendas corrosivas e silenciosas. Em um nível, o vínculo simples da função biológica. Em outro, o fenômeno aprimorado pelo toque de Deus. Aquela pintura era seu bem mais estimado. Lamentavelmente, em breve teria de ser vendida, e talvez também sua casa. Estava ficando sem dinheiro para custear as "aposentadorias" do seu pessoal. Na verdade, sentia-se culpado por ainda estar de posse da pintura. Os fundos que podia gerar, a ajuda que podia trazer a tantos. E, no entanto, apenas sentar-se e olhar para ela era tão tranquilizante, tão animador... O ponto culminante do egoísmo, e lhe trazia mais prazer que praticamente tudo o mais.

Mas talvez tudo fosse discutível naquele ponto. Estava chegando o fim para Buchanan. Sabia que Thornhill jamais o deixaria se afastar de tudo aquilo. E não tinha ilusões de que deixaria seu pessoal desfrutar de qualquer aposentadoria. O homem da CIA, a despeito do seu refinamento e pedigree, era um espião. E o que eram espiões senão mentiras vivas? Buchanan, no entanto, honraria o acordo que tinha com os seus políticos. O que lhes prometera em troca

pela ajuda dada estaria lá à espera deles, pudessem ou não desfrutar.

Quando a luz do fogo brincava com a pintura, o rosto da mulher, assim pareceu a Buchanan, adquiria as características de Faith Lockhart – e não era a primeira vez que ele observava isso. Acompanhou com o olhar o desenho dos lábios cheios que podiam se mostrar petulantes ou sensuais sem aviso. Quando seu olhar percorria o rosto comprido e graciosamente formado, o cabelo dourado, e não castanho-avermelhado, iluminado no ângulo certo, ele sempre pensava em Faith. Os olhos dela prendiam você; a pupila esquerda ligeiramente descentrada acrescentava profundidade para fazer a fisionomia dela verdadeiramente notável. E era como se aquela falha da natureza lhe tivesse dado o poder de ver através de qualquer pessoa.

Ele se lembrava de cada detalhe do primeiro encontro deles. Recém-saída da faculdade, ela entrara em sua vida com o entusiasmo de uma missionária em início de carreira, pronta para enfrentar o mundo. Era crua, imatura em certos níveis, amplamente ignorante dos costumes de Washington, assombrosamente ingênua em vários aspectos. E no entanto, era capaz de dominar uma sala como uma estrela de cinema. Podia ser engraçada e ficar séria no momento preciso. Sabia afagar egos com o melhor deles e ainda assim passar sua mensagem, sem tocar abertamente no assunto. Depois de cinco minutos conversando com Faith, Buchanan soube que tinha o que era preciso para florescer no seu mundo. Após o primeiro mês dela no trabalho, a intuição dele mostrou-se correta.

Faith sempre fazia a lição de casa, trabalhava incansavelmente, apreendia os problemas, dissecava as pessoas envolvidas até o nível necessário para fazer o trabalho e ia ainda mais fundo. Compreendia o que todo mundo precisava para sair como vencedor. Queimar pontes naquela cidade significava que você não sobreviveria. Mais cedo ou mais tarde você precisa da ajuda de todo mundo e a memória é excepcionalmente longa ali na capital. Obstinada como um texugo, aguentara derrota após derrota em inúmeras frentes, mas continuara a insistir até sair vitoriosa. Ele nunca conhecera alguém como ela, nem antes nem depois de vê-la pela primeira vez. Estiveram mais juntos naqueles quinze anos do que muitos casais que já comemoraram as bodas de ouro. Ela era, na verdade, toda a família que tinha. A filha que o destino não lhe dera. E agora? Como ia proteger sua garotinha? Enquanto a chuva varria o telhado e o vento produzia seus ruídos peculiares descendo pelos velhos tijolos refratários da chaminé típica da Cidade Velha, Buchanan esqueceu do carro, do voo e dos dilemas que o defrontavam. Continuou a olhar fixamente para a pintura iluminada pela luminosidade suave do fogo que crepitava baixinho.

E, claramente, não era a obra do grande mestre que o fascinava tanto.

Faith não o traía. Nada que Thornhill lhe dissesse mudaria sua crença. Mas agora ela estava ao alcance dele, o que significava perigo mortal. Buchanan fixou os olhos na pintura.

– Corra, Faith, corra o mais depressa que conseguir – murmurou, com toda a angústia de um pai desesperado vendo a morte violenta se aproximar da filha. Diante da mãe protetora da pintura, Buchanan sentia-se ainda mais impotente.

Capítulo 12

BROOKE REYNOLDS SENTOU-SE NA SALA ALUGADA A CERCA DE DEZ quadras do escritório de Washington do FBI. O Bureau às vezes alugava salas para agentes engajados em investigações sensíveis, em que uma coisa ouvida por acaso na lanchonete ou no

corredor pode ter efeitos desastrosos. Praticamente tudo que a Unidade de Corrupção Pública fazia era de natureza delicada. Os alvos usuais das investigações da unidade não eram ladrões de bancos de máscaras e brandindo armas. Eram, quase sempre, pessoas a respeito das quais se lê nas primeiras páginas dos jornais ou que se vê sendo entrevistadas na televisão.

Reynolds inclinou-se para a frente e livrou-se dos sapatos sem salto, esfregando os pés doidos nas pernas da cadeira. Tudo nela apertava, ardia ou doía: os seios da face estavam quase que completamente fechados, a pele febril, a garganta arranhava. Mas pelo menos estava viva. Ao contrário de Ken Newman. Tinha ido direto para a casa dele depois de avisar sua mulher. Reynolds não dissera o motivo, mas Anne Newman soubera que o marido estava morto. Reynolds percebera isso no tom das poucas palavras que a mulher conseguira pronunciar.

Normalmente uma pessoa de nível mais alto que o de Reynolds a acompanharia até a casa do esposo enlutado, com a finalidade de evidenciar que o Bureau realmente se importava, do mais alto ao mais baixo escalão, quando perdia um dos seus. Reynolds, contudo, não tinha esperado que alguém se apresentasse como voluntário para acompanhá-la. Ken era sua responsabilidade, inclusive avisar a família de sua morte.

Quando chegara na casa, Reynolds fora direto ao assunto, imaginando que um monólogo arrastado só serviria para prolongar a evidente agonia da mulher. A compaixão de Reynolds e sua empatia pela viúva foram tranquilas, contudo, e sinceras. Abraçara Anne, a consolara da melhor forma que podia e caíra no choro juntamente com ela. Anne aceitara bem a ausência de mais informações, muito melhor que ela, Reynolds, teria aceitado, caso os papéis fossem trocados.

Anne teria autorização para ver o corpo do marido. Depois ele seria necropsiado pelo chefe do serviço de medicina-legal do estado. Connie e Reynolds compareceriam juntamente com representantes da Polícia e da Secretaria de Justiça do estado de Virgínia, que estariam todos sob estritas ordens de sigilo.

Teriam também que contar com Anne Newman para ajudar a manter sob controle os membros da família, furiosos e confusos. Era um elo potencialmente fraco na corrente, esperar que uma mulher em agonia pessoal ajudasse uma agência do governo que não podia contar todas as circunstâncias da morte do seu marido. Mas era tudo o que tinham.

Ao deixar a casa dos Newman – as crianças estavam fora, com amigos –, Reynolds teve a nítida impressão de que Anne a culpava pela morte de Ken. E do jeito como as coisas tinham acontecido, não podia realmente discordar. A culpa que sentia agora era como uma craca grudada na sua pele, um radical livre vagando dentro do seu corpo, procurando um lugar para se alojar, crescer e um dia matá-la.

Do lado de fora da casa ela esbarrara no diretor do FBI que viera apresentar suas condolências. Ele expressou profunda solidariedade pela perda de um de seus homens e disse que, tendo sido informado da conversa dela com Massey, concordava com o seu ponto de vista. No entanto, deixou bem claro que os resultados precisavam ser tanto rápidos quanto substanciais.

Ao examinar a considerável confusão do seu escritório, ocorreu a Reynolds que aquilo talvez simbolizasse a desorganização, alguns diriam disfunção, da sua vida pessoal.

Questões de importância de muitos casos em aberto podiam ser vistas estendidas em cima da sua mesa e da mesinha de reuniões, metidas à força nas prateleiras, empilhadas no chão e até mesmo no sofá onde dormia frequentemente, longe dos filhos.

Mas se não fosse a sua babá, que dormia em casa, e a filha adolescente da babá, Reynolds não sabia como poderia manter uma vida próxima à normalidade com os filhos. Rosemary, uma mulher maravilhosa da América Central que amava as crianças quase tanto quanto Reynolds e era fanática pela manutenção da casa limpa, pelo preparo das refeições e a lavagem das roupas, custava a Reynolds um quarto do seu salário bruto e valia cada centavo. Mas depois que o divórcio estivesse concluído seria muito difícil. E o ex de Reynolds não ia pagar pensão. Seu trabalho como fotógrafo de moda, embora lucrativo, vinha em rápidos períodos seguidos por longas fases de deliberada inatividade. Reynold teria sorte se não terminasse pagando pensão a ele. E pensão para os filhos dada por ele, mesmo que ela corresse atrás, era uma piada. O homem bem que podia ter "papai caloteiro" inscrito na testa.

Deu uma olhada no relógio. O laboratório do FBI estava trabalhando na fita de vídeo naquele exato momento. Tendo em vista que sua condição "especial" era desconhecida dentro do FBI a não ser por elementos muito selecionados, qualquer trabalho de laboratório necessário tinha de ser enviado sob um nome de caso e número de arquivo de fachada. Seria ótimo dispor de instalações de laboratório e técnicos à parte, mas isso acarretaria uma despesa enorme que simplesmente não figurava no orçamento do Bureau. Mesmo a elite dos combatentes de crimes precisa viver dentro dos recursos proporcionados pelo Tio Sam. Normalmente um agente de ligação na agência principal trabalhava com a equipe de Reynolds a fim de coordenar com ela os pedidos de trabalho de laboratório e as descobertas. Reynolds, contudo, não tinha tempo para os canais normais. Entregara pessoalmente a fita ao laboratório e, com a bênção de seus superiores, ela recebera uma prioridade altíssima.

Depois de estar com Anne Newman, foi para casa, abraçou carinhosamente por tanto tempo quanto pôde os filhos adormecidos, tomou banho, mudou de roupa e voltou direto para o trabalho. O tempo todo pensando na maldita fita. Como que em resposta a seus pensamentos, o telefone tocou.

– Sim? – É melhor você vir – disse o homem. – E é bom que saiba que não se trata de uma boa notícia.

Capítulo 13

FAITH ACORDOU COM UM SOBRESSALTO. DEU UMA OLHADA no relógio. Eram quase sete horas. Lee insistira para que descansasse um pouco, mas não esperara que fosse por tanto tempo. Sentou-se, sentindo a cabeça pesada. O corpo doía e quando girou as pernas para o lado da cama, sentiu-se um pouco enjoada. Ainda estava de tailleur, mas tinha tirado os sapatos e a meia-calça antes de deitar.

Levantou-se da cama, foi até o banheiro ao lado e se olhou no espelho.

– Meu Deus! – foi tudo quanto conseguiu dizer. O cabelo estava emaranhado, o rosto um terror, as roupas sujas e o cérebro como se contivesse cimento. Que modo mais agradável de começar o dia.

Abriu o chuveiro e voltou para o quarto para tirar a roupa. Tinha se despido e estava nua no meio do quarto quando Lee bateu na porta.

– Sim? – disse ela, ansiosa.

– Antes de você entrar no chuveiro, precisamos fazer uma coisa – disse ele do outro lado

da porta.

– É mesmo? – o tom estranho das palavras dele causou-lhe um arrepio na espinha.

Vestiu-se de novo rapidamente e ficou parada, tensa, no meio do quarto.

– Posso entrar? – ele pareceu impaciente. Ela adiantou-se e abriu uma fresta.

– O que é... -- Faith quase gritou quando o viu.

O homem que estava olhando para ela não era Lee Adams. Aquele sujeito tinha o cabelo úmido pintado de louro e cortado à escovinha, barba curta e bigode combinando, e usava óculos. Ao invés de azuis deslumbrantes, seus olhos eram castanhos. Ele sorriu quando viu a reação dela.

– Ótimo, passei na prova. -Lee? – Não podemos passar pelo FBI com as nossas caras.

Lee ergueu as mãos. Faith viu a tesoura e uma caixa de tinta para o cabelo.

– Cabelo curto é mais fácil de cuidar, e pessoalmente acho que é um mito essa história de que louras se divertem mais.

– Você vai querer que eu corte meu cabelo? E que depois o tinja? – Não, eu corto. E se quiser, eu também pinto.

– Não posso fazer isso.

– Vai ter que fazer.

– Sei que parece tolice nas atuais circunstâncias.

– Você tem razão, parece mesmo tolice nas atuais circunstâncias. O cabelo cresce de novo, mas quando você morre, está morta – disse ele, sem rodeios.

Faith começou a protestar mas se deu conta de que ele estava certo.

– Quanto curto? Ele inclinou a cabeça, examinando o cabelo dela sob diferentes ângulos.

– Que tal bem curtinho, tipo Joana d'Ark? De garotinho, mas bonitinho.

Faith o encarou fixamente.

– Maravilha. De garotinho, mas bonitinho – tudo o que ambicionei na vida com meia dúzia de tesouradas e um frasco de tintura para o cabelo.

Eles foram para o banheiro. Lee sentou-a no toalete e começou a cortar. Faith manteve os olhos fechados com força.

– Quer que eu pinte também? – perguntou ele quando terminou o corte.

– Por favor. Não sei se posso me olhar agora.

Levou algum tempo com a cabeça na pia, e o cheiro dos produtos químicos contidos na pintura era forte o bastante para revirar um estômago vazio, mas quando Faith conseguiu se olhar no espelho ficou agradavelmente surpresa. Não estava tão ruim quanto esperara. O formato de sua cabeça, agora mais revelado, era na verdade bonito. E a cor escura combinava bem com o tom da sua pele.

– Agora tome um banho – disse Lee. – A cor não vai sair. O secador está debaixo da pia. Vai encontrar roupas limpas em cima da cama.

Ela avaliou o corpanzil dele.

– Não uso o seu tamanho.

– Não precisa se preocupar. Dirijo uma estação de veraneio com todos os serviços à disposição dos hóspedes.

Trinta minutos mais tarde Faith saiu do quarto de calça jeans e camisa de flanela, jaqueta e botas de salto baixo que Lee deixara para ela. De costume de executiva poderosa a estudante universitária. Sentiu-se muitos anos mais jovem. O cabelo preto curto rodeava seu rosto, que ela

deixou sem pintura. A ideia era começar de novo sob todos os pontos de vista.

Lee estava sentado à mesa da cozinha. Ele estudou sua nova aparência.

– Está ótimo – disse, em tom de aprovação.

– Foi você que fez – ela reparou no cabelo úmido dele e um pensamento lhe passou pela cabeça. – Você tem outro banheiro? – Não, só esse. Tomei banho enquanto você dormia. Não usei o secador porque tive medo de acordar você. com o tempo vai ver que sou um tipo muito atencioso.

Ela recuou ligeiramente. Era arrepiante saber que ele tinha rondado por ali enquanto dormia na sua cama. De repente veio à sua cabeça a imagem de um Lee Adams maníaco, carregando uma tesoura, olhando maliciosamente para ela amarrada na cama, nua e indefesa.

– Meu Deus, eu devo realmente ter desmaiado – disse ela, tão casualmente quanto pôde.

– É verdade. Mas eu também dormi um pouco – ele continuou a estudar a aparência dela. – Sabe, você fica melhor sem pintura.

Faith sorriu.

– Suas mentiras são muito apreciadas – ela alisou a camisa.

– A propósito, você sempre tem roupas de mulher em casa? Lee calçou um par de meias e depois um tênis. Estava de jeans e camiseta branca, a camiseta muito esticada no peito. As veias nos bíceps e nos antebraços eram saltadas e na verdade Faith não tinha notado como seu pescoço era grosso. O torso dele estreitava-se acentuadamente na cintura, onde as calças ficavam ligeiramente frouxas, dando-lhe um formato em V. As coxas pareciam prontas para explodir através do brim. Ele a surpreendeu examinando-o, e Faith rapidamente desviou os olhos.

– Minha sobrinha Rachel – disse ele. – Ela estuda direito em Michigan. No ano passado trabalhou para uma firma de advogados e se hospedou aqui em casa, sem pagar nada. Só que ganhou mais dinheiro num verão que eu em um ano. Largou um pouco das coisas dela aqui. Por sorte, vocês são quase do mesmo tamanho. Ela provavelmente estará de volta no próximo verão.

– Diga a ela para ter cuidado. Esta cidade tem um jeito todo especial de destruir as pessoas.

– Não creio que ela venha a ter seus problemas. Quer ser juíza. Sem chance para criminosos.

Faith ficou ruborizada. Pegou uma caneca no escorredor da pia e serviu-se de café. Lee levantou-se.

– Olha, eu não devia ter dito isso. Desculpe.

– Na verdade eu mereço coisa pior.

– Ótimo. Mas prefiro deixar que os outros façam as honras. Faith serviu café para ele e sentou-se à mesa. Max entrou na cozinha e deu uma fochinha na mão de Faith. Ela sorriu e acariciou a cabeça larga do cachorro.

– Está resolvido o problema do Max? – Tudo resolvido – ele consultou o relógio. – O banco abre daqui a pouco. Vamos ter tempo só para arrumar as malas. Vamos pegar o dinheiro, tocar para o aeroporto, comprar as passagens e sumir.

– Posso telefonar e mandar arrumar a casa do aeroporto. Ou devo tentar daqui? – Não. Os registros das ligações podem ser consultados.

– Não pensei nisso.

– Vai ter que começar a pensar nessas coisas – ele tomou um gole de café. – Espero que

a casa esteja disponível.

– Vai estar. Acontece que sou a dona. Ou pelo menos a minha outra identidade é.

– É pequena? – Depende do que você chama de pequena. Acho que você vai considerar confortável.

– Sou fácil de contentar.

Lee carregou o café para o quarto e voltou poucos minutos depois usando uma suéter azul-marinho por cima da camiseta. O bigode e a barba haviam desaparecido e ele tinha um gorro na cabeça. Carregava um saquinho plástico.

– A evidência dos nossos disfarces – explicou.

– Sem disfarce? – A sra. Carter está acostumada com meus horários malucos, mas se eu bater lá a esta hora da manhã parecendo outra pessoa vai ser demais para ela. E não quero que ela seja capaz de me descrever para alguém mais tarde.

– Você é bom nesse tipo de coisa – comentou Faith. – O que é tranquilizador.

Ele chamou Max. O cachorro passou obedientemente da sala para a cozinha, esticou o corpo e sentou do lado de Lee.

– Se o telefone tocar, não atenda. E fique longe das janelas. Faith concordou, e logo ele e Max tinham saído. Ela pegou seu café e saiu andando pelo pequeno apartamento. Era uma mistura curiosa de um dormitório de faculdade abagunçado com a casa de uma pessoa mais madura. No que deveria ter sido a sala de jantar, Faith encontrou um ginásio. Nada de muito especial, ou caro, nem de máquinas de alta tecnologia, só halteres, o banco para exercícios e a armação onde ficavam os pesos. Num canto havia equipamento para treino de boxe, o saco oscilante para socos rápidos ao lado do saco grande para golpes mais fortes.

Luvas de boxe e para o trabalho com os pesos, ataduras para as mãos e toalhas tinham sido cuidadosamente arrumadas em cima de uma mesinha de madeira ao lado de uma caixa com um pó branco. Em outro canto havia uma bola de medicine bali.

Nas paredes viam-se algumas fotos de homens envergando o uniforme branco da Marinha. Faith reconheceu Lee com muita facilidade. Aos dezoito anos ele parecia muito com o que era hoje. O tempo, contudo, tinha curtido seu rosto, acrescentando rugas e ângulos que o tornaram mais atraente, até mesmo sedutor. Por que o envelhecimento era tão mais favorável aos homens que às mulheres? Havia fotos em preto e branco de Lee no ringue de boxe e uma delas com a mão erguida em sinal de vitória, uma medalha se destacando no peito largo. Sua expressão era calma, como se ele tivesse esperado vencer, ou melhor, como se não aceitasse a ideia de perder.

Faith deu um soco no saco pesado e na mesma hora a mão e o pulso latejaram de dor. Neste instante lembrou como as mãos de Lee eram grandes e grossas, os nós dos dedos parecendo uma cadeia de montanhas em miniatura. Um homem muito forte, determinado e durão. Um homem resistente, capaz de aguentar castigo físico. Só esperava que permanecesse a seu lado.

Ela entrou no quarto de dormir. Em cima da mesinha de cabeceira havia um telefone celular e ao lado dele um mecanismo portátil de alarme. Faith estava muito cansada na noite anterior para ter reparado naquilo. Gostaria de saber se ele dormia com a pistola debaixo do travesseiro. Seria apenas um caso de paranoia ou ele sabia de algo que o resto do mundo não sabia? Subitamente ocorreu-lhe: ele não teria medo de que fugisse? Voltou para o corredor. A

frente estava coberta, ele a veria se saísse por ali. Mas havia uma porta na cozinha que dava para uma saída de incêndio. Foi até a porta e tentou abri-la. Estava trancada. Trancada mesmo, do tipo que só se consegue abrir com uma chave, mesmo do lado de dentro. As janelas também tinham fechaduras e estavam igualmente trancadas. Faith ficou furiosa, mas na verdade estava presa numa armadilha desde muito tempo antes de Lee Adams aparecer em sua vida.

Continuou a examinar o apartamento. Sorriu ao ver a coleção de discos guardados em suas capas originais e um pôster emoldurado do filme *The Sting* – Golpe de Mestre. Duvidou que o homem tivesse um aparelho de som para CD ou mesmo TV a cabo. Abriu outra porta e entrou no quarto.

Começou a acender a luz e parou quando um barulho chamou sua atenção. Foi até a janela, abriu uma brecha nas persianas e deu uma espiada. Estava totalmente iluminado do lado de fora, embora o céu ainda estivesse cinza e sombrio. Não viu ninguém, mas isso não queria dizer nada. Podia estar cercada por um exército e jamais saberia.

Acendeu a luz e olhou em torno, surpresa. Uma escrivaninha, arquivos, um sofisticado sistema telefônico e prateleiras cheias de manuais a cercavam. Na parede havia grandes quadros com cartões de lembrete pregados com tachas e em cima da escrivaninha pastas cuidadosamente arrumadas, um calendário e os acessórios costumeiros.

Aparentemente a casa de Lee também lhe servia como local de trabalho.

Se era o escritório dele, talvez seu dossiê estivesse ali. Lee provavelmente ficaria fora por mais uns minutos. Ela começou a examinar cuidadosamente os papéis que estavam em cima da mesa. Depois passou para as gavetas e das gavetas foi para os armários. Lee era muito organizado e tinha um bocado de clientes – a maior parte firmas de advogados e empresas, a julgar pelas etiquetas das pastas. Advogados de defesa, presumiu Faith, já que a turma da promotoria tem sua tropa de detetives própria.

A campainha do telefone quase fez com que desse um pulo. Trêmula, aproximou-se do aparelho. A base tinha um visor de cristal líquido. Lee obviamente tinha um identificador de chamadas, porque o número da pessoa que estava ligando apareceu no visor. Era interurbano, com o código de área 215. Filadélfia, se não estava enganada. A voz de Lee foi ouvida, dizendo a quem tivesse chamado para deixar recado depois do bip. Quando a pessoa começou a falar, Faith gelou.

– Onde está Faith Lockhart? – perguntou a voz de Danny Buchanan. Danny parecia muito angustiado ao disparar mais perguntas: o que Lee tinha descoberto? Ele queria respostas e queria imediatamente. Buchanan deixou um número de telefone e desligou. Faith viu-se recuando para longe do telefone. Parou e ficou quieta, transfixada pelo que acabara de ouvir. Passou-se todo um minuto enquanto pensamentos de traição rodopiaram pela sua mente como confetes em um desfile de carnaval. Então ouviu um barulho nas suas costas e virou-se. O grito que soltou foi curto e agudo, deixando-a momentaneamente sem fôlego. Lee estava olhando para ela.

Capítulo 14

BUCHANAN OLHOU EM TORNO DE SI NO AEROPORTO APINHADO. TINHA corrido um risco ao telefonar diretamente para Lee, mas suas opções agora eram muito poucas. Enquanto seu olhar percorria a área, perguntou-se qual daquelas pessoas seria. A velha no canto,

com a bolsa grande e o cabelo preso num coque? Ela estava no voo de Buchanan. Um homem alto, de meia-idade, ficara andando de um lado para o outro enquanto Buchanan falava ao telefone. Ele também estava no voo da National. A verdade era que o pessoal de Thornhill podia estar em qualquer lugar, podia ser qualquer um. Era como ser atacado por gás dos nervos. Nunca se vê o inimigo. Uma sensação de enorme impotência apodourou-se de Buchanan.

O maior medo de Buchanan era que Thornhill tentasse envolver Faith no seu esquema, ou de repente, a considerasse um risco. Podia ter afastado Faith, mas jamais a abandonaria. Era por isso que contratara Adams para segui-la. À medida que o fim se aproximava, precisava se assegurar de que ela permanecia em segurança.

Buchanan tinha procurado na lista telefônica e usado a lógica mais simples que pudera imaginar. Lee Adams era o primeiro nome que aparecia em detetives particulares.

Buchanan quase deu uma gargalhada ao pensar agora no que fizera. Mas a verdade era que, diferentemente de Thornhill, ele não tinha um exército à sua disposição.

Por tudo quanto sabia, Adams não dera notícias porque estava morto.

Buchanan parou por um instante. Devia correr até o balcão, comprar uma passagem para o primeiro voo destinado a um lugar qualquer remoto e sumir? Fácil de fantasiar, mas difícil de executar. Visualizou a tentativa de fuga: o exército de Thornhill, até aqui invisível, subitamente se materializava e caía sobre ele, saindo das sombras, exibindo crachás com aparência oficial para quem quer que fosse atrevido o suficiente para intervir. Ai então seria levado para uma sala silenciosa nas entranhas do aeroporto de Filadélfia. Lá, Robert Thornhill o estaria esperando com o cachimbo, o colete e a arrogância de sempre. E perguntaria calmamente se Buchanan ia querer morrer naquele momento. Porque Thornhill certamente o ajudaria se quisesse. E Buchanan não teria absolutamente nada que responder.

Finalmente Danny Buchanan fez a única coisa que podia fazer. Deixou o aeroporto, entrou no carro que o esperava e foi ver seu amigo senador. A fim de colocar mais um prego no caixão do homem, com seu jeito sorridente e conciliatório, assim como o aparelho de surdez que estava usando, com ele parecia exatamente pele e foliculos pilosos e que era tão avançado que não seria descoberto pelo mais avançado dos detectores de metal. Uma van de vigilância o seguiria até seu destino e gravaria cada palavra dita por Buchanan e pelo senador.

Como medida de segurança, para o caso de haver alguma interferência na transmissão feita a partir do seu aparelho, a valise de Buchanan tinha um gravador de fita embutido. Uma ligeira torção na alça ativava o mecanismo. Também não era detectável nem mesmo pela segurança mais sofisticada de aeroporto. Thornhill realmente pensara em tudo. Maldito sujeito. Durante o trajeto, Buchanan reconfortou-se com uma fantasia delirantemente inspiradora envolvendo um Thornhill suplicante e quebrado, uma coleção de cobras venenosas, óleo fervente e um facão enferrujado.

Se ao menos os sonhos pudessem se transformar em realidade...

A pessoa sentada no aeroporto, de aspecto distinto, tinha por volta de trinta anos. Vestia um terno escuro e conservador e trabalhava com um laptop. Ou seja, absolutamente igual a mil outros viajantes comerciais que o cercavam. Parecia ocupado e concentrado, chegando a falar sozinho de vez em quando. Era o que parecia, para o transeunte casual. Podia ser um homem preparando um texto de vendas ou compilando um relatório de marketing. Na verdade, o que fazia era falar baixinho no microfone preso no laço da sua gravata. O que pareciam ser portas

para transmissão de dados na parte de trás do laptop na verdade eram sensores. Um era destinado a capturar sinais eletrônicos. O outro era um microfone especial que captava palavras e as colocava na tela. O primeiro sensor pegava com toda a facilidade o número do telefone para onde Buchanan acabara de ligar e automaticamente o transmitira para a tela. O sensor de voz tinha sofrido um pouco de interferência, mas também não era de espantar, com tantas conversas tendo lugar no aeroporto. O pouco que pegara, contudo, já tinha sido suficiente para deixar o homem todo animado.

As palavras "Onde está Faith Lockhart" olhavam para ele da tela do laptop.

O homem transferiu o número do telefone e outras informações para seus colegas em Washington. Em questão de segundos, um computador em Langley mostrava o nome do assinante e o endereço onde aquele número estava instalado. Em questão de minutos, um grupo muito experimentado de profissionais absolutamente leais a Thornhill – que estivera esperando aquela missão – foi despachado para o apartamento de Lee Adams.

As instruções de Thornhill eram simples. Se Faith Lockhart estivesse lá, o grupo deveria "terminar" com ela, segundo o jargão oficial da espionagem, dito de forma burocrática, como se Faith tivesse sido demitida e a ideia fosse apenas pedir para que recolhesse seus artigos pessoais e deixasse o prédio, em vez de meter uma bala na sua cabeça. Quem quer que estivesse com ela teria o mesmo destino. Pelo bem do país.

Capítulo 15

– VOCÊ QUASE ME MATA DE SUSTO. – FAITH NÃO CONSEGUIA PARAR de tremer.

Lee entrou e olhou em torno.

– O que está fazendo no meu escritório?

– Nada! Eu só estava circulando pela casa. Nem sabia que você tinha escritório aqui.

– Não sabia porque não precisava saber.

– Pensei ter ouvido um barulho do lado de fora da janela quando entrei.

– Você ouviu, mas não veio da janela – ele apontou para o batente da porta.

Faith reparou num pedaço retangular de plástico branco preso na madeira.

– É um sensor. Quem abrir a porta do escritório ativa o sensor e faz tocar meu bip – ele tirou o aparelho do bolso. – Se eu não tivesse sido obrigado a acalmar o Max lá embaixo na casa da sra. Carter, eu teria voltado muito antes.

Ele olhou feio para ela.

– Não gostei, Faith.

– Ei, eu só estava dando uma olhada, matando tempo.

– Interessante a escolha da palavra: "matando".

– Lee, eu não estou tramando contra você. Juro.

– Vamos terminar de arrumar as malas. Não queremos fazer com que os seus banqueiros esperem.

Faith evitou olhar de novo para o telefone. Lee não podia ter ouvido a mensagem. Ele tinha sido contratado por Buchanan para segui-la. Teria matado o agente na noite passada? Quando embarcassem no avião, será que ia dar um jeito de empurrá-la para fora quando estivessem a trinta mil pés para cair na gargalhada quando a visse mergulhando aos berros por entre as nuvens? Mas ele podia tê-la matado em qualquer instante desde a noite passada até agora. Deixá-la morta no chalé teria sido muito fácil. Mas neste instante ela se deu conta de que teria sido muito fácil a menos que Danny quisesse saber o quanto ela contara ao FBI. Isso explicaria porque ainda estava viva. E também por que Lee estava tão ansioso por fazê-la falar. Depois que falasse, ele a mataria. E agora lá iam eles juntos num avião até uma casa de praia em uma ilha da Carolina do Norte que estaria praticamente deserta àquela altura do ano. Ela saiu lentamente da sala, uma mulher condenada à morte a caminho da execução.

Vinte minutos mais tarde Faith fechou a maleta, passou a tira da bolsa pela cabeça e a ajeitou sobre o ombro. Lee entrou no quarto. Pusera de volta o bigode e a barba, e o boné tinha desaparecido. Na mão direita tinha a pistola, duas caixas de munição e o coldre de cinto.

Faith ficou olhando enquanto ele descarregava aquilo tudo em um recipiente especial feito de um material duro.

– É proibido entrar com arma no avião – disse ela.

– Você está brincando? Quando foi que teve início essa proibição? – ele fechou o recipiente e o trancou, guardando as chaves no bolso antes de olhar para ela. – Você pode levar a arma para o avião se a mostrar quando se apresentar no balcão e preencher um formulário. Eles verificam se está descarregada e dentro de um recipiente do modelo aprovado.

Ele bateu com os nós dos dedos no recipiente de alumínio e continuou.

– Que é este aqui. Além disso, verificam se a quantidade de munição não ultrapassa cem tiros e se está na embalagem original do fabricante ou uma outra aprovada pela FAA. E, mais uma vez, estou dentro das regras. Ai então colocam uma etiqueta especial na mala e ela vai para o compartimento de carga, onde seria muito difícil para mim pegá-la, se por acaso eu estivesse pensando em sequestrar o avião, concorda? – Muito obrigada pela explicação – disse Faith, laconicamente.

– Eu não sou uma droga de um amor – disse ele, irritado.

– Eu nunca disse que era.

– Nunca.

– Tudo bem, me desculpa – ela hesitou, desejando intensamente estabelecer uma trégua, por inúmeras razões, das quais sua sobrevivência com certeza era a principal.

– Você me faria um favor? Ele dirigiu-lhe um olhar desconfiado.

– Chame-me de Faith.

A campainha da porta assustou os dois. Lee consultou o relógio.

– Um pouco cedo para visitas.

Faith observou assombrada as mãos dele se movendo como uma máquina. Em vinte segundos a pistola estava fora da maleta e carregada. Ele pôs a maleta e as caixas de munição na pequena valise de viagem e passou-a por cima do ombro.

– Pegue sua mala.

– Quem você pensa que é? – Faith sentiu o sangue latejando nos ouvidos.

– Vamos descobrir.

Eles passaram silenciosamente para o corredor e Faith o seguiu até a porta da frente.

Ele examinou a tela do monitor de tevê. Ambos viram o homem de pé na varanda da frente do prédio, com uns pacotes nos braços. Enquanto olhavam, ele tocou a campainha mais uma vez.

– É só o homem da UPS – disse Faith, soltando um suspiro de alívio.

Lee não tirou os olhos da tela.

– É mesmo? Ele acionou um botão na tela que obviamente deslocou a câmera, pois Faith viu-se olhando para a rua que ficava na frente do prédio. Algo que devia estar lá não estava.

– Onde está o caminhão dele? – perguntou Faith, o medo retornando abruptamente.

– Excelente pergunta. E há também o fato de que eu conheço muito bem o cara da UPS que faz esta rota, e esse aí não é ele.

– Talvez esteja de férias.

– Na verdade ele acaba de voltar de uma semana nas ilhas com sua nova noiva. E nunca vem a esta hora da manhã. O que significa que temos um grande problema.

– Talvez possamos sair por trás.

– É, tenho certeza de que eles se esqueceram de vigiar a parte de trás.

– Só tem esse homem.

– Não, este aí é o único que podemos ver. Ficou com a parte da frente. Eles provavelmente querem nos obrigar a sair pelos fundos para cair direto nos seus braços.

– Quer dizer então que estamos presos numa armadilha – ela conseguiu murmurar.

A campainha tocou de novo, e Lee levantou o dedo para acionar o botão do interfone.

Faith segurou a mão dele.

– O que diabos pensa que está fazendo? – Quero ver o que ele quer. Ele vai dizer UPS e vou deixar que entre.

– Você vai deixar que entre – repetiu Faith, abestalhada. Deu uma olhada na pistola de Lee. – Para depois iniciar um tiroteio dentro do apartamento? Lee fechou a cara.

– Quando eu disser para que você corra, saia ventando como se um tiranossauro estivesse bafejando na sua nuca.

– Correr? Correr para onde? – Basta que me siga. E chega de perguntas.

Lee acionou o botão do interfone, o homem identificou-se e ele liberou o trinco da porta. Quase na mesma hora ativou o sistema de alarme do apartamento, abriu rapidamente a porta da frente, agarrou Faith pelo braço e puxou-a para o corredor. Havia uma porta sem número do outro lado do apartamento. Enquanto ela ouvia os passos do homem da UPS ecoando lá embaixo, Lee já tinha destrancado esta porta. Em um instante eles entraram e, em silêncio, ele a fechou e trancou por dentro. O lugar era muito escuro, mas obviamente ele sabia como se movimentar ali e levou-a para os fundos, através de outra porta que se abriu naquilo que parecia um quarto, pelo pouco que Faith conseguiu ver.

Lee abriu outra porta dentro do quarto e fez um sinal para que Faith se adiantasse. Ela entrou e quase que imediatamente sentiu uma parede contra o seu corpo. Quando Lee juntou-se a ela, ficou muito apertado, como se estivessem em uma cabine telefônica. Ele fechou a porta e a escuridão ficou ainda mais densa, muito mais negra que qualquer experiência que Faith tivesse tido antes.

Ele a assustou quando falou, seu hálito fazendo cócegas na orelha dela.

– Bem na sua frente tem uma escada. Aqui estão os degraus. Lee pegou a mão dela e guiou-a até que seus dedos tocaram nos degraus. Ele continuou murmurando.

– Passe-me a sua maleta e comece a subir. Vá devagar. Neste instante troco velocidade por silêncio. Estarei logo atrás de você. Quando chegar lá em cima, pare. Daí em diante passa a ser por minha conta.

Ao dar início à subida, Faith começou a ter um severo ataque de claustrofobia. E, por estar desorientada, começou a se sentir enjoada. Bonita hora para perder o que tinha no estômago, por menor quantidade que fosse.

Faith moveu pés e mãos lentamente ao subir, mas logo ganhou confiança e começou a ganhar ritmo, o que foi um erro, porque pisou no vazio, escorregou e bateu dolorosamente com o queixo em um dos degraus. Mas o braço forte de Lee envolveu-a na mesma hora. Faith precisou de um momento para se firmar e, tentando ignorar a dor no queixo, continuou subindo até que sua cabeça encostou no teto e ela parou.

Lee ainda estava no degrau logo abaixo. Aí, de repente, passou para o mesmo degrau de Faith, as pernas uma de cada lado das suas, que ficaram presas entre as dele.

Ele apoiou o corpo no dela com força cada vez maior, e Faith não tinha a menor ideia do que tentava fazer. Estava ficando doloroso respirar com o peito comprimido com tanta força contra os degraus da escada. Por um momento terrível veio-lhe à cabeça que ele talvez a tivesse atraído ali para estuprá-la. De repente um clarão de luz muito intensa veio de cima e ele se afastou. Faith olhou para cima, piscando. A visão do céu azul foi tão maravilhosa depois do terror da escuridão que ela teve vontade de gritar de alívio.

– Suba e siga pelo telhado, mas mantenha-se abaixada. Tão abaixada quanto puder – Lee

murmurou apressadamente no seu ouvido.

Ela fez o que ele disse, dobrando o corpo na cintura e olhando em torno. O telhado do prédio velho era plano, com uma base de asfalto e brita. Unidades de aquecimento antigas e volumosas e máquinas de ar-condicionado mais novas pontilhavam o telhado em vários lugares. Eram excelentes esconderijos, e Faith agachou-se debaixo do mais próximo.

Lee ainda estava na escada. Ouviu com atenção e verificou o relógio. O sujeito que fingia ser entregador de encomendas devia estar diante da porta naquele instante.

la tocar a campainha e esperar que Lee atendesse. Tinham trinta segundos no máximo até que ele percebesse que ninguém ia abrir a porta. Seria legal ter um pouco mais de tempo e também um meio de atrair as outras forças que Lee sabia estarem lá embaixo. Ele pegou o celular no bolso e acionou um botão da memória.

Quando a pessoa atendeu, Lee disse: – Sra. Carter, aqui é Lee Adams. Olha só, eu queria que a senhora soltasse o Max no corredor. Agora. Certo, sei que acabei de deixá-lo aí. Ele vai subir direto para o meu apartamento. É o que quero. Eu, bem, esqueci de aplicar uma injeção nele. Por favor, depressa. Preciso realmente dar o fora daqui.

Lee guardou o telefone no bolso, empurrou as malas para cima e para fora e depois alçou o corpo pela abertura e fechou a tampa. Examinou o telhado e localizou Faith.

Agarrando as malas, foi para junto dela.

– OK, temos um pouco de tempo.

Lá embaixo ouviram um cachorro começar a latir muito alto, e Lee sorriu.

– Siga-me.

Mantendo-se agachados, eles se adiantaram até a beira do telhado. O prédio ao lado do de Lee era um pouco menor, de modo que o telhado ficava mais ou menos um metro e meio mais baixo. Lee fez um gesto para que Faith pegasse suas mãos. Então ele abaixou-a por cima da beirada, segurando com força até que seus pés tocaram o telhado do outro prédio. Assim que juntou-se a ela, ouviram gritos vindos do prédio de Lee.

– OK, eles completaram o assalto. Agora vão passar pela porta, o que desencadeará o alarme. Não tenho uma opção indicando que me telefonem para se certificar do alarme, portanto não haverá demora para mandarem a polícia. Daqui a uns minutos tudo será uma tremenda confusão.

– E o que fazemos nesse meio-tempo? – perguntou Faith.

– Mais três prédios e depois descemos pela saída de incêndio.

Cinco minutos depois estavam correndo numa viela, de onde saíram para uma rua tranquila de subúrbio, que tinha nos dois lados prédios de apartamentos baixos. Em ambos os lados, filas contínuas de carros estacionados. Ao fundo, Faith ouviu o barulho de uma bola de tênis sendo jogada. Dava para perceber que havia uma quadra de tênis cercada por diversos pinheiros altos em um parque na frente dos edifícios.

Lee examinou os carros estacionados e em seguida saiu correndo por entre a área do parque e se abaixou. Ao se levantar, tinha uma bola de tênis na mão – uma das muitas que caíam por ali em anos de uso da quadra. Ele voltou para junto de Faith, fazendo um buraco na bola com o canivete.

– O que é que você está fazendo? – Vá até a calçada e saia andando o mais calmamente que puder. E mantenha os olhos bem abertos.

– Lee...

– Vamos, Faith! Ela virou-se e saiu andando pela calçada na mesma direção que ele, que seguia pelo outro lado dos carros, examinando um por um. Finalmente parou diante de um modelo novo de alto luxo.

– Tem alguém nos observando? Faith sacudiu a cabeça.

Ele aproximou-se do carro e segurou a bola de tênis com o buraco que fizera contra o buraco da fechadura. Ela fitou-o como se ele estivesse louco.

– O que é que você está fazendo? Em resposta, Lee deu um soco na bola de tênis, expulsando todo o ar da bola e fazendo com que entrasse na fechadura. Para assombro de Faith, os quatro pinos das portas saltaram, abertos.

– Como você fez isso? – Entre.

Lee esgueirou-se para dentro do carro, e Faith fez o mesmo. Ele meteu a cabeça embaixo da coluna de direção e encontrou os fios de que precisava.

– Não se pode fazer ligação direta nesses carros novos. A tecnologia...

Faith parou de falar quando o carro pegou. Lee sentou direito, engrenou o carro e afastou-se do meio-fio. Só então olhou para Faith.

– O que foi? – Tudo bem, mas como é que você fez aquela bola de tênis destrancar o carro? – Tenho meus segredos profissionais.

Enquanto Lee aguardava no carro vigiando atentamente, Faith entrou no banco, explicou o que queria ao subgerente e conseguiu assinar o nome, tudo sem cair desmaiada.

Calma, garota, um passo de cada vez. Por sorte, ela conhecia o homem.

Ele examinou com um olhar de curiosidade a nova aparência dela.

– Crise da meia-idade – disse ela, respondendo ao seu olhar.

– Decidi experimentar uma aparência jovem, mais moderna.

– Ficou excelente, sita. Lockhart – disse ele, galanteador. Ela o observou, atentamente quando ele pegou sua chave e a inseriu, junto com a duplicata pertencente ao banco, na fechadura. Depois que puxou o cofre, os dois saíram da casa-forte. Então ele colocou o cofre na cabine em frente, destinada aos locadores. Faith ficou observando-o enquanto se afastava.

Seria um deles? Ia sair dali para chamar a polícia ou o FBI ou quem quer que estivesse por ali a matar gente? Mas em vez disso sentou-se à sua mesa abriu uma embalagem branca, extraiu um donut glacado e deu início à tarefa de devorá-lo.

Satisfeita por ora, Faith fechou e trancou a porta. Abriu a caixa de metal e contemplou o conteúdo por um momento. Depois derramou tudo dentro da bolsa e fechou a caixa. O rapaz guardou-a de novo na casa-forte, enquanto Faith saía caminhando tão calmamente quanto pôde.

Outra vez no carro, Faith e Lee rumaram para a Interstate, de onde saíram na G-W Parkway e seguiram para o sul no Reagan National Airport. Seguindo na direção contrária ao fluxo do tráfego da manhã, eles fizeram um bom tempo.

Faith olhou para Lee, que conservava os olhos fixos em frente, perdido em seus pensamentos.

– Você realmente se saiu muito bem lá na sua casa – disse ela.

– Na verdade nós escapamos com uma margem de segurança muito menor do que eu gostaria – ele fez uma pausa e sacudiu a cabeça. – Realmente fiquei preocupado com o Max, por mais idiota que isso possa parecer nas atuais circunstâncias.

- Não acho estúpido.
 - Max e eu estamos juntos há muito tempo. Há anos que somos só eu e ele.
 - Duvido que tenham feito qualquer coisa com ele, com tanta gente por perto.
 - É, é o que qualquer um pensaria, não é mesmo? Mas a verdade é que se eles matam homens, um cachorro não tem a menor chance.
 - Sinto muito que você tenha sido obrigado a fazer isso por minha causa.
- Ele sentou direito.
- Bem, um cachorro ainda é só um cachorro, Faith. E temos outras coisas com que nos preocupar, não temos? Faith viu-se balançando a cabeça afirmativamente.
 - Temos.
 - Acho que o meu truque do imã não funcionou. Devem ter me identificado através do vídeo. Mesmo assim, foi incrivelmente rápido – ele sacudiu a cabeça num misto de admiração e medo. – Assustadoramente rápido.
- Ela desanimou. Se Lee estava assustado, como deveria estar se sentindo? – Não é muito encorajador, é? – Eu podia estar um pouco melhor preparado se você me contasse o que está acontecendo.
- Depois da demonstração de heroísmo do homem, Faith descobriu que queria confiar nele. Mas aí o telefonema de Buchanan voltou à sua memória e ecoou nos seus ouvidos como os tiros da noite passada.
- Quando chegarmos à Carolina do Norte, você vai saber de tudo. As versões dos dois lados.

Capítulo 16

THORNHILL DESLIGOU O TELEFONE E OLHOU EM TORNO do seu escritório, uma expressão perturbada no rosto. Seus homens tinham encontrado o refúgio vazio, e um deles inclusive fora mordido por um cão. Tinha havido relatos de um homem e uma mulher correndo pela rua. Isso tudo era um pouco demais. Thornhill era uma pessoa paciente, acostumado a trabalhar em projetos que se estendiam por anos a fio, mas, ainda assim, havia limites para sua tolerância. Seus homens tinham ouvido o recado que Buchanan deixara na secretária eletrônica de Lee. Tiraram a fita e tocaram para Thornhill escutar na sua linha telefônica segura.

- Então você contratou um investigador particular, Danny murmurou Thornhill, falando sozinho. - Vai pagar por essa – ele balançou a cabeça pensativamente. - vou fazer com que pague. A polícia respondera ao alarme, mas quando os homens de Thornhill exibiram identidades com aspecto oficial, recuou rapidamente. Legalmente a CIA não tem autoridade para operar no interior dos Estados Unidos. Por isso, a equipe de Thornhill carregava rotineiramente diversos tipos de identificação e selecionava a que ia mostrar dependendo de quem se defrontasse com eles.

Os policiais tinham sido mandados embora com instruções de enterrar o mais profundamente que pudessem tudo o que tinham visto. Ainda assim, Thornhill não gostou.

Tudo aquilo estava perto demais do limite do aceitável. Havia falhas por toda parte, várias chances dos outros ganharem vantagem sobre ele.

Foi até a janela e deu uma olhada lá fora. Era um belo dia de outono, com as cores das

folhas começando a mudar. Enquanto contemplava a agradável visão da folhagem encheu o cachimbo, mas lamentavelmente era só o que podia fazer. Era proibido fumar no quartel-general da CIA. O escritório do vice-diretor tinha uma sacada onde Thornhill podia se sentar e fumar, mas não era a mesma coisa. Durante a Guerra Fria os escritórios da CIA eram mais nublados que saunas a vapor. Thornhill acreditava que o tabaco ajuda a pensar. Era uma coisa menor, mas assim mesmo simbolizava tudo o que acontecera de errado com aquele lugar.

Na opinião de Thornhill, a queda da CIA se acelerara em 4 com a debacle de Aldrich Ames. Thornhill ainda estremece toda vez que pensava no antigo agente de contra-inteligência da CIA sendo preso por espionar para os soviéticos e depois para os russos. E, como o destino não falha, fora o FBI quem descobriu o caso. Depois disso, o presidente ordenara que um agente do FBI fosse feito empregado permanente da CIA e, daí em diante, esse agente do FBI passou a supervisionar os esforços de contra-espionagem da agência e tinha acesso a todos os arquivos da CIA. Um agente do FBI nas instalações da CIA! Metendo o nariz em todos os segredos da Agência! Não querendo ser ultrapassado pelo Poder Executivo, os idiotas do Congresso promulgaram uma lei determinando que todas as agências do governo, inclusive a CIA, notificassem ao FBI quando quer que houvesse indícios de que informações secretas pudessem estar sendo impropriamente dadas ao conhecimento de potências estrangeiras. O resultado: a CIA ficava com o ônus e o FBI com o bônus. Thornhill ficou furioso. Era uma usurpação direta da missão da CIA.

A raiva de Thornhill foi crescendo. A CIA não podia mais sequer exercer vigilância ou grampear telefones. Se desconfiasse de alguém, tinha que ir ao FBI e requerer vigilância, eletrônica ou não. Se fosse desejada a vigilância eletrônica do FBI teria que ir à FISC, a Foreign Intelligence Surveillance Court, e obter autorização.

A CIA nem sequer podia se aproximar da FISC por conta própria. Tudo tinha que ser feito pelas mãos do Big Brother. Tudo se acumulava em favor do FBI.

Os pensamentos de Thornhill entraram em parafuso quando lembrou que as limitações da CIA não eram apenas domésticas; a Agência tinha que conseguir autorização do presidente antes de dar início a qualquer operação secreta no exterior. As comissões de supervisão do Congresso precisavam ser informadas dessas operações em tempo hábil. E com o mundo da espionagem tornando-se cada vez mais e mais complicado, a CIA e o FBI viam-se continuamente se esbarrando por causa de querelas jurisdicionais, emprego de testemunhas ou informantes e coisas do gênero. Embora fosse supostamente uma agência doméstica, o FBI, em realidade, fazia um volume considerável de trabalho no exterior, onde se concentrava em operações antiterrorismo e antidroga, inclusive coleta e análise de informações.

Mais uma vez invadindo direto o território da CIA.

Era de admirar que Thornhill odiasse seus equivalentes federais? Os filhos-da-mãe estavam por toda a parte, como um câncer. E para enterrar ainda mais o prego no caixão da CIA, um antigo agente do FBI chefiava agora o Centro para Segurança da CIA, que conduzia verificações internas em todos os empregados e candidatos a empregados da Agência. E todos os funcionários da CIA tinham que entregar um relatório financeiro anual que era extremamente exaustivo em suas exigências.

Antes que tivesse um ataque por continuar pensando naquele assunto tão sensível, Thornhill forçou a atenção a concentrar-se em outros temas. Se Buchanan tinha contratado

aquele detetive particular para seguir Faith Lockhart, era bem possível que tivesse sido ele o homem que estava no chalé na noite anterior e que tinha baleado Serov.

O tiro que o acertara causara dano permanente ao nervo do braço, e Thornhill ordenara que o russo fosse sacrificado. Um pistoleiro de aluguel que não podia mais empunhar uma arma com firmeza ia procurar outros meios de fazer dinheiro e representaria uma ameaça. A culpa tinha sido do próprio Serov, e se havia uma coisa que Thornhill exigia das pessoas que trabalhavam para ele era que respondessem pelos seus atos.

Esse tal de Lee Adams então agora estava envolvido no caso, pensou Thornhill. Ele já tinha ordenado uma busca completa de informações sobre o homem. Nestes tempos de arquivos computadorizados, teria um dossiê completo em meia hora, ou menos. Thornhill já estava com o arquivo de Lee sobre Faith Lockhart, que seus homens pegaram no apartamento dele. As anotações demonstravam que o homem era meticuloso e dono de uma abordagem lógica em sua investigação. O que tanto era bom quanto ruim para os objetivos de Thornhill. Adams também passara a perna nos homens de Thornhill, o que não era fácil. O lado bom era que, se ele fosse mesmo um homem lógico, seria sensível a uma oferta razoável, ou seja, uma oferta que permitisse que continuasse vivendo.

Presumivelmente Adams também fugira do chalé com Faith Lockhart e não tinha informado Buchanan, motivo pelo qual este deixara aquela mensagem na secretária eletrônica.

Buchanan obviamente não tinha conhecimento do que acontecera na noite anterior e Thornhill faria tudo o que pudesse para que esse estado de coisas prosseguisse.

Como fugiriam? De trem? Thornhill duvidava. Trens são lerdos. E não se pode tomar um trem para o além-mar. Agora, um trem para ir até um aeroporto era uma possibilidade fascinante. Ou um táxi. Hipótese esta que certamente parecia a mais provável.

Thornhill recostou-se na cadeira quando uma assistente entrou com os arquivos que ele requisitara. Embora tudo na CIA já fosse computadorizado, Thornhill ainda gostava de sentir o papel nas mãos. Podia pensar muito mais claramente com papel do que conservando os olhos fixos na tela de um monitor.

Assim todos os pontos costumeiros tinham sido cobertos. E os não-costumeiros? Levando em conta o fato de Adams dispor dos recursos de um investigador profissional, ele e Lockhart podiam muito bem estar fugindo sob falsas identidades, até mesmo disfarçados. Thornhill tinha homens em todos os três aeroportos e estações ferroviárias.

O que, sem dúvida, era algo bem limitado. Os dois podiam perfeitamente alugar um carro e ir para Nova York, onde pegariam o avião. Ou podiam seguir para o sul e fazer a mesma coisa. Certamente que se tratava de nada muito difícil.

Thornhill odiava esse tipo de caçadas. Havia um número demasiado grande de lugares para servir de esconderijo, e ele dispunha de efetivo limitado para aquelas suas atividades "extracurriculares". Pelo menos, ele tinha a vantagem de operar de forma mais ou menos autônoma. Do diretor da CIA para baixo, ninguém realmente o questionava quanto ao que estava a fim de fazer. Ou, se isso acontecia, era capaz de tirar de letra qualquer indagação. Conseguia resultados que fazia com que todos parecessem apenas bons, e esta era sua maior arma.

Seria muito melhor atrair os fugitivos, trazê-los para perto, o que certamente era possível com a isca certa. Só precisava descobrir qual seria essa isca, e isso demandava um pouco mais de raciocínio. Lockhart não tinha família, nem pais idosos ou filhos crianças. Ainda não sabia o

bastante sobre o tal Lee Adams, mas logo saberia. Se ele tinha acabado de se associar a Faith Lockhart, não ia querer sacrificar tudo por ela. Ainda não. com tudo o mais em igualdade de condições, a atenção devia ficar em cima de Adams. E tinham um elo de comunicação com ele por saberem onde morava. Se precisassem lhe enviar uma mensagem discreta, poderiam.

Os pensamentos de Thornhill se voltaram para Buchanan. Naquele momento ele estava na Filadélfia, tratando com um senador importante para conseguir um modo de melhorar a vida de um dos clientes de Buchanan. Thornhill mantinha esse senador empenhado em tantas atividades ilícitas que poderia literalmente destruí-lo e fazer com que suplicasse por sua vida miserável. Sempre fora um chato, prejudicando a CIA com ninharias, do alto da sua posição importante na Comissão de Orçamento. A vingança seria extremamente gratificante.

Thornhill imaginava-se entrando em todos os gabinetes daqueles políticos importantes para lhes mostrar tudo: os vídeos, as fitas de áudio, os documentos. Deles tramando com Buchanan seus pequenos conluios, os detalhes dos futuros pagamentos, a ânsia que demonstravam para cumprir as ordens de Buchanan em troca de todo aquele dinheiro.

Como pareciam gananciosos! Meu prezado senador, será que você se incomodaria de lamber minhas botas, seu chorão, seu pulha, que nem deveria ser considerado um ser humano? E depois fará exatamente o que eu disser, nem mais nem menos. Se não quiser que eu o esmague debaixo dos meus pés mais depressa do que você seria capaz de dizer "vote em mim".

Claro que Thornhill nunca diria essas coisas. Aqueles homens exigiam respeito, mesmo que não merecessem. Ele lhes diria que Danny Buchanan desaparecera e deixara aquelas fitas. Não estava bem certo do que devia fazer com elas, mas ao que parece, sendo provas de crimes, deveriam ser entregues ao FBI. Parecia ser uma coisa horrível de se fazer, aqueles homens decentes e honestos não poderiam ser culpados daquele tipo de coisa, mas uma vez que o FBI começasse no seu frenesi investigatório, todos sabiam onde tudo ia terminar: na cadeia. E em que isto ajudaria o país? O mundo riria de nós. Os terroristas se sentiriam encorajados, diante de um inimigo tão fraco. E os recursos eram tão escassos... Ora, a própria CIA tinha uma enorme deficiência de efetivo e de recursos financeiros, e suas responsabilidades haviam sido injustamente diminuídas. Agora, será que vocês, homens decentes e honestos, poderiam fazer algo para modificar este quadro? E será que poderiam fazê-lo à custa do FBI, o órgão que, por acaso, estava louco para meter as mãos naquelas provas para destruir vocês? Começando por fazer com que eles não nos persigam mais? Nós lhes agradecemos muito, honrados líderes populares. Sabíamos que haveriam de nos compreender.

O primeiro passo no grande plano de Thornhill seria fazer com que seus novos aliados encontrassem um modo de remover por completo a presença do FBI na Agência.

A seguir, o orçamento de operações da CIA seria aumentado em 50%. Para começar. No próximo ano fiscal ia tratar do assunto com seriedade. No futuro, a CIA só ia se reportar a uma comissão única em vez de, como acontecia agora, ter de se defrontar com comissões separadas da Câmara de Deputados e do Senado. Era muito mais fácil cooptar uma comissão só. Depois a hierarquia das agências do governo encarregadas de coletar inteligência precisava ser definida de uma vez por todas. E o diretor da Agência Central de Inteligência se sentiria bem no topo dessa pirâmide. O FBI ficaria numa posição tão baixa no poste totêmico do poder quanto Thornhill seria capaz de colocá-lo. E as ferramentas da CIA seriam consideravelmente fortalecidas. Vigilância em território nacional, sustentar e armar em segredo grupos revoltosos

para derrubar inimigos dos Estados Unidos, e até mesmo assassinato seletivo, todas essas coisas voltariam às mãos da CIA como armas passíveis de serem usados por ele e seus colegas. Naquele exato momento, Thornhill era capaz de citar cinco chefes de estado cujas mortes imediatas tornariam o mundo um lugar melhor, mais seguro e mais humano. Estava na hora de tirar as algemas dos melhores e mais inteligentes e deixar que cumprissem de novo com suas obrigações. Meu Deus, como estava perto de conseguir isso! – Continue com seu excelente trabalho, Danny – disse Thornhill em voz alta. – Sirva a dose completa, até o fim. São todos homens bons. Vamos deixar que quase sintam o gosto da vitória antes que eu acabe com suas vidas.

A expressão do rosto amargurada, deu uma olhada no relógio e se levantou. Thornhill era um homem que detestava a imprensa. Nunca tinha concedido uma única entrevista em todo o seu tempo de Agência. Mas tendo em vista a posição que ocupava agora, ocasionalmente precisava enfrentar outro tipo de aparição, que, por sinal, detestava da mesma forma: depor diante das comissões de inteligência do Senado e da Câmara a respeito de assuntos envolvendo a Agência.

Nesses tempos "esclarecidos", o pessoal da CIA apresentava mais de mil relatórios substantivos ao Congresso no decurso de um ano. A mesma coisa para operações secretas.

Thornhill passava com facilidade por essas sessões – bastava se concentrar na facilidade com que era capaz de manipular os idiotas que deviam estar supervisionando sua agência. com expressões presunçosas, faziam-lhe perguntas formuladas pelos seus diligentes assessores, os quais sabiam muito mais sobre assuntos de inteligência do que os representantes para quem trabalhavam. Pelo menos a audiência seria realizada numa sala fechada, sem autorização para presença de público ou da imprensa.

Para Thornhill os direitos expressos na Primeira Emenda para a imprensa livre tinham sido o maior erro dos Pais Fundadores. Era preciso ter todo o cuidado quando se estava por perto dos escribas.

eles procuravam se aproveitar de cada vantagem que descobrissem, qualquer chance de colocarem essas ou aquelas palavras na sua boca, pegar você numa armadilha, fazer com que a Agência ficasse mal. Magoava profundamente Thornhill que ninguém, ao que parecia, confiasse na CIA. Mesmo que todos seus integrantes mentissem – afinal, fazia parte do seu trabalho.

Na cabeça de Thornhill, a CIA era claramente o bode expiatório favorito do Congresso. Os parlamentares adoravam fazer cara feia para a organização super-secreta.

Fazia sucesso nas bases eleitorais: FAZENDEIRO-TRANSFORMADO-EM-CONGRESSISTA-ASSUSTA OS FANTASMAS. A esta altura, Thornhill era capaz de escrever sozinho as manchetes.

No entanto, a audiência de hoje prometia ser positiva porque a Agência acertara em cheio algumas jogadas de relações públicas nas últimas negociações de paz no Oriente Médio. Na verdade, graças em grande parte ao trabalho nos bastidores de Thornhill, a Agência tinha conseguido apresentar uma imagem mais benigna e honesta, imagem esta que ele ia procurar reforçar agora.

Thornhill fechou a valise e pôs o cachimbo no bolso. Agora toca a mentir para um bando de mentirosos: os dois lados sabem disso, mas ambos saem ganhando. Só mesmo nos Estados Unidos.

Capítulo 17

– SENADOR – DISSE BUCHANAN, APERTANDO A MÃO DO CAVALHEIRO alto e de aparência elegante. O senador Harvey Milstead era um líder, porém com altos padrões morais e vigorosos instintos políticos, que sempre tinha uma visão judiciosa dos problemas. Um verdadeiro estadista, segundo a percepção geral. Mas na verdade tratava-se de um conquistador de primeira ordem e que era viciado em tomar analgésicos por conta de uma dor crônica nas costas, analgésicos esses que às vezes o deixavam incoerente.

Tinha também um problema de bebida que vinha se agravando cada vez mais. Fazia anos desde que encaminhara um projeto de lei significativo de sua autoria, embora nos bons tempos tivesse ajudado a promulgar leis das quais todo cidadão americano agora se beneficiava. Nos dias de hoje os discursos que pronunciava eram ininteligíveis, mas falava com tamanha autoridade que ninguém se dava ao trabalho de verificar o que dizia. Além do mais, a imprensa adorava aquele sujeito encantador, dono de maneiras tão delicadas, e graças a tudo isso ele conseguia manter-se numa posição de liderança muito poderosa. Também sabia alimentar a máquina da mídia com um fluxo de "vazamentos" apropriadamente oportunos e interessantes, e nunca era demais citá-lo. Todos o amavam, Buchanan sabia. Como poderiam não amá-lo? São quinhentos e trinta e cinco os membros do Congresso cem senadores, mais os deputados. Bem acima de três quartos desse total, estimava Buchanan talvez um tanto generosamente, eram decentes e trabalhadores, homens e mulheres que acreditavam fortemente no que faziam em Washington e pelo povo. Buchanan os classificava, coletivamente, como os "Crentes".

Buchanan mantinha-se longe dos Crentes. Estabelecer contato com aquela gente só lhe serviria para ser mandado depressa para a cadeia.

O resto das lideranças de Washington se compunha de gente como Harvey Milstead. A maioria não era de bêbados ou conquistadores ou pessoas inteiramente vazias, mas, por vários motivos, estava pronta para ser manipulada, eram alvos fáceis para as iscas que Buchanan ia distribuindo com generosidade.

Havia dois grupos que Buchanan tinha recrutado com sucesso ao longo dos anos. Nada de Republicanos ou Democratas. Os partidos em que Buchanan estava interessado eram os membros dos veneráveis "Townies" e o grupo que Buchanan rotulara, com uma certa ironia, de "Zumbis".

Os Townies conheciam o sistema melhor do que ninguém. Eles eram o sistema. Washington era sua town, sua cidade, daí o apelido. Viviam ali por mais tempo do que Deus.

Cortando-se a pele deles, o sangue que corria era vermelho, azul e branco, ou pelo menos era o que eles gostavam de dizer. Buchanan acrescentara outra cor à mistura – o verde, dos dólares.

Por contraste, os Zumbis tinham ido para o Congresso sem uma migalha de fibra moral ou um fiapo de filosofia política. Tinham conquistado seu lugar com as melhores campanhas que o dinheiro podia pagar na mídia. Eram fabulosos em spots na TV e em debates severamente controlados. Eram, na melhor das hipóteses, medíocres no intelecto e na capacidade e ainda assim demonstravam o entusiasmo e a verve de um JFK nos seus momentos de melhor oratória. Quando eleitos, chegavam em Washington absolutamente sem ideia do que fazer. O único objetivo que tinham fora conquistado: tinham ganho a eleição.

No entanto, a despeito disso, os Zumbis tendiam a permanecer no Congresso porque adoravam o poder e a abertura que tinham junto com o fato de ser titular de um cargo político. E com o custo das eleições atingindo valores estratosféricos, ainda era possível derrotar um titular entrincheirado... do mesmo modo que se pode pensar em galgar o Everest sem oxigênio>Só precisa prender a respiração por alguns dias.

Buchanan e Milstead se sentaram num confortável sofá de couro no espaçoso gabinete do senador. As prateleiras estavam cheias com os costumeiros restos de uma longa vida de político: placas e medalhas de homenagem, taças de prata, prêmios feitos de cristal, centenas de fotos do senador junto com pessoas ainda mais famosas do que ele; martelos cerimoniais de madeira com as respectivas inscrições e páis de bronze em miniatura simbolizando fundos governamentais obtidos para o seu estado.

Quando Buchanan olhou em torno, ocorreu-lhe que tinha passado toda sua vida profissional indo a lugares como aquele, de chapéu na mão, essencialmente implorando.

Ainda era cedo, mas os funcionários do gabinete do homem estavam atarefados na sala de fora preparando-se para um dia agitado com os eleitores de Milstead, um dia de muito trabalho entremeado com almoços, discursos, rápidas aparições em jantares, corpo-a-corpo, coquetês e festas. O senador não era candidato à reeleição, mas sempre era recomendável armar um bom espetáculo para o pessoal das bases.

– Fico-lhe muito grato por ter me recebido assim em cima da hora, Harvey.

– Dificil dizer não a você, Danny.

– vou direto ao ponto. A lei de Pickens vai terminar com a minha verba, juntamente com outros vinte pacotes de ajuda. Não podemos permitir que isso aconteça. Os resultados falam por si. A mortalidade infantil foi reduzida em setenta por cento. Meu Deus, as maravilhas da vacina e dos antibióticos. Empregos estão sendo criados, a economia está abandonando o estágio da selvageria para o dos negócios legítimos. As exportações tiveram um acréscimo de trinta por cento e as importações subiram vinte por cento. Pode-se ver assim que estão sendo criados empregos aqui também. Não podemos deixar que a tomada seja desligada agora. Não apenas seria moralmente errado, como também seria uma estupidez da nossa parte. Se pudermos fazer países como esse ficarem de pé com suas próprias pernas, não teremos um desequilíbrio na balança comercial. Mas precisamos ter algo que é a base de tudo: uma população educada.

– A AID tem feito muita coisa – lembrou o senador.

£ Buchanan era totalmente familiarizado com a AID, ou Agência para o Desenvolvimento Internacional. Tendo começado como órgão independente, a AID agora se reportava ao secretário de Estado, que também controlava mais ou menos seu orçamento substancial e era o grande destaque da ajuda americana ao exterior, com a vasta maioria de fundos fluindo através de programas estabelecidos havia longo tempo. Todos os anos ver como os dólares do orçamento da AID iam terminar era como assistir a uma dança das cadeiras. Buchanan tinha ficado sem cadeira muitas vezes e estava cansado disso. O processo de obter doações era intenso e altamente competitivo, e a menos que você se ajustasse ao modelo estabelecido pela AID para os programas que queria patrocinar, nada feito.

– A AID não pode fazer tudo sozinha. E meus clientes são peixes miúdos para o FMI e o Banco Mundial. Além do mais, hoje em dia tudo o que ouço falar é em "desenvolvimento sustentável". Só há dinheiro para desenvolvimento sustentável. Raios, pelo que sei, alimentos e

remédios são necessários à vida. Ou isso não interessa? – Você está querendo ensinar o pai-nosso ao vigário, Danny. Por aqui a gente também conta centavos. Os dias de fartura se acabaram – disse Milstead solenemente.

– Meus clientes ficam com a pelanca. Só quero que não os corte.

– Olha, não vou agendar a lei.

No Senado, se o presidente de uma comissão não quer que uma lei ande, ele simplesmente não a coloca em pauta, como Milstead agora sugeria. Buchanan apelara para isso diversas vezes.

– Mas Pickens pode passar você para trás – disse Buchanan.

– O que se diz por aí é que ele está firmemente determinado a fazer essa coisa ser votada de um jeito ou de outro. E ele pode conseguir uma audiência muito mais simpática no plenário que na comissão. Por que não pedir adiamento e deixar o tempo passar? – sugeriu Buchanan.

Danny Buchanan era mestre nesta técnica. Um pedido de adiamento podia ser considerado o equivalente ao veto de um senador a uma lei pendente. O projeto fica no mais completo esquecimento até que o tal pedido seja removido. Anos atrás, Buchanan e seus aliados no Capitólio tinham usado isso de modo impressionante representando os mais poderosos interesses do país. Era preciso muito poder em Washington para fazer as coisas acontecerem. E, para Buchanan, este sempre fora o detalhe mais fascinante da cidade. Ora, a reforma da legislação de saúde ou as leis dos acordos com a indústria do fumo, propulsionadas por intensa cobertura da mídia e pelo clamor da opinião pública, tinham simplesmente sumido no abismo bocejante do Congresso. E era muito frequente o caso em que interesses especiais queriam manter o status quo pelo qual haviam trabalhado tanto. Para estes interesses, a mudança não era adequada. Por conseguinte, uma boa parte do antigo trabalho de lobby de Buchanan tinha se concentrado em enterrar qualquer legislação que prejudicasse seus clientes poderosos.

A manobra do adiamento também era conhecida como "rolagem cega" porque, como na passagem do bastão numa equipe de revezamento, um senador diferente pode entrar com outro pedido de adiamento quando o anterior for liberado, e só a liderança sabe quem colocou a restrição. Há muito mais coisas envolvidas, mas no fim do dia a rolagem cega é uma enorme perda de tempo o que, conforme Buchanan bem sabia, explicava o que era a política num prodígio de concisão.

O senador sacudiu a cabeça. – Descobri que Pickens tem adiamentos em duas leis em que estou interessado e estou perto de fechar um acordo que faça com que ele desista. Se eu o acertar com outro adiamento, o filho da mãe vai se agarrar no meu rabo como um mangusto numa cobra.

Buchanan recostou-se na cadeira e tomou um gole de café enquanto diversas estratégias em potencial passavam pela sua cabeça.

– Olha, vamos voltar à estaca zero. Se você tiver os votos para derrubá-la, coloque-a na pauta e deixe que a comissão vote e mate o canalha de uma vez por todas. Então ele a leva para o plenário e eu não posso acreditar que tenha apoio para seguir com ela adiante. Pombas, uma vez que ela seja submetida à votação do plenário poderemos segurá-la indefinidamente, pedir a inclusão de emendas, arrasá-la em conversas na sala de estar, cortar o que quisermos fingindo estarmos dispostos a trocar por algum item importante de uma de suas leis. Na verdade, estamos tão próximo das eleições que podemos inclusive apelar para o recurso da contagem do quorum

até que ele jogue a toalha.

Milstead balançou a cabeça pensativamente. – Sabe de uma coisa, Archer e Simms estão me dando um pouco de trabalho.

– Harvey, você mandou dinheiro de obras de construção para os estados daqueles dois em quantidade que dava para fazer todos os seus habitantes se engasgarem. Apela para isso! Eles não dão a mínima para a lei. Provavelmente nem leram o resumo informativo.

De repente Milstead pareceu confiante.

– De um jeito ou de outro vamos fazer o que você quer. Em um orçamento de um ponto sete trilhões de dólares não é grande coisa.

– É para o meu cliente. Muita gente está contando com isso, Harvey. E a maioria nem anda ainda.

– Estou ouvindo você.

– Você devia fazer uma viagem até lá para verificar os fatos. Vou com você. É um país realmente bonito, mas você simplesmente não pode usar a terra para nada. Deus pode ter abençoado a América, mas se esqueceu de uma porção bem grande do resto do mundo. Mas eles vão levando. Se algum dia você pensar que está passando por um aperto, aquilo lá vai ser uma boa lembrança.

Milstead tossiu.

– Minha agenda está realmente cheia, Danny. E você sabe que não estou concorrendo à reeleição. Dois anos mais e estou fora daqui.

Tudo bem, chega de conversa de trabalho e papo humanitário, pensou Buchanan. Vamos agora brincar de traidor.

Ele inclinou-se para a frente e afastou a pasta casualmente. Uma pequena torção na alça atívou o gravador escondido lá dentro. Esta é para você, Thornhill, seu filho-da-mãe metido a besta.

Buchanan limpou a garganta.

– Bem, acho que nunca é cedo demais para se falar em substituições. Preciso de gente que trabalhe na Foreign Aid e em Ops que venha a participar do meu pequeno programa de aposentadoria. Posso prometer a essas pessoas o mesmo que estou pagando a você. Não sentirão falta de coisa alguma. Bastará que executem minha agenda. Estou num ponto agora em que não posso me dar ao luxo de ser derrotado em nada. Vão ter que fazer o que for combinado. É o único modo pelo qual posso garantir a recompensa no fim. Assim como você. Você sempre fez para mim o que devia, Harvey. Quase dez anos, e você sempre fez tudo. De um jeito ou de outro.

Milstead deu uma olhada na porta e depois falou bem baixinho, como se isto melhorasse o que tinha para dizer.

– Tenho umas pessoas com quem você talvez queira conversar.

Ele dava a impressão de estar nervoso, contrafeito.

– Sobre assumir alguns dos meus deveres. Não tratei do assunto diretamente com elas, mas ficaria surpreso se não forem abertas a algum tipo de combinação.

– É muito bom ouvir uma coisa dessas.

– E você tem razão em planejar para a frente. Dois anos passam muito depressa.

– Cristo, em dois anos pode ser inclusive que eu nem esteja mais aqui, Harvey.

O senador sorriu calorosamente.

– Nunca me passou pela cabeça que você pensasse em se aposentar.

Milstead fez uma pausa.

– Mas acho que você tem um herdeiro. Ou melhor, uma herdeira legítima. Como vai Faith, a propósito? Cheia de vida como sempre, tenho certeza.

– Faith é a Faith. Você sabe disso.

– Sorte sua ter alguém como a Faith para ajudá-lo.

– Muita sorte – disse Buchanan, franzindo ligeiramente a testa.

– Dê-lhe minhas lembranças quando a vir. Diga que apareça, que venha ver o velho Harvey. A melhor cabeça e as melhores pernas do pedaço – acrescentou, com uma piscadela. Buchanan deixou passar em brancas nuvens o comentário. O senador recostou-se no sofá.

– Tenho me dedicado ao serviço público metade da minha vida. O pagamento é ridículo – uma mixaria para alguém da minha capacidade e estatura. Você sabe o que eu poderia fazer aí fora. É o que se ganha quando se trabalha para o nosso país.

– Sem dúvida nenhuma, Harvey. Você tem toda a razão. O dinheiro do suborno é o que lhe é devido. Você fez jus a ele.

– Mas eu não me arrependo. Nem um pouco.

– Nem tem o menor motivo para se arrepender. Milstead sorriu cansadamente.

– Os dólares que gastei todos esses anos reconstruindo este país, modelando-o para o futuro, para a próxima geração. E a seguinte.

Agora o dinheiro era dele. Ele tinha salvado a nação.

– Ninguém reconhece essas coisas – disse Buchanan. – A mídia só se interessa por escândalos.

– Acho que estou compensando meus anos dourados – disse Milstead, soando um tanto contrito.

Depois de todos esses anos ainda permanece um pouco de humildade, um pouco de sentimento de culpa.

– Você merece. Serviu bem a seu país. Está tudo esperando por você. Exatamente como conversamos. Melhor ainda. Você e Louise não sentirão falta de nada. Viverão como rei e rainha. Você fez seu trabalho e você irá colher sua recompensa. Bem do jeito americano.

– Estou exausto, Danny. Estou arrebatado. Aqui entre nós, não sei se estarei vivo daqui a dois minutos, o que dirá daqui a dois anos. Isto aqui sugou toda a minha vida.

– Você é um verdadeiro estadista. Um herói para todos nós.

Buchanan respirou fundo e perguntou-se se os rapazes de Thornhill dentro de uma van estacionada lá fora estariam se deleitando com aquele diálogo derretido. Na verdade, o próprio Buchanan estava ansioso para dar o fora. Ele olhou para o velho amigo. Era visível uma expressão de arrebatamento na sua fisionomia enquanto ele, sem dúvida, pensava em uma aposentadoria verdadeiramente gloriosa com sua mulher, com quem era casado há trinta e cinco anos, uma mulher a quem traíra muitas vezes e que sempre o aceitara de volta. E guardara silêncio a respeito. Buchanan acreditava que a psicologia das esposas de políticos precisava ser estudada num curso universitário.

A verdade era que Buchanan tinha uma queda pelos seus Townies. Eles certamente tinham realizado um bocado de coisas, e, a seu modo, eram as pessoas mais honradas que

Buchanan já conheceria. E, no entanto, o senador não tinha problema em ser comprado.

Muito em breve Harvey Milstead conheceria um novo senhor. A Décima Terceira Emenda à Constituição dos Estados Unidos proscreeva a escravidão, mas parece que ninguém se dera ao trabalho de contar a Robert Thornhill. Buchanan estava entregando seus amigos ao Diabo. Era o que, acima de tudo, o perturbava. Thornhill, sempre Thornhill.

Os homens se levantaram, e Buchanan e o senador apertaram-se as mãos.

– Muito obrigado, Danny. Obrigado por tudo.

– Não há de quê – disse Buchanan. – Não há de quê. Pegou sua maleta de espião e fugiu da sala.

Capítulo 18

– DESMAGNETIZADA? – REYNOLDS OLHOU ESPANTADA para os dois técnicos.

– Minha fita foi desmagnetizada? Alguém quer fazer o favor de me explicar isso? Ela já vira a fita vinte vezes. De todos os ângulos possíveis. Ou melhor, o que tinha visto eram linhas irregulares e pontos a correrem pela tela, como se fosse uma luta de aviões de caça da Primeira Grande Guerra em meio a doses pesadas de artilharia antiaérea. Fazia muito tempo que estava sentada ali e não sabia mais agora do que quando chegara.

– Sem ser muito técnico – um dos homens começou a dizer.

– Por favor, não seja – interrompeu Reynolds. A cabeça dela estava latejando. E se a fita fosse inútil? Meu Deus, fazei com que a fita ainda possa ser recuperada.

– "Desmagnetizar" é o termo geral usado para quando uma fita magnética é apagada.

Isso é feito por muitas razões, algumas das mais comuns sendo possibilitar que a fita seja usada de novo, ou eliminar informações confidenciais que tenham sido gravadas. A fita de vídeo é uma das muitas formas que podem tomar os meios magnéticos.

O que aconteceu à fita que nos deu foi uma indesejada influência exterior que distorceu e/ou corrompeu a fita, impossibilitando sua utilização adequada.

Reynolds olhou espantada para o homem. O que diabos teria sido uma resposta técnica? – Você está querendo dizer que alguém estragou a fita intencionalmente? – Isso mesmo.

– Mas não pode ser um problema da fita? Como é que você tem certeza de que uma pessoa exerceu uma "influência exterior"? Foi o outro técnico que me falou.

– O nível de corrupção visto até agora impede que aceitemos a hipótese de problema com a fita. É claro que não podemos ter cem por cento de certeza, mas realmente parece que houve interferência de um fator externo. Segundo meu entendimento, o sistema de segurança usado era bastante sofisticado. Multiplex com três ou quatro câmeras em linha para que não houvesse intervalo sem imagem. Como as câmeras eram ativadas? Movimento ou tropeço? – Tropeço.

– Movimento é melhor. Hoje em dia esses sistemas são tão sensíveis que podem pegar uma mão apanhando algo em cima de uma escrivaninha num quadrado de trinta centímetros de lado. Sistemas ativados por tropeço são obsoletos.

– Obrigada – disse ela, secamente. – vou me lembrar disso.

– Fizemos uma ampliação de pixel para melhorar os detalhes, mas sem resultado.

Definitivamente houve interferência.

Reynolds lembrou que o armário que continha o equipamento de vídeo no chalé fora encontrado aberto.

– OK, como é que eles teriam feito isso? – Bem, há uma ampla variedade de equipamento especializado.

Reynolds sacudiu a cabeça.

– Não, não estamos falando do que se pode fazer em um ambiente de laboratório. O que interessa é como foi feito ali no chalé, onde o equipamento estava instalado.

E talvez por uma pessoa que nem soubesse da existência de um equipamento de gravação em vídeo. Assim, imagine que o que quer que por acaso ela tivesse em mãos foi o que usou para desgravar a fita.

Os técnicos pensaram por um momento.

– Bem – disse um deles –, se essa pessoa tivesse um imã poderoso e o passasse em cima do gravador muitas vezes, isso poderia distorcer a fita por rearranjar as partículas metálicas, o que, por sua vez, removeria os sinais previamente gravados.

Reynolds respirou fundo, irritada. Um simples imã podia ter anulado sua única pista.

– Há alguma maneira de se recuperar as imagens que estavam na fita? – É possível, mas vai levar algum tempo. Não podemos garantir nada antes de conseguir alguma coisa.

– Pois consigam. Mas deixa eu explicar uma coisa com toda a clareza – ela se levantou, muito mais alta que os dois homens.

– Preciso ser capaz de ver o que está naquela fita. Preciso poder ver o que estava dentro daquela casa. Vocês não têm prioridade mais elevada que esta. Verifiquem se têm algum conflito, mas seja o que for preciso, nem que tenham de trabalhar vinte e quatro horas por dia, preciso ver o que havia naquela fita. Entendido? Os dois homens trocaram um rápido olhar antes de balançarem a cabeça afirmativamente.

Quando Reynolds voltou para sua sala, um homem a esperava.

– Paul – ela fez um gesto para ele com a cabeça quando se sentou.

Paul Fisher levantou e fechou a porta da sala de Reynolds. Ele era a ligação dela no Quartel-General. Para se sentar passou por cima de uma pilha de documentos.

– Você está com o ar de quem tem trabalhado demais, Brooke. Aliás, sempre tem esse ar. Acho que é isso que amo em você.

Ele sorriu e Brooke surpreendeu-se sorrindo também.

Fisher era uma das poucas pessoas no FBI a quem Reynolds olhava de baixo para cima, literalmente, já que ele tinha um metro e noventa e oito. Os dois eram mais ou menos da mesma idade, embora Fisher fosse seu superior na cadeia de comando e tivesse mais dois anos de serviço no Bureau que ela. Paul era competente e seguro de si. Era também um homem bonito, tendo conservado o cabelo louro e o corpo em boa forma dos tempos de Califórnia, quando era aluno da UCLA. Depois que seu casamento começara a se desintegrar, Reynolds imaginou-se tendo um caso com o divorciado Fisher. Mesmo agora, a visita inesperada fez com que ela se sentisse feliz por ter tido a oportunidade de ir em casa, tomar banho e trocar de roupa.

Sem paletó, a camisa de Fisher caía elegantemente no seu longo torso. Acabara de entrar de serviço, ela sabia, embora costumasse estar por perto o tempo todo.

– Sinto muito pelo Ken – disse ele. – Se eu não estivesse fora da cidade teria ido lá ontem à noite.

Reynolds brincou com um abridor de cartas.

– Não sente tanto quanto eu. E nenhum de nós chega perto de Anne Newman nesse capítulo dos sentimentos.

– Já falei com o SAC – disse Paul, referindo-se ao Agente Especial Encarregado – mas quero que você me fale a respeito do que houve.

Depois que ela contou o que sabia, ele coçou o queixo.

– Obviamente os alvos sabem que você está atrás deles.

– É o que parece.

– Você não está muito adiantada na investigação, está? – Muito longe de poder indiciar alguém, se é a isso que se refere.

– Quer dizer então que Ken está morto e sua principal – e única – testemunha está desaparecida em ação. Fale-me sobre Faith Lockhart.

Ela levantou os olhos bruscamente, perturbada tanto com sua escolha de palavras quanto com o tom duro que usara para pronunciá-las.

Ele a encarou, os olhos cor de avelã exibindo visível hostilidade, a respeito da qual Reynolds não teve dúvida. Mas ela sabia que naquele instante não devia esperar que agisse como seu amigo. Estava representando o Quartel-General.

– Há alguma coisa que você queira me dizer, Paul? – Brooke, sempre fomos sinceros um com o outro – ele fez uma pausa e bateu com os dedos no braço da cadeira, como se estivesse tentando se comunicar com ela em código Morse. – Sei que Massey lhe concedeu um pouco de liberdade de manobra ontem à noite, mas todos estão muito preocupados com você. Precisa saber disso.

– Eu sei que à luz dos últimos acontecimentos...

– Eles estavam preocupados com você antes disso. Os acontecimentos recentes apenas aumentaram o nível de preocupação.

– Eles querem que eu simplesmente largue tudo? Cristo, pode implicar pessoas que têm prédios do governo batizados com seus nomes.

– É uma questão de prova. Sem a Lockhart, o que você tem? – Está lá, Paul.

– Que nomes ela lhe deu, além do de Buchanan? Reynolds pareceu momentaneamente confusa. O problema era que Lockhart não lhe dera nomes. Ainda. Era esperta demais para isso. Estava guardando para quando o acordo fosse fechado.

– Nada de específico ainda. Mas vamos chegar lá. Buchanan não fez negócio com membros das juntas escolares locais. E ela nos contou parte do esquema dele. Eles trabalham para Buchanan enquanto têm o poder garantido pelo mandato. Quando se afastam, Buchanan lhes arranja empregos onde não têm que trabalhar de verdade e recebem megadólares. É simples. É simplesmente brilhante. O nível de detalhe que nos forneceu não pode ter sido inventado.

– Não estou questionando a sua credibilidade. Mas você é capaz de apresentar provas do caso pelo qual é responsável? Agora? – Estamos fazendo tudo o que está ao nosso alcance para isso. Eu ia pedir-lhe para usar um grampo para nós quando tudo aconteceu, mas não se pode apressar essas coisas, você sabe disso. Se eu pressionasse demais ou perdesse a confiança dela, terminaríamos sem nada.

– Quer ouvir o que eu penso, numa análise fria? Fisher tomou o silêncio dela como

assentimento.

– Você tem todas essas pessoas sem nome mas importantes, muitas das quais têm o futuro já arrumado, se é que já não têm belas carreiras pós-mandatos. O que é pouco com um nisso? Acontece o tempo todo. Eles falam ao telefone, vão a almoços, pedem alguns favores. Assim é a América. Afinal, onde é que nós estamos? – Tem muito mais do que isso, Paul. Muito mais.

– Você está querendo dizer que é capaz de rastrear as atividades ilegais, de comprovar como a legislação foi manipulada? – Não exatamente.

– Boa resposta. Na verdade é como tentar provar uma negativa.

Reynolds sabia que ele estava certo neste ponto. Como se prova que alguém não fez algo? Muitos dos recursos que o pessoal de Buchanan teria usado para atender aos interesses dele talvez fossem recursos que todos os políticos usassem legitimamente. Eles estavam falando de motivação ali. A razão pela qual alguém fazia alguma coisa e não como a coisa era feita. O porquê era ilegal, o como não. Como um jogador de basquete que não se esforce ao máximo por ter sido pago para isso.

– Buchanan é diretor dessas firmas sem nome onde antigos políticos desconhecidos conseguem emprego? É acionista? Entrou com o dinheiro? Mantém negócios com alguma delas? – Você mais parece um advogado de defesa – disse ela, irritada.

– É exatamente a minha intenção. Porque estas são as perguntas para as quais você vai precisar de respostas.

– Não conseguimos descobrir indícios que liguem Buchanan diretamente a qualquer uma delas.

– Então em que está baseando suas conclusões? Por que acha que há essa ligação?

Reynolds começou a falar mas interrompeu-se. Seu rosto ficou congestionado e, em sua agitação, ela quebrou ao meio o lápis que segurava.

– Deixa eu responder essa por você – disse Fisher. – Faith Lockhart, sua testemunha desaparecida.

– Nós vamos encontrá-la, Paul. E aí retornamos às investigações.

– E se não a encontrarem? Como é que vai ser? – Descobriremos outro caminho.

– Você consegue determinar as identidades dos subornados independentemente do testemunho da Lockhart? Reynolds queria desesperadamente dizer sim a essa pergunta, mas não podia. Buchanan estava em Washington havia décadas. Provavelmente se envolvera com praticamente todos os políticos e funcionários da cidade. Seria impossível reduzir o tamanho da lista sem a ajuda de Faith Lockhart.

– Tudo é possível – disse ela, desafiadoramente. Ele sacudiu a cabeça.

– Na verdade, não, Brooke. Brooke Reynolds explodiu.

– Buchanan e seus amiguinhos violaram a lei. Isso não tem importância? – Num tribunal, não vale nada sem provas – retrucou ele, gritando também.

Ela deu um soco na mesa.

– Eu me recuso a acreditar nisso. Além do mais, a prova existe – só temos que continuar escavando para descobri-la.

– Sabe, é aí que reside o problema. Seria uma coisa se você pudesse investigar em completo sigilo. Mas uma investigação desta magnitude, com o tipo de alvos importantes de que

estamos falando, não pode jamais permanecer totalmente secreta. E agora temos que lidar também com uma investigação de homicídio.

– Significando que haverá vazamentos – disse Reynolds, perguntando-se se Fisher suspeitava que os vazamentos podiam já ter ocorrido.

– Significando que quando você for atrás de gente importante é melhor ter certeza absoluta do que está fazendo antes que ocorra algum vazamento. Não pode ter gente assim como alvo sem ter bala na agulha que dê para matar um urso. Neste exato momento sua arma está descarregada e eu não sei ao certo onde você vai recarregar.

Está bem claro no manual do Bureau – não se pode investigar funcionários públicos com base em boatos e insinuações.

Ela o encarou friamente quando ele acabou de falar.

– Tudo bem, Paul, você poderia me dizer exatamente o que quer que eu faça? – A Unidade de Crimes Violentos a manterá informada da investigação. Você tem que encontrar a Lockhart. Como os dois casos são inextricavelmente ligados, sugiro cooperação.

– Não posso dizer a eles nada sobre a nossa investigação.

– Não estou pedindo para que diga. Basta trabalhar com eles para ajudar a esclarecer o assassinato de Newman. E encontrar a Lockhart.

– E depois? E se não conseguirmos encontrá-la? O que acontece à minha investigação? – Não sei, Brooke. Está muito difícil de ler as folhas de chá neste instante.

Reynolds levantou-se e olhou pela janela. Nuvens espessas e escuras tinham transformado o dia quase em noite. Podia ver tanto o seu reflexo quanto o de Fisher no vidro. Ele não tirou os olhos dela, mas Reynolds duvidou que naquele momento estivesse tão interessado assim em saber como ficavam suas costas e suas pernas compridas na saia preta na altura do joelho e meias combinando.

Enquanto estava ali de pé, seus ouvidos captaram um som que geralmente passava despercebido: o "barulho branco". Em instalações mais sensíveis do governo as janelas são saídas em potencial para informações valiosas, especialmente as faladas. Para obstruir este vazamento, alto-falantes são montados nas janelas a fim de abafar o som das vozes de tal sorte que quem estiver escondido do lado de fora, mesmo que disponha da última palavra em equipamento de vigilância, termine com nada. Os alto-falantes conseguem isso emitindo um ruído parecido com o de uma pequena queda d'água, o que explica o nome de "barulho branco". Reynolds, como a maioria dos funcionários que trabalham em edifícios desses, não ouvia mais o barulho de fundo; fazia parte do seu cotidiano. Agora ela o percebeu com impressionante clareza.

Seria um sinal para que notasse também outras coisas? Coisas, pessoas a quem via todos os dias e em quem depois não pensava mais, aceitando-as pelo que diziam ser? Ela virou-se para encarar Fisher.

– Obrigada pelo voto de confiança, Paul.

– Sua carreira tem sido espetacular, Brooke. Mas o setor público frequentemente é como o privado em um particular: é a síndrome do "que é que você tem feito por mim nos últimos tempos?". Não vou adoçar a pílula, Brooke. Já comecei a ouvir os ruídos da insatisfação.

Ela cruzou os braços na frente do corpo.

– Agradeço sua franqueza total – disse, friamente. – Se me dá licença, vou ver o que poderei fazer por você nos últimos tempos, agente Fisher.

Quando Fisher se levantou para ir embora, passou perto dela, tocando-a levemente no ombro. Reynolds recuou um pouco: o ferimento causado pelas palavras dele ainda doía.

– Sempre apoiei você, Brooke, e sempre continuarei a apoiá-la. Não interprete isto como se eu a estivesse atirando aos lobos. Não estou. Respeito você demais. Eu só queria que você não entrasse nisso às cegas. Não precisa matar o mensageiro porque não gostou da mensagem. Este mensageiro é amigo.

– É bom saber – disse ela, sem entusiasmo. Quando Fisher atingiu a porta, virou-se para trás. -Está cuidando das relações do escritório do Bureau em Washington com a mídia. Já recebemos questionários. Por ora, um agente foi morto em uma operação secreta. Nenhum outro detalhe foi fornecido, inclusive a identidade dele. Mas isso não vai demorar muito tempo. E quando a barragem se romper, não sei ao certo quem poderá manter-se seco.

Assim que a porta se fechou atrás dele, Reynolds sentiu um calafrio. Era como se estivesse suspensa sobre um tonel com algo em ebulição. Seria sua velha paranoia atacando de novo? Ou seria simplesmente uma estimativa criteriosa sua? Chutou os sapatos para longe e começou a andar de um lado para o outro, pisando nas minas terrestres de papel durante o processo. Balançou o corpo sobre a planta dos pés, tentando conduzir através deles a enorme tensão que estava sentindo na direção do piso. Não chegou nem perto de funcionar.

Capítulo 19

O AEROPORTO NACIONAL DE WASHINGTON, RECENTEMENTE REBATIZADO de Ronald Reagan e que todo mundo na área ainda chamava simplesmente de "National", estava muito movimentado naquela manhã. O aeroporto era amado pela facilidade de acesso que oferecia e pelos numerosos voos diários, e odiado pelos congestionamentos e as pistas curtas e curvas fechadas de embulhar o estômago que os aviões eram obrigados a fazer por causa do espaço aéreo restrito. No entanto, o terminal novo em folha do aeroporto, com a sua sequência de cúpulas inspiradas em Jefferson, e os enormes estacionamentos de vários níveis com passarelas até o terminal eram muito bem-vindos para o viajante apressado.

Lee e Faith entraram no terminal novo, onde Lee notou um policial patrulhando o corredor. Eles deixaram o carro em um dos estacionamentos.

Faith também observou os movimentos do policial. Ela estava usando os "óculos" que Lee lhe dera. As lentes eram de vidro comum, sem grau, mas ajudavam a modificar sua aparência. Ela tocou no braço de Lee.

– Nervoso?

– Sempre fico nervoso. Isso me dá uma certa vantagem e compensa uma séria falta de instrução formal.

Ele passou as malas por cima do ombro.

– Vamos tomar um café e deixar a fila de venda de bilhetes diminuir um pouco.

Enquanto isso a gente dá uma olhada por aí.

Enquanto procuravam um café, ele perguntou se Faith tinha ideia de como poderiam conseguir um voo que saísse dali.

– Vamos até Norfolk e depois pegamos outro avião até a Pine Island, uma ilha das Outer Banks, na Carolina do Norte. Os voos para Norfolk são bastante frequentes.

Já o voo para Pine Island precisa ser marcado com antecedência. Uma vez que tivermos programado a ida para Norfolk, eu telefono e providencio. Eles só voam durante o dia.

– Por quê?

– Porque a aterrissagem não é em uma pista regular; parece mais uma estradinha. Nem luzes, nem torre, nada. Só uma biruta.

– Tranquilizador.

– Deixa eu ligar e checar a casa.

Faith e Lee dirigiram-se para o conjunto de aparelhos telefônicos e ele ficou ouvindo enquanto ela confirmava a hora da chegada.

– Tudo pronto – disse ela, depois que desligou. – Podemos alugar um carro assim que chegarmos.

– Até agora, tudo bem.

– É um bom lugar para se relaxar. Você não precisa ver ou falar com ninguém, a menos que queira.

– Não é o meu caso – disse Lee, firmemente.

– Eu queria lhe fazer uma pergunta – disse Faith, enquanto andavam até um café.

– Chuta.

– Há quanto tempo você estava me seguindo? – Seis dias – respondeu ele, firmemente –, durante os quais você fez três visitas ao chalé, contando com a de ontem à noite.

Ontem à noite, repetiu Faith mentalmente. Teriam sido só seis dias? – E você ainda não fez nenhum relatório a seu cliente? – Não.

– Por quê? – Prefiro fazer relatórios semanais, a menos que aconteça alguma coisa de realmente extraordinário. Acredite em mim, se eu tivesse tido tempo, a noite de ontem teria sido classificada como a mãe de todos os relatórios.

– Como é que você ia fazer esses relatórios se não sabe quem o contratou? – Me deram um número de telefone.

– E você nunca verificou de quem seria? Ele a encarou.

– Não – respondeu, aborrecido. – Por que eu haveria de me incomodar com isso? Para pegar o dinheiro e fugir? – Não quis dizer isso – respondeu ela, mortificada.

– Ah, sim, com certeza – ele mudou ligeiramente a posição das malas e continuou. –

Existe um catálogo especial em que você tem o endereço se entrar com o número do telefone.

–E? – E nestes dias de telefones ligados por satélite, redes nacionais de celular e coisas do gênero, não consegui nada. Liguei para o tal número. Deve ter sido instalado só para receber meus telefonemas porque o recado que ouvi era para o sr. Adams deixar gravada qualquer informação que tivesse. Também dava o número de uma caixa postal em D.C. e, sendo do tipo eternamente curioso, verifiquei isto também. Mas a caixa estava registrada no nome de uma companhia de que eu nunca tinha ouvido falar, com um endereço que vim a descobrir ser falso. Bem sem saída.

Lee olhou para Faith.

– Eu levo muito a sério o meu trabalho, Faith. Não gosto de ser apanhado em armadilhas. Famosas últimas palavras, certo? Eles pararam em um café, compraram dois bagels e dois cafezinhos e se sentaram num canto vazio.

Faith tomou um gole de café e mordiscou um bagel com gergelim que gotejava

manteiga. Talvez Lee estivesse sendo honesto com ela, mas ele ainda tinha uma conexão com Danny Buchanan. Era muito estranho de repente passar a ter medo de um homem a quem idolatrava. Se as coisas entre eles não houvessem mudado tanto no ano anterior, se sentiria tentada a telefonar para Danny. Mas estava confusa agora, com o horror da véspera tão absurdamente claro em sua memória. Além do mais, o que ia perguntar a ele: Danny, foi você quem me mandou matar? Se foi, por favor, para com isso. Estou colaborando com o FBI para ajudar você, sinceramente. E por que contratou Lee para me seguir, Danny? Sim, tinha que se separar de Lee, e logo.

– O relatório que lhe deram. Diga-me o que falava a meu respeito – pediu Faith.

– Você é uma lobista. Antes trabalhava numa grande companhia. Integrante das 500 mais da Fortune. Cerca de dez anos atrás, você e um homem chamado Daniel Buchanan montaram sua própria firma.

– Mencionava algum dos nossos clientes atuais? Lee inclinou a cabeça.

– Não mencionava. É assim importante? – O que é que você sabe sobre Buchanan? – O relatório não se estendia muito sobre ele, mas andei investigando por minha conta, nada que você não saiba. Buchanan é uma lenda em Capitol Hill. Conhece todo mundo e todo mundo o conhece. Lutou em todas as grandes batalhas e acumulou uma montanha de dinheiro no processo. Presumo que você também não tenha se saído muito mal.

– Eu me saí bem. O que mais? – Por que você quer ouvir algo que já sabe? Buchanan está de alguma forma envolvido com tudo isto? Agora foi a vez de Faith examinar Lee. Se queria bancar o imbecil, estava fazendo um trabalho excepcional.

– Danny Buchanan é um homem honrado. Devo-lhe tudo o que tenho.

– É um bom amigo, claro. Mas você não respondeu à minha pergunta.

– Pessoas como Danny são raras. Um verdadeiro visionário.

– E você? – Eu? Eu só ajudo a concretizar as visões dele. Pessoas como eu existem dúzias por aí.

– Você não me parece uma pessoa comum – Faith tomou mais um gole de café e não respondeu. – Como foi que veio a ser lobista? Faith conteve um bocejo e tomou outro gole de café. Sua cabeça estava começando a latejar. Nunca precisara de muito descanso, correndo mundo a fora, limitando-se a cochilar durante os voos. Mas naquele instante sua vontade era de se encolher debaixo da mesa e dormir pelos próximos dez anos. Talvez seu corpo estivesse reagindo às últimas doze horas de horror, jogando a toalha. Por favor, não me magoe.

– Para mudar o mundo posso mentir e falar o que me der na cabeça. É o que todo mundo diz, não é? Ela pegou um vidro de aspirina na bolsa, jogou dois comprimidos na palma da mão e engoliu-os com café.

– Na verdade, eu me lembro de assistir às investigações de Watergate quando era menina. Toda aquela gente muito séria naquela sala. Todos aqueles homens de meia-idade com gravatas largas e feias, rostos congestionados, cabelos lustrosos, falando em microfones de som metálico, e um monte de advogados cochichando nos ouvidos deles.

A mídia toda, o mundo inteiro de olho naquilo. O que o resto do país achou espantoso, eu achei um verdadeiro barato. Ah, todo aquele poder! Ela sorriu timidamente, o olhar fixo na xícara de café.

– Minha alma insana. As freiras estavam certas a meu respeito. Uma delas em

particular, a irmã Audrey Ann, acreditava piamente que meu nome era uma blasfêmia. "Querida Faith", ela dizia, "viva de acordo com o seu nome cristão e não seguindo suas compulsões satânicas." – Então você era bagunceira? – Quando eu via uma freira se aproximando, eu simplesmente me transformava num demônio. Por causa de meu pai, nós nos mudamos muitas vezes, mas sempre me saí bem nos estudos, mesmo que fosse da pá virada fora da escola. Frequentei uma boa faculdade e terminei em Washington com todas aquelas lembranças de poder absoluto dançando na minha cabeça. Eu não tinha a menor ideia do que fazer da minha vida, mas sabia que desejava desesperadamente entrar naquele jogo. Estagiei em Capitol Hill por uns tempos com um congressista recém-eleito e chamei a atenção de Danny Buchanan. Danny me levou para trabalhar com ele, viu algo em mim, acho eu. Deve ter gostado do meu temperamento – eu estava dirigindo o escritório com dois meses de experiência. Ou do modo como eu não recuava diante de ninguém – nem mesmo do presidente da Câmara.

– Acho que isso é realmente impressionante numa pessoa que acabava de sair da faculdade.

– Minha teoria era que, depois das freiras, os políticos não representavam um grande desafio.

Lee sorriu.

– O que me deixa contente por ter estudado em escola pública.

Ele olhou em torno por um segundo.

– Não olhe agora, mas o FBI está circulando. -O quê? Ela girou a cabeça, olhando em todas as direções. Lee rolou os olhos para cima.

– Oh, meu Deus, essa foi ótima.

– Onde é que eles estão? – Ele bateu de leve no tampo da mesa.

– Eles estão em parte alguma. E em toda a parte. Os federais não andam por aí com os crachás presos na testa. Você não vai vê-los.

– Então por que diabos você disse que estavam? – Foi um pequeno teste. E você falhou. Eu posso localizar os federais às vezes, nem sempre. Se algum dia eu disser isso para você de novo, não estarei brincando.

Será verdade. E você não pode reagir do jeito como acabou de reagir. Movimentos normais, vagarosos. Nada mais que uma mulher bonita aproveitando o feriado com o namorado. Entendido? – Tudo bem, sem problema. Só quero que não me assuste de novo. Meus nervos ainda não voltaram ao normal.

– Como vai pagar as passagens? – Como deveria pagar? – com o cartão de crédito. O que tem seu outro nome. Não queremos andar exibindo um maço de dinheiro vivo por aí. Você compra uma passagem só de ida a dinheiro para um voo que sai hoje e isso pode ser um sinal de alerta para a companhia aérea. Por ora, quanto menos atenção despertarmos, melhor. Qual é, por sinal, o seu outro nome? – Suzanne Blake. -Belo nome.

– Suzanne era o nome de minha mãe.

– Era? Ela já morreu? – Tanto ela quanto papai. Minha mãe quando eu tinha onze anos. Meu pai seis anos mais tarde. Nem irmãos, nem irmãs. Fiquei órfã aos dezessete anos.

– Deve ter sido duro.

Faith nada disse por um longo momento. Falar sobre o passado sempre fora difícil, de modo que ela raramente falava. E a verdade era que não conhecia aquele homem.

Ainda assim, havia algo tranquilizador, sólido em Lee Adams.

– Eu realmente amei minha mãe – começou ela. – Era uma boa mulher e sofreu muito por causa do meu pai. Ele também era uma boa pessoa, mas desses tipos que sempre têm um esquema, um jeito de fazer um dinheiro fácil com ideias loucas. Quando seu plano fracassava, o que sempre ocorria, tínhamos que fazer as malas e nos mudar.

– Por quê? – Por que as outras pessoas sempre perdiam dinheiro com os grandes esquemas do meu pai. E ficavam compreensivelmente furiosas por causa disso. Nós nos mudamos quatro vezes antes de mamãe morrer. E mais cinco vezes depois. Rezávamos por meu pai todos os dias, minha mãe e eu. Pouco antes de morrer, ela me disse para tomar conta dele, eu, do alto dos meus onze anos.

Lee sacudiu a cabeça.

– Não consigo sequer imaginar uma coisa dessas. Meus pais moraram na mesma casa cinquenta anos. Como foi que você conseguiu se segurar depois que sua mãe morreu? De um modo ou de outro as palavras agora saíram com facilidade.

– Não foi tão difícil quanto você poderia pensar. Minha mãe amava meu pai, mesmo que detestasse o modo como ele vivia, seus esquemas, todas aquelas mudanças. Mas ele não ia mudar, de modo que os dois não formavam o casal mais feliz com quem conviver. Havia ocasiões em que eu realmente pensava que ela fosse matá-lo. Quando ela morreu, foi mais ou menos como se passássemos a ser eu e meu pai contra o mundo. Ele me vestia com a melhor roupa que eu tinha e ia me exibir a todos os seus sócios em perspectiva; acho que as pessoas pensavam, não é possível que esse sujeito não preste, com essa filhinha aí e tudo mais. Aos dezesseis anos passei inclusive a ajudá-lo a vender seus negócios. Cresci depressa. Acho que foi quando aprendi a falar e ser decidida. Aprendi a pensar sozinha.

– Uma educação alternativa e tanto – comentou Lee. – Mas dá para ver que foi muito útil ao seu trabalho de lobista.

Os olhos dela ficaram marejados.

– A caminho de cada reunião ele dizia, "Vai ser esta, Faith querida. Posso sentir bem aqui" – e aí ele punha a mão em cima do lado esquerdo do peito. "Tudo por você, filhinha. Papai ama a sua Faith." E eu acreditava em cada palavra todas as vezes.

– Parece que ele acabou magoando você – disse Lee, serenamente.

Faith sacudiu a cabeça, obstinada.

– Não é como se ele estivesse tentando roubar as pessoas. Não estamos falando de um esquema de Ponzi nem de nada parecido. Não se tratava de uma tentativa de conto de vigário, de passar os outros para trás. Ele acreditava sinceramente que suas ideias iam dar certo. Só que nunca deram e a gente continuou se mudando sempre. E não é como se de vez em quando ganhássemos algum dinheiro. Meu Deus do céu, não foram poucas as vezes em que dormimos no carro ou que eu me lembre de meu pai batendo na porta de trás de restaurantes e voltando um pouco depois com um jantar que ele convencera o pessoal da cozinha a lhe dar. Sentávamos no banco de trás e comíamos.

Ele contemplava o céu e me mostrava as constelações. Não chegara a completar o segundo grau, mas sabia tudo sobre estrelas. Dizia que corraera atrás delas a vida inteira. Ficávamos ali sentados até altas horas e meu pai dizia que as coisas iam melhorar. Logo, logo iam melhorar.

– Parece ter sido uma pessoa capaz de convencer qualquer um. Podia ter sido um bom detetive particular.

Faith sorriu ao lembrar.

– A gente entrava num banco e dentro de cinco minutos ele conhecia todo mundo pelo nome e estava tomando café e conversando com o gerente como se o tivesse conhecido a vida inteira. Depois saíamos de lá com uma carta de recomendação e uma lista dos ricos locais para papai procurar. Ele era assim. Naturalmente. Todo mundo gostava de meu pai. Até perder o dinheiro. E nós também sempre perdíamos o pouco que tínhamos. Papai era rigoroso a esse respeito. Seu dinheiro também descia pelo ralo. Na verdade era um homem muito honesto.

– Parece que você ainda sente muito a falta dele.

– E sinto mesmo – confirmou ela, orgulhosamente. – Ele me batizou de Faith – Fé – porque dizia que com a fé ao seu lado, como poderia fracassar? Faith fechou os olhos, as lágrimas rolando pelo rosto. Lee pegou um guardanapo e colocou na mão dela. Faith enxugou os olhos.

– Desculpe – disse ela. – Na verdade nunca falei com ninguém sobre isto.

– Tudo bem, Faith. Sou um bom ouvinte.

– Encontrei meu pai de novo em Danny – disse ela, pigarreando, os olhos arregalados. – Os dois tinham o mesmo jeitão. A garra típica dos irlandeses. Capaz de fazer com que qualquer pessoa veja as coisas segundo seu ponto de vista. Conhece todos os esquemas, todos os argumentos. Não recua diante de ninguém. Ele me ensinou um bocado de coisa. E não apenas sobre fazer lobby. Sobre a vida. Também não teve uma infância fácil. Nós tínhamos muito em comum.

Lee sorriu.

– Quer dizer então que você começou ajudando seu pai com os golpes e terminou trabalhando como lobista em D.C.? – Alguns diriam que a descrição do meu cargo não sofreu alteração – Faith sorriu do próprio comentário.

– Da mesma forma que poderiam dizer que a fruta nunca cai longe da árvore.

Ela deu uma mordida no seu bagele.

– Já que estamos em clima de confissões, o que me diz de sua família? Lee acomodou-se na cadeira.

– Quatro meninos, quatro meninas. Sou o número seis.

– Nossa! Oito filhos! Sua mãe deve ter sido uma santa.

– Demos aos nossos pais dores de cabeça em número suficiente para dez existências.

– Os dois então ainda estão vivos? – E fortes. Hoje em dia somos muito unidos, embora tenhamos passado por tempos difíceis na fase do crescimento. Uma boa ajuda quando as coisas se complicam. O socorro fica apenas a um telefonema de distância. Quer dizer, não na atual circunstância.

– Deve ser legal. Sinceramente. Faith desviou o olhar.

Lee dirigiu-lhe um olhar penetrante, lendo facilmente seus pensamentos.

– As famílias também têm seus problemas, Faith. Divórcios, doenças graves, depressão, tempos difíceis, passamos por tudo isso. Confesso que às vezes eu gostaria de ter sido filho único.

– Não, não gostaria – contestou ela, com autoridade. – Pode até pensar que gostaria, mas acredite em mim, não ia mesmo.

– Eu acredito.

– Acredita em quê? – Acredito em você.

– Sabe – disse ela, vagarosamente – para um detetive particular paranóico, você faz amigos com rapidez. Pelo que sabe, eu podia ser uma tremenda de uma assassina.

– Se você fosse realmente ruim, os federais a conservariam presa.

Ela descansou o café e inclinou-se na direção dele, com uma expressão muito séria na fisionomia.

– Agradeço suas palavras. Mas só para esclarecer este assunto de uma vez por todas, nunca maltratei nem mesmo uma formiga em toda a minha vida, e não me considero uma criminosa. Mas acho que se o FBI quisesse me prender, poderia. Assim, com tudo esclarecido, ainda quer embarcar naquele avião comigo? – Sem sombra de dúvida. Agora você realmente despertou minha curiosidade.

Ela suspirou e recostou-se, o olhar fixo no corredor do terminal.

– Não olhe agora, mas vem aí um par que tem todo o jeito de FBI.

– Sério? – Diferentemente de você, eu não ia brincar com uma coisa dessas – ela abaixou-se e remexeu na mala. Após uns poucos momentos de ansiedade, ela sentou-se de novo quando o par passou por eles sem olhar.

– Lee, dependendo do que descobriram, eles podem estar procurando um casal. Por que não fica aqui enquanto vou comprar as passagens? Eu me encontro com você no portão.

Ele pareceu inseguro.

– Preciso pensar um pouco.

– Pensei que você tivesse dito que confiava em mim.

– E confio.

Por um momento Lee imaginou o pai de Faith de pé na sua frente, pedindo dinheiro. E, sem dúvida nenhuma, ele ia meter a mão no bolso para pegar a carteira.

– Mas a confiança tem limites, certo? Seguinte: fica com as malas. Preciso levar a bolsa. Se está realmente preocupado, daqui você tem uma boa visão da entrada de segurança. Se eu tentar dar o golpe, pode me pegar – e eu tenho certeza de que é capaz de correr muito mais depressa que eu.

Ela se levantou.

– E você sabe que não posso chamar o FBI, não sabe? Ela o encarou por um longo momento, aparentemente desafiando-o a contrariar sua lógica.

– Tudo bem.

– Qual é o seu nome novo? vou precisar para a passagem.

– Charles Wright. Ela piscou.

– E seus amigos o chamam de Chuck? Ele respondeu com um sorriso constrangido e Faith virou-se e desapareceu na multidão.

Assim que ela saiu, Lee arrependeu-se. Claro que ela deixara a mala, mas uma mala com meia dúzia de roupas, as mesmas que ele lhe dera! Tinha a bolsa, o que significava que tinha o que realmente precisava: a falsa identidade e o dinheiro. Sim, ele podia ver o portão dali, mas e se ela simplesmente saísse pela porta da frente? E se fosse isso o que estava fazendo naquele instante? Sem ela, nada tinha. Exceto algumas pessoas realmente perigosas que agora sabiam onde ele morava. Pessoas que sentiriam imenso prazer em quebrar-lhe os ossos até que

contasse tudo o que sabia, o que era nada. E que não gostariam nem um pouco disso. Próximo capítulo: seu enterro num aterro sanitário, num lixão. Esta ideia representou a gota final. Lee deu um pulo, agarrou as malas e saiu atrás de Faith.

Capítulo 20

HOUVE UMA BATIDA NA PORTA DE REYNOLDS. A CABEÇA DE CONNIE apareceu na fresta e Reynolds, que estava ao telefone, mandou entrar.

Connie tinha trazido dois cafés. Pôs um na frente da colega, juntamente com dois pacotes com creme, um de açúcar e um misturador. Ela agradeceu com um sorriso afetuoso. Connie sentou-se e começou a tomar seu café enquanto ela acabava o telefonema.

Reynolds desligou e começou a mexer seu café.

– Eu adoraria receber uma boa notícia, Connie.

Ela notou que ele também tinha ido em casa, tomado banho e mudado de roupa.

Perambular no meio do mato no escuro devia ter feito um enorme estrago ao seu terno.

O cabelo dele ainda estava molhado, o que o tornava mais grisalho que o normal.

Reynolds vivia esquecendo que ele já tinha passado dos cinquenta: Connie parecia nunca mudar, sempre grandalhão, sempre resistente, a rocha onde ela se agarrava quando as ondas fortes do mar agitado queriam pegá-la. Conforme estava acontecendo naquele exato momento.

– Você quer mentiras ou verdades? Reynolds tomou um gole de café, suspirou e recostou-se na cadeira.

– Neste exato momento, não sei ao certo.

Ele adiantou-se um pouco na cadeira, largando o café em cima da escrivaninha.

– Trabalhei na cena do crime com os rapazes da VCU Unidade de Crimes Violentos.

Trabalhei lá quando entrei para o Bureau, você sabe. Foi como nos velhos tempos.

Ele pôs as palmas das mãos estiradas sobre os joelhos e flexionou o pescoço grosso para se livrar de uma câimbra.

– Que droga, parece que um desses zagueiros enormes, um cara como o Reggie White, andou fazendo uns polichinelos em cima de minhas costas. Estou ficando velho demais para este tipo de trabalho.

– Você não pode se aposentar. Não sei trabalhar sem você. Connie pegou seu café.

– Uma ova que não sabe.

Ficou evidente, contudo, que a observação dela o deixara satisfeito. Ele recostou-se, desabotoou o paletó e soltou a barriga. Deixou passar mais ou menos um minuto enquanto, presumivelmente, punha em ordem seus pensamentos.

Reynolds esperou com paciência. Sabia que Connie não tinha vindo bater papo, algo que raramente fazia com qualquer pessoa. Reynolds sabia que praticamente tudo naquele homem tinha um objetivo específico. Apegado às normas da burocracia, carregava uma agenda para toda a parte onde ia. Embora confiasse integralmente nele pelo tirocínio e instintos, Reynolds nunca perdera de vista o fato de ser mais jovem e menos experiente e, mesmo assim, ser sua chefe. Isso tinha que ser um ponto delicado nas suas relações com ele. E, ainda por cima, ela era mulher, num setor de atividades em que ainda não havia tantas no seu nível de responsabilidade. Não poderia culpar Connie se sentisse ressentimento dela. Mas a verdade era que ele jamais dissera uma palavra negativa a seu respeito ou deixara de se esforçar na realização de qualquer tarefa para deixá-la mal. Pelo contrário, era exageradamente metódico, e confiável como o nascer do sol. O que não a dispensava de prestar atenção nessas coisas.

– Estive com Anne Newman de manhã. Ela gostou de você ter ido procurá-la ontem à

noite. Disse que você representou um grande consolo.

Aquilo surpreendeu Reynolds. Afinal, talvez a mulher não a culpasse.

– Ela aceitou bem o que houve.

– E, pelo que entendi, o diretor também. O que foi legal da parte dele. Você sabe que Ken e eu éramos amigos há muito tempo. A expressão do rosto de Connie era facilmente legível. Se ele pegasse o assassino antes da turma da VCU, talvez não houvesse necessidade de julgamento.

– Eu sei. Nunca parei de pensar em como isto tudo deve estar sendo difícil para você.

– Você já tem bastante coisa com que se preocupar. Além do mais, sou a última pessoa com quem tem que se preocupar. Connie tomou um gole de café. – O atirador foi baleado. Pelo menos é o que parece.

Reynolds imediatamente inclinou o corpo para a frente.

– Conte-me tudo.

Connie sorriu por um instante.

– Não quer esperar o relatório escrito da VCU? Ele cruzou as pernas, puxando para cima as calças.

– Você tinha razão a respeito da localização do atirador. Encontramos sangue, e em boa quantidade, no bosque atrás do chalé. Uma trajetória difícil. A localização esclarece a origem provável do tiro. Seguimos a trilha tão bem quando foi possível, mas não conseguimos ir além de algumas centenas de metros.

– Exatamente quanto sangue? Houve risco de vida? – Difícil dizer. Estava escuro. Tem uma equipe lá agora, dando prosseguimento à investigação. Estão vasculhando tudo atrás da bala que matou Ken. Também vão esquadrihar as redondezas mas o chalé era tão isolado que não sei se vai valer a pena.

Reynolds respirou fundo.

– Se encontrássemos um corpo, ao mesmo tempo simplificaria e complicaria as coisas, Connie aquiesceu, pensativo.

– Sei onde você está querendo chegar.

– Pegou uma amostra de sangue? – Enquanto estamos aqui, o laboratório a está examinando. Mas não sei se vai adiantar.

– Na pior das hipóteses vai servir para confirmar se é sangue humano ou não.

– É verdade. Talvez só venhamos a encontrar uma carcaça de veado. Mas acho que não.

Reynolds se animou toda, fazendo com que Connie silenciasse.

– Nada de concreto – disse ele, em resposta ao olhar dela. Puro palpite.

– Se o sujeito estiver ferido, vai ser um pouco mais fácil segui-lo.

– Talvez. Mas se ele precisasse de cuidados médicos, não seria tão idiota a ponto de procurar o posto médico local. Eles têm que denunciar todos os ferimentos a bala à polícia. E não sabemos a gravidade do ferimento. Pode ter sido apenas um ferimento superficial mas que sangrou adoidado. Sendo só isso, ele faz um curativo, pega um avião e zás. Some. Eu sei que estamos com gente cobrindo todas as saídas, mas se o cara estiver usando um avião particular, temos um problemão. A verdade é que ele provavelmente já está com o pé na estrada há muito tempo.

– Também pode ser que esteja morto. Tudo indica que ele errou o alvo. Quem quer que

o tenha contratado não vai ficar feliz ao saber.

– Exatamente.

Reynolds cruzou as mãos enquanto pensava no próximo tópico sobre o qual queria falar.

– Connie, a arma de Ken não foi disparada.

Connie obviamente tinha pensado nesta linha de investigação porque respondeu logo.

– O que quer dizer que, se for confirmado que o sangue é humano, fica definitivamente comprovada a existência de uma quarta pessoa no chalé ontem à noite. E essa quarta pessoa atirou no atirador.

Ele sacudiu a cabeça cansadamente.

– Que bosta, olha só o que a gente está falando, parece que tudo não passa de uma maluquice.

– Maluquice mas aparentemente a verdade, tendo em vista os fatos tais como os conhecemos. Pense nisto: essa quarta pessoa poderia ter matado Ken, e não o sujeito que foi ferido? – Acho que não. A equipe da VCU está procurando cartuchos no mato, de onde pensamos que veio o outro tiro, como confirmação. Se houve um tiroteio entre duas pessoas desconhecidas, pode ser que encontrem outro conjunto de cartuchos ejetados.

– Bem, a presença dessa quarta pessoa pode explicar a porta aberta e o acionamento das câmeras.

Ele se endireitou na cadeira.

– Já apareceu alguma coisa na fita? Precísávamos ter uns rostos ou qualquer coisa.

– Para simplificar, fomos desmagnetizados.

– O quê? – Não queira saber os detalhes. Por ora o que interessa é que não podemos contar com a fita.

– Que bosta! Isso não nos deixa com muita coisa.

– Especificamente, nos deixa com a Faith Lockhart.

– Temos gente nossa em todos aeroportos, estações de trens e rodoviárias, assim como em agências de locação de automóveis. Na firma dela também, embora eu não acredite que fosse lá.

– Concordo. Na verdade, pode ser que a bala tenha vindo de lá – disse Reynolds vagarosamente.

– Buchanan? – Gostaria que fôssemos capazes de provar isso.

– Se encontrarmos a Lockhart, é bem possível que consigamos provar que foi ele.

Teremos então alguma vantagem.

– Não conte com isso. Só quando estiver com a cabeça quase explodindo é que você será capaz de repensar as suas lealdades – disse Reynolds, secamente.

– Se Buchanan e sua gente estão atrás de Lockhart, então devem estar também atrás de nós.

– Você já disse isso antes. Um vazamento? Aqui? – Um vazamento em alguma parte.

Aqui ou no lado de Lockhart. Talvez ela tenha feito algo que deixou Buchanan desconfiado. Por tudo quanto se sabe, o cara é cauteloso como o demônio. Ele fez com que alguém a seguisse. E por isto ela foi vista se encontrando com você na casa. Ele pesquisou mais um pouco, descobriu a verdade e contratou um pistoleiro para acabar com ela.

– Eu gostaria de acreditar muito mais nisso do que na existência de alguém aqui nos

traiando.

– Eu também. Mas o fato é que todo órgão policial tem lá suas maçãs podres.

Por um momento Reynolds perguntou-se se Connie suspeitaria dela. Todo mundo que trabalhava no FBI, dos agentes especiais ao pessoal das equipes de apoio, tinha acesso a todos os assuntos de segurança máxima. Quando a pessoa se candidatava a um emprego no Bureau equipes de agentes investigavam cada pedaço do seu passado, por mais insignificante que fosse, falando com todo mundo que a tivesse conhecido. A cada cinco anos é conduzida uma investigação completa de todos os funcionários. Nesse interim, qualquer atividade suspeita envolvendo um empregado do Bureau ou quaisquer reclamações de pessoas fazendo perguntas suspeitas sobre um empregado devem ser relatadas ao encarregado da segurança na divisão do pessoal. Isso jamais acontecera a Reynolds. Sua ficha era limpa.

Havendo suspeitas de vazamento ou de qualquer outro tipo de falha na segurança, era bem possível que uma investigação fosse conduzida pelo Gabinete de Responsabilidade Profissional e podia ser determinado que o suspeito fosse submetido a um exame no detector de mentiras. Além disso, o Bureau estava sempre alerta para quaisquer sinais de que seus elementos estivessem passando por problemas pessoais ou profissionais que os deixassem suscetíveis à corrupção ou influência de terceiros.

Reynolds sabia que Connie ia bem, financeiramente. Sua mulher morrera alguns anos antes de uma doença demorada que lhe consumira muitos recursos, mas ele morava em uma bela casa que valia muito mais do que ele pagara. A faculdade dos filhos estava garantida, e sua pensão não estava onerada por nada. Tudo considerado, ele tinha pela frente uma bela aposentadoria.

Por outro lado, Reynolds sabia que sua vida pessoal e suas finanças não podiam estar em piores condições. Dinheiro para a faculdade? Droga, seria muita sorte se pudesse continuar pagando o primeiro grau em escola particular. E muito breve não teria mais uma casa a que pudesse chamar de sua. Aquela estava sendo vendida como parte do divórcio. O apartamento em que estava de olho era mais ou menos do tamanho do que alugara ao terminar a faculdade.

Aconchegante para uma pessoa. Um adulto e duas crianças cheias de energia rapidamente transformariam o aconchegante em irritante. E será que ia conseguir continuar pagando a babá? com o horário maluco que tinha, como não ter babá? Não podia deixar as crianças sozinhas à noite.

Em qualquer outra ocupação ela provavelmente estaria entre os dez mais da lista de candidatos a serem chutados. Mas no FBI a taxa de divórcios era tão grande que a bagunça do seu casamento passaria completamente despercebida pelo radar do Bureau. Ali a carreira simplesmente não ajudava uma vida pessoal feliz.

Reynolds piscou por um instante quando percebeu que o olhar de Connie continuava fixo nela. Será que ele realmente suspeitava de que era culpada pelo vazamento? De ser a responsável pela morte de Ken? Sabia que as aparências eram contra ela. Na noite em que pedira a Newman para substituí-la com Faith Lockhart, ele fora morto. Sabia que Paul Fisher andara pensando nisso, e estava razoavelmente certa de que Connie pensava o mesmo naquele instante.

– Não há realmente nada que sejamos capazes de fazer por ora a respeito dessa teoria de vazamento – disse ela, depois de se recompor. – Vamos nos concentrar no que é possível.

– Ótimo. Qual é então o nosso próximo passo? – Acionar todas as nossas linhas de investigação com tanta intensidade quanto for possível. Encontrar a Lockhart. Torcer para que ela use um cartão de crédito para comprar a passagem aérea ou de trem. Se usar, nós a pegamos. Precisamos pelo menos fazer um esforço para pegar o atirador. Seguir Buchanan. Recuperar aquela fita e ver quem foi que entrou na casa. Quero que você aja como elemento de ligação com a VCU. Temos um monte de fios, vamos ver se conseguimos pegar um ou dois e nos agarrar neles.

– Ei, não é sempre assim? – Estamos agora numa situação realmente difícil, Connie. Ele balançou a cabeça pensativamente.

– Soube que Fisher esteve aqui. Imaginei que tinha dado uma passada para vê-la. Reynolds não respondeu, e Connie insistiu.

– Treze anos atrás eu estava na chefia de uma operação secreta conjunta com a agência de combate às drogas, a DEA, em Bronsville, no Texas.

Ele fez uma pausa, como que avaliando se ia em frente ou não.

– Nosso objetivo oficial era interromper o fluxo de cocaína que atravessava a fronteira mexicana. O objetivo não-oficial era cumprir nossa missão sem prejudicar a imagem do governo mexicano. Por esta razão tínhamos linhas de comunicação abertas com nossos correspondentes na Cidade do México. Talvez abertas demais, já que a corrupção, em todos os níveis, ao sul da fronteira, era desenfreada. Mas assim foi feito para que as autoridades mexicanas pudessem desfrutar da glória depois que tivéssemos feito todo o trabalho e acertado os criminosos que chefiavam o cartel. Depois de dois anos de trabalho foi planejado um ataque de surpresa, coisa de vulto. Mas houve um vazamento e meus rapazes caíram numa emboscada onde dois morreram.

– Oh, meu Deus. Ouvi falar do caso, mas não sabia que você estava envolvido.

– Você provavelmente ainda usava fraldas em Quantico. Reynolds não saberia dizer se aquilo era uma piadinha que circulava pelas suas costas ou não, mas preferiu não responder.

– Seja como for, depois que tudo veio abaixo, recebi uma visita de um jovem ambicioso do QG que não sabia de que lado devia empunhar a pistola, e que polidamente me informou que se eu não fizesse as coisas direito, estava ferrado. Mas havia uma condição. Se eu descobrisse que os nossos amigos mexicanos tinham estragado tudo, não podia usar isso como desculpa. Relações internacionais, ele me disse. Eu só tinha que cair em cima da espada pelo bem do mundo.

A voz de Connie tremeu um pouco quando ele disse esta última parte.

Reynolds deu-se conta de que estava prendendo a respiração. Não era próprio de Connie falar tanto. No dicionário, o retrato dele bem que poderia ser encontrado ao lado da palavra "taciturno".

Ele tomou um gole de café e enxugou os lábios com as costas da mão.

– Bem, sabe de uma coisa? Segui o vazamento até o topo do departamento de polícia mexicana, marquei com um X bem grande a testa dos filhos-da-mãe e tirei o time de campo. Se meus superiores não quisessem fazer nada a respeito, tudo bem. Mas eu não ia levar de jeito nenhum a culpa pela merda que os outros tinham feito.

Ele a encarou com firmeza.

– Relações internacionais – disse Connie com um sorriso amargo nos lábios. Ele apoiou

os cotovelos na mesa dela.

Seria um desafio que ele estava lhe fazendo? – perguntou-se Reynolds. Estaria esperando marcar sua testa com um X ou desafiando-a a marcar a dele? – Esse tem sido meu lema oficial desde então – disse ele.

– Qual? – Que se fodam as relações internacionais.

Capítulo 21

NO TERMINAL DO AEROPORTO PERAMBULAVAM MEMBROS TANTO DO FBI quanto da CIA, com o primeiro grupo ignorando completamente a presença do último. Os homens de Thornhill também tinham a vantagem de saber que Lee Adams provavelmente estava viajando com Faith Lockhart. Os agentes do FBI estavam apenas procurando a mulher.

Lee, sem saber, passou por uma dupla de agentes do FBI vestidos como homens de negócios, com pastas de documentos e exemplares do The New York Times. Os dois também não tomaram conhecimento dele. Faith passara ali mesmo um minuto antes.

Lee reduziu o ritmo quando se aproximou do balcão principal de venda de passagens. Lá estava Faith falando com um funcionário. Aquilo estava começando a parecer sem problema. Sentindo-se culpado por não ter confiado nela, ele mudou de rumo e foi esperá-la num canto.

No balcão, Faith exibiu sua nova identidade e comprou três passagens. Duas no nome de Suzanne Blake e Charles Wright. A mulher mal olhou para sua foto. Ainda bem, embora Faith supusesse que as pessoas raramente parecessem com as fotos de suas identidades. O voo para o Aeroporto Internacional de Norfolk saía em cerca de quarenta e cinco minutos. A terceira passagem ela comprou em nome de Faith Lockhart. Era um voo com destino a San Francisco com escala em Chicago. Descobriria-o nos monitores.

Costa Oeste, cidade grande. Podia desaparecer em San Francisco, descer de carro pelo litoral, talvez mesmo ir para o México. Não sabia ao certo como conseguiria fazer isso, tinha que dar um passo de cada vez.

Faith explicou que estava comprando a passagem para San Francisco para sua chefe, que chegaria em breve.

– É bom que ela se apresse – disse a atendente. – Ela ainda tem que fazer o check in. E vão começar a embarcar dentro de uns dez minutos.

– Não vai ser problema – assegurou Faith. – Ela não tem bagagem, de modo que pode fazer o check in no portão.

A funcionária lhe passou a passagem. Faith imaginou que estivesse a salvo usando seu nome verdadeiro na passagem porque pagara pelas três com o cartão de crédito que tinha o nome de Suzanne Blake. E sua única outra identidade que tinha para o check in era a verdadeira. Era Faith Lockhart ou nada. Tudo haveria de sair bem.

Não poderia estar mais enganada.

Enquanto Lee observava Faith, um pensamento o sacudiu. Sua pistola! Tinha que entregá-la no balcão antes de passar pela segurança, senão ia ser um inferno. Saiu correndo até o balcão e parou ao lado de uma Faith muito assustada.

Ele a abraçou e deu um beijinho no rosto.

– Ei, garota. Desculpe, mas o telefonema levou mais tempo do que eu pensava.

Lee olhou para a funcionária.

– Tenho uma pistola que preciso embarcar – disse, casualmente.

A moça levantou ligeiramente os olhos ao ouvir aquilo.

– O senhor é o sr. Wright? Lee balançou a cabeça, confirmando e ela começou a preparar a documentação necessária. Ele mostrou a identidade falsa e ela carimbou devidamente a passagem, registrando a informação sobre a arma na memória do computador. Lee entregou a arma e a munição e preencheu a declaração. A funcionária prendeu uma etiqueta no recipiente e os dois se afastaram do balcão.

– Desculpe, eu esqueci da arma – Lee deu uma olhada na direção do portão de segurança.

– Muito bem, claro que tem gente deles lá. Vamos passar separadamente. Fica fria porque sua aparência não tem nada a ver com a de Faith Lockhart.

Embora Faith sentisse o coração bater na boca o tempo todo, eles passaram sem incidente pelo portão de segurança.

Ao passarem pelos monitores que exibiam informações dos voos, Lee viu qual era o portão deles.

– Por ali.

Faith aquiesceu, ao mesmo tempo em que reparava a configuração dos portões. O do embarque para San Francisco era perto o bastante para ser facilmente atingido, mas longe o suficiente do portão de Norfolk. Ela escondeu um sorriso. Perfeito.

Enquanto seguiam em frente, deu uma espiada em Lee. Ele a tinha ajudado muito. Não se sentia bem com o que estava prestes a fazer, mas convencera-se de que era para o bem de ambos.

Atingiram o portão que dava acesso para o voo de Norfolk. O embarque teria início mais ou menos em dez minutos, fora o que lhe disseram. Já havia um bocado de gente esperando.

Lee virou-se para ela.

– Melhor você ligar para a tal companhia aérea que faz o voo para Pine Island.

Lee e Faith caminharam até uma parede onde havia uma série de telefones e ela fez a ligação.

– Tudo arrumado – afirmou Faith. – Agora podemos relaxar.

– Certo – disse Lee secamente. Faith olhou em torno.

– Preciso ir ao banheiro.

– Melhor andar depressa.

Faith afastou-se enquanto Lee ficou olhando para ela pensativamente.

Capítulo 22

– BINGO! – EXCLAMOU O HOMEM SENTADO DIANTE DE UMA TELA de computador. Ele estava em uma van do lado de fora do aeroporto. O FBI mantinha um elemento de ligação junto às linhas aéreas para monitorar as viagens das pessoas procuradas pelo Bureau. com mais de uma linha aérea compartilhando os sistemas de reserva e com o advento do code-sharing, onde, havendo convênio, pode-se viajar numa empresa com bilhete de outra, o trabalho do FBI tinha sido bastante facilitado. O Bureau tinha pedido para que o nome de Faith Lockhart

fosse destacado nos sistemas de reserva das companhias aéreas mais importantes e esse pedido deu excelente resultado.

– Ela acaba de fazer reserva para um voo destinado a San Francisco que sai em cerca de meia hora – disse ele usando o microfone acoplado com fones de cabeça. – United Airlines.

Ele passou o número do voo e a informação sobre o portão de embarque.

– Peguem-na – ordenou aos homens que se encontravam no interior do terminal. Em seguida pegou o telefone e avisou a Brooke Reynolds.

Lee estava folheando uma revista que alguém deixara no lugar ao seu lado quando dois homens de terno passaram correndo. Minutos depois, um par de sujeitos de calças jeans e jaquetas passou correndo também na mesma direção.

Lee pôs-se imediatamente de pé, olhou em torno para ver se tinha mais alguém por perto, não viu ninguém e saiu atrás do grupo.

Os agentes do FBI seguidos pelos homens de jeans, passaram disparados pelo toalete feminino um minuto antes de Faith sair. Quando saiu eles já tinham desaparecido na multidão.

Lee reduziu o ritmo quando a viu. Outro alarme falso? Quando ela se virou e saiu andando na direção oposta, ele soube que seus temores tinham sido justificados.

Lee olhava fixamente para Faith quando ela deu uma olhada no relógio e apertou o passo. Droga, sabia exatamente o que estava fazendo: ia pegar outro voo. E, pelo modo que ela olhara para o relógio e começara a andar mais depressa, devia estar quase na hora de partir. Ao mesmo tempo em que abria caminho por entre a multidão, Lee ia examinando o corredor à frente. Havia dez portões de embarque remanescentes. Parou por um segundo junto dos monitores, passando rapidamente em revista as listagens, verificando os portões um por um até que parou na palavra "embarcando" ao lado de um voo da United para San Francisco, piscando. Quando prosseguiu no exame, viu que o mesmo acontecia com um voo para Toledo. Qual dos dois seria? Bem, havia um meio definitivo para descobrir.

Lee saiu correndo, cortou caminho por uma área de espera, conseguiu passar por Faith sem que ela o visse e parou abruptamente em um ponto de onde via o portão de embarque para o voo de San Francisco. Os homens de terno que tinham passado por ele estavam ali, conversando com um empregado da United que parecia muito nervoso.

Logo em seguida eles saíram, rostos inexpressivos, e foram se colocar atrás de uma divisória, sem tirar os olhos da multidão e da área de embarque. FBI, com toda a certeza. O voo para San Francisco tinha que ser o que Faith ia pegar.

Mas alguma coisa não estava fazendo sentido. Se ela havia usado seu nome falso, como...? De repente Lee descobriu. Ela não podia usar o nome falso para comprar passagens para dois voos que saíam com poucos minutos de diferença. Teria sido motivo de estranheza para a funcionária do balcão. Faith usara seu nome verdadeiro porque precisava de uma identidade para embarcar. Merda! Ela ia cair diretamente nos braços deles.

Mostraria o bilhete, o funcionário da companhia aérea faria um sinal para o agente do FBI e tudo estaria acabado.

Justo quando ele estava prestes a se virar, reconheceu os dois homens de jaqueta e jeans que tinham passado por ele pouco antes. Aos olhos experimentados de Lee, eles estavam observando atentamente os federais, sem demonstrar que o faziam. Lee adiantou-se um pouco, e com o tempo nublado que fazia lá fora, conseguiu ver seu reflexo na vidraça da janela. Um deles

segurava qualquer coisa numa das mãos. Lee sentiu um calafrio quando mudou de posição e conseguiu distinguir o que era. Ou o que pensava que fosse. De uma hora para outra o caso tomava uma dimensão completamente diferente.

Lee voltou pelo corredor, abrindo caminho com dificuldade por entre a multidão. A impressão que dava era que todo mundo que morava em Washington e cercanias tinha resolvido viajar naquele dia. Viu Faith do outro lado. Em mais um instante passaria por ele. Lee mergulhou através da parede de gente e tropeçou numa sacola de roupas que alguém deixara no chão. Caiu com força no chão, os joelhos aguentando a maior parte do choque. Quando se levantou, Faith já passara. Só tinha mais uns poucos segundos, se tanto.

– Suzanne? Suzanne Blake? – exclamou.

A princípio ela não registrou. Mas logo parou e olhou para trás. Se o visse, Lee sabia que podia correr. Mas quando parou, deu-lhe os poucos segundos de que ele precisava. Lee fez a volta e surgiu por trás dela.

Faith quase caiu para trás quando ele agarrou seu braço.

– Vire-se e ande comigo – disse ele.

Ela puxou os dedos. – Lee, por favor. Você não entende. Por favor, me deixa ir.

– Não, é você que não entende. O FBI a está esperando no portão de San Francisco.

Suas palavras a deixaram imóvel. – Você estragou tudo. Fez a segunda reserva no seu nome. Eles monitoram coisas assim, Faith. Sabem que você está aqui agora.

Os dois voltaram caminhando tão depressa quanto puderam para junto do portão inicial. Os passageiros estavam embarcando. Lee pegou as malas, mas, em vez de entrar no avião, saiu na direção contrária, arrastando Faith. Passaram de novo pela segurança e se dirigiram para o elevador.

– Aonde estamos indo? – perguntou Faith. – O avião para Norfolk já vai levantar voo.

– Vamos dar o fora da droga deste terminal antes que eles ponham tudo abaixo nos procurando.

Pegaram o elevador, desceram para o andar térreo, saíram e Lee fez sinal para um táxi. Pegaram logo um, entraram e assim que se sentaram ele deu um endereço na Virgínia.

O táxi arrancou e só então Lee olhou para ela.

– Não podíamos pegar o avião para Norfolk

– Por quê? A passagem foi tirada no meu outro nome. Lee deu uma espiada no motorista, um sujeito meio velho atirado no banco ouvindo música country no rádio.

Só depois de se satisfazer com o que viu é que Lee falou, e mesmo assim bem baixo.

– Porque a primeira coisa que eles vão fazer é checar no balcão de venda de passagens para ver quem comprou a de Faith Lockhart. Ai então vão saber que foi Suzanne Blake. E saberão também que Charles Wright está viajando com você. E ouvirão as descrições de ambos. Em seguida verificam o destino das passagens e aí o FBI estará esperando por nós quando desembarcarmos em Norfolk

Faith empalideceu.

– Eles agem assim tão depressa?

Lee tremeu de raiva. – Com quem diabos você pensa que está tratando? Os Três Patetas? – Ele deu um tapa na coxa num súbito ataque de raiva. – Puta que pariu!

– O quê? – perguntou Faith, desesperada. – O que foi?

– Deixei lá minha arma. Registrada no meu nome. Meu nome verdadeiro. Agora que dei essa tremenda colher de chá, posso garantir que os federais logo estarão colados no nosso rabo.

Em seu desespero ele apoiou a cabeça em ambas as mãos.

– Hoje deve ser o meu aniversário, as coisas estão correndo bem demais para mim.

Faith ia pondo a mão no ombro dele, mas desistiu a tempo. Em vez disso, olhou pela janela.

– Sinto muito, sinceramente. Sinto muito mesmo.

Ela encostou a mão na janela, deixando que o frio do vidro penetrasse na sua pele.

– Olha, basta que me leve ao FBI. Direi a verdade a eles.

– Seria ótimo, só que o FBI não ia aceitar a sua palavra. E há outra coisa.

– O quê?

Faith perguntou-se se ele iria lhe contar que trabalhava para Buchanan.

– Agora não.

Lee na verdade estava pensando nos outros homens que estavam no portão e no que vira na mão de um deles.

– Por ora eu só quero que você me conte de que se tratava aquilo lá no chalé.

Ela fixou os olhos nas águas cinzentas e agitadas do Potomac.

– Não sei ao certo se posso – disse, tão baixinho que ele mal conseguiu ouvi-la.

– Bem, eu gostaria que você se esforçasse – retrucou ele, firmemente. – Gostaria que se esforçasse muito, mas muito mesmo.

– Não creio que você vá entender.

– Garanto que vou.

Ela finalmente se virou para Lee, o rosto congestionado, o olhar se recusando a encontrar o dele. Nervosa, repuxou a bainha do seu casaco.

– Eu só achei que seria melhor se você não estivesse comigo. Você entende, pensei que seria mais seguro para você.

Lee desviou o olhar, revoltado. – ‘ – Mentira! – É verdade! Ele virou-se e agarrou-lhe o ombro com tanta força que Faith estremeceu de dor.

– Escuta, Faith, eles estiveram no meu apartamento, quem quer que sejam. Sabem que estou envolvido. Quer eu esteja com você ou não, o nível de perigo na verdade não se altera para mim, pelo contrário, só piora. E você tentando me passar a perna e fugir não ajuda nada.

– Mas eles já sabiam que você estava envolvido. Lembre-se do que houve no seu apartamento.

Lee sacudiu a cabeça.

– Aqueles não eram os federais.

Ela ficou atônita. – Quem eram então?

– Não sei. Mas os federais não aparecem disfarçados de entregadores de encomenda da UPS. Regra Número do FBI: um efetivo esmagadoramente maior resolve tudo. O FBI teria ido lá com uma centena de homens e a Equipe de Resgate de Reféns e mais cachorros, armaduras e toda a parafernália. E simplesmente vão entrando, liquidam você e pronto, caso encerrado. A voz de Lee foi ficando mais calma à medida que ele ia pensando.

– Agora, os caras de terno que estavam à sua espera no portão eram do FBI.

Ele balançou a cabeça, pensativo. – Não tentavam disfarçar quem eram.

Os outros dois homens no portão de embarque? Não tinha a menor ideia. Mas de uma coisa tinha certeza: Faith tinha muita sorte em ainda estar viva.

– Oh, a propósito, você não me deve nada por eu ter salvado sua vida de novo. Mais uns segundos e você estaria de volta a território do FBI, com muito mais perguntas para responder do que as respostas que tem para dar. Eu devia ter deixado que a levassem.

– Por que não deixou? – perguntou ela, baixinho.

Lee teve ímpetos de dar uma risada, Aquilo tudo mais parecia um sonho. Mas onde é que vou acordar? – Por ora, a explicação mais plausível é maluquice. Faith tentou sorrir.

– Graças a Deus pelos malucos.

Lee não correspondeu ao seu sorriso. – De agora em diante somos irmãos siameses. E melhor se acostumar a ver um homem fazer pipi, moça, porque passamos a ser inseparáveis.

– Lee...

– Não quero saber! Não diga uma só palavra – a voz dele tremia. – Estou quase lhe dando um soco, juro por Deus.

Com gestos exagerados, Lee passou a mão enorme em torno do seu pulso, como se fosse uma alga. Depois se recostou, olhar perdido.

Faith nem tentou puxar a mão. E sentiu-se verdadeiramente apavorada, achando que ele podia mesmo dar-lhe um soco. Lee Adams provavelmente nunca se sentira tão irado em toda a sua vida, pensou. Até que por fim recostou-se e tentou se acalmar. Seu coração batia tão depressa que ela teve a impressão de que suas artérias iam explodir.

Talvez poupasse muitos problemas a todos se morresse simplesmente de um ataque do coração.

Em Washington pode-se mentir a respeito de sexo, dinheiro, poder, lealdades. Pode-se transformar falsidades em verdades e fatos simples em mentiras. Faith tinha visto de tudo. Era um dos lugares mais cruéis e frustrantes do mundo, onde as pessoas confiavam em velhas alianças e fugas rápidas para sobreviver e onde cada novo dia, cada novo relacionamento podia ser aquele que ia fazer sua fortuna ou destruir você. E Faith florescera nesse mundo, na verdade o amara. Até agora.

Faith não podia olhar para Lee Adams, com medo do que ele pudesse ler nos seus olhos. Lee era tudo o que tinha. Embora mal o conhecesse, por alguma razão ansiava por obter seu respeito, sua compreensão. Sabia que não poderia ter nem uma coisa nem outra. Não merecia.

Pela janela do carro viu um avião ganhando altitude rapidamente. Em mais alguns segundos ele desapareceria dentro das nuvens. Logo os passageiros seriam capazes de ver aquela camada de nuvens gordas por baixo deles, fazendo desaparecer subitamente o mundo lá embaixo. Por que não podia estar naquele avião indo para um lugar onde pudesse começar tudo de novo? Por que um lugar desses não podia existir? Por quê?

Capítulo 23

BROOKE REYNOLDS SENTOU-SE MELANCOLICAMENTE À MESINHA, o queixo apoiado na palma da mão, perguntando-se se ainda conseguiria agir direito naquele caso. Encontraram o carro de Ken Newman. Tinha sido limpo com tanto profissionalismo que sua equipe de "peritos" não conseguiu lhe fornecer um único indício. Acabara de verificar com o

laboratório. Ainda estavam às voltas com a fita de vídeo desmagnetizada. O pior de tudo é que Faith Lockhart escapara por entre seus dedos. A continuar assim, nunca seria diretora do FBI. Tinha certeza de que encontraria um monte de mensagens do ADIC quando voltasse à sua sala, e nenhuma delas seria lisonjeira.

Reynolds e Connie encontravam-se em uma área privada do Aeroporto Nacional Reagan. Tinha interrogado meticulosamente a funcionária da companhia aérea que vendera as passagens a Faith Lockhart. Viram todas as fitas da segurança e a moça reconheceu facilmente a mulher que efetuara a compra. Reynolds presumiu que se tratasse de Faith Lockhart. Mostraram um retrato da Lockhart e ela mostrou-se razoavelmente segura de que se tratava da mesma mulher.

Neste caso, Faith Lockhart mudara consideravelmente a aparência: um corte de cabelo e uma pintura, pelo que Reynolds pôde ver na fita da segurança do aeroporto.

E agora Lockhart tinha ajuda. Pois também aparecia no vídeo um homem alto e forte, saindo com ela. Reynolds iniciara as investigações óbvias, incluindo as corridas de táxi iniciadas no aeroporto naquele horário. Havia também elementos do FBI em Norfolk, para o caso de o par ter tomado providências adicionais de viajar para lá. Até aquela hora, não aparecera nada. Tinham conseguido, contudo, uma pista bem promissora.

Reynolds abriu a caixa de metal e olhou para a SIG-Sauer, enquanto Connie encostava-se à parede e fazia uma careta para o nada. A arma já fora examinada para ver se havia impressões digitais, e os resultados estavam sendo comparados com as digitais existentes nos bancos de dados do Bureau, só que tinham algo ainda melhor: a pistola era registrada. Tinham conseguido rapidamente o nome e endereço do proprietário com a Polícia do Estado de Virgínia.

– Tudo bem – disse Reynolds – então a pistola está registrada no nome desse Lee Adams. Estamos conseguindo uma foto dele no Detran da Virgínia. Estou supondo que seja ele o cara que está com Faith Lockhart. O que sabemos a seu respeito até agora? Connie tomou um gole de Coca-Cola, do copo que estava segurando, junto com dois Advil.

– Detetive particular. Já é bastante rodado. Parece ser muito correto. Alguns caras do Bureau o conhecem. Dizem que é bom sujeito. Vamos levar o retrato dele ao balcão da companhia aérea. Talvez a moça consiga reconhecê-lo. É o que há por ora. Teremos mais em pouco tempo.

Ele deu uma olhada na pistola.

– Encontramos estojos na floresta atrás do chalé. Disparados por uma pistola. Pelo número de estojos encontrados, a pessoa esvaziou metade do carregador em alguma coisa.

– Acha que foram disparados por esta pistola? – Não encontramos nenhum projétil para comparar, mas o pessoal do laboratório de balística nos dirá se as marcas nos estojos que encontramos são iguais às que forem produzidas por esta pistola.

Connie referia-se às marcas deixadas pelo percussor na parte de trás do estajo, tão características como uma impressão digital.

– E como temos a munição dele, podemos fazer um teste de tiro com a própria arma, o que, como você sabe, é o ideal. Também estamos examinando os estojos em busca de digitais. Não vai servir para confirmar definitivamente se Adams esteve lá, já que ele poderia ter carregado a arma antes e uma outra pessoa ter feito os disparos no chalé, mas ainda assim é alguma coisa.

Ambos sabiam que estojos de munição têm superfícies muito melhores para se conseguir impressões aproveitáveis do que o cabo de uma pistola.

– Seria bom se encontrássemos impressões dele dentro do chalé.

– A Unidade de Crimes Violentos não achou nada. Adams obviamente sabe o que faz com certeza usava luvas.

– Se a balística confirmar, tudo indica que Adams é o sujeito que feriu o atirador.

– Ele não disparou tudo aquilo em Ken, posso garantir, e a SIG é para alvos a curta distância. Se Adams foi capaz de atingir Ken com um tiro de pistola daquela distância no escuro, é melhor a gente arranjar um emprego para ele em Quantico, no estande de tiro.

Reynolds não pareceu ficar convencida. Connie continuou.

– E o laboratório confirmou que o sangue encontrado na floresta é humano. Foi recolhido um projétil na área onde estavam todos os estojos de pistola. Atingiu uma árvore e ficou lá. Encontramos também um bom número de estojos perto do sangue. Munição de fuzil. Camisa inteira de metal, calibre grosso. Feita de encomenda, sem código do fabricante ou calibre gravado no estajo. Mas o laboratório garantiu que a munição usava espoleta Berdan e não American Boxer.

Reynolds dirigiu-lhe um olhar penetrante.

– Berdan? Quer dizer então que o fabricante é europeu? – Há muitas variações malucas atualmente, mas tudo leva a crer que sim.

Reynolds era muito familiarizada com a espoleta modelo Berdan, que diferia da versão americana principalmente por não possuir a bigorna integrada. Na Berdan, a bigorna é construída no interior do estajo do cartucho, formando uma miniprojeção em forma de T no alojamento da espoleta, com dois orifícios para permitir a passagem das chamas provenientes da explosão, possibilitando que a pólvora seja deflagrada. Um projeto inteligente e eficiente, na opinião de Reynolds.

Quando se comprime o gatilho de uma arma, Reynolds tinha aprendido ao entrar para o Bureau, o percussor fere a cápsula da espoleta, comprimindo o explosivo que se encontra dentro dela de encontro à bigorna, com o que ele explode. As chamas provenientes desta miniexplosão passam pelos orifícios e iniciam a queima da pólvora, cuja temperatura de combustão ultrapassa cinco mil graus. Um milésimo de segundo depois o projétil, por ação da força de expansão dos gases, sai ruidosamente pelo cano da arma e, antes que se possa piscar um olho, um ser humano quase que certamente estará morto. Armas de mão são, de longe, a arma preferida para matar nos Estados Unidos, país que, segundo os dados que eram do conhecimento de Reynolds, tem uma taxa de assassinatos de cinquenta e cinco por dia. Consequentemente, Reynolds e seus colegas nunca ficariam sem trabalho.

– Munição fabricada na Europa pode ser um sinal do interesse estrangeiro sobre o qual a Lockhart nos falou – disse Reynolds, quase que para si própria. – Quer dizer então que Adams e o atirador tentaram dar o pulo ao mesmo tempo e Adams levou a melhor.

Reynolds olhou pensativamente para o seu parceiro.

– Alguma conexão entre Adams e Lockhart? – Não que sejamos capazes de ver agora, mas ainda estamos começando a investigar.

– Olha só outra teoria, Connie: Adams sai da floresta, mata Ken e volta para a floresta. Tropeça, cai e se fere. Isto explica o sangue. Sei que não explica o projétil de rifle, mas é uma

possibilidade que não podemos ignorar. Por tudo quanto sabemos, ele também estava armado com um rifle. Ou o projétil pode ter saído da arma de algum caçador. Aquela é uma região de caça, posso apostar.

– Deixa disso, Brooke. O cara não pode ter travado um tiroio consigo próprio. Lembre-se das duas pilhas separadas de estojos diferentes. E nenhum caçador que eu conheço vai ficar parado num lugar daqueles disparando tiro após tiro em alguma coisa. Matariam seus companheiros de caçada ou talvez a si próprios. Em muitos estados é obrigatório usar uma espécie de rolha com a finalidade de limitar o número de tiros, pelo mesmo motivo. E aqueles estojos não estavam ali havia muito tempo.

– Tudo bem, tudo bem, só não estou querendo confiar em Adams.

– E você pensa que eu estou? Não confio nem em minha mãe, que Deus a tenha. Mas não posso ignorar os fatos. Lockhart foge no carro de Ken? E Adams deixa suas botas atrás da casa antes de dar seu passeio pela floresta? Deixa disso, você não pode acreditar numa coisa dessas.

– Olha, Connie, só estou indicando as possibilidades. Não afirmei que já me convenci de que tudo aconteceu assim ou assado. O que não sai da minha cabeça é saber o que foi que assustou Ken. Se o atirador estava na floresta, não pode ter sido ele.

Connie esfregou o queixo.

– Nossa, é mesmo – exclamou.

L. Reynolds de repente estalou os dedos.

– Puxa vida, a porta! Como posso ter sido tão cega? Quando chegamos no chalé a porta de tela estava escancarada. Lembro-me com clareza. Ela abre para fora, de modo que Ken a viu, com toda a certeza, quando se virou naquela direção. O que ele deve ter feito? Sacou a arma.

– E deve ter visto as botas também. Estava escuro, mas a varanda de trás não é tão grande assim.

Connie tomou outro gole de Coca-Cola e esfregou a têmpora esquerda.

– Vamos Advil, faça a sua mágica. Bem, nós saberemos ao certo se Adams esteve dentro da casa quando os caras do laboratório conseguirem decifrar a fita de vídeo.

– Se é que vão conseguir decifrar. Mas, antes de mais nada, por que Adams ia querer entrar na casa? – Talvez alguém o tenha contratado para seguir a Lockhart.

– Buchanan? – Provavelmente o primeiro da minha lista.

– Mas se foi Buchanan quem contratou o atirador do rifle para matar a Lockhart, por que ia querer que Adams testemunhasse o crime? Connie contraiu os ombros volumosos e soltou, como um urso se coçando numa árvore.

– Não resta a menor dúvida de que não faz nem um pouco de sentido.

– Pois bem, deixa que eu complique as coisas um pouco mais. A Lockhart comprou duas passagens para Norfolk. Mas apenas uma em seu nome verdadeiro para San Francisco.

– E você tem Adams correndo atrás dos nossos homens no vídeo da segurança do aeroporto.

– Acha que a Lockhart tentou passar a perna nele? – A moça que vendeu as passagens no aeroporto disse que Adams só apareceu depois que a Lockhart tinha efetuado a compra. E o vídeo o mostra levando-a de volta para as vizinhanças do portão de San Francisco.

– Então pode ser que tenhamos aqui uma parceria involuntária – disse Reynolds, que teve

um pensamento súbito enquanto olhava para Connie. Como a nossa, talvez? – Você sabe do que eu realmente gostaria? – perguntou Reynolds. Connie levantou as sobrancelhas.

– De devolver as botas do sr. Adams. Tem o endereço da casa dele? – Zona norte de Arlington. Vinte minutos daqui, no máximo. Reynolds levantou-se.

– Vamos.

Capítulo 24

ENQUANTO CONNIE ESTACIONAVA O CARRO JUNTO AO MEIO-FIO, Reynolds examinava fixamente a fachada do prédio.

– Adams deve estar indo muito bem. Esta área aqui não é barata.

Connie olhou em torno. < – Talvez eu devesse vender minha casa e comprar um apartamento por aqui – disse ele. – Caminhar pelo bairro, sentar no parque, aproveitar a vida.

– Começando a pensar em aposentadoria? – Ver Ken dentro de um saco plástico não está me fazendo desejar fazer isto pelo resto da vida.

Os dois se dirigiram para a porta da frente. Ambos notaram a câmara de vídeo. Connie acionou o botão da campainha.

– Quem é? – perguntou furiosamente uma voz de mulher já idosa.

– FBI – disse Reynolds. – Agentes Reynolds e Constantinople.

A porta não se abriu como eles esperavam.

– Mostrem os crachás – exigiu a voz. Os dois agentes se entreolharam. Reynolds sorriu.

– Vamos bancar os bonzinhos e fazer o que estão pedindo, Connie.

O par levantou as credenciais para a câmara. Os dois as usavam do mesmo modo, com o distintivo de ouro do lado de fora do estojo de couro, de modo a exibir primeiro o escudo e por último o cartão de identidade com a foto. A intenção era tornar a coisa intimidante. E tornava.

Um minuto depois ouviram uma porta se abrir pelo lado de dentro do prédio e um rosto de mulher apareceu na parte de vidro das antiquadas portas duplas.

– Deixa ver as credenciais de novo – disse ela. – Meus olhos já não são mais como antes.

– Madame – começou Connie, esquentado, mas Reynolds lhe deu uma cotovelada.

Os dois levantaram as credenciais de novo. A mulher examinou-as cuidadosamente e só depois abriu a porta.

– Desculpem – disse ela, quando Reynolds e Connie entraram – mas depois de tudo que aconteceu aqui hoje de manhã, estou querendo fazer as malas e me mudar para bem longe. E olha que já faz vinte anos que moro aqui.

– O que foi que aconteceu? – perguntou Reynolds muito séria.

A mulher lhe dirigiu um olhar cauteloso.

– Quem vocês vieram procurar? – Lee Adams – respondeu Reynolds.

– Foi o que pensei. Bem, ele não está.

– Alguma ideia de onde ele possa estar, sra...? – Carter. Angie Carter. Não, não tenho a menor ideia de onde ele possa estar. Saiu de manhã e não o vi mais.

– Então, o que foi que aconteceu hoje de manhã? – perguntou Connie. – Foi na manhã de hoje, certo? Carter balançou a cabeça afirmativamente.

– Bem cedo. Tinha acabado de tomar café quando Lee ligou e disse que queria que eu

tomasse conta de Max porque ele ia viajar.

Os dois olharam para ela, curiosos.

– Max é o pastor alemão de Lee.

A boca da velha senhora tremeu um pouco.

– Pobre animal – disse ela, com um suspiro.

– O que foi que aconteceu a Max? – perguntou Reynolds.

– Bateram nele. Vai ficar bom, mas o machucaram. Connie chegou um pouco mais perto da velha senhora.

– Quem foi que machucou o cachorro? – Sra. Carter, por que não entramos no seu apartamento e nos sentamos? – sugeriu Reynolds.

O apartamento tinha uma mobília antiga e confortável, prateleiras pequenas com enfeites fora do comum colocados em perfeita ordem e cheiro de repolho e cebola queimados.

Depois que se sentaram, Reynolds foi a primeira a falar.

– Talvez fosse melhor a senhora começar do início. Nós faremos as perguntas quando quisermos mais algum detalhe.

Carter contou que tinha concordado em ficar com Max, o cachorro de Lee.

– Estou acostumada a ficar com ele. Lee viaja muito. Ele é detetive particular, vocês sabem.

– Nós sabemos. Quer dizer então que ele não disse aonde ia. Não disse nada mesmo? – insistiu Connie.

– Ele nunca fala. Detetive particular não sai por aí espalhando o que faz.

– Ele tem escritório em algum outro lugar? – Não. Ele usa um dos quartos para trabalhar.

E também é Lee quem toma conta do prédio. Instalou a câmara do lado de fora, trancas fortes nas portas, coisas assim.

Nunca aceitou um centavo por coisa alguma do que faz. Quem quer que tenha um problema aqui no prédio – os moradores em sua maioria são idosos, como eu – fala com Lee que ele resolve.

Reynolds sorriu calorosamente.

– Parece que ele é um bom sujeito. Continue com a sua história.

– Bem, eu tinha acabado de acomodar Max quando o homem da UPS chegou. Vi pela janela. E foi aí que Lee ligou de novo e disse para soltar Max.

Reynolds interrompeu.

– Ele ligou do prédio? – Não sei. A ligação estava barulhenta, podia ser um telefone celular. Mas o que interessa é que não o vi sair do edifício. Mas pode ter saído por trás e descido pela escada de incêndio.

– Qual foi a impressão que a senhora teve dele? A sra. Carter esfregou as mãos uma na outra enquanto pensava.

– Bem, acho que tenho que dizer que ele parecia agitado por algum motivo. Fiquei espantada por ele querer que eu soltasse Max. Quer dizer, eu tinha acabado de acomodar o bicho aqui em casa, como já falei. Lee disse que precisava dar uma injeção ou algo assim no cachorro. Ora, isso não fez o menor sentido para mim, mas fiz o que ele me disse para fazer e depois aconteceu uma confusão dos demônios.

– O homem da UPS, a senhora o viu? A sra. Carter conteve uma risada.

– Ele não era o homem da UPS. Isto é, estava de uniforme e tudo mais, mas não era o homem da UPS que vem sempre entregar coisas aqui no prédio.

– Talvez um substituto.

– Nunca vi um homem da UPS carregando uma arma, e você? – A senhora viu uma arma? Ela balançou a cabeça afirmativamente.

– Quando ele desceu os degraus correndo. Tinha uma arma em uma das mãos. A outra sangrava. Mas estou me adiantando. Porque antes ouvi Max latindo como nunca ouvi antes. Depois houve uma briga, pude ouvir com toda a clareza. Pés batendo com força no chão, um homem gritando. As garras de Max no chão de madeira. Ouvi então o barulho de uma pancada e logo em seguida um uivo do pobre cachorro. Aí alguém começou a bater na porta de Lee. Depois escutei uma porção de pés se dirigindo para a escada de incêndio. Olhei pela janela da cozinha e vi todos aqueles homens disparando escada de incêndio acima. Foi como se estivesse assistindo à televisão. Aí fui para a porta da frente e espiei pelo olho mágico. Foi nessa hora que vi o homem da UPS sair pela porta da frente. Acho que ele deu a volta e foi se juntar aos outros no fundo, mas não tenho certeza.

Connie adiantou-se um pouco na sua cadeira.

– Esses outros homens trajavam algum tipo de uniforme? A sra. Carter dirigiu um olhar estranho a Connie.

– Bem, vocês deviam saber melhor do que eu – disse.

– Como assim? – perguntou Reynolds, confusa.

Mas a sra. Carter tinha pressa em prosseguir com a sua história.

– Quando eles bateram na porta de trás o alarme disparou. A polícia apareceu logo.

– O que aconteceu quando a polícia chegou? – Os homens ainda estavam aqui. Pelo menos alguns deles.

– A polícia os prendeu? – Claro que não. A polícia levou Max e os deixou aí, revistando tudo.

– A senhora tem alguma ideia da razão pela qual a polícia deixou que eles ficassem? – A mesma razão pela qual eu deixei vocês entrarem. Chocada, Reynolds olhou para Connie e depois novamente para a sra. Carter.

– A senhora está querendo dizer...

– Estou querendo dizer – interrompeu Carter impaciente que eles eram do FBI.

Capítulo 25

– EXATAMENTE O QUE ESTAMOS FAZENDO AQUI, LEE? – PERGUNTOU Faith.

Faith e Lee tinham tomado dois outros táxis depois daquele no aeroporto. O último os deixou num lugar onde não havia nada e eles já deviam ter andado por ruas secundárias alguns quilômetros.

Lee olhou para ela.

– Regra número um quando se está fugindo da lei: presume que seus perseguidores vão localizar o táxi ou os táxis usados. Por isso nunca salte de um táxi no seu verdadeiro destino.

Lee indicou um ponto mais adiante.

– Estamos quase lá.

Sem parar de andar, Lee levou as mãos aos olhos e tirou as lentes de contato, com o que seus olhos voltaram ao seu azul normal. Guardou as lentes num estojo especial da sua bolsa.

– Esse troço incomoda demais.

Faith fixou a vista na direção apontada mas não viu nada senão casas velhas, calçadas rachadas e árvores e gramados com cara de doentes. Estavam caminhando numa rua paralela à U.S. Route 1 na Virgínia, também conhecida como Rodovia Jefferson Davis, em homenagem ao presidente da Confederação. Era irônico que estivessem ali, pensou Faith, já que Davis, o homenageado, sabia muito bem o que era ser perseguido. Na verdade ele tinha sido caçado por todo o Sul depois que a guerra acabou, até que por fim os rapazes de azul o pegaram, fazendo com que passasse um longo período na cadeia. Faith conhecia a história, só não queria que terminasse da mesma forma.

Ela não costumava vir àquela parte da região norte da Virgínia. Era uma área fortemente industrializada, entremeadada de pequenos negócios, oficinas de reparos de caminhões ou barcos, comércios de carros de aspecto duvidoso, que funcionavam com base em trailers enferrujados e uma espécie de mercado das pulgas que funcionava num prédio decrépito a um passo de ser condenado pela Prefeitura. Ficou um pouco surpresa quando Lee virou-se e dirigiu-se para a rodovia. Teve que apertar o passo para manter-se ao seu lado.

– Não deveríamos estar saindo da cidade? Quer dizer, de acordo com você, o FBI é capaz de fazer qualquer coisa. E tem também essas outras pessoas cujos nomes você se recusa a dizer e que nos perseguem. Tenho certeza de que são incrivelmente qualificados para matar. E aqui estamos nós passeando.

Lee nada disse e ela afinal conseguiu puxar seu braço.

– Lee, por favor, quer me dizer o que está acontecendo? Ele parou tão abruptamente que Faith esbarrou nele. Foi como bater numa pedra.

Lee dirigiu-lhe um olhar furioso.

– Pode me chamar do que quiser, mas não posso me livrar da sensação de que quanto mais informação você tiver, maiores serão as probabilidades de você ter outra ideia idiota que terminará nos matando.

– Olha, desculpe pelo que fiz no aeroporto. Você tem razão, foi uma idiotice da minha parte. Mas eu tinha minhas razões.

– Suas razões são pura mentira. Você é toda uma imensa mentira – retrucou Lee, furioso e voltou a andar.

Faith correu até emparelhar com ele, deu um puxão no seu braço e os dois se defrontaram como boxeadores.

– Tudo bem, se você acha mesmo isso, o que diz de seguirmos caminhos separados? Aqui e agora. Cada um com suas chances.

Ele pôs as mãos nas cadeiras.

– Por sua causa eu não posso voltar para a minha casa nem usar meu cartão de crédito. Não estou com minha pistola, os federais estão no meu encaço e só tenho quatro pratos na carteira.

O que é que você acha, mocinha, que vou dar pulos de alegria com a sua proposta? – Pode ficar com a metade do meu dinheiro.

– E exatamente para onde você vai? – Toda minha vida pode ser uma mentira e isto talvez o choque, mas eu sei cuidar de mim.

Ele sacudiu a cabeça.

– Nós ficamos juntos. Por uma porção de motivos. O primeiro deles porque, quando os federais nos apanharem, eu a quero bem do meu lado jurando pela sua mãe morta que este locutor que vos fala é apenas um bebê inocente apanhado no meio do seu pesadelo.

-Lee! – Discussão encerrada.

Ele começou a caminhar ligeiro e Faith decidiu que não adiantava dizer mais nada. A verdade era que não queria prosseguir sozinha. Deu uma corridinha e os dois viraram juntos na Rodovia 1. Quando o sinal abriu, atravessaram correndo.

– Quero que espere aqui – disse Lee, amando as malas. – Há uma chance de me reconhecerem no lugar aonde estou indo e não a quero do meu lado.

Faith deu uma olhada em torno. Atrás dela havia uma cerca de fio de aço grosso com dois metros e meio de altura e arame farpado no topo. Do lado de dentro da cerca, que era patrulhada por um dobermann enorme, havia uma oficina de reparos de barcos. Será que barcos precisavam mesmo de tanta segurança? Naquela região talvez tudo precisasse. Na esquina do outro lado havia um prédio muito feio de concreto com grandes faixas vermelhas penduradas nas janelas proclamando que ali se faziam os melhores negócios da cidade em motocicletas novas e usadas. O estacionamento estava cheio de motos.

– Eu tenho que ficar aqui sozinha? Lee pegou na bolsa um boné com viseira e colocou os óculos escuros.

– Tem – respondeu, laconicamente. – Ou será que foi um fantasma que acabou de me dizer que sabia se cuidar? Sem que lhe ocorresse uma resposta à altura, Faith teve que se contentar em ficar observando, furiosa, enquanto Lee atravessava correndo e entrava na loja de motocicletas.

Enquanto esperava, sentiu de repente a presença de uma coisa às suas costas. Ao se virar, deu de cara com o dobermann, que tinha escapulado do pátio dos barcos.

Ao que parecia, a segurança ali não incluía o detalhe de fechar o portão. Quando o animal mostrou os dentes e rosnou ameaçadoramente, Faith abaixou-se devagar e agarrou as bolsas. Segurando-as na frente do corpo, foi recuando, atravessou a rua e entrou no estacionamento da loja de motocicletas. O dobermann perdeu o interesse nela e voltou a tomar conta dos barcos.

Faith soltou um suspiro de alívio e largou as bolsas no chão. Foi quando notou uma dupla

de adolescentes gordos examinando uma Yamaha usada ao mesmo tempo em que lhe lançavam olhares amorosos. Enterrou mais o boné na cabeça, virou-se e fingiu examinar uma reluzente Kawasaki vermelha que estava, surpresa, à venda. Do outro lado da Jefferson Davis havia um comércio que alugava equipamentos pesados para construções. Destacava-se ali um guindaste que levantava cargas a uns bons dez metros.

Pendurada no cabo do guindaste havia uma pequena empilhadeira que exibia um cartaz onde se lia ALUGUE-ME. Para toda parte para onde olhasse dava com sinais de um mundo a respeito do qual ignorava quase tudo. Suas inúmeras viagens tinham sido por um circuito muito diferente: capitais de diversos países, altas apostas políticas.

Clientela exigente, quantidades enormes de poder e dinheiro. Tudo isso mudando perpetuamente de posição, como as placas tectônicas. Há coisas esmagadas entre essas massas da crosta terrestre o tempo todo, sem que ninguém saiba. Subitamente deu-se conta de que o mundo real era uma empilhadeira de duas toneladas pendurada como um peixinho de aquário. Alugue-me. Empregue gente. Construa alguma coisa.

Mas Danny lhe dera uma possibilidade de redenção. Ela era uma pessoa comum, e no entanto pôde praticar o bem neste mundo de Deus. Já fazia dez anos agora que vinha ajudando pessoas que necessitavam desesperadamente de auxílio. Talvez 203 durante aqueles dez anos tenha estado expiando a culpa viçaria que sentira quando criança, vendo os golpes dados pelo pai, mesmo que bem-intencionados, e toda dor que tinham causado. Na verdade, sempre teve medo de analisar em profundidade essa parte da sua vida.

Faith ouviu passos às suas costas e virou-se. O homem vestia uma calça jeans, botas pretas e um suéter com a logomarca da loja de motocicletas. Era jovem, com uns vinte e poucos anos, olhos grandes e sonolentos, magro, alto e bonito. E sabia que era bonito, Faith viu logo, pelo seu ar pretensioso. A expressão de fisionomia dele evidenciava claramente que seu interesse em Faith era mais profundo que a opção dela por transporte em duas rodas.

– Em que posso servi-la, senhora? Deseja algo? – Só estou dando uma olhada enquanto espero meu namorado.

– Olha, esta aqui é uma bela máquina.

Ele apontou para uma BMW que cheirava, mesmo aos olhos não treinados de Faith, a dinheiro. Dinheiro jogado fora, em sua opinião. Mas, por outro lado, ela não era a orgulhosa proprietária de um enorme seda BMW, que estava na garagem de sua casa caríssima em McLean? Ele alisou o tanque de gasolina da BMW.

– O barulho do motor dela é o ronronar de um gato. Você cuida das coisas belas, elas retribuem cuidando bem de você. Muuuito bem.

Um sorriso largo iluminou seu rosto ao dizer isso. Ele a examinou da cabeça aos pés e piscou o olho.

Faith perguntou-se se aquela seria sua melhor cantada.

– Eu não piloto, só monto na garupa.

Faith respondeu em tom casual, mas na mesma hora se arrependeu.

O sorriso dele alargou-se ainda mais.

– Ora, ora, esta é a melhor notícia que tive hoje. Na verdade, você acaba de me fazer ganhar não só o dia, mas o ano inteiro. Só monta, hem? O rapaz riu e bateu palmas.

– Bem, que tal sairmos para um giro, belezinha? Aí você vai poder examinar o meu

equipamento. Basta subir.

Ela ficou vermelha.

– Não gosto do seu...

– Ora, ora, não precisa se zangar. Se precisar de alguma coisa, meu nome é Rick.

Ele lhe passou seu cartão e piscou o olho de novo.

– O telefone de casa está atrás, boneca – murmurou. Faith olhou com nojo para o cartão que ele segurava.

– OK, Rick, mas eu gosto de jogo aberto, nada escondido. Você é homem bastante para aceitar isso? Rick não pareceu mais tão à vontade quanto antes.

– Sou homem bastante para qualquer coisa, boneca.

– Que bom. Meu namorado está lá dentro. É mais ou menos da sua altura, mas ele tem um corpo de homem de verdade.

A mão segurando o cartão desceu para o lado do corpo. Ele fechou a cara. Faith percebeu que o pobre galã esquecera o que costumava dizer em suas conquistas e que seu raciocínio era lento demais para inventar outras coisas.

Ela o encarou atentamente.

– É, os seus ombros são mais ou menos da largura dos de Nebraska, mas eu já disse que ele foi campeão de boxe da Marinha? – É mesmo? – Rick guardou o cartão no bolso.

– Não precisa acreditar na minha palavra, ele está logo ali. Pergunte pessoalmente.

Ela fez um gesto indicando um ponto atrás dele.

Rick girou e viu Lee sair da loja carregando dois capacetes e dois macacões. Trazia um mapa no bolso da frente. Mesmo com as roupas folgadas que estava usando, sua figura impressionante era bastante evidente. Ele dirigiu um olhar desconfiado para o rapaz.

– Eu conheço você? – perguntou bruscamente.

Rick sorriu sem graça e engoliu em seco ao avaliar Lee.

– N-n-não senhor – gaguejou.

205 – Então o que diabos você quer, garoto? Faith se intrometeu.

– Oh, ele só estava me perguntando qual é o meu equipamento preferido, certo, Ricky? – ela sorriu para o jovem vendedor.

– Isso mesmo. Sim, senhor. Bem, até outra vez – Rick praticamente saiu correndo para a loja.

– Até mais ver, belezinha – exclamou Faith, dirigindo-se às costas dele.

Lee fechou a cara para ela.

– Eu disse para você esperar do outro lado da rua. Será que não posso deixá-la sozinha nem por um minuto? – Tive um encontro com um dobermann. Bater em retirada pareceu-me ser a melhor linha de ação.

– Certo. Mas você estava negociando com aquele sujeito para me atacar de surpresa para poder fugir? – Não se zangue comigo, Lee.

– Acho que eu gostaria que você tivesse feito isso. Ia me dar uma desculpa para lhe dar uma surra. O que ele realmente queria? – Júnior queria me vender alguma coisa, e não era uma motocicleta. O que é isso? – ela apontou para o que Lee estava carregando.

– Equipamento necessário para quem anda de moto nesta época do ano. A mais de noventa quilômetros por hora, o vento é cortante.

– Nós não temos motocicleta.

– Agora temos.

Ela o seguiu até os fundos onde havia uma enorme Honda Gold Wing SE. com os cromados reluzentes e desenho futurístico, equipamento high-tech e para-brisas inteiriço, poderia ser a moto favorita do Batman para dar suas voltinhas. Era pintada em verde acinzentado metálico com enfeites em verde-escuro e tinha um banco duplo incrível, com encosto acolchoado. Dava para o carona se aninhar confortavelmente ali, como uma bola de beisebol dentro da luva. Era tão grande e equipada tão elaboradamente que lembrava um motor home desses usados para acampamentos.

Lee meteu a chave na ignição e começou a vestir o macacão. Entregou o outro a Faith.

– Pode me dizer aonde nós vamos nessa coisa? Lee fechou o zíper.

– Nós vamos para a sua casinha situada na Carolina do Norte.

– Daqui até lá de moto? – Não podemos alugar um carro sem cartão de crédito e identidade. Seu carro e o meu são inúteis. Não podemos pegar um trem, um avião ou um ônibus. Tudo isso estará sendo vigiado. Como não temos asas, é isso aí e ponto final.

– Nunca andei de moto. Ele tirou os óculos escuros.

– Você não vai ter que pilotar. É para isto que estou aqui. Então, o que é que me diz? Quer dar uma volta? – ele completou a pergunta com um sorriso.

Faith teve a impressão de que um tijolo caíra na sua cabeça quando Lee disse essas palavras. Sentiu o rosto pegando fogo quando olhou para ele empoleirado na Honda.

E naquele exato momento, como se por um ato divino, o sol rompeu a camada de nuvens. Um raio de luz desceu e incendiou aqueles olhos azuis já deslumbrantes, transformando-os em safiras com chamas em seu interior. Faith descobriu que não conseguia se mover. Cristo Rei, mal podia respirar; seus joelhos começaram a tremer.

Foi na hora do recreio, ela teria uns doze anos. O menino com olhos do tamanho dos olhos de um homem e do exato tom de azul dos de Lee chegara com sua bicicleta de selim comprido diante do banco onde ela lia um livro.

– Quer dar uma volta? – ele lhe perguntara. Faith respondera laconicamente que não, mas logo em seguida ela largou o livro e pulou na parte de trás do selim. Eles "ficaram" por cerca de dois meses, planejando suas vidas juntos e jurando amor eterno um pelo outro, embora nunca tivessem passado de uns beijinhos de lábios fechados.

Logo depois a mãe dela morreria e o pai resolveu se mudar. Por um segundo Faith imaginou se Lee poderia ser o tal menino. O problema era que havia banido a lembrança dele de tal modo que não conseguia se lembrar do seu nome de jeito nenhum. Podia ser Lee, não podia? Ela achava que sim porque a única outra vez em toda sua vida em que sentira as pernas bambas fora naquele episódio da bicicleta. O garoto dissera as mesmas palavras que Lee acabara de dizer, o sol iluminara seus olhos do mesmo jeito como os de Lee agora e ela tivera a sensação de que seu coração ia explodir se não fizesse exatamente o que ele dissera. Justo como agora.

– Está se sentindo bem? – perguntou Lee. Faith segurou no guidão para se amparar.

– E vão deixar você simplesmente sair por aí com essa moto? – perguntou, tão calmamente quanto conseguiu.

– Meu irmão é o gerente aqui. É uma moto de demonstração. Oficialmente estamos saindo para um teste de direção mais prolongado.

– Não posso acreditar que eu esteja fazendo isso. Exatamente como quando tinha doze anos, não havia outra coisa a fazer senão montar naquela moto.

– Considere a alternativa, e aí a ideia de colocar seu traseiro nesta Honda vai começar a parecer maravilhosa.

Ele pôs os óculos escuros e baixou a viseira do capacete, como se assim estivesse encerrando com um ponto de exclamação sua afirmativa.

Faith meteu-se no macacão e, com a ajuda de Lee, conseguiu pôr o capacete na cabeça confortavelmente. Ele colocou as coisas deles nos espaçosos compartimentos de bagagem e nos alforjes da moto, e Faith montou atrás. Lee deu a partida no motor, deixou em marcha lenta por um instante e acelerou. Quando soltou a embreagem, a força do motor da Honda jogou Faith para trás de encontro ao encosto acolchoado, o que a fez passar braços e pernas respectivamente em torno dele e da moto de quatrocentos quilos, que disparava na direção da Jefferson Davis, rumo sul.

Ela quase caiu da moto quando ouviu a voz dele bem junto do seu ouvido.

– OK, OK, acalme-se é um sistema de comunicação Chatterbox capacete para capacete – disse Lee, que evidentemente percebeu o susto que Faith sentiu.

– Você já foi para sua casa de praia de carro? – Não. Sempre fui de avião.

– Não faz mal. Tenho um mapa. Vamos descer pela 95 e pegar a Interestadual 64 perto de Richmond. Ela nos levará a Norfolk. Lá veremos qual será o melhor itinerário de prosseguimento. A gente come qualquer coisa no caminho. Não podemos deixar que escureça demais. Certo? Ela começou a balançar a cabeça, mas se lembrou a tempo e falou.

– Certo.

– Agora encoste e relaxe. Você está em boas mãos.

Em vez de se recostar no encosto estofado, Faith inclinou-se para a frente e grudou nele, passando os braços pela sua cintura e apertando com força. De repente imergiu em reminiscências daqueles dois meses divinos, quando tinha doze anos. Aquilo tinha que ser um presságio. Talvez pudessem cair na estrada e nunca mais voltar.

Alugar um barco lá nas Outer Banks e terminar no Caribe, em um lugar onde jamais alguém tivesse estado, e que nunca seria visto por ninguém, exceto por eles. Podia aprender a cuidar de uma cabana, cozinhar com leite de coco ou o que tivessem por lá, a ser uma boa dona-de-casa enquanto Lee estivesse no mar, pescando. Podiam fazer amor todas as noites, ao luar. Chegou mais para perto dele. Nada parecia ruim, ou absurdo, naquelas circunstâncias. Nada mesmo.

– Faith? – disse Lee, bem no seu ouvido.

Ela encostou o capacete no de Lee, sentiu a solidez do torso largo dele de encontro aos seus seios. Tinha vinte anos de novo, o vento era delicioso, o calor do sol inspirador e sua maior preocupação eram as provas parciais. Uma súbita visão deles deitados nus sob o sol, bronzeados, cabelos molhados, pernas entrelaçadas, fez com que Faith desejasse não estarem de macacões com zíperes largos, viajando a noventa quilômetros por hora sobre um duro piso de concreto.

209 – Sim? – Se você chegar a pensar em tentar me passar a perna como fez no aeroporto, vou usar estas minhas boas mãos para torcer o seu pescoço. Compreendeu? Ela recuou um pouco e descansou as costas, esforçando-se para mergulhar no estofamento de couro. Longe dele. Do seu cavaleiro de armadura reluzente e olhos azuis.

Capítulo 26

A CENA QUE BUCHANAN OBSERVAVA ERA TÍPICA DE WASHINGTON: um jantar em um hotel do centro da cidade, destinado a levantar fundos. A galinha estava dura e fria, o vinho era barato, a conversa dinâmica, as apostas vultosas, o protocolo enganador, os egos impossíveis. Os comensais ou eram ricos ou bem relacionados. Podiam ser também assessores políticos mal pagos que trabalham longas – e frenéticas – horas durante o dia, e eram recompensados pelos seus esforços prodigiosos sendo obrigados a trabalhar também naquele tipo de evento à noite. O secretário do Tesouro deveria ter comparecido, juntamente com alguns outros políticos pesos pesados; desde que ficara noivo de uma bem conhecida estrela de Hollywood, que adorava exibir o decote ao ver um estagiário, o secretário passara a ser mais procurado que o tesoureiro da campanha normalmente era. Na última hora, contudo ele recebera uma oferta melhor para discursar em outro evento, o que frequentemente era o caso no interminável jogo intitulado "onde a grama política nasce mais verde?".

Um assessor fora mandado em seu lugar, uma pessoa nervosa, desajeitada, que ninguém conhecia ou pela qual se interessava.

O evento foi outra oportunidade para ver e ser visto, para verificar a quantas andava o escalonamento interno por ordem de importância de um certo subgrupo da hierarquia política. Muitos nem sequer se sentavam para comer. Limitavam-se a deixar o cheque e logo saíam rumo a outra reunião igual. As informações fluíam pelo salão como se jorrassem de uma fonte copiosa. Ou de uma ferida aberta, dependendo de como a pessoa encarasse o quadro.

A quantos desses eventos Buchanan comparecera ao longo dos anos? No desvario dos períodos em que eram levantados recursos para as finalidades mais importantes, época em que representava o Grande Empresariado, Buchanan comparecia a cafés da manhã, almoços, jantares e festas variadas e infundáveis por semanas a fio. Exausto, houve ocasiões em que aparecera na festa errada – uma recepção para o senador de Dakota do Norte em vez de um jantar para o deputado de Dakota do Sul. Depois de assumir a defesa dos pobres do mundo, não teve mais este problema. Pela simples razão de não ter mais dinheiro para dar. Buchanan, no entanto, tinha plena consciência de que se existia algum truismo nas campanhas de levantamento de fundos na política era de que o dinheiro nunca é suficiente. O que significava que sempre haveria oportunidade para o tráfico de influência. Sempre.

Após a volta da Filadélfia, seu dia começara de verdade, sem Faith. Tinha se reunido com meia dúzia de deputados e respectivas assessorias para tratar de uma miríade de matérias, ao mesmo tempo em que marcara novas reuniões para o futuro. Os assessores eram importantes, principalmente os que trabalhavam em comissões como a de obras públicas. Deputados vêm e vão. Já os assessores tendem a ficar para sempre, por conhecerem a fundo tanto os assuntos quanto os processos. E Danny sabia que nunca se deve querer surpreender um político tentando tapear seus assessores. É até possível ter sucesso uma vez, mas depois você está morto, quando a assessoria que foi enganada vai à forra, expulsando o espartinho do jogo.

Um almoço tardio fechou a manhã, com um cliente de quem Faith cuidara com seu característico estilo envolvente. Buchanan precisou se desculpar pela ausência dela, o que fez

com o humor e a autoconfiança que o caracterizavam.

– Lamento, mas você hoje vai ter que se contentar com o segundo violino – ele disse ao cliente. – Mas vou tentar não confundir muito as coisas para você.

Embora não houvesse necessidade de enaltecer a excelente reputação de Faith, Buchanan contou a história de como Faith, de certa feita, enviara dentro de uma caixa de presente, com uma fita vermelha enorme e tudo, para cada um dos quinhentos e trinta e cinco membros do Congresso, o resultado detalhado de uma pesquisa de opinião que mostrava que o povo americano apoiava cem por cento a destinação de recursos para fazer frente às despesas de vacinação global de todas as crianças do mundo. Ela incluía na caixa, além de textos explicativos, fotos tipo antes e depois de crianças de terras distantes. Às vezes fotos se constituíam na mais importante das armas que Danny e ela tinham à disposição. Em seguida ficara trinta e seis horas direto no telefone angariando apoio nacional e no exterior e fizera exaustivas apresentações para diversas das maiores organizações internacionais de ajuda em um período de quinze dias, em três continentes, a fim de demonstrar como um projeto daqueles podia ser realizado. E como era importante. O resultado: aprovação de uma lei que autorizava a realização de um estudo a fim de determinar se tal empreendimento era possível.

Agora os consultores podiam acumular milhões de dólares em honorários e derrubar milhões de árvores para fabricar as montanhas de papel que seriam geradas pelo estudo (para justificar os enormes honorários, claro) sem qualquer garantia de que uma única criança receberia uma dose de vacina que fosse.

– Um sucesso pequeno, sem dúvida, mas, de qualquer modo, um passo adiante – foi o comentário feito por Buchanan ao fim da narrativa. – Quanto Faith quer uma coisa, é melhor sair da frente.

O cliente já tinha conhecimento dessa característica de Faith, e Buchanan sabia disso. Talvez sua verdadeira intenção fosse animar-se. Podia ser também que ele só quisesse falar de Faith. Buchanan fora duro com ela no último ano, muito duro. Apavorado com a possibilidade de Faith também ser arrastada para o pesadelo criado por Thornhill, ele a afastara por completo. Bem, tudo indicava que conseguira empurrá-la diretamente para os braços do FBI. Desculpe, Faith.

Depois do almoço era preciso voltar ao Capitólio, onde, com a ajuda de um punhado de Roloids contra azia, aguardou o desenrolar de uma série de votações no plenário.

Enviou cartões para certos políticos, pedindo alguns minutos. Faria com que outros o ouvissem ao saírem do elevador.

– É preciso que se alivie o peso da dívida internacional, Excelência – disse ele a cada um de mais de doze senadores, imiscuindo-se entre eles e suas entouragees exageradamente protetoras. – Esses países estão gastando mais com o pagamento de suas dívidas do que com saúde e educação – argumentava Danny. – De que adianta um bom saldo orçamentário se a população morre à razão de dez por cento ao ano? Assim eles vão conseguir um crédito enorme e não haverá uma só pessoa para desfrutá-lo.

Vamos melhorar essa distribuição de riquezas! Havia apenas uma pessoa capaz de fazer esse apelo com mais eloquência, mas Faith não estava ali.

– Certo, certo, Danny, nós o procuramos depois. Mande uns textos a respeito.

Como as pétalas de uma flor se fechando para a noite, a entourage cerrava fileiras em

torno do político e Danny, a abelha, se via obrigado a ir procurar néctar em outra freguesia.

O Congresso era um ecossistema tão complicado quanto o dos oceanos. Enquanto percorria os corredores, Danny via a atividade que ali se desenrolava. Por toda a parte, assessores especiais instando para que seus congressistas seguissem a linha do partido. Nos gabinetes desses assessores, Buchanan sabia que os telefones funcionavam o tempo todo com o mesmo objetivo. Boys corriam atrás de gente mais importante que eles. Pequenos grupos de pessoas se reuniam nas largas galerias, discutindo questões importantes com expressões solenes e desoladas. Homens e mulheres entravam com dificuldade nos elevadores apinhados, com a esperança de conseguirem alguns segundos preciosos com um deputado ou senador de cujo apoio precisavam desesperadamente. Congressistas conversavam uns com os outros, lançando os alicerces de futuros acordos, ou reafirmando tratos já acertados. Mesmo sendo caótico, tudo aquilo guardava uma certa ordem, com as pessoas emparelhando e desemparelhando como braços robóticos em torno de grandes peças de metal em uma linha de montagem. Um toque aqui e outro toque no próximo. Danny se atrevia a pensar que seu trabalho talvez fosse tão cansativo como dar à luz, e era capaz de jurar que era mais estimulante do que saltar de parquedas em queda livre. O homem era totalmente viciado naquilo.

La sentir falta.

– Você liga para mim? – era como ele tipicamente fechava seu discurso para cada assessor.

– Claro, pode deixar – era a resposta típica de cada um deles. E, é claro, ele nunca mais tinha notícias daqueles sujeitos.

Mas eles jamais se livrariam de Danny. Vezes sem conta ele os procuraria. Era como atirar com uma espingarda que despejasse uma nuvem de chumbinhos – a ideia era insistir até que um deles acertasse o alvo.

A seguir, Buchanan gastou alguns minutos com um dos seus poucos "raros eleitos", tratando da linguagem que Buchanan queria inserir em uma linha da emenda do relatório de uma lei. Felizmente ninguém lia aquilo, mas graças aos seus detalhes monótonos é que ações importantes eram executadas. Neste caso, o texto destinava-se a explicar aos gerentes da Agência para o Desenvolvimento Internacional – AID – precisamente como os recursos aprovados pela lei deviam ser gastos.

com a verbosidade em boa forma, Buchanan deu baixa mentalmente naquele item de sua lista e saiu à caça de outros parlamentares. com anos de prática, ele navegava com facilidade pelos labirintos dos prédios de escritórios da Câmara e do Senado, onde até políticos veteranos às vezes se perdiam. O único outro lugar onde passava tanto tempo quanto ali era no Capitólio propriamente dito. Olhava para um lado e para o outro, reparando em todo mundo que via, assessores ou outros lobistas, calculando rapidamente se uma determinada pessoa podia ajudar a causa ou não. E quando a pessoa entrava nos gabinetes dos parlamentares ou conseguia detê-los nos corredores, era melhor estar preparada para correr. Eles estavam sempre ocupados, muito importunados e pensavam em quinhentas coisas ao mesmo tempo.

Felizmente, Buchanan era capaz de resumir as questões mais complexas em poucas frases, talento pelo qual era lendário; os parlamentares, sitiados por interesses especiais de todas as espécies, exigiam esse talento. E ele sabia também defender com paixão os interesses dos clientes. Tudo em dois minutos, enquanto caminhava por um corredor cheio de gente, ou

espremido dentro de um elevador, ou ainda, se tivesse muita sorte, em um longo voo. Tratar com os parlamentares realmente poderosos era importante. Se conseguisse fazer com que o presidente da Câmara apoiasse uma de suas leis, mesmo que informalmente, Buchanan usaria isto para pressionar os parlamentares que se encontrassem em cima do muro. Às vezes era o quanto bastava.

– Ele está, Doris? – perguntou Buchanan, metendo a cabeça dentro do escritório de um parlamentar, olho no olho da secretária de aspecto matronal, uma veterana na área.

– Vai sair em cinco minutos para pegar um avião, Danny.

– Ótimo, porque eu só preciso de dois minutos. Posso usar os outros três para botar em dia meus assuntos com você. De qualquer maneira, prefiro conversar com você, Doris. E, com o devido respeito ao Steve, é muito melhor olhar para você, minha querida.

O rosto muito sério de Doris abriu-se num sorriso.

– Você é um bajulador.

E assim ele conseguiu seus dois minutos com o deputado Steve.

A seguir Buchanan deu uma parada no vestiário e descobriu quais eram as comissões do Senado que estavam tratando de uma série de leis nas quais estava interessado.

Havia comissões de jurisdição primária ou sequencial, e, em casos raros, simultânea. A simples determinação de qual delas tinha esta ou aquela lei e qual era a sua prioridade era um imenso quebra-cabeça que os lobistas viviam tendo de solucionar. Tratava-se quase sempre de um desafio enlouquecedor, e não havia ninguém melhor nisso que Danny Buchanan.

No decurso daquele dia Buchanan tinha, como sempre, percorrido os gabinetes dos parlamentares com as coisas que ia deixando, informações e sumários que as assessorias iriam precisar para instruir seus respectivos parlamentares naqueles assuntos. Se eles tivessem uma pergunta ou uma preocupação, a resposta de um perito seria encontrada prontamente. E Buchanan concluía cada encontro com a mais importante de todas as perguntas: "Quando posso vê-lo de novo?" Sem conseguir marcar uma data certa, jamais ouviria falar deles. Seria esquecido, seu lugar tomado por uma centena de outros lobistas, lutando de forma tão apaixonada quanto ele por seus clientes.

Depois passara o final da tarde tratando de outros clientes normalmente atendidos por Faith. Apresentou desculpas e vagas explicações pela ausência dela. O que mais poderia fazer? Em seguida apresentou seus comentários em um seminário de notáveis que tratava da fome no mundo, e, por fim, voltou para o escritório a fim de dar uns telefonemas com finalidades variadas, que iam desde lembrar a assessores de parlamentares que se aproximava a data da votação de diversos assuntos a convocar o apoio de uma coalizão de outras organizações de caridade. Foram combinados dois jantares e marcadas futuras viagens ao exterior, juntamente com uma visita à Casa Branca em janeiro, onde ele apresentaria pessoalmente ao presidente a nova chefe de uma organização internacional devotada aos direitos das crianças, numa jogada que Buchanan e as organizações que ele apoiava esperavam que viesse a gerar boa publicidade. Eles estavam constantemente à cata de apoio de celebridades. Faith sempre se destacara nisso. Os jornalistas raramente se interessavam pelos pobres de terras distantes, mas bastava conseguir o apoio de um superastro de Holly wood que a sala de imprensa ficava superlotada. Assim é a vida.

Buchanan passou depois algum tempo preenchendo os relatórios determinados pela Lei

de Registro de Agentes Estrangeiros – relatórios trimestrais designados pelas iniciais em inglês da lei, FARÁ – e que realmente eram uma chatice, em particular porque era preciso carimbar em cada página a classificação detestável de "propaganda estrangeira", como se você fosse Tokio Rose querendo provocar a derrubada do governo dos Estados Unidos e não, no caso de Danny, um sujeito capaz de vender a própria alma para conseguir sementes de cereais e leite em pó.

Buchanan ainda deu uns telefonemas, estudou centenas de páginas de textos explicativos e decidiu dar o dia por encerrado. Um dia glamouroso na vida de um lobista típico de Washington, que geralmente terminava com ele desabando na cama, mas isto seria impossível agora, instalado naquele hotel do centro da cidade, atendendo a outro levantador de fundos, e a razão estava de pé no canto da sala, bebericando vinho branco e com um ar extremamente entediado. Buchanan aproximou-se.

– Parece que você preferia beber algo mais forte do que vinho branco – disse Buchanan.

O senador Russell Ward virou-se e um sorriso iluminou-lhe o rosto quando deu de cara com Buchanan.

– É muito bom ver um rosto honesto neste mar de iniquidade, Danny.

– Que tal trocarmos isto aqui pelo Monocle? Ward largou o copo em cima da mesa.

– A melhor oferta que me fizeram em todo este dia.

Capítulo 27

O MONOCLE ERA UM RESTAURANTE ANTIGO NA COLINA DO CAPITÓLIO, do lado em que ficava o Senado. O restaurante e o edifício da Polícia, onde antes funcionara a Imigração e Naturalização, eram as únicas estruturas restantes em um lugar onde antigamente havia uma longa fileira de construções. O Monocle era um ponto de encontro favorito de políticos, lobistas e VIPs, para almoço, jantar e drinks.

O maître recebeu Buchanan e Ward tratando-os pelo nome e conduziu os dois para uma mesa de canto discretamente situada. A decoração era conservadora e as paredes enfeitadas com retratos de políticos do passado e do presente em número suficiente para encher o monumento a Washington. A comida era boa, mas as pessoas não iam lá por causa das delícias do menu, e sim para serem vistas, fazerem negócios e conversarem sobre política. Ward e Buchanan eram frequentadores habituais.

Pediram bebidas e estudaram os cardápios por um momento.

Enquanto Ward estudava o seu cardápio, Buchanan o estudava.

Russell Ward era chamado de Rusty desde quando Buchanan era capaz de se lembrar. O que significava muito tempo, já que os dois tinham crescido juntos. Como presidente da Comissão de Inteligência do Senado, Ward exercia enorme influência sobre o bem-estar – ou não – de todos os órgãos de informações do país. Era inteligente, politicamente habilidoso, honesto, trabalhador e vinha de uma família muito rica que perdera a fortuna quando ele era ainda jovem. Ward dirigira-se para o sul, instalara-se em Raleigh e, metodicamente, construiu uma carreira no serviço público. Sendo o senador mais antigo da Carolina do Norte era cultuado por todo o estado. No sistema de classificação usado por Buchanan, Rusty Ward era rotulado como um "crente". Conhecia todos os jogos políticos.

Sabia as histórias secretas de todas as pessoas da cidade. Sabia reconhecer os pontos

fortes, e, mais importante, os pontos fracos dos outros. Fisicamente era um desastre, Buchanan sabia, com problemas que variavam da diabetes à próstata. Mentalmente, contudo, Ward conservava-se um azougue, como sempre. Todos os que tinham subestimado o poderoso intelecto do homem por causa de suas enfermidades viveram o bastante para se arrependem.

Ward levantou os olhos do cardápio.

– Alguma coisa interessante no seu prato esses dias, Danny? A voz dele era grave e sonora, além de ser maravilhosamente sulista, há muito tempo desaparecidos todos os traços da fala cortada ianque. Buchanan era capaz de ficar escutando aquele homem falar por horas a fio. O que já acontecera em muitas ocasiões.

– O de sempre, o de sempre. No seu? – Tive uma reunião interessante hoje de manhã.

Inteligência do Senado. CIA.

– É mesmo? – Você já ouviu falar de um cavalheiro chamado Thornhill? Robert Thornhill? Buchanan manteve-se impassível.

– Não posso dizer que conheça o homem. Fale-me sobre ele.

– É um dos velhos mandachugas da Agência. Subdiretor de Operações. Esperto, astuto, mente demais. Não confio nele.

– Não me parece que deva confiar.

– Tenho, contudo, de dar ao homem seu devido valor. Ele fez um trabalho fantástico, sobreviveu a numerosos diretores da CIA. Sem dúvida nenhuma, serviu extraordinariamente bem ao seu país. Hoje em dia é uma lenda na Agência. Deixam que faça mais ou menos o que quer por causa disso. Esta política, contudo, é perigosa.

– É mesmo? Ele parece ser um patriota de verdade.

– É exatamente isto que me preocupa. Quem acredita ser verdadeiro patriota tende a ser fanático. Fanáticos, na minha opinião, ficam a um passo dos lunáticos. A história já nos deu muitos exemplos disso – Ward sorriu. – Hoje ele apareceu com a besteirada de sempre, mas tinha um ar tão arrogante que decidi apoquentá-lo um pouco.

Buchanan ficou interessado.

– Como? – perguntou.

– Fiz-lhe umas perguntas sobre esquadrões da morte – Ward fez uma pausa e esperou um pouco. – Tivemos problemas com a CIA por causa disso no passado. Eles financiam esses grupinhos insurgentes, dão-lhes roupa e treinamento e depois os soltam, como um cão de caça velho. Depois, diferentemente do que fariam com o cão velho, eles vão e fazem coisas que não deveriam. Pelo menos segundo as regras oficiais da Agência.

– E o que foi que ele respondeu? – Bem, a resposta não fazia parte do seu script. Ele examinou seu caderninho de notas como se estivesse pensando em tirar de dentro dele um bando de homens armados – Ward deu uma risada. – Depois veio com um papo confuso que não resultou em nada. Disse que a "nova" CIA não passava de uma agência de coleta e análise de informações.

Quando lhe perguntei se com aquilo ele estava sugerindo que havia algo de errado com a "velha" CIA, achei que ia pular por cima da mesa para me atacar.

Ward riu de novo.

– A mesma coisa, a mesma coisa.

– Então, o que ele está a fim, agora que conseguiu tirar você do caminho?

Ward sorriu. – Tentando me levar a fazer confidências?

– Claro.

Ward olhou em torno novamente e depois se inclinou para a frente e falou baixinho. – Ele estava retendo informações, o que mais? Você conhece os espões, Danny, querem sempre mais e mais recursos, mas quando você começa a fazer perguntas sobre o que estão fazendo com o dinheiro, Jesus, é como se você tivesse matado a mãe deles Mas que outra coisa eu poderia fazer quando sou apresentado com relatórios do inspetor-geral da CIA com tantas revisões que o papel chega a parecer que é preto? Levei o fato à atenção do sr. Thornhill.

– Como foi que ele reagiu? Ficou furioso? Ou calmo e contido?

– Por que você está tão curioso a respeito dele?

– Foi você quem começou, Rusty. Não me culpe se acho o seu trabalho fascinante.

– Bem ele disse que aqueles relatórios tinham de ser censurados a fim de proteger as identidades das fontes de inteligência Que isso era definido por uma linha muito fina e que a CIA caminhava sobre essa linha da melhor maneira que podia. Falei para ele que isso era mais ou menos como minha neta jogando amarelinha Ela não consegue acertar todos os quadrados direito portanto esquece alguns, de propósito. Eu lhe disse que achava isso muito bonitinho. Quando feito por crianças pequenas "Agora, tenho que dar ao homem o seu devido valor. Faz sentido o que ele disse, que é uma ilusão pensar que vamos destruir ditadores entrincheirados com simples fotos de satélite e modens de alta velocidade. Precisamos, isto sim, dos bons e velhos recursos no terreno. Precisamos de gente infiltrada nas organizações deles, frequentando seus círculos mais restritos. E a única maneira de ganharmos. Entendo isso perfeitamente bem. Mas a arrogância do homem, puxa vida, me irrita demais. E estou convencido de que mesmo que Robert Thornhill não tivesse razão para mentir, ainda assim não diria a verdade. O sujeito tem um sistema de bater com a caneta na mesa e aí um dos seus assessores finge que cochicha algo no seu ouvido, só para que ele disponha de mais uns segundos para pensar em alguma mentira. Há anos que usa o mesmo código. Acho que pensa que sou um débil mental e que jamais iria descobrir seu truque.

– Prefiro pensar que esse tal de Thornhill sabe que não deve subestimar você.

– Oh, ele é bom. Tenho que admitir que ele levou a melhor no duelo de hoje. Quer dizer, o homem pode não dizer absolutamente nada e fazer com que suas palavras soem tão vigorosas e nobres como os Dez Mandamentos. E quando se viu encurralado num canto, veio com aquele papo-furado de segurança nacional, na certeza de que mataria de medo todo mundo. Para resumir: prometeu me dar todas as respostas. E eu lhe disse que aguardava ansioso o momento em que fosse trabalhar com ele.

Ward tomou um gole da sua água. – É, ele ganhou hoje. Mas sempre haverá um amanhã.

O garçom retornou com as bebidas e eles fizeram seus pedidos. Buchanan dedicou-se a um copo de uísque escocês com água enquanto Ward tomou um gole do seu bourbon puro.

– E então, como vai a sua melhor metade? Estudando até altas horas da noite para ajudar outro cliente a nos atacar, pobres e indefesos representantes do povo?

– Na verdade, acho que neste exato momento ela está fora da cidade. Razões particulares.

– Nada sério, espero.

Buchanan deu de ombros. – O júri ainda está em cima daquilo. Mas tenho certeza de que ela conseguirá se safar.

Mas onde está Faith? – perguntou-se ele mais uma vez. – Acho que nós todos somos sobreviventes. Só não sei quanto tempo mais esta minha velha carcaça ainda aguenta.

Buchanan ergueu sua bebida. – Vai viver mais do que todos nós, palavra de Danny Buchanan.

– Meu Deus, espero que não. – Ward dirigiu-lhe um olhar penetrante. – É difícil acreditar que já faz quarenta anos desde que deixamos Bryn Mawr. Sabe de uma coisa? Às vezes invejo você por ter crescido naquele apartamento em cima da nossa garagem.

Buchanan sorriu. – Engraçado, eu tinha ciúme de você por ser criado na mansão com todo aquele dinheiro, enquanto a minha família trabalhava para a sua. Agora, qual de nós dois parece bêbado?

– Você é o melhor amigo que eu já tive.

– E você sabe que esse sentimento é recíproco, senador.

– E é ainda mais notável que você jamais tenha me pedido droga nenhuma. Mesmo sabendo muito bem que integro duas comissões que poderiam ajudar as suas causas.

– Gosto de evitar a aparência de impropriedade.

– Deve ser o único nesta cidade – comentou Ward, com uma risada.

– Digamos apenas que nossa amizade é mais importante para mim até mesmo que a sua ajuda.

Ward baixou o tom de voz. – Eu nunca lhe disse, mas o que você falou no enterro da minha mãe me comoveu profundamente. Juro que acho que você a conheceu melhor do que eu.

– Ela era fora de série, uma mulher de muita classe. Ensinou-me tudo o que eu precisava saber. Merecia um grande bota-fora. O que falei não chegou à metade.

Ward fixou o olhar no copo. – Se meu padrasto pudesse ter vivido da herança da minha família em vez de querer bancar o homem de negócios, poderíamos ter conservado nossa propriedade e aí ele não teria arrancado a própria cabeça com um tiro de espingarda. Mas aí, com um fundo para estourar, eu talvez não tivesse sido senador por todos esses anos.

– Se mais gente agisse do seu modo, Rusty, o país estaria muito mais bem servido.

– Minha intenção não foi ganhar um elogio, mas agradeço a você por dizer isso.

Buchanan tamborilou com os dedos em cima da mesa. – Peguei o carro e fui até a velha casa umas duas semanas atrás.

Ward levantou os olhos, surpreso. – Por quê?

Buchanan deu de ombros. – Não sei bem por quê. Eu estava perto, dispunha de algum tempo. Não mudou muito. Ainda maravilhoso.

– Não vou lá desde que fui para a universidade. Nem sei quem é o atual proprietário.

– Um casal jovem. Vi a mulher e as crianças pelo portão. Brincavam no gramado da frente. Banqueiro de investimentos ou magnata da Internet, provavelmente. Uma ideia e dez pratos no bolso ontem, uma companhia quentíssima e centenas de milhões em ações hoje.

Ward levantou o copo. – Deus abençoe a América.

– Se eu tivesse dinheiro naquele tempo, a sua mãe não teria perdido a casa.

– Sei disso, Danny.

– Mas tudo acontece por uma razão, Rusty. Como disse ainda agora, você podia não ter

entrado para a política. Você teve uma grande carreira. Você é um crente.

Ward sorriu. – Esse seu sisteminha de classificação sempre me intrigou. Você já o escreveu em alguma parte? Gostaria de comparar suas ideias com as minhas conclusões sobre meus distintos colegas.

Buchanan bateu na testa. – Está tudo aqui dentro.

– Todo esse ouro, armazenado na mente de um único homem. Que pena.

– Você sabe tudo sobre todo mundo nesta cidade também Buchanan fez uma pausa e acrescentou baixinho: – O que sabe sobre mim? Ward pareceu ficar espantado com a pergunta.

– Não me diga que o maior lobista do mundo está tendo uma crise de autoconfiança.

Pensei que Daniel J. Buchanan fosse sinônimo de confiança inabalável, mente enciclopédica e uma visão aguda dos políticos enfatuados e de suas fraquezas inatas, as quais, a propósito, dariam para aterrar o Pacífico.

– Todo mundo tem dúvidas, Rusty, inclusive pessoas como eu e você. É por isso que duramos tanto. A um centímetro do limite. Morte a qualquer instante se abaixarmos a guarda.

O modo como ele disse isso fez com que desaparecesse o ar divertido do rosto de Ward.

– Tem alguma coisa de que você esteja querendo falar?

– Nem em um milhão de anos – respondeu Buchanan, com um sorriso súbito. – Se eu começasse a lhe contar todos os meus segredos, teria que montar um estande para vender limonada em alguma calçada. E estou velho demais para isso.

Ward recostou-se no descanso acolchoado e examinou o amigo.

– O que leva você a fazer isso, Danny? Certamente não é o dinheiro.

Buchanan balançou, devagar, a cabeça afirmativamente.

– Se fosse só pelo dinheiro, eu já teria dado o fora dez anos atrás.

Ele engoliu o resto da bebida e virou-se para a porta, onde estavam o embaixador da Itália e sua substancial entourage, juntamente com diversos assessores graduados do Congresso, dois senadores e três mulheres de vestido preto curto que davam a impressão de terem sido contratadas para a noite, o que era bem provável. O Monocle estava se enchendo de tantos VIPs que praticamente para onde quer que se olhasse via-se um líder de qualquer coisa. E todas aquelas pessoas queriam o mundo. E que você o conquistasse para elas. Devorar você, sem deixar sobras e depois chamá-lo de amigo. Buchanan sabia a letra completa dessa música.

Ele ergueu os olhos para uma velha fotografia na parede. Um homem calvo, de nariz adunco, expressão circunspecta e olhos ferozes o espiava lá de cima. Falecido há muito tempo, durante décadas fora um dos homens mais poderosos de Washington. E muito temido. Poder e medo pareciam andar de mãos dadas por aqui. Só que agora não era capaz sequer de lembrar o nome do homem. Altamente significativo, não era mesmo? Ward descansou o copo.

– Acho que entendo. Suas causas têm se tornado muito mais benevolentes com o passar dos anos. Você agora está a fim de salvar um mundo com o qual muito pouca gente se importa. Você realmente é o único lobista que eu conheço que faz isso.

Buchanan sacudiu a cabeça.

– Um pobre rapaz irlandês que se fez sozinho e conseguiu construir uma fortuna e usa seus anos dourados ajudando os menos afortunados? Puxa vida, Rusty, sou impulsionado mais por medo do que por altruísmo.

Ward dirigiu-lhe um olhar curioso.

– Como é?

Buchanan sentou-se na vertical, bem empertigado, juntou as palmas das mãos e pigarreou. Nunca tinha dito aquilo a pessoa alguma. Nem mesmo a Faith. Talvez estivesse na hora de fazê-lo. Ia parecer maluco, claro, mas pelo menos Rusty saberia guardar segredo.

– Tenho um sonho recorrente, entende? No meu sonho, a América vai ficando cada vez mais rica, cada vez mais gorda. Onde um atleta recebe cem milhões de dólares para quicar uma bola, um astro do cinema fatura vinte milhões de dólares para atuar num filme que é um verdadeiro lixo e um modelo embolsa vinte milhões para andar para lá e para cá em cima de uma passarela vestindo roupa de baixo. Onde um garoto com dezenove anos de idade pode fazer um milhão de dólares em ações usando a Internet para nos vender mais coisas que não precisamos e mais depressa do que nunca.

Buchanan parou e ficou por um instante em silêncio, o olhar perdido.

– E onde um lobista pode ganhar o suficiente para comprar seu próprio avião.

Seu olhar voltou a concentrar-se em Ward.

– Nós acumulamos a riqueza do mundo. Esmagaremos quem quer que se meta no caminho, de cem maneiras diferentes, ao mesmo tempo que vendemos a eles e a todo o resto a mensagem da América, a Bela. A única superpotência remanescente neste mundo, certo? "Aí então, pouco a pouco, o resto do mundo acorda e começa a nos ver do jeito como realmente somos: uma fraude. E todos começam a vir atrás de nós. Em canoas feitas de árvores, aviões de hélice e Deus sabe mais o quê. Primeiro aos milhares, depois aos milhões, e finalmente aos bilhões. E aí somem conosco. Nos enfiam a todos num vaso sanitário e puxam a descarga num gesto final. Você, eu, os jogadores de bola, os astros de cinema, as supermodelos, Wall Street, Hollywood e Washington. A verdadeira terra do faz-de-conta."

Ward o encarava com os olhos esbugalhados.

– Meu Deus, isso é sonho ou pesadelo?

– Você me diz – retrucou Buchanan, com um olhar severo.

– É seu país, Danny, ame-o ou deixe-o. Há um elemento de verdade neste slogan. Não somos tão ruins.

– Mas também consumimos uma parcela desproporcionada da riqueza e da energia do mundo. Poluímos mais que qualquer outro país. Arrasamos a economia de outros países e nunca olhamos para trás. Mas ainda assim, por um monte de pequenas e grandes razões que realmente não sei explicar, eu amo meu país. É por isto que este pesadelo me perturba tanto. Não quero que isso aconteça. Mas está ficando cada vez mais difícil sentir qualquer esperança.

– Se é este o caso, por que você faz o que faz?

Buchanan deteve-se de novo na velha foto da parede.

– Prefere uma explicação concisa ou filosófica?

– Que tal a verdade?

Buchanan olhou para o velho amigo.

– Eu deploro profundamente não ter tido filhos – ele começou devagar e fez uma pausa.

– Tenho um bom amigo com doze netos. Ele me contou uma reunião de pais e mestres a que compareceu na escola de uma das netas. Perguntei-lhe por que se dava ao trabalho, se aquilo não era obrigação dos pais? Sabe o que foi que ele me disse? Que do jeito como o mundo é agora, nós todos temos que pensar a respeito de coisas que ultrapassem o nosso período de vida. Até mesmo

os nossos filhos. Na verdade, é o nosso direito. Nosso dever, me garantiu.

Buchanan alisou o guardanapo.

– Quer dizer então que talvez eu faça o que faço porque a soma das tragédias do mundo ultrapassa a da felicidade. E isto não é direito.

Ele fez nova pausa, os olhos começando a ficar marejados.

– Se não for essa, não faço a menor ideia de qual seja minha razão.

Capítulo 28

BROOKE REYNOLDS ACABOU DE PRONUNCIAR AS ORAÇÕES DE GRAÇAS e todos começaram a comer. Ela irrompera porta adentro dez minutos antes, determinada a jantar com a família. Seu horário normal de trabalho no FBI era de oito e quinze da manhã às cinco da tarde. Esta era justamente uma das piadas mais engraçadas do Bureau: horário normal de trabalho. Tinha vestido uma calça jeans e posto um suéter, trocando os mocassins de camurça por um tênis Reebok. Reynolds adorava servir colheradas de ervilhas e de purê de batata nos pratos de todos. Rosemary serviu leite para os menores enquanto Theresa, sua filha adolescente, ajudava David, de três aninhos, a cortar a carne. Era uma bela e serena reunião de família que Reynolds viera a cultivar e que fazia todo o possível para retornar todas as noites, mesmo que significasse ter que voltar para o trabalho mais tarde.

Reynolds levantou-se e serviu-se de um cálice de vinho branco. Enquanto metade do seu cérebro estava concentrada em encontrar Faith Lockhart e seu novo aliado, Lee Adams, a outra metade aguardava com muita ansiedade a festa do Halloween, a menos de uma semana.

Sydney, sua filha de seis anos, estava louca para se fantasiar de Eyore, o burrinho, pelo segundo ano seguido. David seria o Tigre saltador, um personagem que se ajustava perfeitamente a ele, que era uma criança que não parava por um segundo. Depois disso vinha o dia de Ação de Graças, quando talvez fosse visitar seus pais na Flórida, se conseguisse achar tempo. Em seguida vinha o Natal.

Aquele ano Reynolds estava decidida a levar os filhos para ver o Papai Noel. Não conseguira no ano passado devido – a que mais? – trabalhos do Bureau. Naquele ano ela apontaria sua 9mm para quem quer que decidisse atrapalhar seu encontro marcado com São Nicolau. De um modo geral, um bom plano, se conseguisse concretizá-lo. A formulação dos planos era fácil, quanto à execução, que era a chave de tudo, costumava cair da fechadura justo na hora de funcionar.

Ao recolocar a rolha na garrafa de vinho, contemplou melancolicamente um lar que não seria mais seu por muito tempo. Seus filhos sentiam que a mudança estava a caminho.

Fazia mais de uma semana que David não dormia a noite toda. Reynolds, depois de chegar em casa após um dia de trabalho de quinze horas, punha no colo o menino agitado e choramingando, tentando acalmá-lo, balançando-o até fazer com que voltasse a dormir. Tentava lhe dizer que tudo se resolveria, quando na verdade não tinha certeza de nada. Às vezes era assustador ser mãe, particularmente em meio a um divórcio e toda a dor que ele causara, e que podia se ver diariamente desenhada no rosto das crianças. Mais de uma vez Reynolds pensara em desistir do divórcio só por causa disso. Mas continuar casada só pelas crianças não era a solução, ela sabia. Pelo menos não para ela. Teriam uma vida melhor sem o pai do que tinham

tido com ele. E imaginava que seu ex talvez pudesse ser um pai melhor depois do divórcio do que fora antes. Bem, pelo menos era o que esperava. Reynolds simplesmente não queria desapontar os seus filhos.

Quando Reynolds surpreendeu Sydney olhando apreensivamente para ela, sorriu com tanta naturalidade quanto foi capaz. Sydney ia fazer seis anos no dia dezesseis, mas era tão amadurecida, apesar da pouca idade, que matava Reynolds de medo, não deixava passar nada de importante. Nunca em sua carreira Reynolds interrogara um suspeito tão meticulosamente como Sydney interrogava diariamente a mãe. A menina ia fundo, tentando compreender o que estava acontecendo, o que o futuro reservava para eles e Reynolds nunca tinha respostas para suas perguntas.

Mais de uma vez encontrara Sydney segurando o irmãozinho na cama tarde da noite, tentando acalmá-lo, fazendo com que parasse de chorar, aliviando-o de seus medos.

Reynolds dissera recentemente à filha que ela não precisava assumir aquela responsabilidade também, que sua mãe sempre estaria lá. A declaração teve algo de falso, e o rosto de Sydney exibiu imediatamente sua descrença. A lembrança da quiromante e de suas predições de morte prematura voltaram a aborrecê-la.

– A galinha que a Rosemary faz é maravilhosa, não é querida? – perguntou Reynolds a Sydney.

A menina balançou a cabeça afirmativamente.

– Muito obrigada, madame – disse Rosemary, encantada.

– A senhora está legal, mamãe? – perguntou Sydney, ao mesmo tempo que afastava o copo de leite do irmão mais moço da beirada da mesa. David tinha propensão de derramar qualquer líquido que estivesse ao seu alcance.

Aquele ato sutil de maternidade e a pergunta feita pela menina levaram Reynolds quase às lágrimas. Nos últimos tempos tinha andado numa tal montanha-russa emocional, que qualquer coisinha a fazia chorar. Tomou um gole de vinho, na esperança de que a impedisse de ter um ataque de choro. Era como engravidar de novo. As menores coisas a afetavam como se fossem assunto de vida ou morte. Mas aí o bom senso entrou em ação outra vez. Era uma mãe de família, as coisas precisavam funcionar.

Tinha o luxo de poder contar com uma babá devotada. Ficar ali sentada choramingando, sentindo pena de si própria, não resolvia. Tudo bem, sua vida não era perfeita.

Mas a de quem era? Pensou em Anne Newman e o que deveria estar passando agora. De repente, seus problemas não pareceram mais tão sérios.

– Vai tudo muito bem, Syd. Realmente bem. Meus parabéns pela prova de ortografia. A sra. Betack disse que você foi a estrela do dia.

– Eu gosto muito da escola.

– Qualquer um pode ver, mocinha.

Reynolds estava prestes a se sentar de novo quando o telefone tocou. Tinha um identificador de chamadas e verificou o número que aparecia no visor. Nada. Ou quem estava chamando tinha um bloqueador de identidade ou seu número não estava listado. Ficou na dúvida, sem saber se atendia ou não. O problema era que todo agente do FBI que conhecia tinha um número não listado. Mas normalmente o pessoal do Bureau ligava para ela pelo pager ou pelo celular, cujos números guardava ciosamente e, por isso mesmo, sempre atendia essas chamadas.

Provavelmente era um computador que fazia chamadas aleatórias e uma voz de robô diria para que esperasse um pouco até que aparecesse uma pessoa de verdade querendo lhe vender uma temporada em Disney World. Ainda assim, algo a fez estender o braço e pegar o fone. – Alô?

– Brooke?

Anne Newman parecia angustiada. E enquanto a ouvia, Reynolds sentiu que havia algo além da morte violenta do marido a causar aquela angústia. Pobre Anne, o que poderia ser pior? Pegou o casaco e as chaves do carro, deu uma mordida na fatia de pão que estava no seu prato e beijou as crianças.

– Vai voltar a tempo de ler uma história, mamãe? – quis saber Sydney.

– Três ursos, três porcos, três bodes. – David prontamente declinou para a mãe, sua narradora favorita, a história que mais gostava de ouvir na hora de ir para a cama. Sidney, sua irmã, preferia ela mesma ler as histórias, todas as noites, destacando cada palavra. O pequeno David tomou um grande gole de leite, soltou um arrotto bem alto e pediu desculpas no meio de um acesso de riso.

Reynolds sorriu.

Às vezes, quando estava muito cansada, contava as histórias tão depressa que misturava umas nas outras. Os porquinhos construíam suas casas, os ursos iam passear enquanto Cachinhos Dourados arrombava a porta e os três bodes zangados batiam no gigante mau que morava na caverna e iam ser felizes para sempre em seu novo pasto de grama boa. E depois, trocando de roupa para dormir, Reynolds sofria espasmos de uma culpa esmagadora. A realidade era que seus filhos teriam crescido e ido embora, antes que tivesse tempo de piscar o olho duas vezes, e mesmo assim encurtava três histórias de fadas só porque queria fazer algo tão pouco importante quanto dormir.

Às vezes era melhor não pensar demais. O pior era que Reynolds era uma clássica super-realizadora e perfeccionista, mas não dava para se considerar uma mãe perfeita.

– Vou me esforçar ao máximo, prometo – murmurou.

A expressão desapontada do rosto da filha fez Reynolds virar-se e sair correndo. Parou na saleta do primeiro andar que lhe servia de escritório. Da parte de cima de um armário, ela removeu uma caixa de metal quadrada e pesada, que abriu. Removeu sua SIG 9mm, carregou um pente cheio, puxou o cursor para trás a fim de colocar uma cápsula na câmera, colocou a arma no cople e estava do lado de fora da porta antes que pudesse pensar mais em outra refeição interrompida em uma longa série de desapontamentos para seus filhos.

Supermulher: carreira, filhos, tinha tudo.

Agora, o ideal mesmo seria se pudesse fazer um clone de si própria.

Capítulo 29

LEE E FAITH FIZERAM DUAS PARADAS NO CAMINHO para a Carolina do Norte, uma para um almoço tardio em Cracker Barrei e outra em uma grande rua de comércio no sul da Virgínia. Lee vira um cartaz na estrada anunciando um festival de armas com uma semana de duração. O estacionamento estava entupido de picapes, trailers e carros com pneus enormes e motores que irrompiam através dos capôs. Alguns dos homens vestiam camisas pólo e aquelas proteções de couro usadas sobre as calças para evitar acidentes ou machucados quando a cavalo.

Outros usavam camisetas da famosa banda de rock intitulada Grateful Dead com jeans rasgados. Americanos de todas as origens aparentemente amavam suas armas.

– Por que aqui? – perguntou Faith quando Lee saltou da moto.

– A lei da Virgínia requer que os comerciantes licenciados verifiquem in loco o passado das pessoas que queiram comprar armas – ele explicou. – Você tem que preencher um formulário, ter seu porte de arma e duas formas de identificação. Mas a lei não se aplica a festivais de armas. Tudo o que querem é o seu dinheiro. O que, por sinal, é o meu caso agora.

– Você precisa realmente ter uma arma? Ele olhou para ela como se Faith tivesse acabado de sair de dentro de um ovo.

– Todo mundo que está nos perseguindo tem armas. Incapaz de opor-se a esta lógica devastadora, ela nada disse, deu-lhe o dinheiro e ficou acomodada na moto enquanto ele entrava. Que ficasse por conta do homem dizer algo que paralisasse a sua alma.

Lá dentro, Lee comprou uma Smith & Wesson de dupla ação, pistola automática com um magazine de quinze tiros, munição Parabellum de 9mm. A designação de automática era enganadora. O gatilho precisava ser comprimido toda vez que fosse disparar. O "automático" referia-se ao fato da pistola carregar automaticamente um novo cartucho cada vez que o gatilho era acionado. Comprou também uma caixa de munição, um kit de limpeza e voltou para o estacionamento.

Faith observou atentamente enquanto ele guardava a arma e a munição na moto.

– Sente-se mais seguro agora? – perguntou ela secamente.

– Eu não me sentiria seguro sentado no Hoover Building com uma centena de agentes do FBI olhando para mim. Por que seria? Chegaram em Duck, na Carolina do Norte, ao cair da noite, e Faith deu a Lee as instruções para chegar à casa situada na comunidade de Pine Island.

Quando pararam na frente dela, Lee avaliou a imensa estrutura, arrancou o capacete e virou-se para Faith.

– Pensei que você tivesse dito que era pequena.

– Na verdade, acho que foi você quem disse que era pequena. Eu falei confortável.

Ela saltou da Honda e esticou o corpo. Doía tudo, da cabeça aos pés, especialmente o traseiro, que virara um nó sólido.

– Deve ter mais de seiscentos metros quadrados – Lee continuou a avaliar a casa de três andares, recoberta de madeirinhas, com duas chaminés de pedra e telhado de cedro. Duas varandas largas cercavam o segundo e o terceiro andares, o que dava à construção um certo ar de casa de fazenda. Havia torres triangulares e paredes de treliça e vidro, e do solo irrompiam imensas fontes cercadas de grama. Lee observou os aspersores automáticos entrarem em ação, juntamente com a iluminação exterior da paisagem. Atrás da casa era possível ouvir o marulho das ondas. Ela estava situada na ponta de um recanto remansoso, embora houvesse similares casas monstruosas pintadas de amarelo, azul, verde e cinza alinhadas ao longo da praia em ambas as direções até onde os olhos pudessem enxergar. Embora o ar estivesse quente e ligeiramente úmido, novembro já estava se aproximando, e praticamente todas as outras casas estavam às escuras.

– Nunca me dei ao trabalho de calcular a metragem quadrada da casa. Aluguei-a de abril a setembro. Cobre a hipoteca e me dá um lucro líquido de cerca de trinta mil por ano – só para o caso de você estar interessado.

Tirando o capacete e passando as mãos no cabelo molhado de suor, ela disse: – Preciso de um chuveiro e comer qualquer coisa. A cozinha deve estar abastecida. Você pode pôr a moto no estacionamento coberto.

Faith destrancou a porta da frente e entrou, enquanto Lee estacionava a Honda em uma das duas baias do estacionamento coberto e depois carregava as malas. O lado de dentro da casa era muito mais bonito que do lado de fora. Lee também ficou grato por ver que a casa tinha um sistema de segurança. Enquanto avaliava tudo, reparava nos tetos muito altos.

Vigas de madeira bem conservada e painéis revestindo as paredes, uma cozinha enorme, cerâmicas italianas em alguns lugares, tapetes berberes, do norte da África, caríssimos, por toda a parte. Ele contou seis quartos de dormir, sete banheiros e descobriu uma Jacuzzi ao ar livre na varanda de trás, grande o bastante para caber seis adultos bêbados a se estapearem dentro dela. Havia também três lareiras, incluindo uma a gás que ficava no quarto principal. A mobília era de junco e vime com estofados generosos, e parecia destinada a convidar os presentes a cochilarem.

Lee abriu o conjunto de portas francesas, saiu e pisou no deque, de onde pôde contemplar todo o pátio fechado. Bem no meio destacava-se uma piscina em forma de rim.

A água clorada cintilava sob as luzes da piscina. Uma minhoca enorme abria caminho pela água, sugando insetos e restos.

Faith juntou-se a ele no deque.

– Pedi aos caras da manutenção para vir hoje de manhã e preparar tudo. Eles mantêm a piscina na temperatura certa o ano inteiro. Já tomei banho pelada aqui em dezembro. É gloriosamente sossegado.

– Parece que não há ninguém nas outras casas.

– Certas partes das Outer Banks ficam bastante cheias nove ou dez meses por ano, com tempo bom. Mas você sempre tem a chance de furacões nesta época, e esta área é muito dispendiosa. As casas são alugadas por uma pequena fortuna, mesmo fora de estação. A menos que você forme um grande grupo para dividir as despesas do aluguel, uma família de tamanho médio não vai conseguir ficar hospedada. Acima de tudo, você vê os proprietários virem para cá nesta época do ano. Só que com as crianças na escola, fica difícil vir durante a semana. Assim, nós ficamos vazios.

– Beleza.

– A piscina está aquecida, se você quiser dar um mergulho.

– Não trouxe meu calção.

– Não está a fim de tomar banho nu, está?

Ela sorriu, aliviada por estar tão escuro que não dava para ver direito os olhos dele. Se os olhos azuis de bebê de Lee a atingissem, era bem possível que o empurrasse dentro da piscina, mergulhasse em seguida e que tudo mais se danasse.

– Há muitos lugares na cidade para se comprar roupa de banho. Eu guardo minhas coisas aqui, de modo que não tenho problema. Compraremos amanhã o que você precisar.

– Acho que estou bem com o que eu trouxe.

– Você não quer ficar por aqui, quer?

– Não tenho certeza se poderemos nos demorar muito tempo.

Faith olhou para as passarelas de madeira que passavam pelas dunas de areia até onde o

Oceano Atlântico se rebelava e bramia.

– Nunca se sabe. Não creio que haja lugar melhor para se dormir do que na praia. Não há nada como o barulho das ondas para nos levar à inconsciência. Lá em Washington nunca dormi bem. Tinha muitas coisas com que me preocupar.

– Engraçado, eu dormia um bocadinho bem lá. Lançou um olhar furioso para ele.

– Cada um com a sua preferência.

– O que vai querer para jantar?

– Primeiro um chuveiro. Você pode ficar com o quarto de dormir principal.

– A casa é sua. Fico bem num sofá.

– Com seis quartos de dormir, não creio que faça muito sentido. Fique com o último no corredor de cima. Ele abre para a varanda de trás. A Jacuzzi está lá fora. Fique à vontade.

Mesmo sem calção. Não se preocupe, não vou espiar.

Os dois entraram. Lee pegou sua mala e seguiu-a escadas acima. Tomou um banho de chuveiro e vestiu uma calça caqui limpa, um suéter e calçou um mocassim sem meias, já que se esquecera de trazê-las. Não se deu ao trabalho de secar o cabelo. Surpreendeu-se olhando no espelho. O corte novo não caía mal nele. Na verdade, o rejuvenescera alguns anos. Deu um tapa na barriga dura e chegou até a fazer uma flexão exagerada.

– Sim, tudo bem – disse ele para a sua imagem. – Mesmo que ela fosse o seu tipo, o que com absoluta certeza não é. – Saiu do quarto e já ia descer quando parou no meio do corredor.

O quarto de Faith ficava na outra ponta. Ele podia ouvir o barulho do chuveiro.

Provavelmente ela estava aproveitando as delícias da água quente depois de uma viagem tão longa. Tinha se saído muito bem, Lee tinha de admitir, não se queixara demais. Ele prosseguiu mais devagar, pensando. Porque acabara de lhe ocorrer que Faith podia naquele exato momento estar fugindo pela porta de trás, usando o barulho do chuveiro para disfarçar. Por tudo quanto sabia, ela providenciara um carro de aluguel que estava estacionado diante da casa, e estava pronta para dar o fora, deixando-o sem o que se poderia chamar de uma vida. Seria exatamente como o pai? Fugindo de noite quando as coisas ficavam pretas? Bateu na porta.

– Faith? – como não houve resposta, ele bateu mais forte. – Faith! Faith! A água ainda estava correndo.

– Faith! – ele insistiu. Experimentou a porta. Estava trancada. Socou a porta de novo e gritou o nome dela.

Lee já ia correr escadas abaixo quando ouviu passos e a porta foi aberta. Lá estava Faith, o cabelo encharcado e preso no rosto, água pingando pelas pernas, uma toalha mal cobrindo a parte da frente do seu corpo.

– Que é? – quis saber ela. – O que está errado?

Lee viu-se admirando o elegante desenvolvimento ósseo dos seus ombros, o pescoço tipo Audrey Hepburn agora totalmente revelado, a firmeza dos braços. Depois o olhar dele deslizou para a parte superior das coxas e rapidamente concluiu que as pernas nada ficavam a dever aos braços.

– Que diabo de coisa é essa, Lee? – indagou ela em voz alta. – O que há de errado?

Ele não perdeu a pose.

– Oh, eu só estava pensando, bem, que tal eu fazer o jantar?

Lee sorriu, sem graça.

Faith o encarou incredulamente, à medida que a poça de água aumentava no carpete sob seus pés. Quando enrolou a toalha mais molhada em torno de si, os seios pequenos e firmes ficaram totalmente desenhados contra o tecido frio e molhado. Foi quando Lee começou a pensar seriamente em tomar outro banho, só que desta vez com água fria o bastante para tornar certas partes de sua anatomia da mesma cor dos seus olhos. – Ótimo – ela bateu a porta na sua cara.

– Excelente – disse Lee, baixinho, para a porta.

Ele desceu e examinou o que havia na geladeira. Decidiu-se sobre um menu e começou a recolher panelas e comida. Morava sozinho havia tanto tempo que finalmente decidira, após anos da comida dos Golden Arches, que era melhor aprender a cozinhar decentemente. Na verdade, achava até mesmo uma espécie de terapia, e esperava viver pelo menos mais vinte anos, agora que limpava as artérias de toda graxa. Pelo menos até ter conhecido Faith Lockhart. Agora todas as suas apostas sobre uma longa vida estavam valendo.

Lee jogou uma tilápia em cima de uma chapa de cozinhar. Pincelou o peixe com a manteiga que derreteria numa panela e deixou a manteiga entranhar. Em seguida acrescentou alho, suco de limão e alguns outros temperos secretos passados às mãos dele através de gerações de Adams e pôs o peixe para assar no forno embutido na parede. Depois fatiou uns tomates com um pedaço de mussarela, arrumou direitinho numa travessa e salpicou por cima azeite e tempero. Depois foi a vez de preparar a salada e uma fatia de pão francês que, depois de temperado com manteiga e alho, foi para a prateleira inferior do forno.

Pegou dois pratos, talheres e guardanapos que encontrou numa gaveta e pôs a mesa. Acender as velas que estavam em cima da mesa pareceu-lhe uma ideia sem graça. Aquilo não era uma lua de mel e eles ainda tinham que pensar na caçada nacional em que estavam envolvidos.

Abriu uma adega pequena ao lado da geladeira e selecionou uma garrafa de vinho branco bem gelado. Estava servindo dois cálices quando Faith desceu a escada. Usava um camião de brim azul com uma camiseta branca por baixo, uma calça branca folgada e sandálias vermelhas. Lee notou que continuava sem maquilagem, pelo menos que ele pudesse ver. Uma pulseira de balangandãs de prata balançava no pulso. Usava também brincos de turquesa no estilo cheio de voltas característico do sudoeste.

Ela pareceu surpresa com a movimentação na cozinha.

– Um homem que sabe atirar bem, que é capaz de tapear os federais e que também sabe cozinhar é um espanto. Você nunca cessa de me surpreender.

Lee entregou-lhe um cálice de vinho.

– Uma boa refeição, uma noite tranquila e depois vamos nos dedicar aos negócios sérios.

Faith olhou friamente para Lee quando ele tocou com o seu cálice no dela.

– Você limpa tudo muito bem – disse ela.

– É outro dos meus talentos.

Ele foi verificar o peixe enquanto Faith ia até a parede envidraçada e examinava o lado de fora.

Os dois estavam quietos, sentindo-se aparentemente um pouco sem graça agora que tinham chegado ao seu destino. Podia parecer irônico, mas chegar ali tinha sido a parte mais fácil.

Faith insistiu em lavar a louça enquanto Lee ligava a televisão.

– Nós aparecemos no noticiário? – perguntou Faith.

– Não que eu tenha visto. Mas ainda há muitas informações sobre o agente do FBI que foi encontrado morto. Um agente do FBI assassinado ainda é algo muito raro nos dias de hoje, graças a Deus. Compro um jornal amanhã.

Faith terminou com a louça, serviu-se de outro cálice de vinho e foi se juntar a ele.

– OK, estamos de barriga cheia, o vinho nos deixou tão alegriños quanto possível, e agora chegou a hora de conversar.

– Eu preciso saber toda a história – disse Lee. – Algo doce e simples assim. Toda a história.

– Quer dizer então que você prepara um belo jantar para uma garota, enche-a de vinho e pensa que para ela ser sua basta pedir? – ela sorriu timidamente.

Lee franziu a testa.

– Estou falando sério, Faith.

O sorriso dela desapareceu, juntamente com a sua timidez.

– Vamos dar uma volta na praia.

Lee começou a protestar, mas interrompeu-se.

– OK, o campo é seu, as regras da casa se aplicam. Ele se dirigiu para a escada.

– Aonde vai?

– Já volto.

Quando voltou, tinha vestido uma jaqueta.

– Não precisa de jaqueta, ainda está bem quente.

Ele abriu a parte da frente da jaqueta, revelando o coldre com o Smith&Wesson.

– Não quero assustar nenhum caranguejo que possamos encontrar.

– Morro de medo de armas.

– Armas também impedem a morte, quando apropriadamente usadas. Geralmente morte súbita, violenta.

– Ninguém pode ter seguido a gente. Ninguém sabe que estamos aqui.

A resposta dele a deixou com os ossos gelados.

– Espero em Deus que você tenha razão.

Capítulo 30

REYNOLDS NÃO USOU A LUZ DE CARRO POLICIAL, MAS O TERIA FEITO se alguma radiopatrulha tentasse detê-la, já que estava excedendo o limite autorizado, em mais de quarenta quilômetros por hora, nos poucos trechos abertos da Perimetral antes de precisar reduzir em meio a um mar de luzes vermelhas de freio. Deu uma olhada no relógio: sete e meia. Quando não seria hora do rush naquela maldita área? As pessoas se levantavam cada vez mais cedo para ir para o trabalho. Ou então permaneciam até mais tarde antes de saírem de casa, a fim de evitar o tráfego. Muito em breve os dois grupos acabariam por esbarrar um no outro e aí teria início oficial o estacionamento vinte e quatro horas por dia nas rodovias. Por sorte, a casa de Anne Newman ficava apenas a umas poucas saídas da dela.

Enquanto dirigia, Reynolds foi pensando na visita que fizera ao prédio onde morava Adams. Reynolds achava que já tinha visto e ouvido tudo nesse mundo de Deus, mas a declaração de Angie Carter sobre o FBI a deixara atônita e, com o choque, ela e Connie tinham entrado em um ciclo de hiperagitação. Notificaram a seus superiores no Bureau e rapidamente determinaram que nenhuma operação oficial tinha sido conduzida no endereço de Adams. O que foi a mesma coisa que espalhar merda no ventilador.

O fato de que tivessem se passado por agentes do FBI chamou a atenção do próprio diretor, e ele pessoalmente dera as ordens atinentes ao caso. Muito embora a porta dos fundos do apartamento de Adams tivesse sido arrancada das dobradiças e eles pudessem entrar sem problema algum, um mandato de busca foi obtido rapidamente e mais rapidamente ainda executado, sempre com as bênçãos do diretor. Reynolds ficou aliviada com o rumo dos acontecimentos, porque não queria enganos desta vez. Qualquer engano ia bater direto na sua cabeça.

O apartamento foi meticulosamente investigado por uma das equipes especializadas mais famosas do Bureau, retirada de outro caso importante. No fim das contas acabaram não descobrindo muita coisa. Não havia fita na secretária eletrônica, o que deixara Reynolds furiosa. Se o falso pessoal do FBI havia levado a fita é porque devia haver algo importante nela. A equipe de busca de Reynolds não tivera melhor sorte. Não havia documentos de viagem, mapas consultados, nada que pudesse dar uma dica para onde Adams e Lockhart tinham ido. Tinham encontrado impressões digitais que combinavam com as de Faith, o que já era alguma coisa. Estavam agora investigando a vida pregressa de Adams. Ele tinha família na área, talvez soubessem de algo.

Descobriram a escotilha no telhado do apartamento vazio vizinho ao de Adams. Muito esperto. Reynolds reparou também nas fechaduras reforçadas, câmeras de vídeo para vigilância, porta e estrutura de aço e o escudo de cobre sobre o painel do alarme. Lee Adams sabia o que fazia.

Retiraram a bolsa de cabelo e a tintura de um dos latões de lixo atrás do apartamento. Isso, juntamente com o que tinham visto das fitas de vigilância do aeroporto, mostrava que agora Adams era louro e Lockhart morena. Não que ajudasse muito. Estavam verificando agora se qualquer um dos dois tinha outra residência registrada em seu nome em outra parte do município. Era como procurar uma agulha em um palheiro, Reynolds sabia, mesmo que tivessem usado seus nomes verdadeiros. Duvidava que pudessem ter sido tão burros. E mesmo os pseudônimos,

Suzanne Blake e Charles Wright, eram nomes comuns demais para ajudarem.

Os policiais que responderam ao chamado do apartamento de Adams foram requisitados e questionados. Os homens que posaram como agentes do FBI contaram uma história de que Lee Adams estava sendo procurado por causa de uma rede de sequestros que cruzava as linhas de fronteiras estaduais. As credenciais deles pareciam reais, todos os policiais envolvidos foram rápidos em garantir isto. Além do mais, carregavam um 243 belo poder de fogo e exibiam a arrogância profissional que qualquer pessoa normalmente associa ao FBI. Estavam examinando o lugar com perícia e não fizeram o menor gesto de correr quando a radiopatrulha apareceu. Os impostores falavam e andavam do jeito característico do FBI, com perfeição em todos os sentidos, assim asseguraram os dois policiais locais, que por sinal eram, tanto um quanto outro, veteranos das ruas da cidade. Tinham dado a eles o nome do agente especial que supostamente seria o encarregado do caso. Procuraram o nome em todo o banco de dados do pessoal do FBI, e nada. Nenhuma surpresa aqui. Os policiais deram as descrições dos homens que viram, e um técnico do Bureau estava criando imagens de computador a partir dessas descrições. No balanço geral, chegaram a um beco sem saída, com implicações assustadoras.

Implicações que se aproximavam demais de Reynolds.

Ela recebera outra visita de Paul Fischer. Veio com ordens diretas de Massey, como fez questão de dizer logo. Reynolds tinha que agir o mais rapidamente que pudesse, e ao mesmo tempo com todo o cuidado, com a finalidade de encontrar Faith Lockhart, podendo ter certeza de que teria todo o apoio de que precisasse.

– Só não cometa mais erros – dissera ele.

– Eu não sabia que tinha cometido erros, Paul.

– Um agente morto. Faith Lockhart cai no seu colo e você deixa que ela fuja. Como chamaria isso? – Foi o vazamento de uma informação que causou a morte de Ken – disparou ela de volta. – Não sei como posso ver que neste caso a culpa tenha sido minha.

– Brooke, se você realmente acredita nisso, pode muito bem tratar de requerer designação para um novo posto agora mesmo. Esta foi a sua última responsabilidade.

No que diz respeito ao Bureau, em caso do vazamento, todos os membros da sua equipe, inclusive você mesma, estão no topo da lista de suspeitos. E assim que o Bureau vem agindo.

Assim que ele deixou seu escritório, Reynolds atirou um pé de sapato na porta fechada. Logo em seguida jogou o outro, só para se certificar de sua extrema irritação. Paul Fisher estava oficialmente cortado de sua lista de fantasias sexuais.

Reynolds desceu a rampa de saída, virou à esquerda na Braddock Road e lutou contra um resto de trânsito até que pôde virar no tranquilo bairro residencial onde morava o agente do FBI assassinado. Reduziu a marcha quando chegou na rua de Newman. A casa estava escura, havia um único carro na frente da garagem. Reynolds estacionou o carro oficial a que tinha direito por conta do FBI, saltou e correu para a porta.

Anne Newman devia estar à sua espera, porque a porta abriu-se antes que Reynolds pudesse tocar a campainha.

Anne não fez qualquer tentativa de bater papo ou de perguntar a Reynolds se queria beber alguma coisa. Levou a agente do FBI diretamente para o quartinho dos fundos que fora arrumado como escritório, com uma escrivaninha, um arquivo de metal, computador e fax. Na parede viam-se, emoldurados, cartões de beisebol e outra memorabilia esportiva. Em cima da

escrivanhinha, havia pilhas de dólares de prata acondicionadas em plástico duro e cuidadosamente etiquetadas.

– Eu estava dando uma olhada no escritório de Ken. Não sei por quê. Pareceu-me que...

– Você não precisa explicar nada, Anne. Não há regras para o que você está passando.

Anne Newman enxugou uma lágrima enquanto Reynolds a estudava. Era mais do que claro que a pobre estava perto do ponto de ruptura em todas as frentes. Trajava um robe velho, o cabelo não fora lavado e os olhos vermelhos estavam inchados. Na noite do dia anterior, presumiu Reynolds, a decisão mais premente que Anne tivera que tomar fora o que devia fazer para o jantar. Meu Deus, como tudo podia ser reduzido a um quase nada. Ken Newman não era o único a ser enterrado. Anne estava bem ali do seu lado. A única diferença é que ela ainda tinha que continuar vivendo.

– Encontrei estes álbuns de fotografias. Nem sabia que estavam aí. Achei dentro de uma caixa, junto com outras coisas. Sei que pode parecer ruim, que eu não deveria mexer nessas coisas, mas... mas pode ser que ajude a descobrir o que foi que aconteceu com Ken...

Ela silenciou por um momento, enquanto mais lágrimas caíam sobre o álbum que tinha nas mãos, com sua capa psicodélica estilo anos 70, meio rasgada.

– Chamar você foi a coisa certa a fazer – disse Anne finalmente com uma rudeza que foi ao mesmo tempo dolorosa e gratificante para Reynolds ouvir.

– Sei que isto é terrivelmente difícil para você – Reynolds avaliou o álbum, sem querer prolongar aquilo mais do que o que absolutamente necessário. – Posso ver o que você descobriu? Anne Newman sentou-se num pequeno sofá, abriu o álbum e puxou a folha de plástico claro que mantinha as fotos seguramente do lado de dentro. Na página que abriu apareceu uma foto trinta por vinte e quatro de um grupo de homens usando roupas de caçada e segurando rifles. Ken Newman era um dos homens. Anne puxou a foto, revelando um pedaço de papel e uma chave pequena comprimidos dentro da página do álbum. Entregou as duas a Reynolds e observou atentamente enquanto a agente do FBI as examinava.

O pedaço de papel era um recibo de conta para um cofre de um banco local. A chave, presumivelmente, servia para abrir o cofre.

Reynolds olhou para ela.

– Você não sabia disso? Anne Newman sacudiu a cabeça.

– Nós temos um cofre, sim. Mas não neste banco. E, é claro, não é só isso.

Reynolds examinou o documento do banco e se sacudiu involuntariamente. O nome do locatário do cofre não era Ken Newman. Nem tampouco o endereço de faturamento.

– Quem é Frank Andrews? Anne Newman deu a impressão de que ia romper em lágrimas de novo.

– Meu Deus! Não tenho a menor ideia! – Ken alguma vez mencionou esse nome a você? Anne sacudiu a cabeça.

Reynolds respirou fundo. Se Newman tinha um cofre em um banco sob nome falso, ele teria precisado de um documento para movimentar a conta.

Ela se sentou no sofá ao lado de Anne e segurou carinhosamente sua mão.

– Você descobriu alguma identificação que pudesse ter o nome de Frank Andrews? Os olhos de Anne se encheram de lágrimas e Reynolds sentiu verdadeiramente pena dela.

– Você se refere a um documento com um retrato de Ken? Algo que provasse que ele

fosse esse tal de Frank Andrews? – Sim, é exatamente isso a que me refiro.

Anne Newman pôs a mão no robe e puxou uma carteira de motorista do estado da Virgínia. O nome era o de Frank Andrews. O número da licença, que na Virgínia é o mesmo número da Previdência Social, lá estava. E na pequena foto que completava a carteira era Ken Newman quem a encarava.

– Pensei em abrir eu mesma o cofre, mas depois percebi que não iam me deixar. Não se trata de uma conta conjunta com o meu nome. E eu não ia ser capaz de explicar que se tratava de meu marido, só que com um nome falso.

– Eu sei, Anne. Eu sei. Você agiu certo ao me mostrar isso. Agora onde foi exatamente que você achou a identidade falsa? – Em um dos outros álbuns de retratos. Não eram fotos da família, claro. Sou eu que guardo todos eles, e os vejo zilhões de vezes. Estes aqui eram de Ken e seus companheiros de caçadas e pescarias. Eles faziam essas viagens todos os anos. Ken era um bom fotógrafo. Eu nunca soube que ele guardava as fotos em álbuns. Eu também não tinha o menor interesse nesses retratos, você entende.

Ela se deteve, o olhar perdido na parede mais distante.

– Às vezes parecia que Ken era mais feliz com seus amigos atirando em patos ou nos seus jogos de cartas.

Anne respirou fundo, pôs a mão sobre a boca e abaixou os olhos.

Reynolds podia sentir que Anne nunca havia tencionado compartilhar aquela informação tão pessoal com ela, praticamente uma estranha. Nada falou. A experiência lhe disse para que deixasse Anne Newman superar sozinha tudo aquilo. Um minuto mais tarde ela começaria a falar de novo.

– Eu nunca teria encontrado isso, suponho, a menos que... o que aconteceu a Ken... você sabe. Acho que a vida às vezes é meio engraçada.

Ou terrivelmente cruel.

– Anne, eu preciso examinar essas coisas. Vou levar tudo comigo e não quero que mencione isso a ninguém. Nem amigos, nem família...

Ela fez uma pausa, escolhendo as palavras o mais cuidadosamente que pôde.

– Nem a qualquer pessoa do Bureau. Não antes que eu descubra algo.

Anne Newman dirigiu-lhe um par de olhos assustados.

– Em que você pensa que Ken estava envolvido, Brooke? – Não sei ainda. Não vamos tirar conclusões precipitadas. O cofre pode estar vazio. Ken pode tê-lo alugado muito tempo atrás e ter se esquecido.

– E a falsa identidade? Reynolds lambeu os lábios secos.

– Ken fez algum serviço como agente secreto nesses anos todos. Pode ser que ela seja uma recordação desse tempo.

Reynolds sabia que aquilo era uma mentira, e era muito provável que Annie soubesse também. A data da licença era recente. E quem atua como agente secreto para o FBI geralmente não leva para casa os artigos que demonstram suas falsas identidades depois que o trabalho for feito. A falsa licença, Brooke tinha praticamente certeza, não tinha relação com os deveres de Ken com o FBI. O trabalho dela seria descobrir com que aquilo estava relacionado.

– Anne, nem uma só palavra com ninguém. É para a sua segurança.

Anne Newman segurou o braço de Reynolds quando ela se levantou.

- Brooke, eu tenho três filhos. Se Ken estivesse metido com alguma coisa...
- vou mandar colocar a casa sob vigilância vinte e quatro horas. Se qualquer coisa por mais remotamente suspeita que pan reça chamar a sua atenção, você me liga.

Ela lhe passou um cartão com os telefones diretos.

- Dia ou noite.

- Eu não sabia para quem apelar. Ken gostava muito de você, palavra que gostava.

- Ele era um agente magnífico com uma carreira e tanto – se ela descobrisse que Ken Newman fora um corrupto, no entanto, o Bureau arrasaria com a sua lembrança, sua reputação, com tudo o que dissesse respeito à sua vida profissional. O que, é claro, destruiria também sua vida privada, inclusive a mulher para quem Brooke estava olhando naquele instante, assim como os seus filhos. Mas a vida é assim mesmo. Não era ela quem fazia as regras e tampouco concordava com elas, mas tinha que viver segundo elas. No entanto, ia verificar o cofre alugado ao banco. Se não houvesse nada de suspeito, não contaria para ninguém. Continuará a investigação para ver se descobria o motivo pelo qual Newman estava usando um pseudônimo, mas isso seria feito a seu próprio tempo. Não ia destruir a lembrança dele sem um motivo muito forte. Ela devia isso a ele.

Deixou Anne Newman sentada no sofá, o álbum de fotografias aberto no seu colo. A ironia era que se Newman tivesse sido o responsável pelo vazamento no caso Lockhart, tinha sido ele mesmo que provocara a própria morte. Agora que Reynolds pensava nisso, chegava à conclusão de quem quer que o tivesse contratado teria provavelmente esperado eliminar o agente duplo e o alvo principal de um golpe só. Uma bala se desviando ao sair do cano de uma pistola salvara Faith Lockhart de se juntar a Ken Newman numa laje. E quem sabe também se Faith contara com a ajuda de Lee Adams? Quem quer que tivesse orquestrado tudo aquilo sabia claramente o que estava fazendo. O que era ruim para Reynolds. Ao contrário do que se divulga na ficção popular e no cinema, a maior parte dos criminosos não é assim tão consumada e tampouco consegue sobrepujar com facilidade a polícia a cada instante. A maioria dos assassinos, estupradores, ladrões, traficantes de droga e outros criminosos geralmente são pessoas sem instrução ou assustados. Punks drogados ou bêbados têm pavor da própria sombra quando lhes falta a agulha ou a garrafa, por mais tenebrosos que sejam os demônios a persegui-los. Deixam muitos indícios e geralmente são apanhados, ou se entregam, quando não são denunciados pelos seus "amigos". São condenados e cumprem tempo na cadeia, quando não, em casos raros, são executados. Não se pode dizer que sejam profissionais, em nenhum sentido da palavra.

Reynolds sabia que não era este o caso aqui. Amadores não encontram meios de subornar agentes veteranos do FBI. Não contratam assassinos profissionais que ficam ocultos na floresta esperando pela sua presa. Não se faziam passar por agentes do FBI com credenciais tão autênticas que chegavam a assustar a polícia. Teorias sinistras de conspiração revolteavam em sua mente, fazendo com que sentisse calafrios de medo. Não importava há quanto tempo você trabalhasse nisso, o medo estava sempre presente. Estar vivo era ter medo. Não ter medo era estar morto.

Quando saiu, Reynolds passou sob um detector de incêndio que havia no corredor. Havia três outras dessas engenhocas na casa, inclusive uma no escritório de Ken Newman.

Quando todas estavam ligadas na fiação elétrica da casa e funcionavam como deviam

abrigavam também sofisticadas câmeras de vigilância com lentes minúsculas. Duas das tomadas da parede em cada nível eram similarmente "modificadas". As modificações tinham sido feitas duas semanas atrás quando os Newmans desfrutaram de um raro período de três dias de férias. Esse tipo de modelo de vigilância era baseada na tecnologia conhecida como PLC – power Une carrier – favorecida pelo FBI. E pela CIA.

Robert Thornhill estava rondando, à espreita. E sua atenção agora ia se voltar para Brooke Reynolds.

Ao subir no seu carro, Reynolds compreendeu com muita clareza que ela talvez estivesse numa encruzilhada de sua carreira. Provavelmente ia precisar de cada gota de engenhosidade e de força interior para sobreviver àquilo. E no entanto, a única coisa que queria fazer naquele instante era ir para casa e contar a seus dois belos filhos a história dos três porquinhos, tão devagar, meticulosa e coloridamente quanto conseguisse.

Capítulo 31

O VENTO, COMO VIRAM DEPOIS, ESTAVA SOPRANDO FORTE NA PRAIA E a temperatura tinha caído drasticamente. Faith abotoou o pulôver; depois, a despeito do frio, tirou as sandálias e segurou-as com uma das mãos.

– Gosto de sentir a areia – ela explicou a Lee. com a maré baixa, tinham uma larga faixa de areia para andar. No céu podiam-se ver nuvens esparsas, a lua quase cheia, o tremular das estrelas que os observavam lá de cima. Lá longe no mar, viam o vislumbre do que provavelmente era a luz de um navio ou uma boia estacionaria.

Exceto pelo vento, tudo era completamente quieto. Nada de carros, de TVs aos gritos, de aviões ou de outras pessoas.

– É realmente uma maravilha isso aqui – disse Lee finalmente, observando um caranguejo com o seu jeito engraçado, de lado, correr de volta para o burquinho onde morava. Enfiado na areia havia um pedaço de cano de PVC. Ele sabia que os pescadores espetavam seus caniços nos tubos vazios quando pescavam na praia.

– Cheguei a pensar em me mudar para cá definitivamente – disse Faith. Ela se afastou dele e arriscou-se na água até os tornozelos.

Lee tirou os sapatos, enrolou as pernas das calças e juntou-se a ela.

– Está mais fria que eu pensava – disse ele. – Não dá para nadar.

– Você não acredita como pode ser revigorante nadar na água fria.

– Tem razão, não acredito mesmo.

– Tenho certeza de que já lhe fizeram esta mesma pergunta mais de um milhão de vezes, mas como foi que você se tornou um investigador particular? Ele deu de ombros e olhou para o oceano.

– Foi mais ou menos sem querer. Papai era engenheiro e eu vivia mexendo em tudo e inventando coisas, como ele. Mas nunca me dediquei aos estudos, ao contrário dele.

Era um tanto rebelde também, como você. Não fui para a faculdade. Entrei para a Marinha.

– Por favor, diga-me que você serviu com os SEALs da Marinha. Eu dormiria melhor. Lee sorriu.

– Mal sei atirar direito. Não consigo construir um engenho nuclear com palitos de dentes e papel de chiclete, e da última vez que tentei, não consegui incapacitar um homem simplesmente por pressionar meu polegar na sua testa.

– Acho que fico com você assim mesmo. Desculpe interromper.

– Não tem muita coisa mais. Estudei telefonia, comunicações, esse tipo de coisa que a gente estuda na Marinha. Casei, tive uma filha. Dei baixa e comecei a trabalhar numa companhia telefônica como reparador. Em seguida, perdi a guarda da menina num divórcio complicado. Larguei meu emprego, respondi a um anúncio de uma firma de segurança privada que precisava de uma pessoa com boas noções de vigilância eletrônica. Imaginei que com minha experiência podia aprender o que precisasse. Gostei realmente do serviço. Comecei minha própria firma, consegui alguns bons clientes, cometi erros como todo mundo, mas consegui estabelecer uma base firme. Você me vê hoje como o chefe de um império poderoso.

– Há quanto tempo você está divorciado? – Muito tempo – ele a encarou. – Por quê? – Só curiosidade. Chegou alguma vez perto do altar desde então? – Não. Acho que fiquei com medo de cometer os mesmos erros de antes.

Ele enfiou as mãos nos bolsos.

– Para ser sincero, os problemas vieram de ambos os lados. Não sou uma pessoa de fácil convivência.

Ele sorriu.

– Acho que Deus faz dois tipos de pessoas: aquelas que devem se casar e procriar e as que devem ficar sozinhas e ter sexo apenas para se divertirem. Penso que faço parte deste último grupo. Não que eu tenha me divertido muito nos últimos tempos.

Faith abaixou os olhos.

– Guarde um pouco de espaço para mim.

– Não se preocupe. Há espaço de sobra. Ele tocou no cotovelo dela.

– Vamos conversar. O tempo está passando.

Faith levou-o para a praia e sentou, de pernas cruzadas, em um pedaço de areia seca. Ele se sentou ao lado dela.

– Onde você gostaria de começar? – perguntou ela.

– Que tal pelo começo? – Não, eu me refiro a se você quer que eu lhe conte tudo primeiro, ou se prefere que eu bote seus segredos para fora antes? Ele pareceu assustado.

– Meus segredos? Sinto muito, estou fora.

Ela pegou um bastão, desenhou as letras J e E na areia e olhou para ele.

– Danny Buchanan. O que você sabe realmente a respeito dele? – Exatamente o que eu lhe disse. Danny é seu sócio.

– É também o homem que contratou você. Lee perdeu a voz por alguns segundos.

– Eu lhe disse que não sabia quem tinha me contratado.

– Exatamente. Foi o que você me disse.

– Como você sabe quem me contratou? – Enquanto estava no seu escritório, ouvi uma mensagem de Danny, e ele parecia bastante ansioso para saber onde eu me encontrava e o que você tinha descoberto. Deixou o telefone com ordens para que ligasse de volta. Estava mais angustiado do que eu jamais o ouvira. Acho que também estaria assim se alguém a quem tivesse arranjado para que fosse morta ainda estivesse cheia de vida.

– Tem certeza de que era ele ao telefone? – Após quinze anos de trabalho com ele, acho que conheço bem a sua voz. Você então não sabia? – Não, não sabia.

– Você sabe que é realmente difícil de acreditar.

– Acho que sim – concordou ele. – Mas acontece que é a verdade.

Ele pegou um pouco de areia com a mão em concha e soltou-a por entre os dedos.

– Quer dizer então que esse tal telefonema foi o motivo pelo qual você tentou fugir de mim no aeroporto? Por não confiar em mim.

Ela passou a língua nos lábios secos e deu uma olhada no coldre com a arma, visível desde que o vento abrisse a jaqueta de Lee.

– Eu confio em você, Lee. De outra forma não estaria sentada em uma praia deserta, no escuro, com um homem armado que é praticamente um estranho para mim.

Lee arriou os ombros.

– Fui contratado para seguir você, Faith. Mais nada.

– Você primeiro não descobriu se o cliente ou se as intenções dele eram legítimas? Lee começou a dizer qualquer coisa mas desistiu. Aquela era uma pergunta razoável. O fato é que os negócios estavam indo mal nos últimos tempos e a missão e o dinheiro tinham chegado na hora certa. Entre os documentos que tinham lhe mandado havia uma foto de Faith e logo depois ele a vira em pessoa. Bem, que diabos podia dizer? A maior parte das pessoas com quem tinha de trabalhar não era atraente como Faith Lockhart. Na foto, seu rosto sugeria vulnerabilidade. Depois de conhecê-la, viu que a impressão não era obrigatoriamente verdadeira. Mas foi uma potente combinação para ele, beleza com vulnerabilidade. Para qualquer homem.

– Normalmente eu gosto de me encontrar com meus clientes, conhecê-los e ver o que pretendem antes de aceitar um trabalho.

– Mas por que não neste caso? – Era um pouco difícil, já que eu não sabia quem tinha me contratado.

– Então, em vez de devolver o dinheiro, você aceitou a oferta e começou a me seguir – às cegas, como sei agora.

– Não vi qualquer mal em simplesmente seguir você.

– Mas podiam estar usando você para saber do meu paradeiro.

– Não era exatamente como se você estivesse escondida; como falei, achei que podia estar tendo algum romance. Mas quando entrei no chalé, vi logo que não era o caso.

E os demais eventos daquela noite certamente só serviram para reforçar esta conclusão. É tudo o que realmente sei.

Faith fixou os olhos no oceano, na direção do horizonte, onde a água se encontrava com o céu. O tipo do encontro visual que acontece todos os dias e que, por alguma razão, é reconfortante. Serviu para dar esperança a Faith quando provavelmente não teria qualquer outra razão para senti-la. A não ser, talvez, o homem sentado ao lado dela.

– Vamos entrar – disse ela.

Capítulo 32

ELES SE SENTARAM NA SALA ESPAÇOSA. FAITH PEGOU UM CONTROLE remoto, acionou um botão e as chamas na lareira ganharam vida. Serviu um cálice de vinho,

ofereceu outro a Lee, mas ele declinou. Acomodaram-se no sofá extremamente confortável.

Faith tomou um gole de vinho e ficou olhando pela janela, os olhos focalizados em nada.

– Washington representa a torta mais rica e maior da história da humanidade. E no mundo inteiro não há quem não queira uma fatia dela. Há certas pessoas que têm a faca que corta essa torta. Se você quiser uma fatia, vai ter que conseguir por intermédio dessas pessoas.

– É nesse ponto que você e o Buchanan entram em cena? – Eu vivi, respirei e comi minha carreira. Às vezes trabalhei mais que vinte e quatro horas por dia por ter atravessado a Linha Internacional da Data. Não posso lhe dizer as centenas de detalhes, nuances, leituras de pensamentos, testes de coragem, nervos e perseverança que fazer lobby em uma escala destas requer.

Ela descansou o cálice de vinho e focalizou o olhar nele.

– Tive um grande professor em Danny Buchanan. Ele quase nunca perdeu. Notável uma coisa dessas, não acha? – Acho que nunca perder em nada é um feito notável. Nem todos podem ser um Michael Jordan na vida.

– Na sua linha de trabalho você pode garantir ao seu cliente que um certo resultado irá ocorrer? Lee sorriu.

– Se eu pudesse prever o futuro, começaria a jogar na loteria.

– Danny Buchanan podia garantir o futuro. Lee parou de sorrir.

257 – Como? – Aquele que controla os senhores dos portões controla o futuro.

Lee balançou lentamente a cabeça.

– Quer dizer então que ele estava pagando a pessoas do governo? – Numa escala mais sofisticada do que qualquer um já tenha feito antes.

– Congressistas na folha de pagamento? Esse tipo de coisa? – Na verdade, eles faziam o que faziam de graça.

– O quê...? – Até que deixassem o Congresso. Aí então Danny tinha um mundo de benesses pronto para eles. Serviços lucrativos onde não era preciso fazer nada em companhias fundadas por Danny. Rendimentos de carteiras de ações e títulos, além de dinheiro vivo canalizado através de negócios legítimos, sob o disfarce de serviços prestados. Podiam jogar golfe o dia inteiro, dar falsos telefonemas para o Capitólio, marcar alguns encontros e viver como reis. Ei, é como um super 401(k), aquela poupança que permite aos empregados de uma firma contribuírem com uma quantia fixa dos seus rendimentos para uma conta de aposentadoria, só pagando impostos na hora da retirada. Você sabe como os americanos são com suas ações. Danny trabalhava duro com eles enquanto ainda se encontravam no Capitólio, mas depois lhes dava os melhores anos de ouro que o dinheiro podia comprar.

– Quantos deles se "aposentaram"? – Nenhum, até agora. Mas está tudo pronto para quando chegar a hora. Danny vem fazendo isso apenas há cerca de dez anos.

– Ele trabalha em Washington há muito mais que dez anos.

– O que estou querendo dizer é que ele vem corrompendo gente apenas há dez anos.

Antes era um lobista muito mais bem-sucedido. Nos últimos dez anos fez muito menos dinheiro.

– Eu diria que garantir resultados lhe traria muito mais dinheiro.

– Os últimos dez anos foram uma década muito caritativa para ele.

– O homem deve ter muitos recursos.

– Danny teve que aplicar muito do seu dinheiro. Começamos a representar clientes em

dobro a fim de continuar o que estávamos fazendo. E quanto mais os homens dele fazem o que lhes é dito para fazer, mais receberão depois. E, esperando até a hora de se aposentar para serem pagos, as chances de serem pegos diminuem consideravelmente.

– Devem realmente confiar muito na palavra de Buchanan.

– Tenho certeza de que já lhes provou o que os espera. Mas Buchanan também é um homem honrado.

– Todos os vigaristas são, não é mesmo? Quem são alguns dos participantes do seu plano de aposentadoria? Ela lhe lançou um olhar desconfiado.

– Por quê? – Só para me fazer a vontade. Faith disse dois nomes.

– Corrija-me se eu estiver enganado, mas não são os atuais vice-presidente dos Estados Unidos e o presidente da Câmara? – Danny não trabalha com nível médio de administração. Na verdade, ele começou a trabalhar com o vice-presidente antes que ele assumisse o cargo, quando era ainda um simples deputado. Mas quando Danny precisa dele para pegar o telefone e apertar os parafusos de alguém, ele pega e faz.

– Pombas, Faith. Para que diabo você precisa de tanto poder de fogo? Será que estamos nos referindo a segredos militares? – Na verdade tratava-se de algo muito mais valioso – ela pegou seu cálice de vinho. – Nós representamos os mais pobres dos pobres deste mundo. Países africanos, em questões de ajuda humanitária, alimento, remédios, roupa, equipamento agrícola, sementes, sistemas de dessalinização. Na América Latina, dinheiro para vacinas e outros suprimentos médicos. Exportação de dispositivos contraceptivos legais, agulhas estéreis e informações de saúde nos países mais pobres.

Lee pareceu cético.

– Você está dizendo que subornam elementos do governo a fim de ajudar países do terceiro mundo? Ela largou o cálice de vinho e olhou diretamente para ele.

– Na verdade, o vocabulário oficial mudou. As nações ricas desenvolveram uma terminologia politicamente muito correta para designar seus vizinhos destituídos. Na verdade, a CIA inclusive publicou um manual a este respeito. Assim, em vez de "terceiro mundo", você tem novas categorias: PSD, países subdesenvolvidos, significando que estão no grupo de baixo da hierarquia das nações desenvolvidas. Há oficialmente cento e setenta e dois PSD, ou seja, a vasta maioria dos países do mundo. Depois temos os PMD, os países menos desenvolvidos. São os que ficam no fundo do tacho, sem capacidade para competir. Há apenas quarenta e dois destes. Pode ser que você se surpreenda, mas cerca de metade dos habitantes deste planeta vive em pobreza abjeta.

– E isso faz com que a corrupção e a fraude se transformem em coisas honestas? – Não estou perguntando se você desculpa isso ou não. Na verdade não dou a mínima se concorda ou não com o que digo. Você queria os fatos. Estou lhe dando os fatos.

– A América dá muita ajuda ao exterior. E nós não temos que tirar um único centavo do nosso bolso.

Ela lhe dirigiu um olhar furioso, um olhar como até então ele não vira igual.

– Se insistir em falar comigo citando fatos, vai sair perdendo – disse ela, abruptamente.

– Como é que é? – Venho pesquisando isso – vivendo isso – há mais de dez anos!

Pagamos a agricultores americanos mais para não plantar do que gastamos com ajuda humanitária ao exterior. Do total do orçamento federal, a ajuda ao exterior representa cerca de

um por cento, com a vasta maioria indo para dois países, Egito e Israel. Os americanos gastam, em uma década, com vezes mais dinheiro em maquiagem ou comida rápida ou aluguel de vídeos do que para alimentar crianças famintas no terceiro mundo. Podemos acabar com uma dúzia de doenças infantis sérias em países subdesenvolvidos no mundo inteiro com menos dinheiro do que gastamos com ursinhos de pelúcia.

– Você é ingênua, Faith. Você e Buchanan provavelmente estão enchendo os bolsos de algum ditador por aí.

– Não, esta é uma desculpa fácil. E já estou farta dela. O dinheiro que conseguimos arranjar vai diretamente para organizações humanitárias legítimas e nunca para governos. Eu mesma vi ministros da Saúde na África usando ternos Armani e dirigindo Mercedes enquanto as crianças morriam de fome a seus pés.

– E não há crianças famintas em nosso país? – As crianças aqui têm muita ajuda e de maneira correta. Tudo o que estou dizendo é o que Danny e eu tínhamos em nossa agenda, ou seja, os pobres dos outros países.

Os seres humanos estão morrendo, Lee, aos milhões. Crianças ao redor de todo o mundo perecem exclusivamente por um motivo: negligência. A cada dia, a cada hora, a cada minuto.

– E você realmente espera que eu acredite que vocês dois fizeram isso exclusivamente pela bondade dos seus corações? – ele olhou em torno. – Isto aqui não é exatamente uma favela, Faith.

– Nos primeiros cinco anos em que trabalhei com Danny, cumpri o meu dever, representei os grandes clientes e fiz um bocado de dinheiro. Muito dinheiro. Sou a primeira a admitir que sou uma materialista de primeira. Gosto de dinheiro e gosto daquilo que o dinheiro pode comprar.

– E o que foi que aconteceu? Você encontrou Deus? – Não, ele me encontrou – Lee fez uma cara de espanto e Faith continuou rapidamente. – Danny começara a fazer lobby em benefício dos pobres do exterior. Não estava chegando a parte alguma. Ninguém se importava, ele vivia me dizendo. Os outros sócios da nossa firma estavam ficando cansados dos empreendimentos caritativos de Danny. Eles queriam representar a IBM e a Philip Morris e não as massas de famintos do Sudão. Danny apareceu no meu escritório um dia, disse que estava formando sua própria firma e queria que eu o acompanhasse. Não tínhamos clientes, mas Danny disse para eu não me preocupar. Que ele cuidaria de mim.

Lee pareceu tranquilizado.

– Nisso eu posso acreditar: você não sabia como ele estava subornando gente ou pelo menos planejando fazê-lo.

– Mas é claro que eu sabia! Ele me contou tudo. Queria que eu entrasse a seu lado com os olhos bem abertos. É assim que ele é. Danny não é nenhum escroque.

– Faith, você sabe o que está falando? Você aceitou a proposta dele, mesmo sabendo que estaria violando a lei? Ela lhe dirigiu um olhar glacial.

– Se eu pudesse dar um jeito para que as companhias de cigarros continuassem vendendo câncer em um bastãozinho com um conjunto novo de pulmões e os fabricantes de armamento pudessem fornecer metralhadoras a quem quer que tivesse o coração batendo, acho que ainda assim eu não sentiria nada. E olha que o nosso objetivo seria algo de que eu poderia realmente me sentir orgulhosa.

– A materialista de primeira amaciou? – disse Lee, com desprezo.

– Não é a primeira vez que acontece! – Como foi que vocês dois agiram? – perguntou Lee, curioso.

– Eu era Mister Outside, atuando sobre todas as pessoas que não tínhamos no bolso. Eu também era boa em conseguir celebridades para aparecer em alguns eventos, até mesmo viajar a alguns dos países que nos interessavam. Esquema de fotos, apresentações e cumprimentos.

Ela tomou um gole de vinho.

– Danny era Mister Inside. Ele trabalhava com todas as pessoas envolvidas, enquanto eu empurrava de fora para dentro.

– E vocês mantiveram isso durante dez anos? Faith balançou a cabeça afirmativamente.

– Há mais ou menos um ano Danny começou a ficar sem dinheiro. Passou a pagar um monte de nossas despesas de lobby do seu próprio bolso. Não era como se nossos clientes não pudessem se dar ao luxo de nos pagar qualquer coisa. E ele tinha que investir uma parcela ponderável do seu dinheiro nesses "fundos fiduciários", como os chamava, em benefício de quem estávamos subornando. Danny levava isso muito a sério. Ele era o agente depositário daquela gente. Cada centavo que prometia tinha que estar lá.

– Honra entre ladrões. Faith ignorou a farpa.

– Aí chegou o dia em que me disse para que eu me concentrasse em pagar os clientes enquanto ele tocava os outros assuntos. Ofereci-me para vender minha casa e esta casa aqui na praia para levantar dinheiro. Ele não quis. Disse que eu já tinha feito o bastante.

Ela sacudiu a cabeça.

– Talvez eu devesse ter vendido assim mesmo – acredite em mim, ninguém jamais poderia ter feito o bastante.

Faith ficou em silêncio por algum tempo e Lee preferiu respeitar sua vontade. Ela o encarou.

– Nós estávamos realmente conseguindo fazer muito bem.

– O que é que você quer, Faith? Que eu me levante e puxe uma salva de palmas? Ela o fulminou com um olhar.

– Por que você não monta na droga daquela motocicleta e some da minha vida? – Está bem – disse Lee calmamente –, se você dá tanto valor ao que estava fazendo, como foi que veio a se tornar uma testemunha para o FBI? Faith cobriu o rosto com ambas as mãos, como se fosse começar a chorar. Quando finalmente olhou para ele parecia tão agoniada que Lee sentiu sua raiva desaparecer.

– Por algum tempo Danny agiu estranhamente. Suspeitei que alguém talvez estivesse de olho nele. Isso me assustava como o diabo – eu não queria ir para a prisão.

Perguntei o que havia de errado, insisti o quanto pude, mas ele não quis se abrir. Manteve-se recolhido, tornou-se mais e mais paranóico e finalmente chegou a me pedir para deixar a firma. Pela primeira vez em tanto tempo senti-me muito sozinha. Foi como se eu tivesse perdido meu pai de novo.

– Aí então você foi ao FBI tentar fazer um trato. Você por Buchanan.

– Não! – exclamou ela. – Nunca! – O quê, então? – Cerca de seis meses antes houve uma enorme cobertura da mídia a respeito do FBI ter descoberto um grande caso de corrupção, envolvendo um empreiteiro do Departamento da Defesa que teria subornado diversos

congressistas a fim de ajudá-lo a ganhar um grande contrato federal. Dois empregados do empreiteiro entraram em contato com o FBI e revelaram o que estava se passando. Na verdade, os dois faziam parte da conspiração denunciada, mas conseguiram imunidade em troca de seu testemunho e ajuda.

Isso me pareceu um bom negócio. Talvez eu conseguisse um acordo igual. Como Danny não queria confiar em mim, decidi fazer a tentativa. O nome da principal agente do FBI aparecia no artigo: Brooke Reynolds. Telefonei para ela.

– Eu não sabia o que esperar do FBI, mas sabia de uma coisa: não daria muitas informações de imediato, nem nomes nem nada, não até que eu soubesse em que terreno estava pisando. E a vantagem estava do meu lado. Eles precisavam de uma testemunha viva, com a cabeça cheia de dados, datas, nomes, encontros, registros de votos e agendas para fazer este trabalho.

– E Buchanan tomou conhecimento disso? – Acho que sim, considerando que contratou um homem para me matar.

– Não sabemos se ele fez isso.

– Ora, Lee, quem mais poderia ter sido? Lee pensou nos outros homens que tinha visto no aeroporto. A arma na mão de um deles era da mais avançada tecnologia. Lee assistira à demonstração de uma daquelas em um seminário sobre contraterrorismo. Tanto a arma quanto a munição eram fabricadas inteiramente de plástico, de modo a escapar dos equipamentos de detecção de metal. Acionando-se o gatilho, a compressão do ar dispara uma agulha minúscula imersa ou cheia de uma toxina letal, como tálio ou ricina. Pode ser também curare, eterno favorito dos assassinos, já que a rapidez de sua reação no organismo impede a ação de um antídoto. Em uma multidão isso significa que o assassino pode ir embora muito antes da vítima cair morta.

– Continue – disse ele.

– Ofereci-me para entregar-lhes Danny numa bandeja.

– E como foi que eles reagiram? – Deixaram bem claro que Danny ia cair.

– Não estou seguindo a sua lógica. Se você e Buchanan iam ser testemunhas, quem os federais iam processar: os países estrangeiros? – Não. Os representantes deles não sabiam o que nós estávamos fazendo. Como falei, o dinheiro não ia diretamente para os governos. E não é como se a CARE, ou a Catholic Relief Services ou o UNICEF fossem jamais perdoar um ato de suborno. Danny era o lobista deles, não-oficial e amador, mas não tinham ideia do que ele estava fazendo.

Ele representava cerca de quinze dessas organizações. Algo um tanto difícil. Todas tinham suas agendas dentro de uma abordagem extremamente dispersiva. Tipicamente propunham centenas de leis destinadas a resolver questões únicas, em vez de optarem por um número menor de leis com abrangência maior. Danny organizou-as, fez com que trabalhassem juntas, ensinou como tinham de agir para serem mais eficientes.

– Então me diga exatamente contra quem você ia testemunhar? – Os políticos a quem pagávamos – respondeu ela com simplicidade. – O que faziam era só pelo dinheiro. Não se incomodavam nem um pouco com as crianças de olhos cegos morrendo de hepatite. Eu via isso todos os dias em seus rostos vorazes. Só esperavam uma rica recompensa – que achavam que lhes era devida.

– Você não acha que está batendo um pouco com força demais nesses sujeitos? – Por que você não deixa de ser tão ingênuo? Como pensa que as pessoas são eleitas neste país? Elas são eleitas pelos grupos que organizam os eleitores, que modelam as decisões dos cidadãos sobre o que ou em quem votar. E você sabe quem são esses grupos? Representantes dos grandes negócios e especiais interesses e os ricos que enchem os cofres dos candidatos políticos todos os anos. Você acha mesmo que gente com vai a jantares que custam cinco mil dólares o prato? E acha que esses grupos dão todo esse dinheiro por pura bondade dos seus coraçõesinhos? Quando os políticos assumem seus postos, é melhor acreditar naquilo que se espera que eles forneçam.

– Então o que está dizendo é que todos os políticos deste país são corruptos. O que não quer dizer que você tenha procedido corretamente.

– Não? Qual congressista do estado de Michigan votaria a favor de algo que prejudicasse seriamente a indústria automobilística? Quanto tempo você pensa que esse congressista se aguentaria no seu cargo? Ou high-tech, no caso da Califórnia? Fazendeiros no Meio-Oeste? Fumo nos estados do Sul? De certo modo é como uma profecia que se auto-realiza. Capital e trabalho e outros interesses especiais têm muito a arriscar. Eles se concentram, movimentam cifras vultosas, têm comitês de ação política e lobistas trombeteando suas mensagens a Washington sem parar. Negócios pequenos e grandes empregam praticamente todo mundo. Essas mesmas pessoas votam nas eleições.

O que está em jogo, com seus votos, é a sua carteira de dinheiro. Voilá, aí está sua imensa e obscura conspiração da política americana. Vejo Danny como o primeiro visionário a ludibriar a cobiça e o egoísmo.

– Mas e a ajuda ao exterior? Se esta história é divulgada, não ia cortar o duto por onde corre o dinheiro? – Aí é que está o ponto! Você consegue imaginar toda a atenção positiva que ela ia gerar? As nações mais pobres da Terra forçadas a subornar insaciáveis políticos americanos a fim de conseguir a ajuda de que precisam tão desesperadamente porque seria impossível consegui-la de outro meio. Você consegue histórias desse tipo na mídia e depois talvez algumas modificações reais e sólidas sobrevenham.

– Tudo isso me parece meio absurdo, mas, tudo bem, vai em frente.

– Talvez você tenha razão, mas minhas opções não eram exatamente em excesso. É muito fácil criticar depois que a coisa foi feita, Lee.

Ele recostou-se, pensando na frase de Faith.

– OK, OK, você realmente acha que Buchanan ia tentar matar você? – Nós somos sócios, amigos. Na verdade, mais do que isso. De muitos modos ele era como um pai para mim. Eu... eu simplesmente não sei. Talvez ele tenha descoberto quando procurei o FBI. Pensado que o trai. E isso pode tê-lo obrigado a tomar uma decisão.

– Há um problema com essa teoria de que Buchanan esteja por trás de tudo isso.

Faith olhou para ele curiosamente.

– Eu não cheguei a fazer um relatório a Buchanan, lembra? Assim, a menos que tenha alguma outra pessoa trabalhando para ele, Buchanan não sabe que você está negociando com o FBI. E é preciso tempo para se conseguir um assassino profissional decente. Não se pode simplesmente ir no bar da esquina, arranjar um atirador e dizer para ele dar um teco em alguém que você paga com o seu Visa.

– Mas ele podia já conhecer um profissional e depois fez um plano para fazer você passar por culpado.

Lee já estava sacudindo a cabeça antes dela terminar.

– Buchanan não podia saber que eu estaria lá naquela noite. E se você tivesse sido assassinada, ele teria o problema de me encontrar e talvez ter que ir a polícia – com o resultado de que tudo apontaria para ele. Por que atrair tanta desgraça sobre si próprio? Pense nisso, Faith. Se Buchanan estivesse planejando matar você, não teria me contratado.

Ela se atirou numa cadeira.

– Meu Deus do céu, o que você está dizendo faz perfeito sentido.

O terror surgiu nos olhos de Faith quando ela pensou em tudo o que aquilo significava.

– Você está dizendo então...? – Estou dizendo que há uma outra pessoa que quer ver você morta.

– Quem? Quem? – ela quase gritou.

– Eu não sei.

Faith levantou-se abruptamente e ficou contemplando o fogo. As sombras das chamas faziam desenhos no seu rosto. Quando falou de novo, sua voz estava calma, quase resignada.

– Você vê sua filha com frequência? – Não muito. Por quê? – Pensei que casamento e filho podiam esperar. E depois meses se transformaram em anos e anos em décadas. E agora isto.

– Você ainda não está nos seus anos dourados. Ela o encarou.

– Você pode me dizer se estarei viva amanhã, uma semana depois de amanhã? –

Ninguém pode dar esse tipo de garantia. Podemos sempre ir ao FBI. E agora talvez seja o melhor a fazer.

– Não posso. Não depois do que você acaba de me contar. Ele se levantou e agarrou-a pelo ombro.

– Que negócio é esse? Ela se afastou.

– O FBI não vai me deixar trazer Danny. Ou ele vai para a cadeia ou eu. Quando eu estava achando que era ele quem estava por trás da minha tentativa de assassinato, provavelmente eu teria ido e testemunhado. Mas agora não posso. Não posso fazer parte da ida dele para a cadeia.

– Se não tivesse havido um atentado contra a sua vida, o que ia fazer? – Eu ia dar um ultimato ao FBI. Se quisessem minha cooperação, Danny também teria que receber imunidades.

– E se não tivessem aceitado, como foi o caso? – Ai então eu e Danny teríamos sumido há longo tempo. De um modo ou de outro – ela olhou diretamente para ele. – Não vou voltar. Por um monte de razões. Não querer morrer fica no topo delas.

– E exatamente onde diabos isso me deixa? – Isto aqui não é um lugar tão ruim, é? – disse Faith, cansadamente.

– Você está louca? Não podemos ficar aqui para sempre.

– Então é melhor pensarmos em outro lugar para ir.

– E a minha casa? Minha vida? Eu tenho uma família. Você espera que eu desista de tudo com um beijinho de adeus? – Quem quer que me queira morta presumirá que você saiba tudo quanto eu sei. Você não ficará seguro.

– Esta é uma decisão que tem de ser minha e não sua.

– Desculpe, Lee. Nunca pensei em arrastar alguém comigo neste caso. Especialmente uma pessoa como você.

– Então tem de haver outro modo. Ela foi se dirigindo para a escada.

– Eu estou muito, muito cansada. E o que mais há para se conversar? – Que droga, eu não posso simplesmente ir embora e começar a vida de novo.

Faith estava a meio caminho da escada. Ela parou, virou-se e olhou para ele.

– Acha que as coisas vão parecer melhor amanhã de manhã? – perguntou ela.

– Não – respondeu Lee, francamente.

– É por isso que não há mais nada para falarmos agora. Boa noite.

– Por que será que eu acho que você tomou sua decisão de não voltar muito tempo atrás?

No minuto que me conheceu, por exemplo.

– Lee...

– Você me tapeou, me fazendo acompanhá-la, armou aquele golpe idiota no aeroporto e agora caí nessa armadilha junto com você. MUITÍSSIMO obrigado, cara senhora.

– Não planejei isto! Você está enganado! – E você realmente espera que eu acredite no que diz? – O que você quer que eu diga? Lee encarou-a.

– Pode não ser garantida, mas gosto de minha vida, Faith.

– Sinto muito.

Ela subiu a escada correndo.

Capítulo 33

LEE PEGOU NA GELADEIRA UMA EMBALAGEM DE SEIS RED DOG E BATEU a porta ao sair. Parou na Honda, perguntando-se se deveria simplesmente montar na máquina enorme e correr até que a gasolina, o dinheiro ou a sanidade mental acabassem.

Depois outra possibilidade lhe ocorreu. Podia procurar os federais sozinho. Entregava Faith e alegava ignorância acerca de tudo. E era verdade. Não tinha feito nada de errado. E nada devia àquela mulher. Na verdade, ela fora uma fonte de experiências de mistério, terror e quase morte. Entregá-la deveria ser uma decisão fácil.

Então por que diabos não era? Saiu pelo portão de trás e seguiu pela passarela que passava pelas dunas. A intenção de Lee era ir até a areia, admirar o oceano e beber cerveja até que sua mente cessasse de funcionar ou ele surgisse com um plano brilhante que salvasse os dois. Ou pelo menos ele. Por alguma razão, virou-se para olhar para a casa por um momento.

A luz estava acesa no quarto de Faith. As minipersianas estavam abaixadas mas não fechadas.

Quando Faith surgiu, Lee ficou tenso. Ela não fechou as persianas. Moveu-se pelo quarto, desapareceu no banheiro por um minuto e reapareceu. Quando começou a se despir, Lee olhou em torno para ver se havia alguém de olho nele. A polícia respondendo ao chamado de quem o denunciasse espionando uma mulher nua, seria um toque final digno de um dia espetacular da vida encantada de Lee Adams. As outras casas estavam às escuras, portanto, ele podia continuar seu voyeurismo em segurança.

Primeiro ela tirou a camiseta, depois as calças. Continuou tirando as roupas até que a janela ficou toda cheia de sua pele. E não vestiu nenhum pijama ou sequer uma camiseta.

Aparentemente a lobista bem paga transformada em Joana d'Arc dormia pelada. Lee podia ver com muita clareza as coisas que a toalha apenas sugeria. Talvez Faith soubesse que ele estava ali fora e tivesse resolvido montar um show especial. Como compensação por destruir sua vida? A luz do quarto apagou e Lee pegou uma cerveja, virou-se e saiu caminhando para a praia; o espetáculo tinha terminado.

Havia terminado a primeira cerveja na hora em que chegou na areia. A maré estava começando a subir e ele não precisava se arriscar mais para que a água ultrapassasse seus tornozelos. Abriu outra cerveja e seguiu em frente, com a água nos joelhos. A água estava muito fria, mas ele continuou, água quase na virilha, e foi quando parou, por uma razão prática: uma pistola molhada não era muito útil.

Ele voltou para a areia, largou a cerveja, tirou as sandálias encharcadas e começou a correr. Estava cansado, mas as pernas pareciam se mover por conta própria e a respiração ritmada se fazia com facilidade. Correu velozmente uma milha, uma das mais rápidas em toda a sua vida, segundo a impressão que teve. Ai se atirou na areia, sugando o oxigênio do ar úmido. Sentiu calor e depois frio, muito frio. Pensou na mãe e no pai, nos irmãos. Visualizou a filha Renee quando pequena, caindo do cavalo grande e chamando pelo papai, seus gritos finalmente silenciando quando ele não apareceu. Foi como se seu fluxo sanguíneo tivesse revertido; estava voltando, sem saber para onde ir. Lee sentiu as paredes do corpo cedendo, incapazes de conter tudo o que tinha dentro.

Pôs-se de pé sobre as pernas trêmulas e deu uma corridinha pouco firme para onde estavam a cerveja e as sandálias. Sentou-se por algum tempo, ouviu o mar gritando com ele e derrubou mais duas latas de Red Dog. Procurou enxergar no meio da escuridão. Engraçado. Umhas poucas cervejas e ele podia ver claramente o fim de sua vida na linha do horizonte. Sempre quis saber quando ia acontecer. Agora sabia. Quarenta e um anos, três meses e catorze dias e o Homem lá em cima puxara seu bilhete.

Olhou para o céu, acenou. Muito obrigado, meu Deus.

Levantou-se e foi até a casa, mas não entrou. Foi para o pátio interno, pôs a pistola em cima da mesa, tirou toda a roupa e mergulhou na piscina. A temperatura da água devia andar pelos trinta graus. Os calafrios rapidamente desapareceram e ele mergulhou, tocou no fundo da piscina, fez uma parada de mãos desajeitadas, soprando a água clorada pelas narinas e depois flutuou na superfície, contemplando o céu nublado. Nadou um pouco mais, praticou seu nado livre e de peito e depois foi até o lado da piscina para tomar outra cerveja.

Lee subiu no deque da piscina e pensou na sua vida arruinada e na mulher que fizera isso com ele. Mergulhou de novo, deu mais algumas braçadas e saiu definitivamente da piscina. Olhou para baixo, surpreso. Uma real excitação. Olhou para a janela às escuras. Ela estaria adormecida? Como? Como diabos poderia estar adormecida, depois de tudo aquilo? Lee decidiu que ia tirar a dúvida de uma vez por todas. Ninguém podia ferrar sua vida e depois cair em um sono calmo e repousante. Baixou os olhos, examinando-se de novo. Que droga! Deu uma espiada nas roupas encharcadas e cheias de areia e depois na janela. Terminou outra lata de cerveja em rápidas goladas, seu pulso aparentemente subindo com cada gole. Não ia precisar de roupas. Deixaria a pistola ali embaixo também... se as coisas não dessem certo, não queria ver chumbo começar a voar.

Jogou a última lata de Red Dog por cima da cerca, fechada mesmo. Os pássaros que

fizessem seus furos para tomar uma cervejinha. Por que haveria de ser dono de toda a diversão sozinho? Abriu a porta lateral silenciosamente e subiu a escada de dois em dois degraus. Pensou em abrir a porta dela a pontapés, mas estava aberta. Empurrou-a e deu uma espiada, aguardando que os olhos se ajustassem à escuridão. Dava para vê-la em cima da cama, uma longa protuberância. Uma longa protuberância. Para sua mente saturada de álcool, a frase foi imensamente engraçada. Ele deu três rápidas passadas e colocou-se ao lado da cama.

Faith o encarou.

– Lee.

Não foi uma pergunta, o modo como pronunciou o nome dele. Foi uma simples afirmativa da qual ele não soube extrair o significado.

Lee não tinha dúvida de que Faith podia ver que ele estava nu. Mesmo na escuridão sabia que era capaz de ver que estava integralmente excitado. com um súbito arrancão, tirou a coberta de cima dela.

– Lee? – disse ela de novo, desta vez uma pergunta.

Ele baixou os olhos para as curvas refinadas e a suavidade do corpo nu de Faith. Sua pulsação aumentou, o sangue disparou pelas veias, levando uma potência infernal a um homem que tinha sido severamente prejudicado. Ele forçou a mão rudemente entre suas pernas e caiu sobre ela, peito com peito. Faith não fez um único gesto para resistir, o corpo exangue. Lee começou a beijá-la no pescoço, mas logo parou. Não era aquele tipo de coisa. Sem ternura. Cerrou os punhos com força.

Faith limitou-se a ficar parada, sem nada dizer, sem mandar que ele parasse. E isto o enfureceu. Respirou fundo bem no seu rosto. Queria que soubesse que era a bebida, não ela. Queria que sentisse, que soubesse que aquilo não tinha nada a ver consigo, ou com o seu jeito ou como ele se sentia a seu respeito ou alguma outra coisa.

Não passava de um bêbado de olhos vermelhos e filho-da-mãe, e ela era presa fácil. Só – mais nada. Afrouxou a mão. Queria que ela gritasse, que batesse nele com tanta força quanto pudesse. Só então pararia. Antes não.

A voz de Faith fez-se ouvir por cima dos sons que ele estava fazendo.

– Eu apreciaria se você fizesse a gentileza de tirar os cotovelos de cima do meu peito.

Mas ele não tirou, contudo. Pelo contrário. Cotovelo duro contra tecido macio. O rei e a camponesa. Bata em mim, Faith. Bata.

– Você não tem que agir assim.

– O que é que você tem em mente? – retrucou ele, mastigando as palavras. Não tomava um porre daqueles desde os tempos da Marinha, das licenças tiradas em Nova York.

Sentiu uma dor intensa nas têmporas. Cinco cervejas e uns cálices de vinho, e ele estava ferrado daquele jeito. Meu Deus, estava ficando velho.

– Eu por cima. Obviamente você está bêbado demais para saber o que está fazendo.

O tom da voz dela era bruto, de reprovação.

– Em cima? Sempre a chefona, até mesmo debaixo das cobertas. Ao inferno com você.

Ele apertou os punhos dela com tanta força que os polegares se encontraram com os indicadores. Diga-se, a bem da verdade, que ela não deu um gemido, muito embora Lee pudesse sentir a dor percorrendo seu corpo pelo modo como ficava tenso sob o seu. Apertou-lhe os seios e as nádegas, socou-lhe rudemente pernas e torso. Não fez um movimento, contudo, no sentido de

penetrá-la. E não era por estar demasiadamente bêbado para cumprir a mecânica da coisa, e sim porque nem mesmo o álcool podia fazer com que agisse assim com uma mulher. Ele manteve os olhos fechados, não queria vê-la. Mas mergulhou o rosto sobre o dela. Queria que Faith sentisse o cheiro do seu suor, se impregnasse da fragrância da cevada e do lúpulo que compunham a base do seu desejo.

– Eu só pensei que você pudesse gostar mais de outro jeito, mais nada – disse ela.

– Porra! E vai me deixar fazer o que eu quiser? – Prefere que eu chame a polícia? A voz dela mais parecia uma broca escavando o cérebro de Lee, já latejando. Ele se manteve sobre ela, pairando, as fibras dos tríceps retesadas.

Ele sentiu uma lágrima escapar do olho e correr pelo seu rosto, como um floco de neve perdido – sem lar, como ele.

– Por que não está partindo para uma briga tremenda comigo, Faith? – Porque a culpa não é sua.

Lee começou a sentir-se enjoado do estômago, os braços foram perdendo a força. Ele deslocou o braço dela e soltou, libertando-a sem que Faith tivesse dito uma só palavra. Ela tocou no rosto dele com a leveza de uma pena caída do céu. E com esse gesto fez sumir a lágrima. Quando voltou a falar, sua voz estava rouca.

– Porque eu me apoderei de sua vida.

Lee balançou a cabeça em sinal de compreensão.

– Quer dizer então que se eu fugir com você, terei isto todas as noites? Meu biscoito de cachorro? – Se for o que quiser.

De repente ela tirou a mão e deixou-a cair em cima da cama.

Ele não fez um gesto no sentido de pegá-la de novo.

Finalmente Lee abriu os olhos e ficou preso à imensa tristeza do olhar dela, a dor ainda visível na rigidez do seu pescoço e rosto; dor que ele infligira e que ela aceitara silenciosamente, o desenho das lágrimas de Faith de algum modo ainda cintilando na sua pele, a colidir com o coração dele, evaporando-o.

Lee arrastou-se para longe dela e cambaleou até o banheiro. Quase não conseguiu chegar no vaso sanitário, onde a cerveja e o jantar saíram muito mais depressa do que tinham entrado. Nesse ponto então, caiu desacordado no caríssimo chão de cerâmica italiana.

A sensação da toalha fria de encontro à sua testa fez com que acordasse. Faith estava atrás dele, segurando-o como se fosse uma criança no colo. Ela parecia estar usando uma camiseta de mangas compridas. Lee conseguiu distinguir suas panturrilhas longas e musculosas e os dedos dos pés magros e recurvados. Sentiu uma toalha grossa na barriga. Ainda estava nauseado e com frio, batendo os dentes. Ela o ajudou a sentar e depois a ficar de pé, o braço apoiando-o pela cintura. Lee vestia uma cuequinha esportiva. Ela deveria tê-lo vestido: Lee não conseguiria dar conta. Do jeito como estava, a impressão que tinha era de que ficara amarrado de pés e mãos a um helicóptero por uns dois dias. Juntos, eles voltaram para a cama, onde ela o ajudou a deitar-se e o cobriu com a colcha e o acolchoado.

– vou dormir no outro quarto – disse, baixinho.

Ele nada falou, recusando-se a abrir os olhos mais uma vez.

Lee pôde ouvi-la dirigindo-se para a porta. Pouco antes de sair, ele disse: "Sinto muito, Faith." Engoliu em seco; sua língua devia estar maior que um abacaxi.

Antes dela fechar a porta, Lee ouviu-a dizer, num fio de voz.

– Você não vai acreditar, Lee, mas eu sinto mais que você.

Capítulo 34

BROOKE REYNOLDS OLHOU CALMAMENTE À SUA VOLTA NO INTERIOR do banco que, como acabara de abrir, não tinha outros clientes. Em outra vida ela poderia estar estudando cuidadosamente o lugar para um futuro roubo. A ideia trouxe-lhe um raro sorriso aos lábios. Brooke tinha imaginado diversas histórias para representar, mas o rapazinho muito jovem sentado atrás da escrivaninha onde havia uma placa na qual se lia seu nome, tomou a decisão por ela.

Ele ergueu a cabeça quando Brooke se aproximou.

– Pois não? – Preciso da sua ajuda, sr. Sobel – disse Reynolds lendo o nome dele na placa de metal. – Trata-se de um assunto ligado a uma investigação em andamento do Bureau.

– Claro, certamente, farei tudo o que puder – disse ele. Reynolds sentou-se e falou em tom sereno e direto.

– Tenho uma chave aqui que é de um cofre de aluguel desta agência. Foi obtida durante uma investigação. Pensamos que dependendo do que houver dentro do cofre poderá haver sérias consequências. Preciso ter acesso a esse cofre.

– Eu compreendo. Bem, hum...

– Tenho um extrato da conta comigo, se é que isso ajuda. Banqueiros adoram papéis, ela sabia; e quanto mais números e estatísticas, melhor. Ela passou o papel às mãos dele.

Sobel examinou a folha de papel.

– Reconhece o nome de Frank Andrews? – perguntou ela.

– Não – disse ele. – Mas acontece que estou nesta agência há apenas uma semana.

Fusões, redução de efetivos, essas coisas nunca terminam.

,< – com certeza. Até mesmo o Governo está metendo a tesoura.

– Espero que não seja o caso de vocês. Tem um bocadinho de crime por aí.

– Acho que trabalhando na gerência de um banco você há de ver muita coisa.

O rapaz assumiu um ar presunçoso e tomou um gole de café.

– Ah, as histórias que eu poderia lhe contar...

– Aposto que sim. Há algum modo de se saber quantas vezes o sr. Andrews visitava seu cofre? – Sem dúvida nenhuma. Nós transferimos esses registros para o computador agora.

Ele digitou o número da conta no seu computador e aguardou o processamento.

– Gostaria de tomar um café, agente Reynolds? – Não, obrigada. Qual é o tamanho do cofre? Ele deu uma olhada no extrato.

– A julgar pela taxa mensal, é o nosso tamanho de luxo, largura dupla.

– Acho que deve caber uma porção de coisa dentro.

– Esses cofres são muito espaçosos – ele adiantou-se um pouco antes de prosseguir, falando baixinho.

– Aposto como isso tem a ver com drogas, não é mesmo? Lavagem de dinheiro, esse tipo de coisa? Tive uma aula a respeito dessas coisas.

– O senhor me desculpe, sr. Sobel, mas estamos em decurso de uma investigação e

realmente não posso fazer comentários. O senhor compreende.

Ele recuou o corpo rapidamente.

– Claro, claro. Sem problema nenhum. Nós todos temos que seguir regras – a senhora não é capaz de imaginar o número de regras que temos que obedecer numa posição como esta.

– Ah, não tenho a menor dúvida. Alguma informação aí do computador? – Ah, sim. Na verdade, a tela já está aqui há muito tempo. Posso imprimi-la para a senhora, se quiser.

– Seria uma ajuda enorme.

Quando caminhavam na direção do cofre geral do banco onde ficavam guardados os cofres individuais de aluguel, Sobel começou a parecer nervoso.

– Não sei se eu deveria checar com o pessoal lá de cima. Quer dizer, não vejo nenhum tipo de problema, mas eles são incrivelmente exigentes com o acesso aos cofres individuais.

– Eu entendo, mas achei que o subgerente da agência teria a autoridade necessária. Não vou levar nada, só examinar o conteúdo. E dependendo do que eu encontrar, pode ser que o cofre tenha que ser transferido para a nossa custódia. Não seria a primeira vez que o Bureau faria uma coisa dessas. Eu assumo total responsabilidade.

Não se preocupe.

Isso pareceu aliviar o jovem funcionário do banco, e os dois prosseguiram na expedição à casa-forte. Uma vez lá dentro, ele pegou a chave que estava com Reynolds, e a sua própria, e retirou uma caixa bem grande.

– Nós temos uma saleta privada onde podemos examinar o conteúdo dos cofres.

O jovem Sobel a levou para a saleta e Reynolds fechou a porta. Ela respirou fundo e notou que tinha as palmas das mãos suadas. Dentro daquele cofre podia haver algo que destruísse sabia-se lá quantas vidas e talvez carreiras. Levantou a tampa lentamente. O que viu a fez praguejar entre os dentes.

O dinheiro estava cuidadosamente preso com tiras grossas de elástico. Notas velhas, nada de notas novas. Fez uma contagem rápida. Dezenas de milhares. Tampou o cofre de novo.

Sobel estava esperando do lado de fora do cubículo quando ela abriu a porta. Ele recolocou o cofre na caixa-forte.

– Posso ver a assinatura de recibo deste cofre? Ele lhe mostrou o livro de assinaturas. A letra era de Ken Newman, ela a conhecia bem. Um agente do FBI assassinado e um cofre de aluguel cheio de dinheiro registrado sob nome falso. Que Deus os ajudasse.

– Encontrou alguma coisa de útil? – quis saber Sobel.

– Preciso que este cofre fique guardado sob custódia. Quem quer que apareça querendo ver o conteúdo dele, você deverá me chamar imediatamente num destes números.

Ela lhe passou um cartão.

– Isto é muito sério, não é? – Sobel de repente parecia extremamente infeliz por ter sido designado para aquela agência.

– Agradecerei muito a sua ajuda, sr. Sobel. Estarei em contato.

Reynolds voltou para o carro e dirigiu-se o mais rapidamente possível para a casa de Anne Newman. Telefonou do caminho e confirmou que Anne estava presente. O funeral estava marcado para dali a três dias. Seria um evento de grandes proporções, com elementos do alto escalão do Bureau, assim como de diversos órgãos policiais do resto do país. O cortejo automobilístico seria especialmente longo e passaria por entre colunas de sombrios agentes

federais e homens e mulheres de azul. O FBI enterrava seus agentes que morriam no exercício do dever com toda a honra e dignidade que mereciam.

– O que foi que descobriu, Brooke? – Anne Newman usava um vestido preto, tinha o cabelo bem penteado e era perceptível um toque de maquiagem no rosto. Reynolds ouviu conversa vindo da cozinha. Havia dois carros parados em frente quando chegara. Provavelmente membros da família ou amigos oferecendo condolências. Notou também pratos de comida na mesa da sala de jantar. Culinária e condolências parecem, ironicamente, andar lado a lado; tudo indica que a dor é melhor digerida de barriga cheia.

– Preciso ver os registros das contas bancárias do casal. Sabe onde estão? – Não, as finanças da casa ficavam por conta de Ken, mas tenho certeza de que estão no escritório dele.

Ela levou Reynolds pelo corredor e as duas entraram juntas na saleta que Ken Newman usava como escritório doméstico.

– Vocês trabalhavam com mais de um banco? – Não. Disto eu tenho certeza. Sou eu sempre que recebo a correspondência. É um banco só. E só temos uma conta corrente, e não uma conta de poupança. Ken dizia que os juros que pagavam era uma piada. Ele era realmente bom para gerir dinheiro. Tínhamos algumas boas ações e cada garoto tinha sua conta destinada a pagar a faculdade.

Enquanto Anne procurava as contas, Reynolds ia dando uma olhada em torno. Empilhados sobre uma estante havia numerosos contêineres de plástico em várias cores. Embora tivesse notado as moedas acondicionadas em plástico transparente na sua visita anterior, Brooke realmente não tinha se concentrado naquelas embalagens.

– O que é isso aí? – perguntou.

Anne olhou para onde Brooke estava apontando.

– Ah, aquilo são os cartões de esporte de Ken. Moedas também. Ele era realmente excelente nesse tipo de coisa. Chegou inclusive a fazer um curso e ganhar registro para avaliar tanto cartões quanto moedas. Quase todo fim de semana comparecia a uma exposição.

Ela apontou para o teto.

– É por isto que temos um detector de incêndio aqui. Ken tinha pavor de incêndio, especialmente aqui neste aposento. É muito papel e plástico. Acaba tudo num minuto.

– Fico espantada de ver como ele achava tempo para se dedicar às suas coleções.

– Bem, ele inventava o tempo; Ken realmente amava essas coisas.

– Você ou os garotos o acompanharam alguma vez? – Não, ele nunca nos convidou.

O tom de voz dela fez Reynolds abandonar esta linha de interrogatório.

– Detesto perguntar esse tipo de coisa, mas Ken tinha seguro de vida? – Tinha, sim. Um bocado.

– Pelo menos você não vai ter que se preocupar com isso. Sei que isso não serve de consolo, mas tem muita gente por aí que nunca pensa nessas coisas. É evidente que Ken fazia questão de que vocês ficassem bem caso algo lhe acontecesse. Ato de amor quase sempre falam mais alto que palavras.

Reynolds falou com sinceridade, mas sua última afirmativa soou tão pouco convincente que decidiu calar a boca sobre o assunto.

Anne puxou um caderninho de capa vermelha e passou-o para Reynolds.

– Acho que é isto que você estava procurando. Há mais na gaveta. Este é o mais recente.

Reynolds examinou o fichário. Havia uma etiqueta na capa indicando que continha extratos bancários do ano corrente. Ela abriu para dar uma olhada. Os extratos estavam cuidadosamente etiquetados e organizados cronologicamente por mês, o mais recente por cima.

– Os cheques cancelados estão na outra gaveta. Ken os conservava classificados por ano.

Droga! Reynolds mantinha seus registros financeiros metidos numa porção de gavetas do quarto de dormir e até mesmo da garagem. A época de preparar a declaração do imposto de renda na casa dela era o pesadelo de qualquer contador.

– Anne, eu sei que você tem companhia. Posso examinar isto aqui sozinha.

– Pode levar para sua casa, se quiser.

– Se você não se incomoda, prefiro ver aqui mesmo.

– Está bem. Aceita alguma coisa para comer ou beber? Deus sabe como estou bem provida de comida. E acabei de preparar um bule de café.

– Para falar a verdade, uma xícara de café seria muito bem-vinda. Só com um pouquinho de creme e açúcar, por favor.

Anne de repente pareceu nervosa.

– Você não me disse se encontrou alguma coisa.

– Quero estar absolutamente certa antes de falar qualquer coisa. Não quero cometer um erro.

Quando Reynolds olhou para o rosto da pobre mulher, sentiu-se tremendamente culpada. Estava deixando que ela, sem saber de nada, a ajudasse a possivelmente manchar a memória do marido.

– Como vão indo os garotos? – perguntou Reynolds, esforçando-se ao máximo para se livrar daquela sensação traidora.

– Como qualquer criança, suponho. Estão com dezesseis e dezessete anos, de modo que compreendem as coisas melhor do que um menino de cinco anos. Mesmo assim, é duro. Para todos nós. O único motivo pelo qual não estou chorando agora é porque minhas lágrimas secaram hoje de manhã. Mandeí as crianças para a escola. Decidi que não poderia ser pior do que ficar aqui em casa sentados a ouvir um monte de gente a falar sobre o pai assassinado.

– Você provavelmente fez o certo.

– Você só pode fazer o melhor que estiver ao seu alcance. Eu sempre soube que havia a possibilidade de acontecer o que veio a acontecer. Meu Deus, Ken trabalhou como agente do FBI por vinte e quatro anos. A única vez em que se machucou em serviço foi quando seu carro furou um pneu e ele machucou as costas trocando a roda.

Anne sorriu por um instante com a lembrança.

– Ele estava inclusive falando em aposentar-se. Talvez em se mudar quando os dois meninos estivessem na faculdade. A mãe dele mora na Carolina do Sul. E está chegando a uma idade em que precisa da família por perto.

Anne deu a impressão de que ia começar a chorar de novo. Se chorasse, Reynolds não garantia que não ia acompanhá-la, tendo em vista seu estado de espírito naquele instante.

– Você tem filhos? D – Um menino e uma menina. Três e seis anos. Anne sorriu.

– Ah, são bebês ainda.

– No meu entendimento, é mais difícil quando eles têm mais idade.

– Bem, vamos colocar da seguinte maneira, fica mais complexo. Você sai de coisas

como cuspir, morder, aprender a sentar no urinol e começa a brigar por causa de roupas, amigos, dinheiro. Lá pelos treze anos eles de repente não aguentam mais ficar perto de mamãe e papai. É um período duro, mas finalmente voltam. Aí você passa a se preocupar o dia inteiro por causa de álcool, carros, sexo e drogas.

Reynolds forçou um sorriso sem graça.

– Puxa, mal posso esperar pela minha vez.

– Há quanto tempo você trabalha para o Bureau? – Treze anos. Ingressei depois de um ano incredivelmente chato como advogada de uma grande firma.

– E um negócio perigoso. Reynolds fitou-a espantada.

– Certamente.

– Você é casada? – Tecnicamente sim, mas daqui a dois meses, não.

– Sinto muito.

– Acredite em mim. É a melhor solução.

– Você ficou com as crianças? – Claro.

– Isso é bom. As crianças pertencem às suas mães, não me interessa o que essa gente politicamente correta fala.

– No meu caso, eu fico pensando – meu trabalho não tem horário, não é previsível. Tudo o que sei é que meus filhos me pertencem.

– Você disse que é formada em direito? – Georgetown.

– Advogados ganham bom dinheiro. E é uma profissão que nem chega perto da de agente do FBI em questão de perigo.

– Suponho que não – Reynolds finalmente percebeu o rumo que ia tomando aquela conversa.

– Você pode querer pensar em uma mudança de carreira. Tem muito maluco aí fora. E um número enorme de armas. Quando Ken começou a trabalhar no Bureau, não havia crianças recém-saídas das fraldas correndo por aí empunhando metralhadoras a atirar em todo mundo, como se estivessem dentro de um maldito desenho animado.

Reynolds não tinha resposta para isto. Limitou-se a ficar ali parada, abraçada ao caderno de capa vermelha, pensando em seus filhos.

– vou lhe trazer o café.

Anne saiu, fechando a porta, e Reynolds afundou na poltrona mais próxima. Estava tendo uma visão súbita do seu corpo dentro de um saco preto enquanto a quiromante dava as más notícias aos seus filhos enlutados. Eu disse para a sua mãe! Conseguiu livrar-se desses pensamentos e abriu o caderno. Anne retornou com seu café e aí, ficando sozinha, Reynolds obteve considerável progresso. O que descobriu era muito perturbador.

No mínimo, durante os últimos três anos, Ken Newman fizera depósitos, em dinheiro, na sua conta corrente. As quantias eram pequenas – cem dólares aqui, cinquenta ali – e depositadas de forma aleatória. Pegou o registro que Sobel lhe dera e conferiu as datas em que Newman visitara o cofre de aluguel. A maior parte delas correspondia às datas em que ele também fizera depósitos em dinheiro na conta corrente. Visitar o cofre, colocar um pouco de dinheiro novo, pegar um pouco do dinheiro velho e depositá-lo na conta corrente da família, ela supôs. com certeza ele devia fazer o depósito em outra filial. Não dava para imaginá-lo tirando dinheiro do cofre sob o nome de Frank Andrews e depositando-o como Ken Newman dentro da mesma

agência.

Tudo somado, chegava-se a uma quantia significativa, mas não em uma vasta fortuna. O saldo total da conta corrente nunca era muito grande, porque sempre havia cheques sacados contra essa conta. Os pagamentos do FBI eram depositados diretamente na sua conta, ela notou. E havia numerosos cheques a favor de uma corretora de valores mobiliários. Reynolds descobriu esses registros em outro caderno e rapidamente concluiu que embora Newman estivesse longe de ser rico, tinha um belo portfólio, cujos registros demonstravam que ele fazia depósitos com fidelidade religiosa. com o longo período de valorização de títulos e ações ainda em pleno andamento, os investimentos dele tinham crescido consideravelmente.

Exceto pelos depósitos feitos em dinheiro, o que ela estava olhando não chegava realmente a ser uma coisa tão rara. Ele economizara dinheiro e soubera aplicar. Não era rico, mas estava bem de vida. Os dividendos resultantes da conta de investimentos também eram depositados na conta corrente de Newman, tornando ainda um pouco mais confuso o quadro da entrada do dinheiro. Simplificando, seria difícil concluir que havia algo de suspeito nas finanças do agente do FBI, a menos que fosse feita uma perícia realmente detalhada. E se não fosse conhecida a existência do cofre de aluguel, o volume total de dinheiro não justificaria um escrutínio mais detalhado.

Não dava para entender o dinheiro em espécie que ela vira no cofre de aluguel. Por que manter aquele dinheiro ali parado, sem render juros? E o que a intrigou ainda mais que o dinheiro que encontrou, foi o que não encontrou. Quando Anne apareceu para ver se estava precisando de alguma coisa, decidiu fazer a pergunta diretamente.

– Não estou encontrando pagamentos da hipoteca e dos cartões de crédito.

– Não temos hipoteca. Quer dizer, tivemos, uma de trinta e um anos, mas Ken fez pagamentos extras e conseguiu liquidar com antecedência.

– Que bom para ele. Quando foi isso? – Uns três ou quatro anos atrás, suponho.

– E os cartões de crédito? – Ken não acreditava neles. Quando a gente fazia uma compra, era a dinheiro. Máquinas, roupas, até mesmo automóveis. Nunca compramos novos, só usados.

– Bem, isso é esperto. Economiza um monte de dinheiro em juros.

– Como eu falei, Ken era realmente muito bom com dinheiro.

– Se eu soubesse disso, teria pedido a ele para me ajudar.

– Você precisa ver mais alguma coisa? – Desculpe, uma coisa mais. Os comprovantes do Imposto de Renda dos dois últimos anos, se você os tiver em casa.

A grande quantidade de dinheiro no cofre de aluguel passou a fazer sentido para Reynolds. Se Newman pagava tudo a vista, não precisava depositar nada na conta corrente.

Claro que para coisas como a hipoteca, eletrodomésticos e conta do telefone ele tinha que pagar com um cheque, de modo que teria que depositar dinheiro para ter saldo suficiente na conta. E isso significava também que para o dinheiro não depositado na conta corrente não havia qualquer registro da sua existência. Dinheiro é dinheiro, afinal. E seria impossível para o Imposto de Renda saber que Newman tinha aquele dinheiro.

Sabidamente, não mudara de estilo de vida. Mesma casa. Nada de carros da moda e muito menos as insanas farras de compras que derrubam tantos ladrões. E sem hipoteca ou pagamentos de cartões de crédito, tinha uma boa disponibilidade de fluxo de caixa. O que, num exame

superficial, bastaria para explicar os investimentos que fazia com regularidade na Bolsa. Seria preciso ir fundo, como Reynolds fizera, para descobrir a verdade.

Anne encontrou as declarações de Imposto de Renda dos últimos seis anos no arquivo de aço que ficava encostado na parede. Eram tão organizados quanto o resto dos registros financeiros do homem. Uma rápida olhada nos últimos três anos confirmou as suspeitas de Reynolds. A única fonte de renda que aparecia era o salário de Newman no FBI, além de uma miscelânea de juros de investimentos, dividendos e juros bancários.

Reynolds guardou os arquivos e vestiu o casaco.

– Anne, desculpe ter vindo e fazer tudo isso no meio de tudo por quanto você está passando.

– Fui eu que pedi sua ajuda, Brooke. Reynolds sentiu outra pontada de culpa.

– Bem, não sei se cheguei a ajudar mesmo. Anne pegou no braço de Brooke.

– Você pode me dizer agora o que está acontecendo? Ken fez alguma coisa de errado? –

Tudo o que posso dizer por ora é que encontrei umas coisas que não posso explicar. Não vou mentir para você, são preocupantes.

Anne retirou a mão lentamente.

– Acho que você vai ter que relatar o que encontrou. Reynolds encarou a mulher.

Tecnicamente o que devia fazer era ir diretamente ao OPR e contar tudo. O OPR, Escritório da Responsabilidade Profissional, funcionava como a corregedoria do FBI, oficialmente integrando o Bureau mas na verdade controlado pelo Departamento da Justiça. O OPR investigava acusações de comportamento impróprio do pessoal do Bureau e tinha uma reputação de ser muito exigente. Uma investigação feita pelo OPR assustava até mesmo o mais durão dos agentes do FBI.

Sim, de um ponto de vista técnico puro e simples não tinha nem que pensar. Se a vida pudesse ser tão simples... A mulher devastada ali de pé diante de Reynolds tornou sua decisão muito menos simples. No fim ela se deixou levar pelo lado humano e deixou o manual do Bureau de lado, por ora. Ken Newman seria enterrado como um herói.

O homem fora agente do FBI por mais de duas décadas; pelo menos merecia isto.

– Em algum ponto, sim, terei que relatar minhas descobertas. Mas não precisa ser agora.

Ela fez uma pausa e apertou a mão de Anne.

– Sei quando vai ser o funeral. Estarei lá com os outros, para prestar nossas homenagens ao Ken.

Reynolds abraçou Anne afetuosamente e saiu, com a cabeça girando tão depressa que chegou a se sentir um pouco tonta.

Se Ken Newman estava recebendo dinheiro desonesto, já estaria fazendo isso há algum tempo. Seria ele o vazamento da investigação de Reynolds? Teria vendido outras investigações também? Seria ele apenas um agente duplo vendendo o que houvesse para quem desse mais? Ou um delator regular trabalhando para as mesmas pessoas? Neste caso, porque existiria um grupo interessado em Faith Lockhart? Havia interesses estrangeiros interessados, Lockhart dissera. Seria isso a chave? Estaria Newman trabalhando para um governo estrangeiro todo aquele tempo, um governo estrangeiro que por coincidência estivesse envolvido no esquema de Buchanan? Ela suspirou. A coisa toda descia montanha abaixo como uma bola de neve, Reynolds quase sentia vontade de sair correndo para casa para se enfiar na cama com a cabeça coberta. Em vez disso,

tinha que pegar o carro, tocar para o escritório e continuar a trabalhar naquele caso como já fizera com centenas de outros em todos aqueles anos. Conseguiu ganhar mais que perder, e isso era o melhor que qualquer pessoa em sua linha de trabalho podia esperar.

Capítulo 35

LEE ACORDOU TARDÍSSIMO COM A MAIOR DAS RESSACAS E DECIDIU livrar-se dela com uma corrida. A princípio, cada passada na areia desfechava flechadas fatais no seu cérebro. Depois, à medida que foi se aquecendo, respirando o ar gelado e sentindo o ar salgado no rosto, lá por volta da primeira milha, os efeitos das uvas esmagadas e das latas de Red Dog desapareceram. Quando voltou para a casa, passou pela piscina e recolheu a roupa e a arma. Depois ficou sentado por algum tempo numa espreguiçadeira, deixando o sol esquentá-lo. Quando voltou para dentro de casa, sentiu o cheiro de café e ovos.

Faith estava na cozinha, servindo uma caneca de café. Vestia uma calça jeans, camisa de manga curta e estava descalça. Quando o viu, puxou outra caneca e encheu de café. Por um momento, o ato de companheirismo o deixou contente, mas logo em seguida a lembrança do que fizera na noite anterior levou embora essa satisfação, da mesma forma como as ondas do mar desmancham os castelos de areia.

– Achei que você fosse dormir o dia inteiro – disse Faith. Seu tom de voz foi excessivamente casual, na opinião de Lee, e ela não olhou para ele ao falar.

com isso, aquele ficou sendo o momento mais complicado de toda a vida de Lee. O que deveria dizer? Olha, desculpe por aquele pequeno assalto sexual de ontem à noite.

Ele entrou na área da cozinha, pegou a caneca meio na esperança de que o enorme nó que sentia na garganta acabasse por matá-lo por sufocação.

– Às vezes o melhor remédio por ter feito algo incrivelmente burro e indesculpável é correr até cair.

Ele deu uma olhada nos ovos.

– Que cheiro bom.

– Não se compara com o jantar que você preparou ontem. Mas como falei, não sou grande coisa na cozinha. Acho que sou mais do tipo que pede o que quer ao serviço de quarto. Mas tenho certeza de que você já percebeu isso.

Enquanto ela se deslocava pela cozinha, ele notou que mancava um pouco. Não pôde deixar de ver os machucados nos seus pulsos. Deixou a pistola em cima do balcão antes que impulsivamente resolvesse explodir os próprios miolos.

– Faith? Ela não se virou – continuou mexendo os ovos na frigideira.

– Se você quiser que eu vá embora, eu vou – disse Lee. Enquanto ela parecia meditar sobre a proposta dele, Lee resolveu dizer o que tinha pensado durante a corrida.

– O que aconteceu ontem de noite, o que eu fiz a você ontem de noite, não tem desculpa. Nunca, jamais, fiz uma coisa dessas em toda a minha vida. Eu não sou assim.

Não posso culpar você se não acreditar nisto. Mas é a verdade.

Faith virou-se repentinamente para ele, seus olhos brilhando.

– Bem, eu não posso dizer que não tenha imaginado acontecendo algo assim entre nós, mesmo no pesadelo que estamos vivendo. Eu só não pensei que ia ser daquele jeito...

Ela se interrompeu e com a mesma rapidez que o tinha encarado virou-se de costas para ele.

Lee abaixou o olhar e balançou ligeiramente a cabeça, as palavras dela duplamente devastadoras para ele.

– Sabe, estou diante de um dilema. Meu instinto e minha consciência mandam que eu dê o fora da sua vida para que você não tenha de se lembrar do que aconteceu toda vez que olhar para mim. Mas também não quero deixá-la sozinha com tudo isso, sabendo que tem alguém querendo matá-la.

Ela desligou o queimador, pegou dois pratos, passou manteiga em duas torradas e pôs tudo na mesa. Lee não se moveu. Limitou-se a ficar observando-a, movendo-se lentamente, o rosto molhado de lágrimas. As marcas nos punhos dela eram como algemas permanentes em torno da sua alma.

Ele sentou-se diante dela e deu uma garfada nos ovos.

– Eu podia ter feito você parar ontem à noite – disse Faith, sem rodeios. As lágrimas deslizaram pelas suas faces e ela nem tentou enxugá-las.

Lee sentiu os olhos arderem com a chegada das lágrimas.

– Juro por Deus como eu queria que você me tivesse detido.

– Você estava de porre. Não estou dizendo que isto seja uma desculpa para o que fez, mas sei que não teria feito o que fez se estivesse sóbrio. E você também não foi até o final. Prefiro acreditar que você nunca tenha se rebaixado tanto na vida. Na verdade, se eu não estivesse absolutamente convicta disso, eu teria atirado em você com a sua arma quando desmaiou.

Ela fez uma pausa, parecendo estar procurando a combinação exata de palavras.

– Mas o que lhe fiz talvez seja muito pior do que aquilo que você poderia me ter feito ontem.

Ela empurrou o prato e contemplou pela janela o belo dia que estava nascendo.

Quando retomou a palavra, havia em sua voz um tom melancólico e sonhador que, curiosamente, era ao mesmo tempo esperançoso e trágico.

– Quando eu era pequena, tinha toda a minha vida planejada. Ia ser enfermeira. E depois estudar medicina. Aí me casava e tinha dez filhos. A dra. Faith Lockhart ia salvar vidas durante o dia e depois voltaria para casa onde a estaria esperando um homem que a amava e de cujos filhos perfeitos seria a mãe perfeita. Depois de tanto me mudar com meu pai, passei a querer apenas uma casa. Eu viveria lá o resto da minha vida. Meus filhos sempre, mas sempre mesmo, saberiam onde me encontrar.

Parecia tão simples, tão... viável, quando eu só tinha oito anos de idade.

Ela finalmente usou o guardanapo de papel para enxugar as lágrimas, parecendo só então se dar conta de como seu rosto estava molhado.

Encarou Lee de novo.

– Mas em vez disso tenho esta vida – ela percorreu com o olhar a linda sala. – Ganhei um bocado de dinheiro. De que tenho que me queixar? Isto é o Sonho Americano, não é? Dinheiro? Poder? Ter coisas bonitas? Terminei inclusive fazendo um pouco de bem aos outros, mesmo que ilegalmente. Mas aí eu fui e estraguei tudo, com a melhor das intenções, mas não sobrou nada. Exatamente como meu pai. Você está certo, o fruto não cai longe da árvore.

Ela fez outra pausa, brincando com os talheres, colocando o garfo e a faca da manteiga exatamente perpendiculares um ao outro.

– Não quero que você se vá.

com isto ela se levantou, atravessou rapidamente a sala e subiu correndo a escada.

Lee ouviu a porta do quarto de dormir dela batendo. Ele respirou fundo, levantou-se e ficou surpreso de ver que suas pernas estavam bambas. Não era da corrida, isso ele sabia. Tomou um banho de chuveiro, trocou de roupa e desceu de novo. A porta de Faith continuava aberta e ele não tinha intenção de interromper o que quer que ela estivesse fazendo. com os nervos em pedaços, decidiu gastar a próxima hora entregue à tarefa banal de limpar meticulosamente sua arma. Água e sal eram péssimos para armas em geral e pistolas automáticas em particular, por serem notoriamente sensíveis. Se a munição não fosse de excelente qualidade, não se podia saber se a arma ia falhar e depois engasgar – e um grão de areia causaria o mesmo defeito. E não se pode limpar uma pistola automática simplesmente comprimindo o gatilho e introduzindo na câmara um cartucho limpo, como se faz num revólver. Quando você conseguir acertar a pistola, estará morto. E com a sorte que Lee andava, aconteceria exatamente quando precisasse que a arma atirasse e acertasse o alvo. Por outro lado, vendo-se a parte boa, as Parabellums demm disparadas por uma Smith&Wesson compacta eram excelentes para deter o avanço inimigo. Fosse o que fosse que acertassem, cairia. Ele rezou para que não tivesse que usar aquela arma. Pois aí era sinal de que haveria alguém atirando nele.

Lee recarregou o carregador com quinze projéteis, inseriu-o no punho e introduziu uma bala na câmara. Acionou o dispositivo de segurança e colocou a arma no coldre.

Pensou em pegar a Honda e ir até a loja comprar um jornal, mas decidiu que não tinha energia nem vontade para realizar uma tarefa simples dessas. Também não queria deixar Faith sozinha. Quando ela descesse, queria estar ali. Quando Lee foi beber água na pia da cozinha, deu uma olhada pela janela e quase teve um ataque do coração. Do outro lado da rua, acima de uma cerca alta e densa que ia até onde o olhar alcançava, surgiu subitamente em sua linha de visão um avião! Só então se lembrou da pista de que Faith lhe falara. Ficava do outro lado da casa e era escondida pela cerca.

Correu para a porta da frente a fim de assistir à aterragem. Mas quando chegou do lado de fora, o avião já tinha desaparecido – só deu para ver a cauda passar zunindo acima do topo da cerca. Faiscou na frente dele e continuou com grande velocidade.

Lee foi para a varanda de cima e de lá viu o aparelho taxiar até parar, quando os passageiros desembarcaram. Um carro os esperava. As malas foram descarregadas e arrumadas no carro, que saiu por uma pequena abertura pavimentada não muito longe da casa de Faith. O piloto saltou do bimotor a hélice, verificou algumas coisas e subiu de novo. Poucos minutos depois o aparelho taxiava para a outra extremidade da pista e se virava. O piloto abriu o regulador de pressão e veio roncando pela pista na mesma direção em que descera, subiu graciosamente no ar, seguiu na direção do mar, fez uma volta e rapidamente desapareceu no horizonte.

Lee entrou e tentou assistir a um pouco de televisão, ao mesmo tempo em que esperava por Faith. Depois de zapear por entre mais de mil canais, chegou à conclusão de que não havia nada que valesse a pena assistir, e foi jogar paciência. Gostou tanto de perder que jogou mais umas dez partidas, conseguindo o mesmo resultado em todas. Andando sem rumo, desceu para o salão de jogos e experimentou umas tacadas de bilhar. Quando a hora do almoço foi se aproximando, preparou um sanduíche de atum e sopa de carne com cevada e foi comer no deque que dava para a piscina. Assistiu a outra chegada do mesmo avião por volta de uma hora. Deixou seus passageiros e levantou voo mais uma vez. Pensou em bater na porta de Faith para

ver se ela estava com fome, mas desistiu. Nadou um pouco na piscina e depois se deitou no concreto frio, onde pegou um pouco do sol intenso. Sentiu-se culpado por cada minuto.

As horas se passaram, e quando começou a escurecer, dispôs-se a pensar em preparar qualquer coisa para o jantar. Só que desta vez ia chamar Faith e fazer com que ela comesse. Já ia subir a escada quando a porta do quarto dela se abriu e ela apareceu. A primeira coisa que chamou sua atenção foi que estava usando um vestido branco de algodão, com a bainha na altura dos joelhos e justo, fazendo par com um suéter também de algodão azul-claro. Estava sem meias, e as sandálias simples que usava tinham um ar de alta classe. O cabelo tinha sido muito bem penteado, e um toque de maquiagem realçava suas feições, o toque final dado pelo batom rosado.

O suéter disfarçava os machucados nos pulsos. Provavelmente tinha sido por isso que o escolhera, pensou Lee. Ainda bem que parecia não estar mancando mais.

– Vai sair? – perguntou Lee.

– Jantar. Estou morrendo de fome.

– Eu ia fazer qualquer coisa.

– Prefiro sair. Estou louca para sair.

– Onde é que você vai? – Bem, na verdade eu estava pensando em um lugar onde nós dois fôssemos.

Lee baixou os olhos para suas calças caqui desbotadas, sapatos decke e camisa polo.

– Estou meio esfarrapado comparado com você.

– Você está ótimo – o olhar dela se deteve no coldre –, mas eu deixaria em casa o tresoião.

Ele olhou para o vestido dela.

– Faith, não sei se você vai se sentir confortável em cima da Honda com essa roupa.

– O country clube fica a uns quinhentos metros daqui. Tem um restaurante aberto ao público. Achei que podíamos ir andando. Acho que a noite vai ser bonita.

Lee finalmente concordou, compreendendo que sair fazia todo o sentido do mundo, por um monte de razões.

– Parece bom, mas preciso de um segundo.

Ele subiu correndo a escada, tirou a arma e colocou-a dentro de uma gaveta. Depois jogou água no rosto, umedeceu um pouco o cabelo, pegou a jaqueta e juntou-se a Faith na porta da frente, onde ela estava ativando o alarme. Deixaram a casa e cruzaram a rua de serviço. Atingindo a calçada, que corria paralelamente à rua principal, foram passeando sob um céu que mudara de rosa para o azul quando o sol se pusera. A iluminação da parte comum fora acesa, assim como os aspergidores enterrados.

O barulho da água servia de tranquilizante para Lee. A iluminação dava um toque legal à caminhada, na imaginação dele. O lugar todo parecia possuir quase um brilho etéreo, como se eles estivessem dentro de uma cena perfeitamente iluminada para um filme.

Lee levantou a cabeça a tempo de ver o bimotor se preparando para aterrissar. Sacudiu a cabeça.

– Morri de susto a primeira vez que vi um bicho desses hoje de manhã.

– Eu também teria me apavorado, se na primeira vez não fosse uma das passageiras.

Este é o último voo do dia. Está ficando muito escuro.

Chegaram ao restaurante, decorado com um tema náutico: um grande leme na entrada, capacetes de mergulho pendurados na parede, redes de pesca suspensas do teto, paredes de pinho cheio de nós, balaústres, corrimãos de corda e um aquário enorme cheio de castelos, plantas e um estranho sortimento de peixes espiando aqui e ali.

Os atendentes eram jovens, enérgicos e vestiam uniformes navais. A que atendeu a mesa de Faith e Lee era particularmente efervescente. Começou anotando o que queriam beber. Lee escolheu chá gelado e Faith preferiu um spritzer de vinho. Isso feito, a garçonete passou a cantar os pratos do dia, em um timbre de contralto agradável, embora um tanto vacilante. Depois que saiu Faith e Lee se entreolharam e caíram na risada.

Enquanto esperavam pelas bebidas, Faith olhou em torno.

Lee percebeu e interessou-se.

– Vê algum conhecido? – Não. Na verdade eu nunca saio quando venho para cá. Mas estava com medo de esbarrar em alguém que conhecesse.

– Fica fria. Você está com a aparência muito diferente da de Faith Lockhart – ele a examinou. – Eu deveria ter falado antes, mas você está realmente... bem, você está realmente linda. Finíssima.

Ele interrompeu-se, parecendo envergonhado.

– Não que você não seja bonita o tempo todo. Quer dizer... Totalmente tímido e confuso, Lee caiu em silêncio, recostou-se e deu uma espiada no cardápio.

Faith olhou para Lee, sentindo-se tão sem graça quanto ele, mas ainda assim com um sorriso nos lábios.

– Muito obrigada.

Eles permaneceram ali por duas horas agradáveis, discutindo assuntos inócuos, contando histórias antigas e aprendendo mais um pouco um sobre o outro. Como estavam fora de estação e era dia útil, havia poucos outros clientes. Terminaram a refeição, tomaram café e dividiram uma grossa fatia de torta de creme de coco. Pagaram em dinheiro, à vista, e deixaram uma gorjeta muito generosa, que provavelmente fez com que a garçonete fosse cantando todo o caminho de volta para casa.

Faith e Lee saíram caminhando vagarosamente, desfrutando o ar frio da noite e fazendo a digestão. Em vez de irem para casa, contudo, Faith levou Lee para a praia depois de deixar a bolsa perto da porta dos fundos da casa de praia. Livrou-se das sandálias e prosseguiram a caminhada pela areia. Estava completamente escuro agora, a brisa era leve e refrescante e eles tinham a praia inteira para si. Lee virou-se para Faith.

– Sair foi uma boa ideia. Eu me diverti de verdade.

– Você pode ser encantador quando quer.

Ele ficou aborrecido por algum tempo, até perceber que ela estava brincando.

– Acho que essa saída serviu também como um novo começo.

– Isso passou pela minha cabeça.

Faith parou e sentou-se na praia, mergulhando os pés na areia. Lee permaneceu de pé, contemplando o mar.

– E o que fazemos agora, Lee? Ele sentou-se ao lado dela, tirou os sapatos e enfiou os dedos na areia.

– Seria ótimo se pudessemos ficar aqui para sempre. Mas não creio que possamos.

– Fazer o que então? Acabou meu estoque de casas.

– Andei pensando nisso, Faith. Tenho bons amigos em San Diego. Investigadores particulares, como eu. Conhecem todo mundo. Se eu pedir, eles nos põem do outro lado da fronteira, no México.

Faith não pareceu muito entusiasmada com a ideia.

– México? E de lá? Lee deu de ombros.

– Não sei. Podemos conseguir uns documentos falsos que nos levem para a América do Sul.

– América do Sul? E lá você trabalha nos campos de cocaína enquanto eu ganho a vida num bordel? – Olha, eu já estive lá. Não é só drogas e prostituição. Tem montes de alternativas.

– Dois fugitivos da justiça com Deus sabe quem nos perseguindo? Faith olhou para a areia e balançou a cabeça, duvidosa.

– Se você tem uma ideia melhor, sou toda ouvidos.

– Tenho dinheiro. Muito dinheiro em uma conta numerada na Suíça.

Ele fez um ar cético.

– Os bancos suíços têm mesmo esse tipo de coisa? – Oh, sim, claro que têm. E todas essas conspirações globais de que você provavelmente já ouviu falar? Organizações secretas mandando no planeta? Bem, é tudo verdade.

Ela sorriu e jogou um pouco de areia nele.

– Bem, se os federais revistarem sua casa ou seu escritório, encontrarão registros desse dinheiro? Se souberem os números da conta, terão como colocar uma etiqueta nele. Rastrear o dinheiro.

– A finalidade da conta numerada de um banco suíço é assegurar absoluta confiança à clientela interessada. Se os banqueiros suíços informarem o nome do dono da conta para qualquer um que peça para ver, todo o sistema deles acaba.

– O FBI não é qualquer um.

– Mas não precisa se preocupar. Não guardo registros. Tenho comigo as informações necessárias para o acesso ao dinheiro.

Lee não pareceu convencido.

– Você vai ter que ir à Suíça para pegar o dinheiro? Porque isso, não sei se você sabe, é mais ou menos impossível.

– Eu fui lá para abrir a conta. O banco designou um procurador, um empregado deles, com um documento que o autoriza a realizar a transação em pessoa. É bastante elaborado. Você tem que mostrar seus números de acesso e identidade e depois assinar um documento, para que comparem a assinatura com a existente nos arquivos deles.

– Quer dizer então que daí em diante você chama seu procurador e ele faz tudo por você?

– Certo. Já fiz pequenas transações no passado, só para me assegurar de que funcionava direito. É o mesmo cara. Ele me conhece e conhece minha voz. Eu dou os números e digo onde quero que o dinheiro vá, e acontece.

– Você sabe que não pode depositar nada na conta corrente de Faith Lockhart.

– Não, mas eu tenho uma conta aqui sob o nome da SLC Corporation.

– E você tem a assinatura autorizada? – Sim, como Suzanne Blake.

– O problema é que os federais conhecem esse nome. Lembre-se do aeroporto.

– Você tem ideia de quantas Suzannes Blakes há neste país? Lee deu de ombros.

– E verdade.

– Assim sendo, teremos dinheiro para nos sustentar. Não vai durar para sempre, mas já é algo.

– E algo é ótimo.

Os dois guardaram silêncio por um instante. Faith olhou alternadamente para ele e para o mar. Ele percebeu, e estranhou.

– O que é? Estou com torta de coco no queixo? – Lee, quando o dinheiro vier, você pode ficar com a metade e ir embora. Não precisa ficar comigo.

– Faith, já tratamos disso.

– Não, não tratamos. Eu praticamente mandei que você viesse comigo. Sei que vai ser difícil voltar sem mim, mas pelo menos você terá dinheiro para ir a algum lugar.

Olha, posso inclusive ligar para o FBI. Direi a eles que você não teve envolvimento em nada. Limitou-se a me ajudar, sem saber de nada. E aí eu fugi e você pôde voltar para casa.

– Obrigado, Faith, mas vamos dar um passo de cada vez. E eu não posso ir embora enquanto não souber que você está em segurança.

– Tem certeza? – Claro, tenho certeza absoluta. Não vou embora a menos que você mande que eu vá. E mesmo assim, vou continuar seguindo-a, para me assegurar de que você vai indo bem.

Ela adiantou-se e pegou o braço dele. – Lee, jamais conseguirei agradecer tudo o que você tem feito por mim.

– Basta me considerar o irmão mais velho que você nunca teve.

O olhar que eles trocaram, contudo, continha muito mais do que afeição fraterna. Ele olhou para a areia, tentando ver se sua cabeça funcionava direito. Faith concentrou o olhar na água. Quando Lee olhou para ela um minuto mais tarde, Faith estava mexendo a cabeça de um lado para o outro e sorrindo.

– O que é que você está pensando? – perguntou ele. Ela se levantou e olhou para ele.

– Estou pensando que eu gostaria de dançar.

– Dançar? – perguntou ele, espantado. – Quanto foi que você bebeu? – Quantas noites nos restam aqui? Duas? Três? E depois vamos ter que bancar os fugitivos pelo resto de nossas vidas? Ora, vamos, Lee, última chance para uma festa.

Ela deslizou o suéter pelo corpo e o deixou cair na areia. O vestido branco era preso com tiras. Faith tirou-as de cima dos ombros, deu-lhe uma piscadela de olho que fez seu coração parar e estendeu as mãos para ajudá-lo a se levantar.

– Vamos, garotão.

– Você é maluca – Lee reclamou mas segurou as mãos dela e levantou-se. – Para ser sincero, não danço há muito tempo.

– Você luta boxe, não luta? Seu jogo de pés provavelmente é melhor que o meu.

Primeiro eu conduzo, depois você assume.

Lee deu uns poucos passos hesitantes e abaixou as mãos.

– Isto é uma bobagem, Faith. E se tiver alguém olhando? Vão pensar que somos birutas. Ela lhe dirigiu um olhar obstinado.

– Passei os últimos quinze anos da minha vida me preocupando com o que todo mundo ia

pensar sobre tudo. Portanto neste exato momento, não dou a mínima a quem quer que seja que pense sobre qualquer coisa.

– Mas não temos música.

– Cantarole uma melodia. Preste atenção no vento, ele traz a música.

E, surpreendentemente, deu certo. Começaram devagar, Lee sentindo-se desajeitado e Faith desacomodada a guiar. Depois, quando começaram a ficar mais familiarizados com os movimentos um do outro, passaram a fazer círculos mais amplos na areia. Após dez minutos, a mão direita de Lee estava aninhada confortavelmente no quadril de Faith, a dela em torno da sua cintura e o outro par de mãos entrelaçado e na altura do peito.

Aí então ficaram consideravelmente mais corajosos e começaram a fazer uns giros e piroetas e outros movimentos remanescentes do tempo das grandes orquestras. Foi difícil, mesmo naquela areia bastante compacta, mas o esforço de ambos foi inspirado. Quem quer que os visse dançando imaginaria que estavam embriagados ou revivendo o tempo da juventude. E, de certo modo, ambas as observações estariam certas.

– Não faço isto desde os tempos de ginásio – disse Lee sorrindo. Embora o grande sucesso daquele tempo fosse Three Dog Night e não Benny Goodman.

Faith não disse nada e continuou a girar e rodopiar em torno dele, seus movimentos ganhando cada vez mais atrevimento, tornando-se mais e mais sedutores, lembrando uma dançarina de flamengo no auge do calor da dança.

Ela levantou a saia para ter mais liberdade de movimento, e Lee sentiu o coração disparar ante a visão de suas coxas.

Os dois chegaram a entrar no mar, chapinhando com força, com seus passos de dança cada vez mais intrincados. Levaram alguns tombos na areia e também na água gelada e muito salgada, mas se levantaram e continuaram. De vez em quando, uma combinação verdadeiramente espetacular executada com perfeição os deixava rindo e ofegantes como garotos de escola em um baile de formatura.

Finalmente atingiram o ponto em que ficaram em silêncio, os sorrisos desapareceram e seus corpos se aproximaram mais um do outro. Cessaram os rodopios e giros, a respiração forte foi se acalmando e, corpos colados, os círculos que seus pés desenhavam eram cada vez menores. Finalmente pararam e se deixaram ficar balançando ligeiramente de um lado para o outro, a última dança da noite, corpos entrelaçados, rostos colados, olhos nos olhos, enquanto o vento assobiava em torno, as ondas subiam e quebravam com força e, lá de cima, as estrelas e a lua a tudo assistiam.

Faith por fim afastou-se um pouco de Lee, as pálpebras pesadas, as pernas mais uma vez começando a se mover eroticamente ao som de uma canção silenciosa.

Lee esticou os braços para puxá-la.

– Não quero mais dançar, Faith – disse ele. E o sentido de suas palavras não poderia ter sido mais claro.

Ela adiantou-se também e aí, com a rapidez de uma chicotada, empurrou-o com força no peito. Lee caiu sentado na areia. Faith virou-se e saiu correndo, derramando as risadas sobre ele, que se limitou a ficar olhando, atônito, até que deu uma risada, pôs-se de pé de um pulo e saiu correndo atrás dela. Foi alcançá-la quando começava a subir os degraus da casa e jogou-a por cima do ombro, carregando-a pelo resto do caminho, com Faith balançando braços e pernas num

protesto fingido. Tinham se esquecido de que o alarme estava ligado e entraram pela porta dos fundos. Faith precisou correr feito louca até a porta da frente para desarmá-lo a tempo.

– Meu Deus, essa foi quase. Como se a gente quisesse receber uma visita da polícia – disse ela.

– Não quero a visita de ninguém.

Segurando com força a mão dele, Faith levou Lee para o quarto dela. Os dois sentaram-se na cama, no escuro, por alguns minutos, abraçados, balançando-se gentilmente para trás e para frente, como se estivessem prosseguindo com os movimentos da praia num lugar mais íntimo.

Finalmente ela se afastou e pôs a mão em concha no seu queixo.

– Já faz algum tempo, Lee. Na verdade, muito tempo.

O tom de voz indicava que ela estava um tanto contrafeita, o que era verdade. Faith realmente sentia-se embaraçada por confessar aquilo, mas não queria desapontá-lo.

Ele acariciou-lhe os dedos delicadamente e sustentou seu olhar, enquanto o som das ondas entrava pela janela aberta. Era reconfortante, ela pensou, a água do mar, o vento, o toque da pele; um momento que talvez ela não experimentasse de novo por muito tempo, se é que voltaria a experimentá-lo.

– Nunca será mais fácil para você, Faith.

– Por que você diz isso? – perguntou ela, surpreendida. Mesmo na obscuridade, o brilho dos olhos dele a cercava, protetoramente. Seria o romance da infância finalmente se consumando? Mas ela estava com um homem, não um menino. Um homem único pelo seu próprio mérito. Ela o admirou. Não, definitivamente não tinha nada de menino.

– Porque eu não posso acreditar que você já tenha estado com um homem que se sinta a seu respeito como eu.

– Fácil de dizer – murmurou ela, embora na verdade as palavras dele a tivesse comovido profundamente.

– Não para mim – disse Lee.

Estas três palavras foram ditas com tão profunda emoção, sem o menor resquício de insinceridade e do egoísmo do mundo em que tinha trabalhado nos últimos quinze anos, que Faith honestamente não soube como reagir. Mas a hora das palavras já passara. Ela viu-se tirando as roupas de Lee e depois foi a vez dele, que aproveitou o momento para massagear os ombros e o pescoço dela. Seus dedos grandes eram surpreendentemente delicados. Ela achou que fossem rudes.

Todos os movimentos de ambos eram naturais, sem pressa, como se tivessem feito aquilo milhares de vezes em um casamento longo e feliz, buscando os pontos certos para trabalhar, para satisfazer ao outro.

Deslizaram para baixo das cobertas. Dez minutos mais tarde Lee, arfando fortemente, caiu sobre Faith, que também respirava com dificuldade. Ela beijou seu rosto, peito, braços. O suor misturado, os membros entrelaçados, eles ficaram assim falando e beijando lentamente por mais de duas horas, cochilando de vez em quando. Lá pelas três da manhã fizeram amor de novo. E depois caíram num sono profundo e exausto.

REYNOLDS ESTAVA SENTADA À SUA MESA QUANDO CHEGOU A LIGAÇÃO.

Era Joyce Bennett, a advogada que a representava no processo do divórcio.

– Temos um problema, Brooke. O advogado do seu marido acaba de telefonar, falando sem parar sobre seus recursos escondidos.

O rosto de Brooke deixou bem evidente sua total descrença.

– Está falando sério? Pois bem, diga a ele para me informar onde estão esses tais recursos. Eu bem que podia usar um dinheirinho extra.

– Não se trata de piada, Brooke. Ele me mandou por fax alguns extratos de depósitos que acabou de descobrir. No nome das crianças.

– Pelo amor de Deus, Joyce, é o dinheiro da faculdade dos meninos. Steve sabia disso. Por isso não incluí nos meus recursos. Além do mais, cada conta tem apenas pouco mais de umas poucas centenas de dólares.

– Na verdade, os extratos que estão diante dos meus olhos mostram um saldo de cinquenta mil dólares em cada um.

A boca de Reynolds ficou seca.

– Não é possível. Deve haver algum engano.

– Outro problema é que as contas estão classificadas como poupança de menor. Significa que podem ser anuladas a critério do doador e procurador. Você é a procuradora registrada, e estou presumindo que seja também a doadora dos recursos. Em essência, o dinheiro é seu. Você devia ter me falado a este respeito, Brooke.

– Joyce, não havia nada para falar. Eu não tenho ideia de qual possa ser a origem desse dinheiro. O que aparece nos extratos quanto à origem dos fundos? – Diversas ordens de pagamento de valor similar. Não aparece a origem. O advogado de Steve está ameaçando acusar você de fraude, Brooke. Ele também disse que telefonou para o Bureau.

Reynolds apertou o telefone e sentou rigidamente.

– O Bureau? – Você tem certeza de que não sabe qual é a origem do tesouro? Que tal seus pais? – Eles não têm tanto dinheiro. Podemos rastrear os depósitos? – A conta é sua. Acho melhor fazer algo. Mantenha-me informada.

Reynolds desligou o telefone e ficou olhando, perplexa, os papéis em cima da sua mesa, o cérebro girando com as últimas informações. Quando o telefone tocou de novo, poucos minutos depois, quase não respondeu. Sabia quem era.

Nunca Paul Fisher lhe falara com tanta frieza. Reynolds devia comparecer ao Hoover Building imediatamente. Era tudo o que tinha a dizer. Enquanto descia a escada para o estacionamento, suas pernas ameaçaram ceder diversas vezes. Todos os seus instintos lhe diziam que estava sendo convocada para sua própria execução profissional.

A sala de reuniões do Hoover Building era pequena e sem janelas. Paul Fisher estava lá, junto com Fred Massey, o ADIC, ou Diretor Assistente Encarregado. Massey sentou-se à cabeceira da mesa, girando uma caneta entre os dedos, sem tirar os olhos dela. Brooke reconheceu as duas outras pessoas na sala: um advogado do Bureau e um investigador graduado do OPR, a corregedoria do Bureau.

– Sente-se, agente Reynolds – disse Massey, com firmeza. Reynolds sentou-se. Não era culpada de nada, por que então se sentia como Charlie Manson com uma faca sangrenta escondida na meia? – Temos alguns assuntos a discutir com você – ele deu uma olhada no

advogado do Bureau. – Tenho que lhe avisar, contudo, que tem direito de só falar na presença de seu advogado, se assim o desejar.

Ela tentou se fazer de espantada. Mas não conseguiu, não depois do telefonema de Joyce Bennett. Forçar uma reação só serviria para aumentar sua culpa aos olhos deles, sem dúvida.

Reynolds na oportunidade do telefonema de Bennett. Não sendo dada a acreditar em conspirações, Reynolds de repente começou a pensar nesta possibilidade.

– E por que eu deveria precisar de um advogado? Massey olhou para Fisher, que se virou para Reynolds.

– Recebemos um telefonema do advogado que representa seu marido no divórcio.

– Entendo. Bem, acabo de receber um telefonema de minha advogada e posso lhes assegurar que estou no escuro tanto quanto qualquer outra pessoa acerca daquele dinheiro que apareceu nas contas das crianças.

– É mesmo? – Massey olhou ceticamente para ela. – Você está querendo dizer então que foi por engano que alguém muito recentemente depositou cem mil dólares em contas com os nomes de seus filhos e que são controladas exclusivamente por você? – O que estou dizendo é que não sei o que pensar. Mas vou descobrir, isso eu lhe garanto.

– A oportunidade em que foi feito o depósito, como você pode compreender, nos deixou profundamente preocupados.

– Não tanto quanto eu. É a minha reputação que está em jogo.

– Na verdade, é com a reputação do Bureau que estamos preocupados – ressaltou Fisher bruscamente.

Reynolds dirigiu-lhe um olhar glacial e voltou sua atenção a Massey.

– Não sei o que está acontecendo. Sinta-se livre para investigar; não tenho nada a esconder.

Massey deu uma olhada numa pasta que tinha à sua frente.

– Tem certeza absoluta disso? Reynolds olhou para a tal pasta. Tratava-se de uma clássica técnica de interrogatório, que ela própria usara muitas vezes.

Usa-se o blefe de sugerir ao interrogado que você tem evidências incriminadoras que o pegarão numa mentira, na esperança dele ceder. A única coisa é que ela não sabia se Massey estava blefando ou não. De repente soube o que era estar do outro lado num interrogatório. Nada divertido.

– Tenho certeza absoluta de quê? – perguntou ela, ganhando tempo.

– De que não tem nada a esconder.

– Eu realmente me sinto ressentida com essa sua pergunta, senhor.

Ele bateu na pasta com o dedo indicador.

– Sabe o que me deixou profundamente aflito com a morte de Ken Newman? O fato de que na noite em que ele foi assassinado tinha substituído você. Seguindo suas instruções.

Não fosse por essa ordem sua, ele ainda estaria vivo hoje. Ou não? O rosto de Reynolds ficou vermelho e ela se levantou, muito alta diante de Massey.

– Está me acusando de estar envolvida na morte de Ken? – Por favor, sente-se, agente Reynolds.

– Está? – Estou dizendo que a coincidência, se é que existe uma, me preocupou.

– Foi uma coincidência, já que eu não sabia que havia alguém esperando lá para matá-lo.

Se ainda se lembra do que houve, apareci quase a tempo de impedir o que houve.

– Quase a tempo. Foi conveniente. Quase como um álibi. Uma coincidência ou um timing perfeito? Talvez perfeito demais? O olhar que Massey lhe dirigiu queimou-a.

– Eu estava trabalhando em outro caso e terminei antes do que imaginara. Howard Constantynople pode corroborar isso.

– Ah, nós planejamos falar com Connie. Você e ele são amigos, não são? – Somos colegas profissionais.

– Tenho certeza de que ele não vai querer dizer alguma coisa que a prejudique de alguma maneira.

– Tenho certeza de que ele dirá a verdade, caso lhe perguntarem.

– Então você está querendo dizer que não há conexão entre a morte de Ken Newman e o aparecimento de dinheiro na sua conta.

– Deixe-me colocar de uma maneira um pouco mais forte do que essa. Estou dizendo que é tudo mentira! Se eu fosse culpada, por que eu haveria de querer que alguém pusesse cem mil na minha conta justo quando Ken morresse? Não acham que seria um pouco óbvio? – Mas na verdade não foi bem na sua conta, não é mesmo? Foi nas contas que estavam nos nomes de seus filhos. E, de acordo com os seus registros pessoais, você não está prevista para a verificação de cinco anos do Bureau senão daqui a dois anos. Duvido que o dinheiro estivesse na sua conta nessa época e tenho certeza de que você teria uma boa resposta caso alguém descobrisse a existência desses cem mil dólares. O ponto é, que se o advogado de seu marido não tivesse investigado e descoberto, ninguém teria sabido. Isso dificilmente se qualifica como óbvio.

– OK, se o dinheiro não foi depositado por engano, então há alguém querendo me pegar numa armadilha.

– E quem exatamente poderia ser essa pessoa? – A pessoa que matou Ken e que tentou matar Faith Lockhart. Talvez tenha medo de que eu esteja chegando perto demais.

– Então Danny Buchanan está tentando montar uma armadilha para pegá-la. É isso o que você está dizendo? Reynolds olhou para o advogado do Bureau e o representante da Corregedoria.

– Vocês têm autorização para ouvir isso? – Sua investigação assumiu uma posição secundária face às acusações mais recentes – disse Fisher.

Reynolds o fulminou com um olhar de ódio.

– Acusações! Não passa de lixo sem a menor substância! Massey abriu a pasta.

– Você está dizendo então que sua investigação privada das finanças de Ken Newman é lixo? com esta, Reynolds se imobilizou e depois sentou-se abruptamente. Comprimiu as palmas suadas das mãos contra a mesa e tentou controlar suas emoções. Seu temperamento não estava lhe fazendo o menor bem. Estava se metendo diretamente nas mãos deles. Na verdade, Fisher e Massey trocaram o que ela viu como sendo olhares de satisfação com a sua angústia evidente.

– Nós conversamos com Anne Newman. Ela nos contou tudo o que você fez – disse Fisher. – Não posso nem começar a relacionar o número de regras do Bureau que você violou.

– Eu estava tentando proteger Ken e sua família.

– Oh, faça-me o favor! – exclamou Fisher.

– É verdade! Eu ia procurar a POR depois do funeral.

– Seria muita consideração da sua parte – disse Fisher, sarcasticamente.

– Por que você não vai para o inferno, Paul? – Agente Reynolds, utilize uma linguagem civil – ordenou Massey.

Reynolds sentou-se e esfregou a testa.

– Posso perguntar como foi que descobriram o que eu estava fazendo? Foi Anne Newman quem os procurou? – Se não se incomoda, nós fazemos as perguntas. Massey inclinou-se para a frente e fez uma pirâmide com os dedos.

– O que foi exatamente que você encontrou no cofre de aluguel? – Dinheiro vivo. Muita coisa. Milhares de dólares.

– E os registros financeiros de Newman? – Muita renda inexplicada.

– Também conversamos com a agência do banco que você visitou. Você disse para que não permitissem o acesso ao cofre a ninguém, exceto você mesma. E disse para Anne Newman não comentar nada com ninguém, inclusive com quem fosse do Bureau.

– Eu não queria ninguém mexendo naquele dinheiro. Era uma prova material. E eu disse a Anne para ficar quieta até que eu tivesse uma chance de investigar mais. Era para a proteção dela. Até que eu descobrisse o que havia por trás daquilo.

– Ou você queria tempo para se apossar do dinheiro? com Ken morto e Anne Newman aparentemente sem ter ciência do cofre alugado pelo marido, você seria a única pessoa a saber que o dinheiro estava ali.

Massey encarou-a diretamente; seus olhos minúsculos pareciam duas balas disparadas contra ela.

Fisher intrometeu-se.

– É curioso que quando Newman morre você tem acesso a um cofre com milhares de dólares que ele tinha alugado sob um nome falso e, mais ou menos ao mesmo tempo, duas contas controladas por você aparecem com um depósito de cem mil dólares.

– Se está tentando dizer que fiz matarem Ken por causa do dinheiro no cofre, está completamente louco. Anne me telefonou e pediu minha ajuda. Eu nunca soube que Ken tinha um cofre alugado em um banco até a hora em que ela me contou. E não tinha ideia do que havia no cofre até que ela me falou. Não fazia a menor ideia do que havia no cofre senão depois de Ken estar morto.

– É o que você diz – disse Fisher.

– É o que eu sei – replicou Reynolds, irada. Ela olhou para Massey. – Estou sendo formalmente acusada de alguma coisa? Massey recostou-se e pôs as mãos atrás da cabeça.

– Você deve perceber como tudo isso tem um péssimo, mas péssimo mesmo, aspecto. Se estivesse sentada na minha cadeira, a que conclusões chegaria? – Posso entender as suas suspeitas. Mas se me der uma chance – Massey fechou a pasta e levantou-se.

– Está suspensa, agente Reynolds, a partir deste instante. Reynolds ficou atônita.

– Suspensa? Mas se nem fui formalmente acusada! Vocês não têm qualquer evidência específica de que fiz algo errado. E mesmo assim me suspendem? – Devia agradecer por não ser pior – disse Fisher.

– Fred – disse Reynolds, meio levantando de sua cadeira posso entender que você me tire desta missão. Pode me transferir para qualquer lugar enquanto você investiga.

Mas não me suspenda. Todo mundo no Bureau vai presumir que sou culpada. Não é justo.

O rosto de Massey não abrandou nem um pouco.

– Por favor, entregue suas credenciais e arma ao agente Fisher. Você não deve retornar ao seu escritório. E não deve se afastar da área por qualquer razão.

O sangue desapareceu do rosto de Reynolds, e ela se recostou na cadeira.

Massey dirigiu-se para a porta.

– Suas ações altamente suspeitas, associadas à morte de um agente, e relatos de pessoas desconhecidas personificando agentes do FBI não me deixam a alternativa de meramente transferi-la, Reynolds. Se você for inocente como alega, será reintegrada sem perda no pagamento, antiguidade ou responsabilidade. E eu providenciarei que não haja dano permanente à sua reputação. Se for culpada, bem, sabe melhor do que a maioria aquilo que a espera.

Massey saiu e fechou a porta.

Reynolds levantou-se para sair, mas Fisher bloqueou seu caminho.

– Credenciais e arma. Agora.

Reynolds cumpriu o determinado, sentindo-se como se estivesse entregando um de seus filhos. Reparou nas feições triunfantes de Fisher.

– Puxa, Paul, tente disfarçar para não parecer tão satisfeito. Assim não vai ficar com tamanha cara de bobo quando eu voltar às minhas funções.

– Voltar? Vai ter muita sorte se não tiver sido presa antes do fim do dia. Mas nós queremos que este caso seja mantido sob sigilo. E se está pensando em fugir, estaremos de olho. Por isso, é melhor nem tentar.

– Eu nem sonharia. Quero estar aqui para ver a sua cara quando eu vier buscar minha arma e meu crachá. Não se preocupe. Não vou pedir para você beijar meu rabo.

Reynolds pegou o corredor e saiu do edifício, sentindo-se como se cada par de olhos do Bureau estivesse fixo nela.

Capítulo 37

LEE SE LEVANTOU ANTES DE FAITH, TOMOU UMA DUCHA, TROCOU DE roupa e ficou por algum tempo de pé junto da cama, observando-a dormir. Por uns poucos segundos permitiu-se esquecer tudo, exceto a noite maravilhosa que tinham passado juntos. Sabia que aquilo tinha mudado sua vida para sempre e este pensamento o deixou apavorado.

Desceu a escada, movendo-se um tanto lentamente. Partes de seu corpo que não doíam havia muito tempo estavam doendo. E não era só da dança. Foi até a cozinha e fez café. Enquanto a água fervia, pensou na noite anterior. Lee assumira um compromisso muito forte com Faith Lockhart. Talvez um sentimento antiquado para algumas pessoas, mas dormir com uma mulher significava a existência de sentimentos profundos, pelo menos no que dizia respeito a Lee.

Serviu-se de uma xícara de café e saiu para sentar no deque da cozinha. A manhã já ia tarde e o dia ensolarado estava quente, mas a distância dava para ver um tapete de nuvens escuras se aproximando. À frente da tempestade vinha um bimotor com mais uma carga de passageiros. Faith lhe dissera que durante os meses de verão, os aviões chegavam a fazer mais de dez viagens por dia. Agora, na baixa estação, a coisa não passava de três vezes: de manhã, ao meio-dia e ao cair da noite. Até agora nenhum dos passageiros ficara na rua deles, o que Lee considerava ótimo.

Enquanto bebia seu café, Lee concluiu que realmente tinha fortes sentimentos por Faith, muito embora só a conhecesse houvesse poucos dias. Coisas mais estranhas já tinham acontecido, achava ele. E o relacionamento deles certamente começara alicerçado no mais instável dos terrenos. Depois de tudo pelo que ela lhe fizera passar, Lee sabia que estaria mais justificado se a odiasse. E depois do que lhe tinha feito na noite passada, bêbado ou não, ela teria todo o direito de abominá-lo. Ele amava Faith Lockhart? O que sabia era que naquele momento não queria estar longe dela. Queria protegê-la. Queria abraçá-la, passar com ela cada minuto, fazer sexo com ela com tanta energia quanto seu corpo aguentasse. Isso seria amor? Por outro lado, ela participara de um esquema de corrupção envolvendo funcionários públicos e era procurada pelo FBI, entre outros. Sim, ele pensou com um suspiro.

As coisas tinham ficado bastante complicadas. Pouco antes deles levantarem voo para Deus sabia onde. Não era como se pudessem entrar numa igreja ou mesmo num juiz de paz e se casarem. É isso mesmo, padre, nós somos o casal fugitivo. Pode fazer o favor de andar bem depressa? Lee rolou os olhos para cima e deu um tapa na testa. Casamento! Meu Deus, ele estava biruta? Talvez o caso dela fosse aventuras de uma noite, embora tudo que tinha observado nela agisse em sentido contrário a esta conclusão. Ela o amava? Talvez estivesse meio impressionada com ele, no seu papel de protetor. A noite passada podia ser explicada pelo álcool, pela adrenalina representada pelo perigo que os envolvia ou talvez simplesmente desejo. E ele não ia lhe perguntar como se sentia.

Faith já tinha muitos problemas para resolver.

Concentrou-se no futuro imediato. Ir na Honda até San Diego seria o melhor plano? Primeiro México e depois América do Sul? Sentiu uma pontada de culpa quando pensou na família que estaria deixando para trás. Depois pensou em outra coisa: sua reputação, o que sua família ia pensar. Fugir era como admitir uma certa culpa. E se fossem pegos durante a fuga, quem Creditaria neles? Recostou-se na cadeira e subitamente pensou em uma estratégia completamente diferente. Poucos minutos antes, a fuga Parecia a escolha mais sábia. Faith, compreensivelmente, não queria voltar e ajudar a mandar Buchanan para a prisão. Lee tampouco tinha muito interesse em fazer isso, muito menos depois de saber o motivo pelo qual o homem andara subornando políticos. Na verdade, Danny Buchanan provavelmente devesse ser santificado. Foi neste instante que uma ideia começou a tomar forma na sua cabeça.

Lee entrou de novo na casa e pegou seu telefone celular na mesinha de centro. Ele tinha um desses aparelhos com contratos de muitos minutos, sem cobrança de interurbano ou taxas para roaming, de modo que raramente usava seu telefone fixo. Tinha caixa postal de voz, de texto e identificador de chamada. Era possível, inclusive, ler no visor notícias extraordinárias, ou como estavam indo as suas ações na bolsa, não que ele tivesse alguma.

Quando começara a trabalhar como investigador particular, Lee usava uma máquina de escrever IBM; os telefones de teclado estavam começando a aparecer e as máquinas de fax só funcionavam com papel térmico que enrolava à toa e eram usadas apenas pelas grandes companhias. Isso há menos de quinze anos. Agora ele segurava um centro de comunicações global na palma da mão. Uma mudança assim tão rápida não podia ser saudável. Mesmo assim, quem podia viver agora sem essas malditas coisas? Ele se deitou no sofá e ficou contemplando as lâminas de junco do ventilador de teto que giravam vagarosamente, avaliando os prós e os contras do que estava pensando em fazer. Até que por fim decidiu-se e pegou a carteira no bolso

de trás. Lá estava o pedaço de papel com o número que seu cliente, que agora ele sabia ser Danny Buchanan, tinha lhe dado. O tal que não conseguira descobrir em nome de quem estava. Aí a dúvida o assaltou – e se ele estivesse enganado acerca de Buchanan não estar envolvido na tentativa contra a vida de Faith? Lee levantou-se e pôs-se a andar de um lado para o outro. Quando se aproximou da janela, viu que o quadro continuava como pouco antes: céu azul e o único desastre possível se aproximando na forma das nuvens de chuva. Ainda assim, fora Buchanan quem o contratara. Tecnicamente ainda trabalhava para o homem. Talvez estivesse na hora de fazer um relatório. Disse uma prece silenciosa, pegou o telefone celular e teclou os números que estavam escritos no pedaço de papel.

Capítulo 38

CONNIE NÃO FEZ UMA CARA FELIZ QUANDO PAUL FISHER INCLINOU-SE um pouco para a frente e se dirigiu a ele em tom conspiratório.

– Temos razão para acreditar que ela esteja envolvida, Connie. A despeito do que você nos contou.

Connie fulminou o homem com um olhar. Ele odiava tudo o que dizia respeito a Fisher, desde o cabelo perfeito ao queixo saliente, passando pela postura exageradamente ereta e indo até as calças com vincos perfeitos. Connie estava sentado ali havia meia hora. Já contara a Fisher e Massey sua versão da história e os dois lhe tinham contado a deles. Não iam conseguir chegar a uma posição intermediária.

– Isso é Mentira com M maiúsculo, Paul. Fisher recostou-se e olhou para Massey.

– Você ouviu os fatos, Connie. Como consegue ficar aí sentado defendendo-a? – Porque eu sei que ela é inocente, que tal? – Você tem fatos que comprovem isso, Connie? – quis saber Massey.

– O que eu fiz aqui foi só contar fatos, Fred. Tíhamos uma pista quentíssima na Agricultura sobre outro caso. Brooke nem mesmo queria que Ken fosse com Lockhart naquela noite. Ela queria ir.

– Ou assim ela lhe disse – replicou Massey.

– Olha, tenho vinte e cinco anos de experiência que me asseguram que Brooke Reynolds não pode ser mais inocente.

– Ela investigou as finanças de Ken Newman sem contar a ninguém.

– Deixa disso, não é a primeira vez que um agente age sem seguir o manual. Seguiu uma pista quente, só que não queria enterrar a reputação de Ken juntamente com o corpo dele. Não até que ela tivesse certeza.

– E os cem mil dólares nas contas dos filhos? -Plantados.

– Por quem? – Isso é o que precisamos descobrir. Fisher sacudiu a cabeça. Frustrado.

– Vamos ter que segui-la. Cada minuto, até descobirmos o que houve.

Connie inclinou-se um pouco para a frente e fez o melhor que pôde para não esganar Fisher com suas mãos enormes.

– O que você devia estar fazendo, Paul, era seguir as pistas da morte de Ken. E tentar encontrar Faith Lockhart.

– Se você não se incomoda, Connie, nós conduzimos a investigação.

Connie virou-se para Fred Massey.

– Se você quer que sigam a Reynolds, pode deixar por minha conta.

– Você! De jeito nenhum! – protestou Fisher.

– Ouça o que tenho a dizer, Fred – disse Connie, sem tirar os olhos de Massey. – Admito que as coisas pareçam ruins para a Brooke. Mas sei também que o Bureau inteiro não tem uma agente melhor que ela. E não quero ver a carreira de uma boa agente entrar pelo cano porque alguém fez um telefonema errado. Eu mesmo já passei por isso.

Certo, Fred? Massey pareceu ficar intensamente perturbado com as últimas palavras de Connie. Pareceu encolher na cadeira sob o olhar intimidante dele.

– Fred – disse Fisher –, precisamos de uma fonte independente...

Connie interrompeu.

– Eu posso ser independente. Se eu estiver errado, Brooke cai do galho e serei o primeiro a dar a notícia a ela. Mas aposto como ela vai voltar e pegar o crachá e sua arma. Na verdade, eu a vejo dentro de dez anos dirigindo tudo isto aqui.

– Não sei, Connie – começou Massey.

– Acho que alguém me deve esta oportunidade, Fred – disse Connie, falando muito baixo.

– O que é que você acha? Houve um longo momento de silêncio durante o qual Fisher ficou olhando alternadamente para os dois homens.

– Está certo, Connie, você a segue – disse Massey. – E se reporta a mim em intervalos regulares. Exatamente o que vir. Nem mais. Nem menos. Estou contando com você.

Em nome dos velhos tempos.

Connie levantou-se e lançou um olhar vitorioso para Fisher.

– Muito obrigado pelo voto de confiança, cavalheiros. Não os desapontarei.

Fisher acompanhou Connie até o corredor.

– Não sei qual a jogada que você armou lá dentro, mas lembre-se de uma coisa. Sua carreira já tem um uma marca negra, Connie, e não aguenta outra. E qualquer coisa que você conte a Massey, vou querer tomar conhecimento.

Connie imprensou Fisher, muito mais alto que ele, contra a parede.

– Olha aqui, Paul – ele fez uma pausa, ostensivamente para tirar um cisco da camisa de Fisher. – Eu entendo que, tecnicamente, você é meu superior aqui. Mas não confunda isso com a realidade.

– Você está seguindo uma linha perigosa, Connie.

– Gosto de perigo, Paul, é por isto que ingressei no Bureau. É por isto que carrego uma arma. Já matei alguém com a minha. E você? – Você não está fazendo sentido. Está jogando sua carreira fora.

Fisher sentiu a parede nas costas e seu rosto foi ficando vermelho enquanto Connie continuava a pressioná-lo como um carvalho caindo sobre uma cerca de estacas.

– É mesmo? Pois vou fazer um pouco de sentido para você. Alguém está armando uma cilada para pegar Brooke. Agora, quem poderia ser? Só pode ser o informante que temos aqui no Bureau. Alguém quer desacreditá-la, derrubá-la. E se me perguntar Paul, você está se esforçando terrivelmente para fazer exatamente isso.

– Eu? Você está me acusando de ser o informante? – Não estou acusando ninguém de nada. Só estou lembrando a você que até encontrarmos o responsável pelo vazamento, ninguém,

e estou querendo dizer ninguém mesmo, desde o diretor até os caras que lavam os banheiros, está acima de suspeita no meu livrinho.

Connie afastou-se de Fisher.

– Tenha um belo dia, Paul. vou sair para ver se pego uns bandidos.

Fisher acompanhou-o, balançando a cabeça devagarzinho, com alguma coisa parecida com medo nos olhos.

Capítulo 39

O NÚMERO DE TELEFONE QUE LEE DISCOU ERA CONECTADO a um pager, portanto Buchanan saberia no instante em que o telefone tocasse. Quando o pager soou, Buchanan estava em casa arrumando a pasta para uma reunião em uma firma de advocacia do centro da cidade que estava fazendo um serviço gratuito para um dos seus clientes. Ele já tinha desistido de que a droga daquele beeper viesse a tocar um dia. Quando aconteceu, achou que fosse ter um ataque.

O dilema que Buchanan tinha diante de si era evidente. Como checar a mensagem e ligar de volta sem que Thornhill tomasse conhecimento. Foi então que imaginou um plano. Telefonou para seu motorista. Era um homem de Thornhill, claro. Sempre era. Ele o levou de carro para a firma de advocacia.

– vou demorar umas duas horas. Telefono quando terminar – disse ele ao motorista.

Buchanan entrou no edifício. Já estivera ali antes, conhecia bem o traçado das salas. Em vez de se dirigir para o saguão dos elevadores, passou por uma porta nos fundos que também servia de passagem para quem estacionava na garagem. Pegou o elevador, desceu dois andares e saltou. Atravessou o saguão e saiu no nível do estacionamento.

Bem do lado da porta havia um telefone público. Introduziu as moedas e discou o número que permitia que ele verificasse a mensagem. Seu raciocínio era perfeitamente claro: se Thornhill pudesse interceptar um telefonema dado aleatoriamente por uma linha comum, ele era o demônio em pessoa e Buchanan não tinha a menor chance de vencê-lo.

A voz de Lee na mensagem era tensa e ele falou poucas palavras. O fato é que o impacto sobre Buchanan foi enorme. Ele deixara um número. Buchanan discou-o. Um homem atendeu imediatamente.

– Sr. Buchanan? – perguntou Lee.

– Faith está bem? Lee deu um suspiro de alívio. Tinha esperança de que aquela fosse a primeira pergunta do homem. Isto lhe disse muitas coisas. Ainda assim, tinha que tomar cuidado.

– Só para verificar se é mesmo o senhor. O senhor me mandou um pacote com informações. Como foi que mandou e o que havia nele? E quero que responda depressa.

– Mensageiro pessoal. Eu uso uma firma chamada Dash Services. O pacote tinha uma foto de Faith, cinco páginas de informações gerais sobre ela e minha firma, telefone de contato, um sumário das minhas preocupações e o que eu queria que você fizesse. Tinha também cinco mil dólares em dinheiro, em notas de cinquenta e de vinte.

Também telefonei para você três dias antes no seu escritório e deixei uma mensagem na sua secretária eletrônica. Agora, por favor, me diga se Faith está bem.

– Ela está ótima, por ora. Mas temos alguns problemas.

- Sim, nós temos. Para começar, como sei que você é Adams? Lee pensou rapidamente.
- Tenho um anúncio enorme nas Páginas Amarelas, com uma lupa antiga e tudo. Tenho três irmãos. O mais moço trabalha em uma loja de motocicletas ao sul de Alexandria.

Todos o chamam de Scotty, mas seu apelido na escola era Scooter porque ele jogava futebol e corria como uma scooter. Se quiser, pode ligar para ele, verificar e me chamar de volta.

- Não precisa. Estou convencido. O que foi que aconteceu? Por que vocês fugiram? – Bem, você também teria fugido se alguém tivesse tentado matá-lo.
- Conte tudo, sr. Adams, não deixe nada de fora.
- Bem eu sei quem você é, mas não tenho certeza se posso confiar em você. O que pode fazer a este respeito? – Você me diz por que Faith foi ao FBI. Isso eu sei. Depois eu lhe digo contra quem realmente você está lutando. E não sou eu. Quando eu lhe disser de quem se trata, vai preferir que fosse eu.

Lee pensou por um instante na proposta de Buchanan. Ouviu o barulho de Faith se levantando e indo provavelmente para a ducha. Bem, lá vai.

- Ela estava apavorada. Disse que você vinha agindo estranhamente, nervoso. Tentou tratar do assunto mas você não aceitou, chegando inclusive a pedir que deixasse a firma. O que a deixou mais assustada ainda. Ela estava com medo de que as autoridades estivessem dando em cima de você. Procurou o FBI com a ideia de levar você para testemunhar também. Contra as pessoas a quem subornou. Os dois acertariam um acordo e sairiam livres.

- Isso nunca teria funcionado! – Bem, como a própria Faith gosta de me dizer, é fácil acertar depois do caso passado.
- Então ela lhe contou tudo? – Muita coisa. Ela pensou que eu podia ser um dos que estavam querendo matá-la. Mas consegui fazê-la esquecer isso. Assim espero.
- Eu não tinha ideia de que Faith tinha procurado o FBI até que ela desapareceu.
- Não era só o FBI atrás dela. Tem outras pessoas também. Apareceram no aeroporto. E carregavam armamento que só vi em seminário sobre contraterrorismo.
- Patrocinado por quem esse seminário? A pergunta intrigou Lee.
- As questões de contraterrorismo foram apresentadas pelos espiões oficiais. Sabe como é, os caras da CIA.

- Bem, pelo menos você encontrou o inimigo e continuou vivo. Isso é muito bom.
- O que você está dizendo...

O sangue de repente começou a latejar nas têmporas de Lee.

- O senhor está querendo dizer o que penso que está? – Vamos colocar as coisas da seguinte maneira, sr. Adams. Faith não é a única pessoa trabalhando para uma importante agência federal. Só que o envolvimento dela foi voluntário. O meu não.

- Que merda.

– Para ficarmos nesse seu comentário brando, é sim, é uma merda. Onde você está? – Por quê? – Porque preciso me comunicar com você.

- E como vai conseguir fazer isso sem trazer a melhor esquadrão de assassinos do país em cima de nós? Presumo que o senhor esteja sendo vigiado.
- Uma vigilância inacreditável, assombrosa.
- Tudo bem, então não vai querer mesmo nem chegar perto de nós.

– Sr. Adams, a única chance que temos é se trabalharmos juntos. O que não pode ser feito a distância. E tenho que ir procurá-lo, porque não acho que seja inteligente vocês virem para cá.

– Não consegui me convencer.

– Só não irei se não conseguir passá-los para trás.

– Passá-los para trás? Olha, quem está pensando que é, o Houdini reencarnado? Pois bem, deixa eu lhe dizer uma coisa, nem mesmo Houdini conseguiria tapear ao mesmo tempo o FBI e a CIA.

– Não sou nem espião nem mágico. Sou um humilde lobista, mas tenho uma vantagem: conheço esta cidade melhor do que qualquer pessoa. E tenho amigos tanto em altas quanto em baixas posições. Neste exato momento, são igualmente valiosos para mim. Fique tranquilo. Chegarei até vocês sozinho. E aí poderemos ser capazes de sobreviver.

Agora deixa-me falar com a Faith.

– Não estou certo de que seja uma boa ideia, sr. Buchanan.

– É sim.

Lee virou-se e viu Faith de pé na escada, vestindo uma camiseta.

– Está na hora, Lee. Na verdade, já passa da hora. Ele respirou fundo e estendeu o telefone.

– Olá, Danny – disse ela, dentro do telefone.

– Meu Deus, Faith, sinto muito – por tudo isso – a voz de Buchanan falhou no meio da frase.

– Eu devia estar me desculpendo. Dei início a este pesadelo indo ao FBI.

– Bem, temos que terminar isso. Podemos muito bem fazê-lo juntos. Que tal Adams? É capaz? Vamos precisar de alguma ajuda.

Faith deu uma olhada em Lee, que a fitava ansiosamente.

– Na minha abalizada opinião, não temos problema nesta área. Na verdade, provavelmente ele seja o nosso grande trunfo.

– Diga-me onde vocês se encontram, e eu estarei aí tão depressa quanto puder.

Ela disse. E também contou a Buchanan tudo o que ela e Lee sabiam. Quando desligou, olhou para ele. Ele deu de ombros.

– Dava para ver que era a nossa única oportunidade. Ou isso ou passar o resto de nossas vidas fugindo.

Ela sentou no seu colo, dobrou as pernas e encostou a cabeça no peito dele.

– Você fez a coisa certa. Quem quer que esteja envolvido nisso encontrará um forte oponente em Danny.

As esperanças de Lee, contudo, tinham mergulhado verticalmente. A CIA. Assassinos contratados, legiões de pessoas peritas em todos os tipos de coisas sujas: computadores, satélites, operações secretas, pistolas de ar comprimido com balas envenenadas, tudo. Se ele fosse esperto, punha Faith na garupa da Honda e saía correndo como o demônio.

– Vou tomar um banho – disse Faith. – Danny disse que viria assim que pudesse.

– Certo – concordou Lee, um brilho distante nos olhos. Quando Faith subiu a escada, Lee pegou o telefone, olhou para o visor e gelou. Lee Adams nunca tinha ficado mais espantado em toda a sua vida. E com os eventos dos últimos dias, o nível de espanto dele tinha subido muito. O

texto da mensagem que aparecia no visor do telefone era conciso. E mesmo assim por pouco não conseguiu parar o forte coração de Lee Adams. Faith Lockhart por Renee Adams dizia. Havia um número de telefone para ligar. Eles queriam Faith em troca de sua filha.

Capítulo 40

REYNOLDS SENTOU-SE NA SUA SALA DE ESTAR SEGURANDO UMA xícara de chá e com os olhos fixos na lareira cujo fogo ia lentamente apagando. A última vez que se lembrava de estar em casa naquela hora do dia foi na licença-maternidade de David. Seu filho ficou surpreso ao vê-la entrar em casa durante o horário de Rosemary. Ele agora estava cochilando e Rosemary lavava a roupa. Mais um dia normal para eles. Reynolds conservou o olhar fixo nas cinzas do fogo, desejando que alguma coisa, que qualquer coisa em sua vida pudesse ser normal.

Começara a chover com força, o que se ajustava perfeitamente à sua profunda depressão. Suspensa. Sentia-se nua sem a arma e as credenciais. Todos aqueles anos no Bureau, nem uma única falha, e agora a um passo de uma carreira arruinada. O que iria fazer depois? Sem o emprego, seu marido ia tentar ficar com as crianças? Conseguiria detê-lo, se isto acontecesse? Largou a xícara, chutou os sapatos e mergulhou no sofá. As lágrimas começaram a vir fortes e rápidas, e ela cruzou um braço por cima do rosto para absorvê-las um pouco e também para abafar seus soluços. A campainha da porta fez com que se sentasse, enxugasse o rosto e fosse até a porta. Deu uma espiada pelo olho mágico e deu de cara com Howard Constantinople.

Connie parou em frente ao fogo que ele acabara de reavivar, aquecendo as mãos. Envergonhada, Reynolds rapidamente secou os olhos com um lenço de papel. Ele não podia deixar de ter visto seus olhos vermelhos e rosto manchado, ela não tinha dúvida, mas diplomaticamente nada dissera.

– Falaram com você? – perguntou ela.

Connie virou-se e arriou numa poltrona, ao mesmo tempo em que balançava a cabeça afirmativamente.

– E por pouco não fui suspenso também. Por muito pouco não dei um murro em Fisher, aquele bosta assada que finge ser agente.

– Não vá jogar sua carreira no lixo por minha causa, Connie.

– Se eu tivesse surrado o cara, acredite em mim, teria sido por minha causa, e não sua.

Ele cerrou o punho, como se quisesse reforçar seu argumento, e depois olhou para Reynolds.

– O que me deixa louco é que eles acreditam mesmo que, de algum modo, você está envolvida em tudo isso. Eu lhes disse a verdade. Apareceu algo, estávamos trabalhando em outro caso. Você queria ir com a Lockhart por causa do seu relacionamento com ela, mas nós tínhamos um potencial delator na Agricultura com quem tínhamos um compromisso. Falei para eles que você estava preocupadíssima porque não sabia se a coisa certa para Ken fazer era acompanhar Lockhart.

– E?

– E eles nem me ouviram. Já tinham se decidido antes.

– Por causa do dinheiro? Eles falaram sobre o dinheiro? Connie aquiesceu vagarosamente e de repente arqueou o corpo. Para um homem grande como ele, seus movimentos podiam ser rápidos, ágeis.

– Não gosto de bater em você quando está arriada, mas por que diabos foi meter o nariz

nas contas de Newman sem falar com ninguém? Comigo, por exemplo? Você sabe que os detetives trabalham em pares por um monte de razões e lhe garanto que a menor delas não é protegerem-se mutuamente. Agora você não tem ninguém para corroborar porra nenhuma do que diz, exceto Anne Newman. E no que diz respeito a eles, ela não conta.

Reynolds levantou as mãos, palmas para cima.

– Nunca, nem em um milhão de anos, eu pensei que isso fosse acontecer. Estava tentando agir direito por Ken e pela família dele.

– Bem, se estava ganhando por fora, talvez Ken não mereça tanta consideração. E vindo de uma boa amiga dele.

– Nós ainda não sabemos se ele estava realmente envolvido.

– Dinheiro em espécie num cofre de aluguel sob nome falso? É, acho que todo mundo faz isso.

– Connie, como foi que eles souberam que eu estava investigando as finanças de Ken?

Não posso acreditar que Anne tenha comunicado ao Bureau. Foi ela que me pediu ajuda.

– Perguntei a Massey, mas o bicho não abre a boca. Para ele eu também sou o inimigo.

Mesmo assim fuzei um bocado, e acho que eles receberam a informação por telefonema, anônimo, claro. Massey me disse que você estava dizendo que foi uma armação para pegá-la. E quer saber de uma coisa? Acho que você tem razão, mesmo que eles não achem.

A visão de Connie na sua porta tinha sido bem-vinda. O fato dele ainda lhe ser leal significava muito para Reynolds. E ela queria agir corretamente com ele. Logo ele.

– Olha, isto não vai ajudar sua carreira, ser visto comigo, Connie. Tenho certeza de que Fisher tem alguém seguindo você.

– Na verdade, sou eu que estou seguindo você.

– Você está brincando.

– Não, claro que não. Falei com o ADIC. Apelei para meus trunfos. Pelos velhos tempos, disse Massey, concordando comigo. Para o caso de você não saber, Fred Massey foi o sujeito que me pediu para investigar o caso Brownsville um bocado de tempo atrás. Se ele pensa que empatamos o jogo, está louco. Mas não fique animada demais.

Eles sabem que tenho todos os incentivos do mundo para me proteger. E é bom lembrar que se você cair não vão ter que continuar culpando os outros – Connie fez uma pausa. – Agora que estou pensando nisso, vejo que o tal de Massey é mesmo um bosta.

– Você não tem muito respeito pela sua cadeia de comando – Reynolds sorriu. – O que pensa de mim, agente Constantinople? – Acho que você fez uma tremenda cagada e com isso deu ao Bureau de mão beijada um bode expiatório – respondeu Connie na bucha.

O rosto de Reynolds ficou sério.

– Não adoce a pílula, Connie.

– Você quer que eu perca tempo com bobagem? Ou prefere que limpe seu nome? –

Tenho que limpar meu nome. Caso contrário, Connie, perco tudo. Filhos, carreira. Tudo.

Reynolds sentiu que estava tremendo de novo, e respirou fundo diversas vezes para contrabalançar o pânico que sentia. Como uma garota de quinze anos que acaba de descobrir que ficou grávida.

– Mas estou suspensa. Sem credenciais, sem arma. Sem autoridade.

Em resposta, Connie abriu o sobretudo.

– Bem, você tem a mim. Eu tenho credenciais, arma, e embora seja apenas um humilde agente de campo após duas décadas e meia fazendo esta merda, minha autoridade é igual à de todo mundo. Assim sendo, pegue seu casaco e vamos tentar descobrir o paradeiro da Lockhart.

– Lockhart? – Imagino que se a gente conseguir chegar em Faith, os pedaços do quebra-cabeça vão começar a se ajustar. Quanto mais cedo isso acontecer, mais a culpa irá se afastando de você. Conversei com a rapaziada da Unidade de Crimes Violentos. Eles estão apostando as fichas em resultados de laboratório e bobagens desse gênero. E agora o Massey mandou que se esforcem ao máximo em cima da tese de que você é a culpada e, com isso, ao diabo com a Lockhart por ora. Já ouviu falar de alguém ter ido à casa dela procurando pistas? Reynolds fez uma cara de total sofrimento.

– Fomos reativos demais na coisa toda. Ken morto. Lockhart desaparecida. O fiasco no aeroporto. Depois um bando de gente se fazendo passar por agentes do FBI no apartamento de Adams. Nunca realmente tivemos uma chance de tomar as medidas investigativas adequadas.

– Minha ideia é seguir algumas pistas enquanto ainda estão quentes. Como, por exemplo, investigar a família de Adams na área. Tenho a lista de nomes e endereços.

Se ele fugiu com ela, pode ter procurado um deles para conseguir ajuda.

– Você pode se meter em encrenca por causa disso, Connie.

Ele deu de ombros.

– Não seria a primeira vez. Além disso, não temos mais supervisor. Não sei se soube, mas a tal de Brooke Reynolds foi suspensa por ser burra.

Connie e Brooke trocaram sorrisos. Connie prosseguiu.

– Assim sendo, como subcomandante, tenho o direito de investigar um caso em andamento para o qual, por acaso, eu tinha sido designado. Minhas instruções são para encontrar Faith Lockhart, então é o que vamos fazer. Eles não sabem que estou trabalhando nisso com você. Falei com o pessoal da Unidade de Crimes Violentos. Eles sabem o que vou fazer, e, assim, não vamos esbarrar em outra equipe investigando os parentes de Adams.

– Tenho que dizer a Rosemary que posso ter que passar uma noite fora.

– Então vai logo – ele deu uma olhada no relógio. – Acho que a Sydney ainda está na escola. Onde está o menino? – Dormindo.

– Cochiche no ouvido dele que mamãe vai ter que chutar uns traseiros.

Quando Reynolds voltou, foi direto para o armário e pegou a capa. Saiu andando na direção do seu pequeno escritório e parou.

– O que foi? – quis saber Connie. Ela o encarou, ligeiramente embaraçada.

– Eu ia pegar minha arma. A gente custa a se livrar dos velhos hábitos.

– Não se preocupe. Você vai pegar a sua de volta muito breve. Mas tem que me fazer uma promessa. Quando for pegar a arma e as credenciais, leve-me junto. Quero ver a cara deles.

Ela abriu a porta para Connie.

Capítulo 41

BUCHANAN DEU OUTROS TELEFONEMAS DA GARAGEM. DEPOIS SUBIU para a firma de direito e gastou um bom tempo tratando de um assunto importante que, de repente, não

tinha mais o menor significado. Foi levado para casa, a mente trabalhando o tempo todo na formulação do plano contra Robert Thornhill. O fato de haver uma área da sua pessoa que o homem da CIA jamais poderia penetrar ou controlar, a sua mente, era extremamente reconfortante. Buchanan foi recuperando lentamente a confiança. Talvez conseguisse dar a volta por cima.

Destrancou a porta da frente da sua casa e entrou. Largou a pasta em uma cadeira e passou pela biblioteca escurecida. Acendeu a luz para ver sua querida pintura, para que ela lhe desse forças para enfrentar o que o futuro lhe traria. Quando a luz acendeu, Buchanan olhou descrente para a moldura vazia. Adiantou-se um pouco, cambaleando, passou as mãos através da moldura e tocou a parede. Fora roubada. Tinha um excelente sistema de segurança, só que ele não disparara. Voou para o telefone a fim de chamar a polícia. Justo quando pegou o aparelho, ele tocou. Buchanan atendeu.

– Seu carro vai apanhá-lo em dois minutos, senhor. Vai para o escritório? A princípio, a mente de Buchanan não registrou.

– Para o escritório, senhor? – Sim – Buchanan finalmente foi capaz de dizer. Desligou e ficou olhando para onde antes estava a tela.

Primeiro Faith, agora a pintura. Tudo coisa do Thornhill. Está certo, Bob. O primeiro ponto para você. Agora é minha vez.

Subiu a escada, lavou o rosto e trocou de roupa, escolhendo cuidadosamente o que precisava usar. Tinha um sistema de entretenimento no quarto composto de uma TV, um estéreo, um vídeo e um DVD. Era algo relativamente seguro contra ladrões, já que tendo sido montado segundo um projeto especial, era impossível tirar os componentes sem desparafusar inúmeras peças de madeira, um processo que consumia muito tempo. Buchanan não assistia TV ou filmes e, quando queria música, punha um dos seus discos de vinil no velho fonógrafo.

Enfiando a mão na abertura para a fita do aparelho de vídeo, Buchanan pegou seu passaporte, cartão de crédito e identidade, tudo sob outro nome, e um maço fino de notas de cem dólares e colocou tudo num bolso da capa fechado com zíper. Quando desceu, deu uma olhada do lado de fora e viu o carro esperando. Ia deixar que esperasse alguns minutos, só para chatear.

Passados estes minutos, Buchanan pegou a pasta e dirigiu-se para o carro. Assim que entrou o motorista acelerou e saiu.

– Olá, Bob – disse Buchanan, tão calmamente quanto pôde. Thornhill dirigiu o olhar para a pasta.

Buchanan fez um gesto com a cabeça na direção dos vidros escuros do carro.

– vou ao escritório. O FBI está me esperando para pegar minha pasta. A menos que você assuma que eles não tenham ainda grampeado meu telefone a esta altura.

Thornhill fez que sim.

– Você tem todas as características de um bom operativo de campo, Danny.

– Onde está a pintura? – Em um lugar muito seguro, o que é muito mais do que você merece dadas as circunstâncias.

– O que exatamente isso significa? – Significa exatamente Lee Adams, investigador particular. Contratado por você para seguir Faith Lockhart.

Buchanan fingiu ter sido apanhado de surpresa. Quando rapaz, ele tivera lições de representação. Não no cinema, mas no teatro. Para ele, trabalhar como lobista era a segunda

coisa melhor depois de representar.

– Eu não sabia que ela havia procurado o FBI quando contratei o detetive. Só estava preocupado com a sua segurança.

– E por quê? – Acho que você sabe a resposta. Thornhill pareceu ofendido.

– Por que motivo neste mundo de Deus haveria eu de querer fazer mal a Faith Lockhart?

Nem sequer a conheço.

– Você tem que conhecer a pessoa antes de querer destruí-la? A voz de Thornhill tinha um tom irônico.

– Você errou ao fazer aquilo, Danny. A pintura provavelmente lhe será devolvida. Mas, por enquanto, aprenda a viver sem ela.

– Como entrou na minha casa, Thornhill? Eu tenho um sistema de segurança.

Thornhill deu a impressão de que ia rebentar de tanto rir.

– Um sistema de segurança doméstico! Oh, meu Deus.

À custa de muito esforço, Buchanan conseguiu não se atirar em cima dele.

– Você me diverte, Danny, sinceramente que você me diverte. Rodando por aí tentando salvar os destituídos. Não entende? E isso que faz o mundo girar. Ricos e pobres.

Poderosos e sem poder. Sempre teremos essas discrepâncias, enquanto o mundo for mundo. E nada que você faça mudará isso. Do mesmo modo como as pessoas sempre haverão de se odiar, de se trair. Se não fosse pelas más qualidades da humanidade, eu não teria um emprego.

– Eu estava justamente pensando que você bem que podia ter sido psiquiatra – disse Buchanan. – Para tratar dos criminalmente insanos. Você teria muito em comum com seus pacientes.

Thornhill sorriu.

– Foi exatamente assim que cheguei em você, sabe disso. Alguém que tentou ajudar o traiu. Ciumento do seu sucesso, da sua vontade de ser bom, suponho. Ele não chegou a tomar conhecimento do seu esquema, mas despertou minha curiosidade. E quando me concentro na vida de alguém, bem, guardar segredos não é uma boa opção. Grampeei sua casa, seu escritório, grampeei inclusive a sua roupa e descobri uma mina de ouro. Gostamos demais de ouvi-lo.

– Fascinante. Agora me diga onde Faith está.

– Eu estava esperando que você pudesse me dizer.

– O que é que você quer com ela? – Quero que ela venha trabalhar comigo. Há uma competição amigável entre as duas agências, mas comparando o FBI conosco, eu diria que jogamos muito mais limpo com o nosso pessoal. Venho trabalhando neste projeto há muito mais tempo que o Bureau. Não quero que todos os meus esforços sejam em vão.

Buchanan escolheu as palavras cuidadosamente. Sabia que estava correndo grande perigo pessoal.

– O que a Faith pode fazer para você que eu já não tenha feito? – Na minha linha de trabalho, dois é sempre melhor que um.

– Sua matemática inclui o agente do FBI que você matou, Bob? Thornhill tirou o cachimbo da boca.

– Sabe, Danny, seria muito mais sensato da sua parte se se concentrasse no que lhe diz respeito.

– Todas as partes me interessam. Leio os jornais. Você me disse que Faith tinha ido ao FBI. Um agente do FBI é morto trabalhando em um caso secreto. Faith desaparece ao mesmo tempo. Você tem razão. Contratei Lee Adams para descobrir o que estava acontecendo. Não tive notícias dele. Você o matou também? – Sou um funcionário público federal. Não mando matar as pessoas.

– O FBI chegou a Faith de algum modo e você não podia tolerar isso, porque todo o seu plano entraria pelo caso se descobrissem a verdade. E você pensa que eu realmente acreditei que você me deixaria ir embora com um tapinha nas costas pelo trabalho bem-feito? Não sobrevivi tanto tempo neste maldito negócio por ser um maldito idiota.

Thornhill largou o cachimbo em cima da mesa.

– Sobrevivência, um conceito interessante. Você se considera um sobrevivente e, no entanto, vem me fazer todas essas acusações infundadas...

Buchanan inclinou-se para a frente e colocou o rosto bem junto do de Thornhill.

– Eu já esqueci mais a respeito dessa questão da sobrevivência do que você jamais chegou a aprender. Não tenho exércitos de pessoas armadas andando por aí a cumprir minhas ordens enquanto me sento em segurança atrás das paredes de Langley analisando o campo de batalha como se fosse um jogo de xadrez. No minuto em que você entrou na minha vida, fiz planos alternativos que absolutamente o destruirão caso alguma coisa me aconteça. Você alguma vez já pensou que alguém podia ter a metade da sua agilidade? Ou todos os seus sucessos realmente subiram à sua cabeça? Thornhill limitou-se a continuar olhando fixamente para ele, e Buchanan continuou.

– Agora, eu me considero uma espécie de seu parceiro, por mais abominável que seja este pensamento. E eu quero saber se você matou o agente do FBI porque quero saber exatamente o que tenho de fazer para sair deste pesadelo. E quero saber se você também matou Faith e Adams. E se não disser, no minuto em que eu sair deste carro, minha próxima parada será o FBI. E se pensar mesmo que é invencível e tentar me matar enquanto os federais estiverem por lá, vá em frente. Seja como for que eu morra, você cairá comigo.

Buchanan recostou-se para trás e permitiu-se um sorriso.

– Você conhece a velha história do sapo e do escorpião, não conhece? – prosseguiu. – O escorpião precisa atravessar o riacho e diz ao sapo que não o picará se o sapo o levar. O sapo sabe que se o escorpião o picar então ele próprio afundará, e por isso lhe dá a carona. No meio do caminho, o escorpião, num gesto totalmente irracional, pica o sapo. Quando ele está morrendo, grita: "Por que fez isso? Agora você morrerá também." E o escorpião simplesmente responde: "E a minha natureza." Buchanan cumprimentou Thornhill num gesto zombeteiro.

– Olá, senhor Sapo.

Os dois homens ficaram se encarando sem dizer nada durante os dois quilômetros seguintes, até que Thornhill quebrou o silêncio.

– Lockhart precisava ser eliminada. O agente do FBI estava com ela. Por isso tinha que ser eliminado também.

– Mas você errou o tiro em Faith? – com a ajuda do seu detetive particular. Não fosse pela sua asneira, esta crise jamais teria acontecido.

– Nunca me ocorreu que você planejaría matar alguém. Quer dizer então que não tem ideia de onde ela se encontra? – É só uma questão de tempo. Tenho umas coisas em andamento.

E onde quer que haja isca, sempre há esperança.

– Querendo dizer o quê? – Querendo dizer que terminei de falar com você.

Os quinze minutos seguintes decorreram em completo silêncio. O carro entrou na garagem subterrânea embaixo do prédio de Buchanan. Um seda cinzento esperava no nível mais baixo, com o motor funcionando. Antes de Thornhill saltar, agarrou o braço de Buchanan.

– Você afirma que tem capacidade para me destruir se alguma coisa lhe acontecer.

Bem, aqui está o meu lado. Se o seu colega e a sua nova "amiga" estragarem tudo aquilo pelo qual tanto trabalhei, vocês todos serão eliminados. Imediatamente.

Ele removeu a mão.

– Só para nos entendermos bem, sr. Escorpião – acrescentou, zombeteiramente.

Um minuto depois o seda cinzento saía da garagem, já com Thornhill no telefone.

– Buchanan não deve ser deixado sem vigilância nem por um segundo.

Desligou e começou a pensar em como atacar aquele novo desenvolvimento dos acontecimentos.

Capítulo 42

– AQUI É O ÚLTIMO LUGAR – DISSE CONNIE QUANDO ENCOSTARAM O seda do lado da loja de motos.

Eles saltaram e Reynolds olhou em torno.

– O irmão mais moço dele? Connie balançou a cabeça enquanto checava a lista.

– Scott Adams. É o gerente.

– Esperamos que seja mais solícito que os demais. Tinham coberto todos os parentes de Lee na área. Nenhum o vira ou tivera notícias dele na semana anterior. Ou, pelo menos, foi o que disseram. Scott Adams talvez fosse sua última chance. Só que, quando entraram, disseram que tinha saído da cidade para o casamento de um amigo e que só voltaria em dois dias. Connie mostrou seu cartão ao rapaz que o atendeu.

– Diga para me telefonar quando voltar.

Rick, o vendedor que tinha dado descaradamente em cima de Faith, deu uma olhada no cartão.

– Isso tem a ver com o irmão dele? Connie e Reynolds se viraram para ele.

– Você conhece Lee Adams? – perguntou ela.

– Não posso dizer que conheço. Não sabe meu nome nem nada. Mas passou aqui dias atrás. Dois dias, para ser exato.

Os dois agentes examinaram Rick de alto a baixo, avaliando sua credibilidade.

– Estava sozinho? – indagou Reynolds.

– Não, com uma garota.

Reynolds puxou uma foto de Lockhart e passou-a para ele.

– Imagine o cabelo curto, e não longo, e preto, não castanho. Rick balançou a cabeça enquanto examinava o retrato.

– Sim, é ela mesmo. E o cabelo dele estava diferente também. Curto e louro. Barba e bigode também. Sou muito bom nessa coisa de reparar em detalhes.

Reynolds e Connie se entreolharam, esforçando-se ao máximo para ocultar sua

excitação.

- Alguma ideia de para onde possam ter ido? – perguntou Connie.
- Talvez. Mas sei com certeza o motivo pelo qual vieram aqui.
- É mesmo? E qual foi? – Precisavam de rodas. Levaram uma moto. Uma das Gold

Wings.

- Gold Wing? – repetiu Reynolds.
- Isso – Rick pegou um folheto numa pilha que estava em cima do balcão e virou-a para que Reynolds pudesse vê-la. – Esta aqui: Honda Gold Wing SE. Se a pessoa vai fazer uma viagem longa, nada ganha desta coisinha aqui. Podem apostar.

- E você diz que Adams levou uma. Tem cor, número da placa? – Posso procurar a placa. A cor é a mesma do folheto. A dele era de demonstração. Scotty deixou que levasse.

- Você disse que talvez tivesse uma ideia do destino deles – instou Reynolds.

- O que é que vocês querem com Lee? – Queremos bater um papo com ele. E com a moça que está com ele – respondeu ela amigavelmente.

- Eles fizeram alguma coisa de errado? – Não vamos saber enquanto não falarmos com eles – respondeu Connie, dando um passo em frente. – É uma investigação do FBI em andamento. Você é amigo deles ou algo semelhante? Rick empalideceu com a sugestão.

- Não. Não, aquela garota é má notícia. Chave de cadeia. Quando Lee estava na loja, sai até o estacionamento das motos a venda e tentei ajudá-la. Profissionalização, cara, pode crer, mas ela veio com quatro pedras. E o tal de Lee é a mesma coisa. Quando voltou abriu o verbo, o cara, Na verdade, por muito pouco não lhe meti o pé no rabo.

Connie avaliou Rick, muito magrinho e se lembrou do físico imponente de Lee Adams tal como aparecia na fita da segurança.

- Chutar o rabo dele? Pra valer? Rick caiu na defensiva.

- Tem um pouco mais de peso que eu, mas é coroa. E eu faço tae kwon do.

Reynolds estudou Rick detidamente.

- Você está dizendo então que Lee Adams esteve dentro da loja por algum tempo, e a mulher ficou no estacionamento sozinha? – É isso aí.

Reynolds e Connie trocaram um rápido olhar.

- Se você tem informação sobre o local para onde eles foram, o Bureau ficaria muitíssimo agradecido – disse Reynolds, ficando impaciente. – Além do número da placa da moto. Tipo pra já, se você não se importa. Estamos meio com pressa.

- Tudo bem, tudo bem. Lee levou um mapa da Carolina do Norte. Nós vendemos mapas aqui, mas Scotty não cobrou nada. Isso foi o que a Shirley, que é a garota que geralmente trabalha no caixa, disse.

- Ela está aí? – Não. Doente. O caixa está comigo.

- Posso arranjar um desses mapas da Carolina do Norte? perguntou Reynolds. Rick pegou um e deu para ela.

- Quanto é? Rick sorriu.

- Ei, é por conta da casa. Só estou sendo um bom cidadão. Sabe, ando pensando em entrar para o FBI.

- Bem, sempre podemos usar um bom homem – disse Connie, com uma expressão vazia, o olhar de lado.

Rick viu o número da placa de demonstração e deu para Connie.

– Vê se me contam o que acontecer – disse, quando os dois agentes se viraram para ir embora.

– Você será o primeiro a saber – exclamou Connie, virando-se para trás.

Novamente no carro, Reynolds olhou para o seu parceiro.

– Bem, Lockhart não está sendo levada por Adams contra a vontade. Ela ficou do lado de fora da loja sozinha. Podia ter dado o fora.

– Parece que eles estão formando uma equipe. Pelo menos por ora.

– Carolina do Norte – murmurou Reynolds, mais como se estivesse falando sozinha.

– Estado grande – retrucou Connie.

Reynolds virou-se com uma expressão irônica no olhar.

– Bem, vamos ver se a gente consegue torná-lo um pouco menor. No aeroporto Lockhart comprou duas passagens para Norfolk

– Então por que o mapa para a Carolina do Norte? – Não podiam ir de avião, claro. Nós os estaríamos esperando em Norfolk. Adams pelo menos parecia saber disso. Provavelmente sabe que nós temos um acordo de informações com as companhias aéreas e que foi assim que escoramos Lockhart no aeroporto.

– Lockhart ferrou tudo usando seu nome verdadeiro para o segundo bilhete. Mas provavelmente era só o que podia fazer, a menos que tivesse uma terceira identidade falsa – acrescentou Connie.

– Assim, nada de avião. Impossível usar o cartão de crédito, o que torna impossível também alugar um carro. Adams imagina que temos os terminais rodoviários e ferroviários cobertos. Assim, consegue uma Honda com o irmão e um mapa para o verdadeiro destino deles: Carolina do Norte.

– Quer dizer então que quando pensaram em ir para Norfolk de avião, ou estavam pensando em ir de carro ou em pegar outro avião que os levasse a um ponto qualquer da Carolina.

Reynolds sacudiu a cabeça.

– Mas isso não faz sentido. Se eles estavam indo para a Carolina do Norte, por que não tomar simplesmente um avião para lá? Há milhões de voos para Raleigh e Charlotte saindo do aeroporto nacional. Por que Norfolk? – Bem, talvez você queira passar por Norfolk se não estivesse indo para Charlotte ou Raleigh nem a qualquer lugar próximo – arriscou Connie – mas ainda assim queria ir para algum ponto da Carolina do Norte.

– Mas por que não ir através de um dos dois maiores aeroportos? – Bem, e se Norfolk for mais perto do destino real deles do que Charlotte ou Raleigh? Reynolds pensou por um instante.

– Raleigh fica mais ou menos no meio do estado. Charlotte é no interior, a oeste.

Connie estalou os dedos.

– Leste! O litoral! As ilhas Outer Banks? Reynolds assentiu quase que involuntariamente.

– Talvez. Existem lá milhares de casas de praia onde seria possível se esconder.

Connie de repente pareceu menos esperançoso.

– Milhares de casas de praia – resmungou.

– Bem, a primeira coisa a fazer é telefonar para a ligação do Bureau com as companhias aéreas e descobrir que voos saem de Norfolk para a região de Outer Banks.

E nós temos alguns horários com os quais trabalhar. O voo deles tinha previsão de chegada em Norfolk ao meio-dia. Não os vejo querendo descansar mais que o necessário num lugar público, de modo que o segundo voo deveria sair relativamente perto do meio-dia. Talvez exista um serviço regular de uma companhia local. Já checamos com as companhias maiores. Os dois não tinham feito reserva em nenhuma delas.

Connie pegou o telefone do carro e fez a ligação. Não demorou muito até que viesse a resposta.

As feições de Connie ficaram esperançosas de novo.

– Você não vai acreditar, mas só há um serviço para Outer Banks saindo do Norfolk International.

Reynolds sorriu alegremente e sacudiu a cabeça.

– Até que enfim um pouco de sorte neste maldito caso. Fala.

– Tarheel Airways. Voam de Norfolk para cinco lugares nas ilhas: Kill Devil Hills, Manteo, Ocracoke, Hatteras e um lugar chamado Pine Island, perto de Duck. Não há partidas regulares. Você telefona e o avião fica esperando.

Reynolds abriu o mapa e examinou-o.

– OK, aqui estão Hatteras e Ocracoke. Ficam no extremo sul.

Ela pôs um dedo no mapa.

– Kill Devil fica aqui, no norte. Manteo é logo ao Sul de Kill Devil. E Duck fica aqui, bem ao norte.

Connie olhou para onde estava apontando.

– Estive lá de férias. Você atravessa a ponte sobre o estreito e segue para o norte se for para Duck. Para o sul, se seu destino for Kill Devil. São mais ou menos equidistantes a partir deste ponto.

– Então, o que é que você acha? Norte ou sul?

– Bem, se eles estavam indo para a Carolina do Norte, provavelmente era por indicação de Lockhart.

Reynolds olhou para o parceiro, curiosa.

– Porque foi Adams quem pegou o mapa – explicou Connie. – Se conhecesse a área não teria feito isso.

– Excelente, Sherlock, o que mais?

– Bem, Lockhart tem muito dinheiro. Basta um olhar em sua casa em McLean para se saber. Se eu fosse ela, teria uma casa segura sob nome falso para o caso do teto desabar.

– Mas ainda estamos com o mesmo problema – sul ou norte?

Eles ficaram algum tempo em silêncio pensando nisso até que Reynolds subitamente deu um tapa na testa.

– Meu Deus, que burrice! Connie, se você tiver que ligar para a Tarheel Airways de novo a fim de arranjar um voo, nossa resposta está lá.

Connie arregalou os olhos. – Droga, e ainda falam dos cegos.

Ele pegou o telefone, conseguiu o número para a empresa aérea Tarheel e discou, dando a data e a hora aproximada do voo e o nome de Suzanne Blake.

Olhou para Reynolds depois de desligar.

– Uma reserva para duas pessoas com a Tarheel foi feita pela nossa srta. Blake dois dias

atrás, para sair de Norfolk por volta das duas da tarde. Ficaram furiosos porque ela não apareceu. Normalmente pedem o cartão de crédito, mas ela já tinha voado com eles antes, de modo que aceitaram sua palavra.

– E o destino era?

– Pine Island.

Reynolds não conseguiu conter um sorriso.

– Meu Deus, Connie, nós praticamente acertamos na mosca.

Connie engrenou o carro.

– A única coisa ruim é que não tenho grande confiança nos aviões do Bureau. Estamos presos aqui com o velho Crown Vic. Imagino seis horas, mais ou menos, sem contar as paradas. Checou o relógio.

– Com as paradas, nos deixam lá por volta de uma da manhã.

– Não tenho permissão para deixar a área.

– Regra Número Um do Bureau: você pode ir a qualquer lugar desde que esteja ao lado do seu guardião.

Reynolds parecia nervosa.

– O que você acha de chamar reforços?

Ele dirigiu-lhe um olhar inquisidor.

– Bem, acho que podíamos chamar Massey e Fisher e deixar que fiquem com o crédito.

Reynolds subitamente sorriu.

– Me dá um minuto para ligar para casa e depois a gente manda ver.

Capítulo 43

CUSTOU A LEE UM NÚMERO INTERMINÁVEL DE HORAS ANGUSTIANTES, mas finalmente conseguiu encontrar Renee. A mãe recusou-se terminantemente a lhe dar o número do telefone dela na escola, mas depois de uma série de ligações para a seção de admissões, entre outras, em que Lee mentira, suplicara e ameaçara, o número acabou sendo informado.

Combinava. Não telefonava para a filha havia muito tempo, e tinha que ser logo para uma coisa dessas. Puxa vida, ela ia adorar seu velho mais do que nunca.

A companheira de quarto de Renee jurou pela mãe morta que Renee saíra para assistir aula acompanhada por dois membros do time de futebol da Universidade, um dos quais ela estava namorando. Depois de dizer à jovem quem era e deixar um número para Renee ligar, Lee desligara e em seguida conseguiu o número do telefone da polícia do Condado de Albermale. Conseguiu falar com uma auxiliar do xerife e disse a ela que alguém havia feito ameaças contra Renee Adams, uma aluna da UVA. Se poderiam fazer o favor de mandar alguém verificar. A mulher fez perguntas que Lee não era capaz de responder, querendo inclusive saber quem diabos era. Sua vontade foi de mandar que consultasse a última lista dos mais procurados. Morto de preocupação, esforçou-se ao máximo para impressioná-la com a sinceridade de suas palavras. Quando desligou, fixou o olhar mais uma vez na mensagem digital: "Renee por Faith", murmurou lentamente.

– O quê?

Virou-se, sobressaltado e deu com Faith na escada, os olhos arregalados, a boca aberta.

– Lee, o que é?

Lee estava sem ideias no momento para responder falando. Limitou-se a levantar o celular para que Faith lesse a mensagem, seu rosto angustiado, um desastre.

Ela leu a mensagem e virou-se para ele.

– Temos que chamar a polícia.

– Ela está bem. Acabo de falar com sua colega de quarto. E eu telefonei para a polícia. Alguém está soprando fumaça para cima de nós. Tentando nos assustar.

– Você está falando sem saber.

– Você tem razão, não sei mesmo – concordou, angustiado.

– Vai ligar para esse número que deixaram?

– Provavelmente é o que querem que eu faça.

– Você está querendo dizer que estão querendo rastrear sua ligação? É possível rastrear um celular?

– É possível, quando se dispõe do equipamento adequado. As companhias telefônicas são obrigadas a fazer isso para localizar uma pessoa que tenha ligado para a emergência.

Usa um método que calcula a diferença da chegada do sinal medindo as distâncias entre as antenas de cada célula e chega a uma série de possíveis localizações...

Merda, a cabeça da minha filha pode estar na guilhotina e eu aqui parecendo uma revista científica ambulante.

– Mas não conseguem chegar a uma localização exata.

– Não, pelo menos eu acho que não. Não é um troço preciso como o levantamento por satélite, quanto a isso tenho certeza. Mas quem diabos pode ter certeza? Tem um maluco inventando a cada segundo uma engenhoca destinada a roubar mais um pouquinho de nossa privacidade. Eu sei, minha ex-mulher se casou com um cara desses.

– Você devia ligar, Lee.

– E que diabos vou dizer? Eles querem trocar você por ela. Ela pôs uma das mãos sobre seu ombro, esfregou o pescoço dele e encostou-se no seu corpo.

– Ligue para eles. Depois a gente vê o que faz. Nada vai acontecer à sua filha.

Lee olhou para Faith.

– Você não pode garantir isso.

– Mas posso garantir que farei tudo o que puder para que ela não se machuque.

– Inclusive se entregando a eles?

– Se for necessário, sim. Não vou deixar que uma pessoa inocente se prejudique por minha causa.

Lee atirou-se para trás no sofá.

– Eu deveria ser bom sob pressão e não estou conseguindo nem pensar direito.

– Telefone para eles – disse Faith, com muita firmeza. Lee respirou fundo e teclou os números. Com Faith sentada ao seu lado e ouvindo, eles esperaram enquanto o telefone tocava uma vez e era atendido.

– Sr. Adams?

Lee não reconheceu a voz. Tinha um timbre metálico, fazendo-o pensar que estava sendo alterada de algum modo. Fosse como fosse, desumana o bastante para fazer a pele de Lee se arrepiar toda de pavor.

– Lee Adams falando.

– Foi muita gentileza deixar o número do seu celular no apartamento. Facilitou muito entrarmos em contato.

– Acabo de verificar a situação de minha filha. Ela está bem. E a polícia está sabendo.

Assim, o seu plano de sequestro...

– Não tenho necessidade de sequestrar a sua filha, sr. Adams.

– Então eu não sei por que estou falando com você.

– Você não precisa sequestrar uma pessoa para matá-la. Sua filha pode ser eliminada hoje, amanhã, mês que vem, ano que vem. Quando estiver indo para a aula, no treino de lacrosse, em viagem de férias, até mesmo quando estiver dormindo. Sua cama fica junto da janela, primeiro andar. Ela costuma ficar até tarde na biblioteca" Não podia ser mais fácil, sinceramente.

– Você é um doente, seu filho-da-mãe! Lee deu a impressão de que ia partir o celular em dois. Faith segurou-lhe os ombros, tentando acalmá-lo. A voz prosseguiu, com a mesma calma irritante.

– Dramas não ajudarão sua filha, sr. Adams. Onde está Faith Lockhart, sr. Adams? É só isso que nós queremos. Entregue-a e todos os seus problemas serão resolvidos.

– E eu devo aceitar isso como se fosse o evangelho?

– Você realmente não tem opção.

– Como é que você sabe que tenho a mulher?

– Quer que sua filha morra?

– Mas a Lockhart fugiu.

– Ótimo, semana que vem pode enterrar Renee.

Faith puxou o braço de Lee e apontou para o telefone.

– Espera, espera! – exclamou Lee.

– OK, OK, eu tenho a Faith, o que é que você propõe?

– Uma reunião.

– Ela não vai querer comparecer voluntariamente.

– Não me interessa como você vai fazer para que ela esteja presente. Isso corre por sua conta. Estaremos esperando.

– E você me deixará ir embora?

– Deixe-a e vá embora. Cuidaremos do resto. Você não nos interessa.

– Onde?

Deram a Lee um endereço fora de Washington, D.C., do lado de Maryland. conhecia bem aquilo: muito isolado.

– Tenho que dirigir. E os tiros estão por toda a parte. Preciso de alguns dias.

– Amanhã. Meia-noite em ponto.

– Droga, isso não é muito tempo.

– Então sugiro que comece já.

– Escuta, se você encostar a mão na minha filha, eu o encontrarei, de um jeito ou de outro. Juro. Primeiro quebrarei cada osso do seu corpo e depois realmente o machucarei.

– Sr. Adams, considere-se o ser humano mais feliz na face da terra por não o vermos como uma ameaça. E faça a si próprio um favor: quando se afastar, não olhe para trás. Você

não vai se transformar em sal, mas não vai ficar nada bonito.

A linha silenciou.

Lee desligou o celular. Por uns minutos ele e Faith ficaram sentados em silêncio.

– E agora, o que é que vamos fazer?

Lee conseguiu finalmente falar.

– Danny disse que viria para cá assim que pudesse.

– Ótimo, só que eu tenho um prazo fatal: amanhã à noite.

– Se Danny não chegar a tempo, iremos até o lugar que eles falaram. Mas primeiro chamamos uns reforços.

– Como o quê, o FBI? Faith fez que sim.

– Faith eu não sei se consigo explicar isso aos federais em um ano, muito menos em um dia.

– É tudo o que temos, Lee. Se Danny chegar a tempo e tiver um plano melhor, a gente adere. Caso contrário, eu ligo para a agente Reynolds. Ela nos ajudará. Farei com que dê certo.

Ela apertou o braço dele.

– Não vai acontecer nada a sua filha. Eu garanto.

Lee pegou a mão de Faith, esperando de todo coração que ela estivesse com a razão.

Capítulo 44

BUCHANAN TINHA MUITAS REUNIÕES EM CAPITOL HILL MARCADAS para o início da noite, em que ia se dirigir a pessoas que não estavam nem um pouco interessadas em receber sua mensagem. Era como arremessar uma bola numa onda.

Ou ela voltava na sua cara ou se perdia no mar. Bem, aquele seria o último dia. Nunca mais.

Seu carro deixou-o perto do Capitol. Subiu os degraus da frente e seguiu para o lado do prédio onde ficava o Senado, galgou a larga escadaria para o segundo andar, que praticamente era todo um espaço de acesso restrito, e continuou para o terceiro andar, onde o trânsito era livre.

Buchanan sabia que agora estava sendo seguido por um efetivo maior. Embora houvesse muitos ternos pretos por ali, percorria aqueles corredores havia tempo suficiente para distinguir quem deveria ser considerado deslocado naquele ambiente. Deviam ser homens do FBI e de Thornhill. Depois do encontro no carro, o Sapo com certeza teria destinado mais recursos a seu caso. Ótimo. Buchanan sorriu. De agora em diante ia se referir ao homem da CIA como o Sapo. Espiões gostam de codinomes. E não era capaz de imaginar outro que fosse mais apropriado a Thornhill. Buchanan só esperava que seu ferrão fosse suficientemente poderoso e que as costas reluzentes e convidativas do Sapo não se mostrassem por demais escorregadias.

A porta era a primeira encontrada por quem chegasse ao terceiro andar e virasse à esquerda. Um homem de meia-idade e de terno estava de pé ao lado dela. Não havia placa de metal para identificar de quem seria aquele escritório. A porta logo ao lado era da sala de Franklin Graham, o chefe da segurança do Senado, principal responsável pela segurança da casa, apoio administrativo e protocolo. Graham era um bom amigo de Buchanan.

– Prazer em vê-lo, Danny – disse o homem de terno.

– Olá, Phil, como vão indo as suas costas? – O doutor disse que vou ter que encarar a

operação.

– Phil, escuta o que vou lhe dizer – não deixe que o cortem. Quando estiver com dor, tome uma bela dose de scotch, cante uma canção com toda a força dos seus pulmões e depois faça amor com a mulher da sua vida.

– Beber, dançar e amar – me parece um bom conselho.

– Que outra coisa você esperaria de um irlandês? Phil deu uma risada.

– Você é um homem bom, Danny Buchanan.

– Sabe por que estou aqui? Phil balançou a cabeça.

– O sr. Graham me falou. Pode entrar.

Destrancou a porta e Buchanan passou. Phil logo em seguida fechou a porta e voltou a montar guarda. Nem notou os dois pares de pessoas que tinham observado o diálogo fingindo desatenção.

Os agentes imaginaram, justificadamente, que podiam esperar Buchanan sair e depois continuar a vigilância. Afinal de contas estavam no terceiro andar. Não era como se o homem pudesse voar.

Uma vez dentro da sala, Buchanan tirou uma capa de chuva do cabide que havia na parede. Por sorte estava garoando na rua. Havia um capacete amarelo em outro cabide.

Pegou o capacete também. Depois tirou da pasta um par de óculos de fundo de garrafa e luvas de trabalho. Pelo menos a distância, com a pasta escondida pela capa, transformou-se de lobista em operário.

Indo para a porta do outro lado da sala, Buchanan removeu a corrente e abriu-a. Subiu a escada e depois abriu uma porta tipo alçapão, que revelou uma escada de mão destinada a continuar a subida. Buchanan pôs os pés nos degraus e deu início à escalada. No topo, abriu outro alçapão e viu-se no telhado do Capitólio.

O sótão era onde os contínuos acessavam o telhado para mudar as bandeiras desfraldadas sobre o Capitólio. A piadinha que corria na casa era que as bandeiras eram trocadas constantemente, algumas ficando desfraldadas apenas por segundos para que os parlamentares pudessem enviar aos seus generosos eleitores nas bases um suprimento contínuo de bandeiras nacionais que haviam sido "desfraldadas" no Capitólio. Buchanan esfregou a testa. Meu Deus, que cidade.

Buchanan deu uma olhada no jardim da frente do Capitólio, lá embaixo. Gente apressada aqui e ali, correndo para reuniões com pessoas de cujo auxílio precisava desesperadamente.

E mesmo com tantos egos, facções, agendas, crises em cima de crises e valores em jogo maiores que nunca na história do mundo, a coisa de algum modo parecia funcionar.

Um enorme formigueiro veio à mente de Buchanan enquanto contemplava a cena. A bem lubrificada máquina da democracia. Pelo menos as formigas visavam a sua sobrevivência.

Mas talvez seja também o nosso caso.

Levantou os olhos para a estátua que representava a liberdade – Lady Liberty – no pedestal que ocupava havia cento e cinquenta anos em cima do domo do Capitólio.

Recentemente fora removida, pendurada por um cabo de aço num helicóptero para que a sujeira acumulada em tanto tempo fosse escrupulosamente lavada. Pena que nossos pecados não possam ser lavados com igual facilidade.

Por um momento de loucura, Buchanan pensou em pular. Até que podia, se o desejo de

vencer Thornhill não fosse tão forte. Por outro lado, seria uma saída covarde e Buchanan podia ser muitas coisas, mas covarde não era uma delas.

Havia uma passarela que atravessava o telhado do Capitólio, e que levaria Buchanan à segunda parte de sua jornada. Ou, mais precisamente, sua fuga. A ala do Capitólio destinada à Câmara dos Deputados tinha uma sala no sótão similar ao do Senado, usado pelos contínuos para a mesma finalidade de hastear e arriar as bandeiras. Buchanan subiu rapidamente a passarela e entrou pelo alçapão do lado da Câmara. Desceu uma escada de mão também igual à outra e na sala do sótão removeu o capacete e as luvas, conservando, no entanto, os óculos. Pegou um chapéu de feltro de aba curta e mole na pasta e enfiou na cabeça. Puxando para cima a gola da capa, respirou fundo, abriu a porta da sala do sótão e saiu. Havia umas pessoas andando apressadamente de um lado para o outro, mas ninguém lhe dirigiu um segundo olhar.

Em mais um minuto tinha deixado o Capitólio pela porta de trás, conhecida apenas de uns poucos veteranos. Um carro o esperava. Meia hora mais tarde estava no aeroporto, onde um avião particular, com os dois motores funcionando, aguardava o único passageiro. Um bom exemplo de como o amigo "bem situado" fazia jus a seu dinheiro.

O aparelho recebeu autorização para levantar voo poucos minutos mais tarde.

Logo Buchanan via, pela janela, a cidade desaparecendo. Quantas vezes apreciara aquela vista do ar?

– Que alívio! – murmurou.

Capítulo 45

THORNHILL ESTAVA INDO PARA CASA APÓS UM DIA MUITO PRODUTIVO. com Adams agora encurralado, em breve teriam Faith Lockhart. O homem podia tentar enganá-los, mas Thornhill achava que não. Percebera medo na voz de Adams. Medo de verdade. Graças a Deus por existirem famílias. Sim, em tudo e por tudo, um dia muito produtivo. Mas o telefonema que chegou justo nessa hora logo ia mudar tudo.

– Sim? A confiança de Thornhill desapareceu quando seu interlocutor participou que, de algum modo, de algum jeito, Danny Buchanan tinha sumido, nada mais nada menos, que do último andar do Capitólio.

– Encontre-o! – Thornhill urrou dentro do telefone antes de desligar com violência. Qual poderia ser o jogo do homem? Teria decidido começar sua fuga um pouco mais cedo? Ou haveria outra razão? Teria dado um jeito de se comunicar com a Lockhart? Muito preocupante. Não era bom para Thornhill que Buchanan e Lockhart trocassem informações. Rememorou o encontro no carro. Buchanan exibira seu temperamento habitual, seus joguinhos de palavras – pura arrogância, na verdade mas, não ser por isso, mostrara-se bastante submisso. O que poderia ter precipitado este último fato? Em sua agitação, Thornhill ficou tamborilando na pasta que tinha no colo. Quando abaixou os olhos para o couro duro, espantou-se. A pasta! A maldita pasta! Ele mesmo tinha fornecido uma delas para Buchanan. Tinha um gravador embutido. A conversa no carro. Thornhill admitindo que tinha mandado matar o agente do FBI. Buchanan o iludira, fazendo-o trair-se e gravando suas palavras. com um gravador fornecido pela CIA! O filho da mãe traidor! Thornhill largou o telefone e arriou o corpo no banco. O estrategista mestre de mais de mil operações clandestinas ficara absolutamente atônito com o que acontecera.

Buchanan podia derrubá-lo de posse daquela gravação. E agora fugira, carregando-a. Mas Buchanan seria abatido também, tinha que ser, não havia como não ser.

Espera aí. O escorpião! O sapo! Agora tudo aquilo fazia sentido. Buchanan ia afundar e levar Thornhill consigo. O homem da CIA afrouxou a gravata, endireitou-se no banco e lutou contra o pânico que sentia invadindo seu corpo.

Não é assim que vai terminar, Robert. Depois de trinta e cinco anos não é assim que vai terminar de jeito nenhum. Calma. Agora você tem é que pensar. Agora é que você vai ganhar seu lugar na história. Esse homem não vai ganhar de você. Lentamente e com regularidade, a respiração de Thornhill retornou ao normal.

Podia ser que Buchanan fosse usar a fita simplesmente como uma espécie de seguro. Por que passar o resto da vida na prisão quando podia calmamente desaparecer? Não, não fazia sentido que levasse a fita às autoridades. Tinha tanto a perder quanto Thornhill e não podia se dar ao luxo de ser tão vingativo. Thornhill teve uma ideia súbita: talvez fosse a pintura, a idiotice daquela pintura. Talvez fosse ela que tivesse dado início a tudo. Nunca deveria ter tirado a maldita coisa de lá. Deixaria imediatamente um recado na secretária eletrônica de Buchanan, dizendo que seu precioso quadro já fora devolvido. Assim pensou, assim fez – Thornhill deixou o recado e providenciou para que o quadro fosse devolvido na casa de Buchanan.

Quando se recostou e contemplou a paisagem pela janela, sua confiança estava restaurada. Tinha um ás escondido na manga – Um bom comandante sempre mantém parte de suas forças em reserva. Deu outro telefonema e recebeu algumas notícias Positivas, uma

informação que acabara de entrar. Seu rosto iluminou-se, as visões do apocalipse foram cedendo. Tudo daria certo, afinal. Os lábios se entreabriram num sorriso. Arrancar a vitória das mandíbulas da derrota podia envelhecer um homem diversas décadas em uma noite ou lhe dar colhões de touro. Ou às vezes ambos.

Em mais alguns minutos Thornhill estava saltando do carro e seguindo pelo caminho da entrada de sua bela casa. Sua mulher, impecavelmente vestida, recebeu-o apertando e deu-lhe um beijinho muito superficial no rosto. Ela acabara de voltar de uma função social do country clube. O que, na verdade, era o que estava sempre fazendo, pensou. Enquanto Thornhill sofria por causa de terroristas que tentavam entrar clandestinamente no país com materiais de fabricar artefatos nucleares, ela assistia a desfiles de moda, onde mulheres jovens e vazias com pernas longas e bustos inflados, ostentavam trajes que nem sequer cobriam seus derrières. Passava os dias salvando o mundo, e sua esposa comia canapés e bebia champanhe de tarde com outras damas possuidoras de recursos consideráveis. Ricos ociosos eram tão idiotas quanto pobres sem estudo – mais sem cérebros que vacas, na verdade. Era a opinião de Thornhill. As vacas pelo menos tinham uma razoável compreensão de que eram escravas.

Sou um funcionário civil mal pago. E se algum dia eu me permitir ficar de guarda baixa, a única coisa que restará dos ricos e poderosos neste país será o eco de seus gritos.

Mal ouviu o palavrório inconsequente da mulher sobre o seu dia ao largar a pasta, preparar um drinque e escapar para o escritório. Fechou a porta. Nunca tinha falado com a mulher sobre o seu dia. Ela depois ia tagarelar a esse respeito no salão de beleza, com seu glorificado cabeleireiro, um tipo conhecido exclusivamente pelo primeiro nome e muito chique, que depois contaria a outra cliente, que deixaria escorregar para uma outra e o mundo parava no dia seguinte. Não, nunca falava de negócios com a mulher. Mas tolerava praticamente tudo o mais, mesmo que risse dos canapés que comia. com efeito! Ironicamente, o pequeno escritório de Thornhill em casa era praticamente igual ao de Buchanan. Nada de placas, homenagens ou souvenirs de sua longa carreira à vista.

Era um espião, afinal de contas. Será que devia agir como os idiotas do FBI e usar camisetas e bonés com as letras CIA em destaque? Ele quase engasgou só de pensar.

Não, sua carreira fora invisível para o público, mas altamente visível para aqueles que interessava. O país era hoje muito melhor por sua causa, mesmo que as pessoas comuns não soubessem. Ótimo.

Procurar o aplauso da multidão ignorante é pecado dos tolos. Fazia o que fazia por orgulho. Orgulho de si próprio, orgulho da devoção que tinha a seu país.

Thornhill lembrou o amado pai, um patriota que carregou seus segredos, seus triunfos, para a tumba. Servir e honrar. Era disso que tudo se tratava.

Em breve, com um pouco de sorte, o filho acrescentaria outro sucesso à sua carreira. Faith seria morta ao reaparecer. E Adams? Bem, ele teria que morrer também.

Claro que Thornhill mentira quando falara com o homem ao telefone. Thornhill sabia perfeitamente que a mentira nada era se não uma arma altamente efetiva da sua profissão. Só era preciso se assegurar que as mentiras no trabalho não interferissem com a vida pessoal. Thornhill sempre fora muito bom nessa coisa de compartimentalização.

E a melhor testemunha disso era sua mulher-de-country-clube. Ele era capaz de dar início a uma operação secreta na América Central pela manhã e jogar – ganhando – uma

partida de bridge no Country Clube do Congresso à noite. Pombas, isso é que era saber separar as coisas! Já na Agência, podiam falar o que quisessem a seu respeito, mas sempre fora bom para com os seus comandados. Tirava-os das situações de que precisassem ser tirados.

Nunca deixara um agente ou um encarregado de caso desamparado, ao sabor dos ventos. Mas também insistia para que persistissem em ação quando tinha certeza de que seriam capazes de obter sucesso. Tinha desenvolvido um instinto incrível para essas coisas e raramente se enganara. Também não se metia em joguinhos políticos quando se tratava de coleta de informações. Jamais dissera aos políticos simplesmente o que eles queriam ouvir, como outros na Agência haviam feito – às vezes com consequências desastrosas. Bem, só podia fazer o que estava a seu alcance. Dentro de dois anos os problemas teriam que ser resolvidos por outro. Deixaria a Agência tão forte quanto fosse possível. Seu presente de despedida. Não precisava de agradecimentos. Servir e honrar. Levantou o copo em homenagem ao falecido pai.

Capítulo 46

– MANTENHA-SE ABAIXADA, FAITH – DISSE LEE AO SE APROXIMAR de uma janela que dava para a rua. Empunhava sua arma e observava um homem saltar de um carro na frente da casa.

– Aquele lá é o Buchanan? – perguntou.

Faith, ansiosa, deu uma espiada por entre as persianas e imediatamente relaxou. – É.

– OK. Atenda a porta da frente. Eu a protejo.

– Eu disse que era o Danny!

– Ótimo, então deixe o Danny entrar. Não vou assumir riscos desnecessários.

Fechando a cara ante a observação dele, Faith foi até a porta da frente e abriu-a.

Buchanan esgueirou-se para dentro de casa e ela fechou e trancou com chave a porta. Os dois trocaram um abraço demorado enquanto Lee observava da escada, a arma totalmente à mostra no cinto em que carregava a munição. Os corpos se sacudiram e lágrimas escorreram pelos rostos de ambos. Lee sentiu uma pontada de ciúme, mas passou logo, quando sentiu que aquele abraço era claramente a troca de sinais de afeição entre um pai e uma filha, a reunião de almas separadas pelas circunstâncias da vida.

– Você deve ser Lee Adams – disse Buchanan estendendo a mão. – Tenho certeza de que está profundamente arrependido de ter aceitado esta missão.

Lee desceu e apertou a mão de Buchanan.

– Nada disso. Até agora tem sido moleza, na verdade estou pensando em me especializar nesta área, até porque ninguém mais seria tão burro a ponto de aceitar coisas assim.

– Agradeço a Deus por você estar lá e proteger Faith.

– Na verdade, estou ficando muito bom nessa coisa de salvar Faith. – Lee e Faith trocaram sorrisos e Lee voltou a encarar Buchanan. – Mas o fato é que estamos com um problema extra. Muito importante, por sinal. Vamos para a cozinha. Pode ser que você queira se esquentar com um drinque.

Sentados à mesa da cozinha, Lee detalhou para Buchanan a ameaça contra sua filha. Buchanan ficou furioso.

– O filho da mãe.

Lee dirigiu-lhe um olhar penetrante.

– Esse filho da mãe tem nome? Eu adoraria saber, para futura referência.

Buchanan sacudiu a cabeça.

– Confie em mim, você não vai querer seguir por esta rota.

– Quem está por trás de tudo isso, Danny? – Faith tocou no braço dele. – Acho que tenho o direito de saber.

Buchanan olhou para Lee.

– Desculpe – disse Lee, erguendo as mãos. – A resposta corre por sua conta.

Buchanan segurou o braço de Faith.

– São pessoas muito poderosas e acontece que trabalham para este país. É só o que posso dizer sem colocá-los mais em perigo.

Faith ficou atônita.

– O nosso próprio governo está tentando nos matar? – O cavalheiro com quem estou lidando tende a seguir caminhos próprios. Mas tem recursos, muitos recursos.

– Quer dizer então que a filha de Lee está mesmo em perigo? – Está. Esse homem geralmente diz menos do que realmente tenciona.

– Por que veio para cá, Buchanan? – quis saber Lee. Consegui fugir do cara. Pelo menos, para o nosso benefício, espero que tenha conseguido. Poderia ter sumido em um milhão de lugares diferentes. Por que veio para cá? – Envolvi vocês dois nisso. Minha intenção é tirá-los.

– Bem, qualquer que seja o plano, é melhor que inclua a salvação de minha filha. Caso contrário, estou fora. Vou grudar nela os próximos vinte anos, se for necessário.

– Pensei em ligar para a agente da FBI com quem eu estava trabalhando, Brooke Reynolds – disse Faith. – Podemos contar a Brooke o que está acontecendo. E aí ela colocava a filha de Lee sob custódia protetora.

Buchanan sacudiu a cabeça.

– Pelo resto da vida dela? Não, não vai dar certo. Temos que cortar as cabeças da hidra e enterrar os restos. De outro modo será uma simples perda de tempo.

– E exatamente como cortamos as cabeças da hidra? – quis saber Lee.

Buchanan abriu a pasta e retirou a minifita cassete de uma dobra escondida.

– Com isto aqui. Consegui gravar esse cavalheiro de quem estamos falando. Nesta fita admite que mandou matar o agente do FBI, entre outras coisas incriminadoras.

Pela primeira vez Lee pareceu esperançoso.

– Você está falando sério?

– Confie em mim. Nunca brinco quando falo desse homem.

– Quer dizer que usamos essa fita para manter a fera a distância. Ele nos prejudica, nós o liquidamos? E ele sabe disso. Em outras palavras nós arrancamos as suas presas.

Buchanan balançou a cabeça vagarosamente.

– Exato.

– E você sabe como entrar em contato com ele? – perguntou Lee.

– Sei. Tenho certeza de que já descobriu o que fiz e neste exato momento está tentando deduzir quais serão minhas intenções.

– Bem, a minha intenção é que você ligue para ele nesse minuto e lhe diga para ficar longe da minha filha. Quero um juramento sério, escrito com o sangue, e como não confio no

filho da mãe, continuo fazendo questão de uma companhia de SEALs do lado de fora do dormitório dela, por via das dúvidas. E ainda planejo ir eu mesmo para lá. Querem a Renee? Primeiro têm que passar por cima de mim.

– Não tenho certeza se será uma boa ideia – disse Buchanan.

– Não me lembro de ter pedido sua permissão.

– Lee, por favor – interveio Faith. – Danny só está tentando ajudar.

– Eu não estaria vivendo este pesadelo se ele tivesse sido franco comigo desde o princípio. Assim, vai ser meio difícil tratá-lo como um amigo do peito.

– Não o culpo por sentir-se assim – afirmou Buchanan. Mas vocês me pediram ajuda e eu farei o que estiver a meu alcance para ajudá-los. E à sua filha. Eu juro.

A atitude precavida de Lee cedeu um pouco ante uma declaração aparentemente tão sincera.

– OK – disse, relutante. – Admito que você ganhou pontos por vir para cá. Ganhará mais pontos ainda quando liquidar os assassinos. E depois disso ainda temos que dar o fora daqui. Já telefonei para esse psicopata uma vez do meu celular. Presumo que em algum momento talvez consiga nos localizar. com a sua ligação, terá mais informações para trabalhar.

– Entendido. Tenho um avião à minha disposição em uma pista de pouso particular não muito longe daqui.

– Seus amigos bem situados?

– Amigo. O senador sênior deste estado, Russel Ward.

– Grande Rusty – disse Faith, sorrindo.

– Tem certeza de que não foi seguido? – Lee deu uma espiada na porta da frente.

– Ninguém pode ter me seguido. Não estou seguro de muitas outras coisas, mas disto tenho absoluta certeza.

– Se esse cara for tão bom quanto você acha que é, eu não me sentiria certo de nada.

Lee levantou seu telefone celular na direção de Buchanan.

– Agora, por favor, faça a ligação.

Capítulo 47

THORNHILL ESTAVA EM SEU ESTÚDIO EM CASA QUANDO CHEGOU o telefonema de Buchanan. Thornhill usava um link que Buchanan não poderia rastrear, mesmo que estivesse no prédio sede do FBI. E o telefone de Thornhill tinha um misturador de voz que tornava impossível a identificação pelo timbre vocal. Por outro lado, o pessoal de Thornhill estava procurando rastrear a localização de Buchanan, mas até agora sem sucesso. Até mesmo a CIA tem seus limites, ainda mais com a explosão tecnológica no campo das telecomunicações. Havia tantos sinais eletrônicos voando pelo ar que era quase impossível rastrear um telefonema sem fio até sua localização exata.

A Agência Nacional de Segurança – NSA – seria capaz de rastrear o telefonema com sua antena circular do tamanho de um estádio esportivo. O poderio tecnológico da super-secreta NSA transformava qualquer coisa que a CIA tivesse num rádio de válvulas, Thornhill sabia disso. Dizia-se que as informações coletadas perpetuamente pela NSA poderiam encher a Biblioteca do Congresso a cada três horas, devorando avalanches de bytes de informações. Thornhill já se

beneficiara dos serviços da NSA antes. No entanto, a NSA (a piada que corria entre o pessoal do ramo é que a sigla NSA significa "no such agency", não existe tal agência) quase sempre era muito difícil de se controlar. Assim, Thornhill não queria envolver a gente de lá em um assunto tão delicado. Cuidaria de tudo sozinho.

– Sabe por que estou telefonando? – perguntou Buchanan.

– Uma fita. Altamente pessoal.

– É bom fazer negócio com quem se considera onisciente.

– Eu gostaria de tomar conhecimento de uma prova qualquer, por mais insignificante que fosse – respondeu Thornhill placidamente.

Buchanan tocou um pedaço da conversa que os dois homens haviam tido no carro.

– Obrigado, Danny. Agora, seus termos.

– Em primeiro lugar, nem chegue perto da filha de Lee Adams. Fora de cogitação – agora e sempre.

– Você por acaso está com o sr. Adams e a srta. Lockhart neste exato momento? – Em segundo lugar, nós três também estamos fora de seus limites.

– Durante nossa última conversa você disse que já dispunha dos meios para me destruir.

– Eu menti.

– Adams e Lockhart sabem do meu envolvimento?

– Não.

– Como posso acreditar em você?

– Dizer-lhes isso só serviria para pô-los em mais perigo, e tudo o que eles querem é sobreviver. Parece que atualmente é um objetivo bastante comum. E eu receio que você vai ter que aceitar minha palavra na tocante a essa questão.

– Mesmo que você tenha acabado de admitir que mentiu para mim?

– Exatamente. Diga-me, como você se sente?

– E meu plano de longo prazo?

– Eu sinceramente não ligo a mínima.

– Por que fugiu?

– Ponha-se em meu lugar – o que você teria feito?

– Eu jamais admitiria ficar no seu lugar – afirmou Thornhill.

– Graças a Deus que nem todos podem ser iguais a você. Temos um acordo?

– Não tenho muita escolha, tenho?

– Bem-vindo ao clube – disse Buchanan. – No entanto, pode ficar absolutamente certo de que caso aconteça alguma coisa a qualquer um de nós, será o seu fim. Mas se jogar limpo, alcançará seu objetivo, com todos vivos para celebrar.

– É bom fazer negócios com você, Danny.

Thornhill desligou e ficou sentado, meditando, por alguns momentos. Depois deu um telefonema, mas ficou desapontado. A ligação de Buchanan não fora rastreada. Bem, era assim mesmo. De qualquer modo não esperava que fosse fácil. Ainda tinha seu ás na manga. Deu outro telefonema e desta vez o resultado fez com que abrisse os lábios num largo sorriso. Como Danny dissera, Thornhill sabia tudo o que havia para saber e dava graças a Deus por sua onisciência. Quando você faz planos para cada possibilidade, dificilmente alguém o vencerá.

Buchanan estava com Lockhart, estava quase certo. Seus dois pássaros de ouro ocupando

o mesmo ninho. Tornava a tarefa infinitamente simples. Buchanan se suplantara desta vez.

Já ia recompletar o scotch quando sua mulher meteu a cabeça pela porta. Gostaria de ir ao clube com ela? Estava acontecendo um torneio de bridge. Ela acabara de receber um telefonema. Um casal cancelara seu comparecimento e a direção do torneio queria saber se os Thorahills aceitavam entrar como substitutos.

– Acontece que estou engajado num jogo de xadrez – disse.

Sua mulher lançou um olhar ao escritório vazio.

– Oh, pela Internet, querida – explicou. Indicando com um gesto de cabeça o computador. – Você sabe os milagres de que a tecnologia é capaz atualmente. Pode-se jogar sem jamais ver o oponente.

– Bem, não fique acordado até tarde demais. Você tem trabalhado muito e já não é mais nenhum rapazinho.

– Estou vendo a luz no fim do túnel – replicou Thornhill.

E desta vez estava dizendo a absoluta verdade.

Capítulo 48

REYNOLDS E CONNIE CHEGARAM EM DUCK, NA CAROLINA DO NORTE, por volta de uma hora da manhã, após uma única parada para combustível e comida, e estavam em Pine Island pouco tempo depois. As ruas estavam escuras, o comércio fechado. Mas tiveram sorte de encontrar um posto de gasolina que ficava aberto a noite toda. Enquanto Reynolds pegava dois cafés e uns doces de massa folhada, Connie foi saber com o funcionário de plantão onde ficava a pista de pouso. Os dois se sentaram no estacionamento do posto e fizeram uma avaliação dos últimos acontecimentos.

– Verifiquei com o Bureau em Washington – disse Connie, enquanto Reynolds mexia o café. – Uma mudança interessante. Buchanan desapareceu.

Ela engoliu um pedaço do folhado e olhou para ele.

– Como diabos isso foi acontecer?

– Ninguém sabe. É por isso que tem tanta gente desolada.

– Bem, pelo menos não podem nos culpar.

– Não tenha tanta certeza disso. Botar a culpa nos outros é uma arte refinada em Washington, D.C., e o Bureau não é exceção.

Reynolds teve uma ideia de repente.

– Connie, você acha que Buchanan podia estar querendo se encontrar com a Lockhart?

Que esse pode ser o motivo do desaparecimento?

– Se conseguirmos pegar os dois ao mesmo tempo, você acaba sendo promovida a diretora.

Reynolds sorriu.

– Faça por menos – deixo pelo cancelamento da suspensão. Mas Buchanan pode mesmo estar a caminho daqui. A que horas disseram que o perderam? – De noiteinha.

– Então já pode estar aqui há algumas horas, se tomou um avião.

Connie tomou um gole de café enquanto pensava.

– O que Buchanan e Lockhart estariam fazendo juntos? perguntou, devagar.

– Não se esqueça, se estivermos certos a respeito de Buchanan ter contratado Adams, então pode ser que Adams tenha ligado para Buchanan e os dois se acertaram.

– Se é que Adams é inocente em tudo isso. Mas com toda a certeza não ligaria para Buchanan se achasse que o cara tinha algo a ver com a tentativa de derrubar a Lockhart. Depois de tudo o que descobrimos, estou apostando como a esta altura é uma espécie de protetor dela.

– Acho que você está certa. Mas pode ser que Adams tenha descoberto algo que o fez acreditar que Buchanan não mandou que a matasse. Se for este o caso, pode estar a fim de trabalhar em equipe com Buchanan para juntos os dois descobrirem o que diabos está acontecendo e quem mais poderia estar querendo matar Faith Lockhart.

– Alguém mais por trás disso? Um dos governos estrangeiros com quem Buchanan estava negociando, talvez? Eles não podem se dar ao luxo de permitir que a verdade venha à tona. O que significa um bocado de incentivo para matar alguém – disse Connie.

– Não sei não – começou Reynolds, com Connie observando-a detidamente. – Tem um negócio nesse caso que nunca deu para entender direito – disse ela. – Tivemos pessoas se fazendo passar por agentes do FBI. Alguém que parece conhecer todos os nossos movimentos.

– Ken Newman?

– Talvez. Mas também não parece fazer sentido. O dinheiro do Ken estava entrando havia muito tempo. Teria sido agente duplo, trabalhando para outra pessoa, por um período de tempo tão longo? Ou será outro?

– E não se esqueça de algo sobre quem quer que esteja tentando armar contra você. Movimentar dinheiro em várias contas exige um bocado de conhecimento.

– Exatamente. Mas eu não vejo agentes de um governo estrangeiro sendo capazes de fazer tudo isso.

– Brooke, os outros países conduzem operações de espionagem industrial contra nós a cada dia. Pombas, até os nossos melhores aliados fazem isso, querendo informações sobre nossa tecnologia, porque não são sabidos o bastante para conseguirem os mesmos resultados sozinhos. E nossas fronteiras são tão abertas que para entrar no país não dá tanto trabalho assim. Você sabe disso.

Reynolds deixou escapar um suspiro fundo, com o olhar fixo na escuridão que envolvia as luzes gritantes do posto.

– Suponho que você esteja certo. Em vez de ficar tentando imaginar quem está por trás de tudo isso, deveríamos tentar achar Faith Lockhart e companhia e simplesmente perguntar a eles.

– Pronto, aí está um plano que posso seguir.

Connie engrenou o carro e eles sumiram velozmente na escuridão da noite.

Depois de localizar a pista de pouso, Reynolds e Connie cruzaram as ruas escuras procurando a Honda Gold Wing. Praticamente todas as casas pareciam vagas, o que tornou a busca ao mesmo tempo mais fácil e mais difícil. Reduzir o número de lugares a examinar, fazia com que a presença deles sobressaísse mais.

Connie finalmente localizou a Honda no estacionamento de uma das casas de praia. Reynolds reduziu a marcha e chegou perto o bastante para confirmar se a placa era igual à que Lee Adams pedira emprestada na loja do irmão. Depois foram para o outro lado da rua, apagaram os faróis e conversaram sobre o que fazer em seguida.

– Talvez o mais simples seja eu entrar pela frente e você por trás – disse Reynolds, estudando a casa às escuras. Chegava a estar arrepiada por saber que a uns meros quinze metros de distância poderiam estar as três pessoas que eram a chave de toda aquela investigação.

Connie sacudiu a cabeça.

– Não gosto disso. A Honda estar aí significa que Adams também está.

– Estamos com a arma dele.

– Um sujeito como Adams, a primeira coisa que fez foi arranjar outra. E se entrarmos, mesmo que o peguemos de surpresa, conhece a casa por dentro muito melhor que nós. Pode nos pegar.

– E como você não tem arma, não vamos nos separar acrescentou Connie, após pequena pausa.

– Foi você quem disse que achava que Adams era um bom sujeito – retrucou Brooke.

– Pensar algo e estar absolutamente certo disso são coisas completamente diferentes. E não estou a fim de arriscar a vida de ninguém por conta dessa diferença. Além do mais, quando a gente sai correndo e esbarra numa pessoa, boa ou má, no meio da noite, podem acontecer enganos. Pretendo levar você inteira de volta para seus filhos. E não me incomodaria também de voltar para casa sem buracos de bala.

– Então como fazemos? Esperamos clarear o dia e chamamos reforços? – Chamar a polícia local provavelmente significaria termos todas as estações de TV da área no quarteirão uma hora depois. O que não nos faria ganhar muitos pontos no QG.

– Bem, acho que podemos esperar que saiam na Honda e aí os pegamos.

– Se não acontecer nada de diferente, estou inclinado a vigiar a casa e ver o que acontece. Se eles saírem, nós entramos. com sorte, Lockhart pode aparecer sem Adams e aí a gente a prende. Depois imagino que seria bem mais fácil pegar Adams, usando-a como isca.

– E se não saírem, nem juntos nem separados?

– Aí a gente atravessa aquela ponte.

– Não quero perdê-los de novo, Connie.

– Eles não podem cair no mar e sair nadando até a Inglaterra, Brooke. Adams teve um bocado de trabalho para arranjar aquela Honda. Não vai abandoná-la, porque não tem outra para substituí-la. Onde for, a Honda vai. E aquela Honda não vai a parte alguma sem que a vejamos.

Os dois se acomodaram e esperaram.

Capítulo 49

COM A PISTOLA EM CIMA DA BARRIGA, LEE PASSOU DORMINDO UMAS poucas – e intermitentes – horas no sofá do andar de baixo. A todo instante pensava ter ouvido alguém tentando invadir a casa, e todas as vezes verificava que era apenas sua imaginação cansada querendo levá-lo à loucura. Como não conseguia dormir, finalmente decidiu preparar-se para seguir para Charlottesville. Tomou uma rápida chuveirada e trocou de roupa. Estava fazendo a mala quando ouviu uma batida delicada na porta.

Faith vestia um robe branco comprido e suas bochechas inchadas e olhos congestionados eram testemunhas de sua incapacidade de dormir.

– Onde está Buchanan? – perguntou.

– Cochilando, eu acho. Não cheguei perto. *• Adams terminou a arrumação e fechou a mala.

– Tem certeza de que não quer que eu vá com você? Ele sacudiu a cabeça.

– Não quero você perto desse bandido e dos seus capangas, se eles aparecerem. Consegui falar com Renee ontem à noite. Foi a primeira vez que falei com ela não sei em quantos anos e logo para lhe dizer que podia ser o alvo de um psicopata por causa de uma burrice cometida por mim.

– Como foi que ela encarou a coisa? O rosto de Lee iluminou-se.

– Na verdade, pareceu-me que ficou feliz em ter notícias minhas. Não lhe contei tudo o que estava acontecendo. Não queria que entrasse em pânico, mas acho que está ansiosa para me ver.

– Que bom! Sinceramente, fico feliz por você, Lee.

– Pelo menos a polícia levou minha denúncia a sério. Renee disse que apareceu um guarda e um carro patrulha está circulando pela área.

Ele deixou a mala no chão e segurou a mão de Faith.

– Não me sinto bem deixando você aqui com Buchanan.

– É a sua filha. Nós ficaremos bem. Você ouviu Danny. Colocou a tal pessoa em cima de um barril de pólvora.

Lee não parecia convencido.

– A última coisa que se deve fazer agora é baixar a guarda. O carro estará aqui às oito horas para levar você e o Buchanan para o avião. Vocês voltam para Washington.

– E depois?

– Vá para um motel nas cercanias da cidade. Registre-se sob um nome falso e depois ligue para o meu celular. Assim que tudo estiver bem com a Renee eu volto para junto de você. Já conversei sobre isso com Buchanan. Ele está de acordo.

– E depois? – insistiu Faith.

– Um passo de cada vez. Eu disse que neste tipo de negócio não há garantias.

– Na verdade estava me referindo a nós. Lee brincou com a tira de couro da mala.

– Oh – foi tudo o que saiu de sua boca, e pareceu bastante idiota.

– Entendo.

– Entende o quê? – quis saber Lee.

– Transa, agradece, se despede, vai embora.

– De onde foi que tirou essa ideia? Será que ainda não sabe que tipo de homem sou? – Na verdade, pensei que sabia. Mas acho que esqueci. Você pertence ao grupo dos lobos solitários: sexo apenas para diversão. Certo?

– Por que isso agora? Como seja não tivéssemos tanta coisa rolando! Podemos conversar mais tarde. Não é como se eu não fosse voltar.

Lee queria lhe dar mais atenção, mas – que diabos, por que Faith não podia ver que não era hora de discutir aquele assunto? Ela sentou-se na cama.

– Como você disse, não há garantias – disse. Ele pôs a mão sobre o seu ombro.

– Eu vou voltar, Faith. Não vim de tão longe para abandoná-la.

– OK – foi tudo o que ela disse. Depois levantou-se e abraçou-o rapidamente. – Por favor, tenha cuidado.

Faith o acompanhou até a porta dos fundos. Quando se virou para entrar, o olhar de Lee estava fixo nela. Ele memorizou tudo, dos pés descalços ao cabelo escuro cortado curto e todos os pontos no meio. Foi um momento perturbador, com Lee sem saber se aquela seria a última vez em que a veria.

Ele montou na Honda e rapidamente deu a partida no motor.

Quando saiu da garagem e entrou ruidosamente na rua, Brooke Reynolds correu de volta para o Crown Vic e abriu a porta. Ofegante, olhou dentro do carro.

– Que bosta, eu sabia que isso ia acontecer assim que saltei do carro para olhar a casa mais de perto. Deve ter saído por uma porta nos fundos. Nem mesmo acendeu a luz da garagem. Só vi quando deu a partida no motor. E então, o que fazemos agora? Casa ou moto? Connie olhou para a rua.

– Adams já desapareceu. E aquela moto é muito mais ágil do que este tanque de guerra.

– Acho que isto nos deixa com a casa e Faith Lockhart. Connie subitamente pareceu preocupado.

– Estamos presumindo que ela ainda esteja na casa. Na verdade, não sabemos sequer se já esteve lá.

– Eu sabia que você ia dizer isso. É bom que ela esteja. Se tivermos deixado Adams ir embora e ela não estiver na casa, sou eu quem vai nadar até a Inglaterra.

E você vai ter que estar bem ao meu lado. Vamos, Connie, temos que entrar na casa.

Connie saltou do carro, sacou a arma e olhou em torno nervosamente.

– Que merda, não gosto disso. Pode ser uma cilada. De repente estamos entrando direto numa emboscada. E não temos reforços.

– Não temos muita escolha, temos?

– Está certo, mas pombas, vê se fica atrás de mim. Eles seguiram para a casa.

Capítulo 50

VESTINDO MACACÕES NEGROS E TÊNIS, OS TRÊS HOMENS CORRERAM pela praia, mantendo os corpos inclinados. Embora o dia já fosse nascer, eram praticamente invisíveis com seus perfis negros contra o pano de fundo do mar e com o quebrar das ondas abafando todos os barulhos causados pelos seus movimentos.

Tinham chegado havia pouco mais de uma hora, e acabavam de receber notícias muito perturbadoras. Lee Adams havia deixado a casa. A Lockhart não estava com ele.

Devia estar ainda dentro da casa, ou pelo menos assim esperavam. Buchanan, tinham dito, podia estar com ela. Pegariam os dois antes de Adams. Ele podia esperar.

Acabariam chegando onde estivesse. Na verdade, não se deteriam antes de o matarem.

Cada membro da equipe era equipado com urna pistola automática e uma faca especialmente projetada para cortar a carótida de uma só vez. Todos eram peritos em executar este golpe letal. As ordens que tinham eram claras. Quem estivesse dentro da casa tinha que morrer. Se perfeitamente executada, seria uma operação limpa. Poderiam estar de volta a Washington no fim da manhã.

Eram homens ciosos de sua eficiência, profissionais que, graças às suas qualificações, estavam a serviço de Robert Thornhill havia muito tempo. Formavam uma equipe que tinha sobrevivido a alguns episódios muito perigosos nos últimos vinte anos, com talento, destreza, força física e vigor. Os três homens tinham salvado vidas, tornando certas partes do mundo mais seguras e ajudado a fazer com que os Estados Unidos se tornassem a única superpotência. O que significaria um mundo melhor, mais justo. Como Robert Thornhill, tinham ingressado na Agência para fazer o seu serviço, para servir ao povo. Para eles, não havia nada mais nobre.

Os três faziam parte do grupo do qual Lee e Faith fugiram no apartamento dele. O episódio os envergonhara, maculando sua reputação de serem praticamente perfeitos.

Desde então esperavam por uma chance de vingança e não tencionavam desperdiçá-la.

Um deles permaneceu no topo da escada para vigiar enquanto os outros dois corriam pelo deque até os fundos da casa. O plano era simples e direto, sem a sobrecarga de uma montanha de detalhes. Atacariam a casa em força e rapidamente, começando pelo andar térreo e depois subindo. Encontrando alguém, não fariam perguntas ou pediriam para que se identificasse. Suas pistolas equipadas com silenciadores disparariam uma vez para cada vítima e aí prosseguiriam até que todos os seres vivos que estivessem na casa estivessem mortos. Sim, era perfeitamente possível que estivessem de volta a Washington antes do almoço.

Capítulo 51

LEE REDUZIU A MARCHA DA HONDA E PAROU NO MEIO DA RUA, apoiando os pés ligeiramente no asfalto. Olhou para trás, por cima do ombro. A rua era comprida e estava escura e vazia. Logo o sol ia nascer. Dava para ver isso no horizonte, que ia clareando e começando a mostrar as cores do dia, como uma foto Polaroid se auto-revelando lentamente.

Por que não tinha esperado? Podia muito bem ficar com Faith até que o carro chegasse, a fim de levá-los para a pista de pouso. No máximo adiaria a viagem a Charlottesville por duas horas. E certamente aumentaria sua paz de espírito. Por que diabos estava se afastando tão depressa? Renee estava protegida mas Faith? Bateu com a mão enluvada no manete do

acelerador. Voltar lhe daria mais uma chance de falar com Faith, dizer-lhe o quanto se importava com ela.

Fez a curva com a Honda e voltou. Ao chegar na rua, reduziu a velocidade. Aquele carro não estava ali antes, um seda grande que gritava governo federal. É bem verdade que estava do outro lado da rua e não passara por ele, mas como diabos seus olhos de "perito" não viram uma "banheira" daquelas? Meu Deus, será que estava ficando tão velho assim? Seguiu diretamente para o carro, imaginando que se fossem os federais, poderia arrancar com facilidade e deixá-los para trás. Ao se aproximar, contudo, ficou claro que o carro estava vazio. Começando a entrar em pânico, fez uma curva fechada, pegou a entrada de garagem da casa de praia que ficava dois lotes antes da casa de Faith e saltou. Jogou o capacete no chão, sacou a pistola, contornou o quintal da casa e seguiu pelo deque que atravessava as áreas comuns da parte de trás, conectando todas as casas aos caminhos principais que davam na praia, como veias se encaminhando para o coração. Que por sinal, no caso do coração de Lee, batia em ritmo frenético.

Pulou fora do deque, agachou-se atrás de uma moita e deu uma espiada na parte de trás da casa de Faith. O que viu congelou seus ossos. Dois homens, vestidos de preto, pulavam o muro de trás. Federais? Ou os homens que estavam preparados para assassinar Faith no aeroporto? Por favor, meu Deus, que não sejam eles. Os dois sujeitos desapareceram do outro lado do muro. Em segundos estariam dentro da casa. Faith teria religado o sistema de alarme depois que saíra? Não, provavelmente não.

Lee saltou o muro e disparou para a casa. Ao cruzar o deque, sentiu algo se aproximando pela esquerda. O dia clareava cada vez mais, mas o que provavelmente salvou sua vida foi a sensação que teve.

Lee mergulhou executando um rolamento e a faca o atingiu no braço em vez de no pescoço. Levantou sangrando, mas o material rígido do macacão absorveu boa parte do golpe. Seu atacante não hesitou, saltando em cima dele.

Mas calculando bem o tempo, conseguiu levantar o braço bom e lançar o homem por cima de sua cabeça, jogando-o numa touceira de folhas resistentes e cortantes, o que devia ter sido quase tão desagradável como ser esfaqueado. Lee mergulhou para pegar sua pistola, que perdera quando o cara se jogara de encontro a ele. Não teria qualquer escrúpulo em liquidá-lo com uma bala e provocar um tumulto. Numa hora dessas, qualquer ajuda da polícia local seria bem-vinda.

O homem de preto, contudo, teve uma recuperação espantosa e saltou de dentro da touceira com velocidade surpreendente, colidindo com Lee antes que este pudesse pegar a pistola. Os dois caíram na beira da escada. Lee desta vez viu a faca se aproximando, mas conseguiu agarrar o pulso do atacante antes de ser atingido pela lâmina. O sujeito era forte; Lee sentiu os tendões vigorosos do seu antebraço e depois o tríceps de pedra quando pegou o braço dele numa tentativa de torcer para fazer com que largasse a faca. Mas Lee tampouco era exatamente um fracote. Não tinha levantado toneladas de halteres todos aqueles anos para nada.

O sujeito com quem estava brigando era também um lutador experiente, porque conseguiu aplicar dois ou três socos eficientes na cintura de Lee com a mão livre.

Depois do primeiro, contudo, Lee contraiu os músculos do abdome e pouca dor sentiu com os outros. Passara mais de duas décadas fazendo abdominais e levando medicine balls arremessadas contra sua barriga e depois disso tudo o punho de um homem lhe oferecia pouca

dificuldade, por mais força que tivesse o soco.

Lembrando que aquele era um esporte para dois, Lee largou o braço do sujeito e meteu-lhe um uppercut direto no diafragma. O soco foi forte, mas a empunhadura da faca não se alterou. Apেলু então para três bem-sucedidos golpes em cima do rim, os mais dolorosos entre todos, porque machucam e deixam o adversário consciente.

A faca caiu, rolando barulhentosamente pelos degraus.

Os dois então se levantaram, ofegantes, agarrados um no outro. com a rapidez do vento, o cara de preto executou um belo golpe de caratê com a perna direita, derrubando Lee, que caiu com um gemido para se levantar na mesma hora em que viu o adversário querer pegar a pistola. Estar a segundos da morte deu ao corpo de Lee uma elasticidade só possível numa situação tão difícil. Ele se lançou no ar e atingiu o oponente com a força de um zagueiro profissional de futebol americano. Os dois caíram escada abaixo, batendo dolorosamente em cada degrau de madeira e indo aterrissar numa pilha de braços retorcidos, pernas e torsos na areia. Logo estavam engolindo água salgada, pois a maré alta começava a chegar aos degraus.

Lee viu a pistola cair durante a queda, de modo que se libertou com um chute e ficou em pé, com a água do mar na altura dos tornozelos. O outro cara se levantou também, mas não com a mesma rapidez. Lee, contudo, estava em guarda, e com uma guarda bem fechada. O sujeito era lutador de caratê, Lee sentira isso no pontapé no topo da escada e via agora também na postura defensiva que assumira, todo encolhido, sem deixar ângulos e oferecendo muito pouca largura para ser atingida. com o inconsciente trabalhando a uma velocidade incrível, Lee calculou que teria no mínimo dez centímetros e vinte cinco quilos mais que seu oponente, mas desabaria, se ele lhe acertasse um chute letal na cabeça. Faith e Buchanan seriam todos mortos depois. E se não acabasse com aquele sujeito dentro de um minuto, Faith e Buchanan iam morrer de qualquer maneira.

O homem disparou um chute lateral no torso de Lee, mas como teve que arrastar o pé na água do mar, Lee ganhou o tempo extra de que precisava. Tinha que se aproximar, agarrar o que pudesse e não deixar o Chuck Norris Jr. com espaço suficiente para fazer suas mágicas de artes marciais. Lee era boxeador. Na luta aproximada, em que chutes rápidos como chicotadas não podem fazer muito dano, era absolutamente devastador. Preparou-se e absorveu a pancada que pegou nas suas costelas, mas com o braço machucado segurou a perna do sujeito, mantendo-a do lado do seu corpo com a força de uma tenaz. com a mão livre deu um murro no joelho do sujeito com tanta força que deve ter despedaçado a cartilagem, imprimindo-lhe um ângulo impossível. O homem gritou. E Lee atacou de novo, agora com um direto que pegou na cara do sujeito e esmagou seu nariz. Finalmente, num movimento que pareceu coreografado, curvou-se, girou o corpo e mandou um gancho de esquerda que carregou os cento e dez quilos do seu peso mais o fator fúria que fazia parte da briga. Quando seu punho alcançou o osso do rosto, que cedeu ante o impacto terrível, Lee soube que a luta estava ganha. A não ser um peso pesado profissional, ninguém tem um queixo tão forte que aguente uma pancada daquelas.

O homem de preto desabou como se tivesse levado um tiro na cabeça. Lee na mesma hora deu um golpe rápido no estômago dele e empurrou-lhe a cabeça para debaixo da água. Não tinha tempo para afogar o cara, por isso puxou-lhe o cotovelo com toda a força até a nuca. O som resultante da fratura foi inconfundível, como se Deus quisesse condenar Lee a nunca mais esquecer aquilo.

O corpo do atacante ficou mole e Lee levantou-se. Tivera uma dose respeitável de lutas e brigas, tanto no ringue quanto fora, mas nunca matara ninguém antes. Soube naquele instante que não era nada de que pudesse se orgulhar. O único motivo de satisfação era não estar ali estendido.

Nauseado e sentindo agora toda a dor do braço machucado, ergueu o olhar para a escada que dava nas casas. Tinha só mais duas feras para abater e depois podia dar o dia por encerrado. E estava claro que não eram federais. Agentes do FBI não andam correndo por aí de malhas pretas justas tentando matar os outros com facas extravagantes e golpes de caratê; exibem os crachás e as armas e mandam a pessoa parar. Se a pessoa for sabida, ela para.

Não, eles eram os outros caras. Os robôs assassinos da CIA. Lee subiu os degraus, encontrou sua pistola e correu tão depressa quanto pôde para a casa de praia de Faith, ofegante, rezando para que não fosse tarde demais.

Capítulo 52

FAITH VESTIU UMA CALÇA JEANS E UM SUÉTER E, SENTADA NA CAMA, ficou olhando fixamente os pés descalços. O ronco da motocicleta desaparecera, deixando um enorme vazio.

Quando relanceou os olhos pelo quarto, a impressão que teve foi que Lee Adams nunca estivera lá, nunca existira de verdade. Tinha gasto tanto tempo e energia tentando perder o homem e agora que ele se fora toda sua animação parecia ter sido arrastada pelo vácuo que deixara.

A princípio pensou que o som que ouviu no silêncio da casa fora Buchanan se mexendo. Depois achou que podia ser Lee retornando. Parecera ter vindo da porta de trás.

Quando se levantou da cama, ocorreu-lhe subitamente que não podia ser Lee porque não ouvira a moto entrar na garagem; quando se deu conta disso, seu coração começou a bater descontroladamente.

Teria fechado a porta? Não conseguiu se lembrar. Mas tinha certeza de que não ativara o alarme. Seria apenas Danny andando pela casa? Por alguma razão, sabia que não era.

Aproximou-se cuidadosamente da porta e espiou do lado de fora, para ver se percebia algo. Tinha certeza de que não imaginara o barulho que ouvira. Alguém entrara na casa, tinha certeza. Deu uma olhada no corredor. Havia outro painel de controle do alarme no quarto que Lee usara. Conseguiria ir até lá, ativar o sistema, o sensor de movimentos? Faith ajoelhou-se e foi se arrastando até o corredor.

Connie e Reynolds tinham entrado pela porta lateral e seguido pelo corredor do andar térreo. Connie mantinha a pistola apontada. Reynolds ia atrás dele, sentindo-se nua e inútil por estar desarmada. Abriam com cuidado as portas do andar de baixo e viram que todos os aposentos estavam vazios.

– Eles têm que estar lá em cima – murmurou Reynolds no ouvido de Connie.

– Espero que haja alguém lá – respondeu ele, com ar sinistro. Os dois ficaram imóveis quando ouviram um barulho vindo de algum ponto dentro da casa. Connie apontou para o andar de cima e Reynolds balançou a cabeça, concordando. Aproximaram-se da escada e subiram. Por sorte os degraus eram acarpetados, o que absorveu o barulho dos seus passos. Fizeram uma

pausa no primeiro patamar, escutando atentamente. Silêncio. Seguiram em frente, mais uma vez.

A área da família estava vazia, pelo que puderam ver. Continuaram a incursão, seguindo ao longo de uma parede, as cabeças girando para um lado e outro em movimentos quase sincronizados.

Bem acima deles, no corredor do segundo andar, Faith estava deitada de bruços. Olhando por cima dos degraus, relaxou ligeiramente quando reconheceu a agente Reynolds.

Mas quando viu os outros dois homens subindo a escada no andar de baixo, o medo voltou na mesma hora.

– Cuidado! – gritou Faith.

Connie e Reynolds voltaram-se para olhar para Faith e viram o que ela apontava. Connie girou a pistola na direção dos dois homens, que apontaram as armas diretamente para os dois agentes.

– FBI! – gritou Reynolds para os homens de preto. – Larguem suas armas! Quando ela gritava isso, geralmente se sentia confiante no resultado. Agora, com duas armas contra uma, a confiança não era lá essas coisas.

Os dois homens não largaram as armas. Continuaram em frente, enquanto Connie apontava sua pistola de um para o outro.

Um deles olhou para Faith.

– Desça aqui, srta. Lockhart.

– Fique onde está, Faith – exclamou Reynolds, o olhar encontrando o de Faith. – Vá para o seu quarto e tranque a porta.

– Faith? – Buchanan apareceu no corredor, seu cabelo branco despenteado, os olhos piscando.

– Você também, Buchanan. Agora – ordenou o homem. Aqui embaixo.

– Não! – disse Reynolds, adiantando-se. – Escutem aqui, tem uma unidade de reforço a caminho neste exato instante. Estamos trabalhando com uma hora estimada de chegada dentro de cerca de dois minutos. Se não largarem as armas, sugiro que saiam correndo bem depressa, a menos que queiram enfrentar aqueles caras.

O homem olhou para ela e sorriu.

– Não há unidade nenhuma vindo aí, agente Reynolds. Reynolds não conseguiu ocultar seu espanto. Espanto que aumentou consideravelmente com as palavras que o homem disse a seguir.

– Agente Constantinople – disse o homem, olhando para Connie. – Pode ir agora. Temos tudo sob controle, mas agradecemos sua ajuda.

Vagarosamente, Reynolds virou-se e encarou o parceiro, boquiaberta, absolutamente chocada.

Connie sustentou seu olhar, uma expressão nitidamente de resignação no rosto.

– Connie? Não pode ser – Reynolds fez uma pequena pausa, para tomar fôlego. – Não pode ser, Connie. Por favor, diga-me que não.

Connie balançou a pistola e deu de ombros. Gradualmente sua postura tensa foi relaxando.

– Meu plano era tirar você daqui viva e cancelar sua suspensão.

Connie olhou para os dois homens. Um deles sacudiu a cabeça decididamente.

– Você era o responsável pelo vazamento? E não Ken?

– Ken não vazou nada.

– Mas e o dinheiro no cofre de aluguel?

– Aquilo era o resultado dos negócios dele com cartões de beisebol e moedas antigas. Só operava com dinheiro vivo. Eu mesmo cheguei a ir a algumas exposições com Ken. Eu sabia. O único golpe que dava era no Imposto de Renda. Que importância tinha? De qualquer forma, quase tudo ia para o fundo destinado a pagar a faculdade dos meninos.

– Você me deixou pensar que era ele.

– Bem, eu não queria que você pensasse que era eu. É claro que seria péssimo para mim.

Um dos homens subiu correndo e desapareceu dentro de um dos quartos. Um minuto mais tarde retornou carregando a pasta de Buchanan e escoltou Faith e Buchanan na descida da escada. Depois abriu a pasta e tirou o cassete. Tocou um pouco da fita para confirmar o que havia nela, quebrou o estojo, arrancou a fita e jogou na lareira a gás, acionando o controle remoto para acendê-la. Todos ficaram observando em silêncio a fita ser rapidamente reduzida a uma massa pegajosa.

Enquanto observava o desaparecimento da fita, Reynolds não pôde deixar de pensar que aqueles eram os últimos minutos de sua vida. Os últimos minutos de sua vida.

Ela olhou para os dois homens e depois para Connie.

– Quer dizer então que eles simplesmente nos seguiram até aqui? Eu não vi nada – disse ela, amargurada.

Connie sacudiu a cabeça.

– Havia um transmissor no meu carro. Eles ouviam tudo. Deixaram que encontrássemos a casa e depois vieram.

– Por que, Connie? Por que virar traidor?

– Trabalhei vinte e cinco anos no Bureau – disse ele, em tom meditativo. – Vinte e cinco anos muito bons e ainda estou no zero a zero, ainda não passo de um peão. Tenho mais doze anos de serviço que você e você é minha chefe. Porque não quis entrar no jogo político ao sul da fronteira. Porque não queria mentir e seguir em frente, como se não tivesse acontecido nada, bloquearam minha carreira.

Ele sacudiu a cabeça e olhou para o chão. Quando olhou de novo para Reynolds, tinha o ar de quem pedia desculpas.

– Quero que entenda que não tenho nada contra você, Brooke. Nada. Você é uma agente de primeira. Eu não queria que terminasse assim. O plano era ficarmos do lado de fora e deixar esses caras fazerem o que tinham de fazer. Quando eu recebesse o sinal de que tudo estava resolvido, a gente entrava e encontrava os corpos. Iam limpar seu nome e tudo daria certo. Como Adams saiu antes sozinho, o plano foi para o espaço.

Connie dirigiu um olhar inamistoso para o homem de preto que o identificara pelo nome.

– Se este cara não tivesse dito nada, talvez eu ainda pudesse ter imaginado um modo para você sair comigo numa boa.

O homem a quem se referira deu de ombros.

– Desculpe, eu não sabia que era tão importante para você. Mas é melhor ir andando.

Está clareando aí fora. Dê-nos meia hora. Depois pode chamar os tiras. Invente qualquer história de cobertura que queira.

Reynolds não podia tirar os olhos de Connie.

– Deixe que eu invente uma história de cobertura para você, Connie. Olha só: nós encontramos a casa. Eu vou pela frente enquanto você vai pela porta dos fundos. Eu não saio. Você ouve tiros, entra. Encontra todos nós mortos.

A voz de Reynolds tremeu quando ela pensou nos filhos, em nunca mais vê-los.

– Você vê alguém saindo, esvazia a pistola no cara, quase é morto, mas com muita sorte consegue escapar por um fio. Aí chama os tiras. Eles chegam. Você liga para o QG do Bureau, faz seu relato. Eles mandam uma equipe. Você leva uma bronca por ter vindo aqui comigo, mas sua desculpa é boa, estava sendo solidário com sua chefe.

Lealdade. Quem poderia culpá-lo? Há uma investigação e jamais se chega a uma resposta satisfatória. Provavelmente vão pensar que era eu quem vazava as informações, que vim receber o pagamento do suborno. Você pode dizer que a ideia de vir foi minha, que eu sabia exatamente aonde ir. Entro na casa, levo um tiro. E você, pobre inocente, quase perde a vida também. Caso encerrado. Que tal, agente Constantinople?

Ela quase cuspiu as duas últimas palavras.

Um dos homens de Thornhill olhou para Connie e sorriu.

– Para mim está ótima.

Connie não tirou os olhos de Reynolds o tempo todo. – Sinto muito, Brooke. Sinceramente.

Os olhos de Reynolds encheram-se de lágrimas e sua voz tremeu de novo quando ela falou.

– Diga isso a Anne Newman. Diga a meus filhos, seu filho da mãe! Com os olhos baixos, Connie passou pelos dois homens de preto e começou a descer a escada.

– Vamos fazer a coisa aqui mesmo, um por um – disse o primeiro homem.

Ele olhou para Buchanan.

– Você primeiro.

– Considero isso como um pedido especial do seu chefe – retrucou Buchanan.

– Quem? Eu quero um nome – exigiu Reynolds.

– De que adianta? – perguntou o segundo homem. – Você não vai sair por aí para testemunhar...

No instante em que disse isso, a bala o atingiu na nuca.

O companheiro dele girou, tentando apontar a arma, mas não deu tempo e levou o tiro em cheio no rosto.

Connie voltou, subindo a escada, um fio de fumaça ainda saindo da boca de sua pistola.

Olhou para os dois mortos.

– Isso foi por Ken Newman, seus idiotas.

Connie virou-se para Reynolds.

– Eu não sabia que eles iam matar Ken, Brooke. Juro em cima de uma pilha de Bíblias; mas depois que mataram, não me restava nada a fazer senão esperar uma chance e ver o que acontecia.

– E me deixar sair numa missão impossível? Depois de me ter visto ser suspensa. Minha carreira arruinada.

– Não havia muito que eu pudesse fazer a esse respeito. Como falei, minha intenção era tirar você disto e conseguir que fosse reintegrada. Deixar que fosse a heroína. Ken podia ficar

com a acusação de delator. Já estava morto, que importância tinha?

– A importância era para a família dele.

Connie fechou a cara, furioso. – Olha, não tenho que ficar aqui e explicar merda nenhuma a você ou qualquer outra pessoa. Não tenho orgulho do que fiz, mas tive minhas razões. Você não tem que concordar com elas, nem estou lhe pedindo isso, mas não vai ficar aí me passando sermão sobre algo de que não sabe absolutamente nada, mocinha. Não quer falar a respeito de dor e amargura? Tenho mais quinze anos disso que você.

Reynolds piscou e recuou, de olho na pistola de Connie.

– OK, Connie, você acabou de salvar nossas vidas. Isso vai contar muito a seu favor.

– Você acha, é?

Ela pegou seu telefone celular.

– Vou ligar para Massey e pedir que mande uma equipe.

– Guarda o telefone, Brooke.

– Connie...

– Guarda essa droga de telefone. Já!

Reynolds deixou o telefone cair no chão.

– Connie, acabou.

– Nada acaba, Brooke. Você sabe disso. Troços que acontecem anos atrás sempre voltam para morder seu rabo. Acham um negócio, procuram você e de repente sua vida está acabada.

– É essa a explicação do seu envolvimento nisto? Alguém o estava chantageando?

Ele olhou vagorosamente em torno. – Que importância tem?

– Tem importância para mim! – explodiu Reynolds.

Connie soltou um suspiro.

– Quando minha mulher teve câncer, nosso seguro não cobria todo aquele tratamento especializado. Os médicos achavam que o tratamento talvez lhe desse uma chance, mais alguns meses. Hipotequei a casa até o último tijolo. Raspei nossas contas de banco. Ainda assim não deu. O que é que eu devia fazer? Deixá-la morrer? – Connie sacudiu raivosamente a cabeça. – E assim um pouco de cocaína e outros troços sumiram da sala de provas do Bureau. Uma pessoa descobriu e, de repente, eu tinha um novo patrão.

Ele fez uma pausa e olhou para o chão por um instante. – O pior de tudo foi que June morreu de qualquer maneira.

– Eu posso ajudá-lo, Connie. Você pode terminar com tudo isso agora.

Connie sorriu melancolicamente.

– Ninguém pode me ajudar, Brooke. Fiz um pacto com o demônio.

– Connie, deixe-os ir. Acabou.

Ele sacudiu a cabeça.

– Vim aqui para fazer um trabalho. E você me conhece muito bem para saber que sempre termino o que começo.

– E depois? Como vai sair dessa? Ela olhou para os dois corpos dos homens de preto. – E agora? Você ainda vai matar mais três pessoas? É loucura. Por favor.

– Mais loucura é desistir e passar o resto da vida na prisão. Ou mesmo acabar na cadeira elétrica.

Ele sacudiu os ombros enormes. – Vou pensar em alguma coisa.

– Por favor, Connie. Não faça isso. Você não consegue. Eu o conheço. Você não consegue.

Connie olhou para sua pistola e ajoelhou-se para pegar uma das armas dos mortos com silenciador.

– Tenho que fazer – insistiu. – Desculpe, Brooke.

Todos ouviram o clique. Connie e Reynolds reconheceram na mesma hora o barulho característico de uma pistola sendo engatilhada.

– Largue a arma! – berrou Lee. – Já! Ou abro um túnel na sua cabeça.

Connie ficou imóvel e deixou a pistola cair no chão. Lee subiu a escada e encostou a boca do cano de sua arma na cabeça do agente.

– Estou realmente tentado a atirar em você, mas a verdade é que me poupou o incômodo de me ver misturado a esses dois gorilas.

Ele olhou para Reynolds. – Agente Reynolds, eu lhe ficaria muito agradecido se pegasse a pistola no chão e a mantivesse apontada para o seu amigo.

Reynolds fez o que Lee disse, encarando fixamente o parceiro.

– Sente-se, Connie! – ordenou ela. – Já!

– Graças a Deus decidi voltar.

– Será que alguém pode me dizer o que está acontecendo? – pediu Reynolds.

Buchanan deu um passo a frente.

– Eu posso, mas de nada adiantaria. A prova que eu tinha estava naquela fita. Meu plano era fazer cópias, mas não tive tempo antes de sair de Washington.

Reynolds olhou para Connie. – Você, evidentemente, sabe o que está se passando. Se cooperar, ajudarei com a sua sentença.

– Prefiro me prender eu mesmo na cadeira elétrica – respondeu Connie.

– Quem? Quem é, droga, que está por trás de tudo isso e de quem todos têm tanto medo?

– Agente Reynolds – interveio Buchanan –, tenho certeza de que o cavaleiro cujo nome quer saber está esperando o resultado do que se passou aqui. Se a informação não chegar logo, mandará mais homens. Sugiro que não deixemos que isso aconteça.

Reynolds olhou para Buchanan.

– Por que devo confiar em você? O que tenho que fazer é chamar a polícia local.

– Na noite em que o agente Newman foi morto – disse Faith –, eu falei que queria que Danny testemunhasse junto comigo. Newman me disse que isso jamais aconteceria.

– Bem, era verdade.

– Mas acho que se você conhecesse todos os fatos, não pensaria assim. O que fizemos foi errado, mas não havia outra maneira...

– Bem, isso torna tudo perfeitamente claro – replicou Reynolds.

– Mas pode esperar – disse Buchanan, aflito. – Neste instante temos que nos preocupar com o homem que está por trás desse grupo – indicou com um olhar os homens mortos.

– Pode acrescentar outro homem de preto à sua conta – disse Lee. – Está lá fora, dando um mergulho no mar.

Reynolds ficou exasperada.

– Todo mundo exceto eu sabe de tudo – reclamou, virando-se para Buchanan com uma expressão de raiva. – Tudo bem, estou esperando. Qual é a sugestão?

Buchanan começou a responder quando se ouviu o barulho de um avião chegando. Os olhos de todos voltaram-se para a janela, onde o dia já raiara.

– É só o serviço regular de passageiros. Já amanheceu, o primeiro voo está chegando. A pista é do outro lado da rua.

– Disso até eu sei – comentou Reynolds, irônica.

– Sugiro que usemos o seu amigo aqui – disse Buchanan, indicando Connie com um gesto de cabeça – para se comunicar com a tal pessoa.

– E dizer o quê?

– Que a operação foi um sucesso total, exceto pelo fato dos três mortos. Ele entenderá, claro. Baixas acontecem em tempo de guerra. O que interessa é dizer que Faith e eu fomos liquidados e a fita destruída. Assim se sentirá seguro.

– E eu? – lembrou Lee.

Buchanan dirigiu um rápido olhar a Lee.

– Você vai ser nosso coringa.

– E por que exatamente eu deveria fazer isso? – quis saber Reynolds. – Em vez de levar você, Faith e – ela indicou Connie com a pistola – ao Bureau em Washington, ganhar meu emprego de volta e ser recebida como uma heroína?

– Porque se fizer isso, o homem responsável por tudo sairá livre. Livre para fazer de novo algo parecido.

Reynolds pareceu ficar confusa e perturbada. Buchanan encarou-a detidamente. – Você é quem sabe – disse.

Reynolds olhou para cada um deles e deteve-se em Lee. Notou o sangue na manga da sua camisa, os cortes e equimoses no rosto.

– Você salvou as vidas de todos nós. Provavelmente é a pessoa mais inocente nesta sala. O que acha?

Lee olhou para Faith e Buchanan antes de responder.

– Acho que não consigo lhe dar uma boa justificativa, mas se quer meu palpite, eu diria para ir na onda deles.

Reynolds suspirou e virou-se para Connie.

– Você tem como ligar para esse monstro?

Connie nada disse.

– Connie, ficar do nosso lado será útil para você. Sei que estava preparado para nos matar, e que eu não devia ligar a mínima para o que vai lhe acontecer.

Ela fez uma pausa e olhou para o chão por um instante.

– Mas ligo – continuou. – Connie, o que me diz?

As enormes mãos de Connie abriam-se e fechavam-se nervosamente. Ele olhou para Buchanan.

– O que quer que eu diga?

Buchanan instruiu-o com precisão e Connie sentou-se no sofá, pegou o telefone e discou.

– Aqui é – começou, quando atenderam, detendo-se, envergonhado – Ás na Manga.

Poucos minutos depois Connie desligou o telefone e olhou para cada um deles.

– OK, está feito.

– Ele acreditou? – perguntou Lee.

– Acreditou, mas com esses caras nunca se pode ter certeza.

– Ótimo, isso nos dá algum tempo – disse Buchanan.

– Bem, neste exato momento temos algumas coisas de que tratar – disse Reynolds. –

Como três corpos de homens mortos. E eu tenho que fazer um relatório. Além de levar você – ela apontou para Connie – para uma cela.

Connie fulminou-a com um olhar. – Chega desse papo de lealdade.

Ela retribuiu o olhar. – Você foi o responsável pelas suas escolhas. O que fez por nós, no entanto, o ajudará. Mesmo assim, vai ter que viver numa prisão por longo tempo, Connie. Pelo menos vai viver. O que é muito mais que o pobre Ken teve chance de escolher.

Ela olhou para Buchanan.

– E agora?

– Sugiro que saiamos daqui imediatamente. Quando estivermos longe, pode chamar a polícia local. Em Washington, Faith e eu iremos nos apresentar ao FBI, contar tudo o que sabemos. Temos que conservar tudo absolutamente secreto. Se ele souber que estamos trabalhando para o FBI, jamais obteremos a prova de que precisamos.

– Esse sujeito mandou matar Ken?

– Mandou.

– Trabalha associado a interesses estrangeiros?

– Na verdade vocês dois têm o mesmo padrão.

Reynolds olhou para ele, atônita.

– Tio Sam? – perguntou, bem devagar. Buchanan fez que sim.

– Se confiar em mim, prometo que me esforçarei ao máximo para entregá-lo a você.

Tenho minhas próprias contas pessoais a ajustar com ele.

– E o que exatamente você espera em troca?

– Para mim? Nada. Se eu tiver que ir para a prisão, eu vou para a prisão. Mas Faith fica livre. Se não for capaz de me garantir isso, pode chamar a polícia agora.

Faith segurou o braço dele.

– Danny, você não vai para a cadeia por causa disso.

– Por que não? Fui eu que violei a lei.

– Mas os seus motivos...

– Motivos não são desculpa. Eu sabia que estava me arriscando.

– Eu também, droga!

Buchanan virou-se para Reynolds.

– Temos um acordo? Faith não vai para a prisão.

– Não estou realmente em posição de lhe oferecer nada – ela avaliou a questão por um instante. – Mas posso prometer o seguinte: se estiver jogando limpo comigo, farei tudo o que estiver a meu alcance para fazer com que Faith saia livre.

Connie levantou-se, repentinamente pálido.

– Brooke, preciso ir ao toailete, rápido – cambaleou e levou uma das mãos ao peito.

Ela olhou para ele desconfiada.

– O que está acontecendo? – examinou as feições pálidas de Connie. – Você está bem?

– Para falar a verdade, já estive melhor – murmurou, rolando para um lado, o lado esquerdo tombando primeiro.

– Eu vou com ele – ofereceu-se Lee.

Quando os dois chegaram na escada, Connie pareceu perder o equilíbrio e comprimiu o peito com força. Tinha o rosto contorcido de dor.

– Meu Deus! Ele caiu sobre um joelho, gemendo, a saliva caindo do canto da boca; começou a gorgolejar.

– Connie! – Reynolds correu para ajudar.

– Ele está tendo um ataque do coração! – gritou Faith.

– Connie! – repetiu Reynolds, os olhos fixos no parceiro que ia mergulhando depressa para o chão, o corpo tremendo incontrolavelmente.

O movimento foi rápido. Pareceu rápido demais para um homem com mais de cinquenta anos, mas a verdade é que o desespero pode se misturar com a adrenalina num relâmpago.

A mão de Connie mergulhou no seu tornozelo, onde havia um coldre com uma pistola compacta. A pistola foi sacada e apontada antes que alguém pudesse reagir. Connie tinha muitos alvos, mas escolheu Danny Buchanan e atirou.

A única pessoa que reagiu tão depressa quanto Connie foi Faith Lockhart.

Do ponto onde se encontrava, ao lado de Buchanan, ela viu a pistola ser sacada antes de todo mundo. Viu o cano ser apontado para o seu amigo. Na sua cabeça chegou a ouvir a explosão que ia disparar a bala destinada a matar Buchanan. Como se moveu tão depressa foi inexplicável.

A bala a atingiu no peito. Faith arfou uma vez e caiu aos pés de Buchanan.

– Faith! – gritou Lee. Mas em vez de se lançar contra Connie, jogou-se para onde ela caíra.

A arma de Reynolds estava apontada para Connie. Quando virou a pistola na direção dela, a imagem da quiromante surgiu na sua cabeça. AGENTE FEDERAL MÃE DE DOIS FILHOS MORTA. Viu a manchete inteira com os olhos da mente. A coisa toda foi quase paralisante. Quase.

Ela e Connie se encararam. Ele estava levantando a pistola, apontando-a para Reynolds. Ia puxar o gatilho, não tinha dúvida. Era evidente que ele tinha coragem para matar. Ela teria? Apertou o gatilho quando o mundo inteiro pareceu reduzir o ritmo para se transformar em um mundo submarino, sem gravidade ou com a gravidade aumentada.

Seu parceiro. Um agente do FBI. Traidor. Seus filhos. Sua vida. Agora ou nunca.

Reynolds puxou o gatilho uma, duas vezes. O recuo da arma foi pequeno, a pontaria perfeita. Quando as balas entraram, o corpo volumoso de Connie tremeu, como se sua mente ainda estivesse mandando mensagens sem perceber a chegada da morte.

Reynolds achou que viu Connie dirigir-lhe um olhar de espanto quando começou a desabar, a pistola compacta caindo de sua mão. Aquela imagem a perseguiria para sempre.

Só quando o agente Howard Constantinople bateu no chão e não se mexeu de novo é que Brooke Reynolds respirou.

– Faith! Faith! – Lee estava rasgando a camisa dela, expondo o ferimento que sangrava horrivelmente.

– Oh, meu Deus. Faith.

Ela estava inconsciente, a respiração quase imperceptível. Buchanan, imóvel, contemplava horrorizado o quadro. Reynolds ajoelhou-se ao lado de Lee.

– Como ela está? Lee levantou os olhos. A angústia não permitiu que falasse. Reynolds

examinou o ferimento.

– A coisa está feia – disse ela. – A bala permanece no corpo. O buraco é perto do coração.

Lee examinou Faith, Sua pele começava a ficar pálida. Podia sentir a vida dela se esvaindo a cada respiração curta.

– Oh, meu Deus! Não, por favor! – exclamou, em voz alta.

– Temos que levá-la para um hospital. Rápido! – disse Reynolds.

Ela não tinha ideia de onde ficava o hospital mais próximo, muito menos um centro especializado em emergências, que era o que Faith realmente precisava. E procurar de carro um hospital ali nas proximidades seria o mesmo que assinar sua certidão de óbito. Podia chamar os paramédicos, mas quem podia adivinhar o tempo que levariam para chegar? O ronco do motor do avião fez Reynolds dar uma olhada pela janela. O plano formou-se em sua cabeça num segundo. Correu até Connie e pegou as credenciais do FBI no seu corpo. Por um breve momento olhou para o antigo colega. Não se sentia mal pelo que fizera. Ele estava plenamente preparado para matá-la. Por que então sentir-se esmagada de remorso? Mas Connie estava morto e Faith Lockhart não. Pelo menos por enquanto. Voltou para junto de Lee e Faith.

– Lee, vamos pegar aquele avião! Rápido! O grupo correu para o lado de fora, Reynolds na frente. Podiam ouvir o motor acelerando, como se estivesse se preparando para levantar voo. Reynolds aumentou o ritmo da corrida mas ia bater na cerca viva se Lee não gritasse e lhe apontasse o acesso. Ela corrigiu sua rota e um minuto depois estava na pista. Nas outra ponta o avião estava virando, preparando-se para pegar o asfalto com toda a potência para levantar voo. A única esperança deles desapareceria em questão de segundos. Reynolds desceu correndo pela pista, indo diretamente contra o aparelho, acenando com a pistola e o crachá, a gritar FBI com toda a força dos pulmões. O avião se aproximou mais e aí Buchanan e Lee, este carregando Faith, apareceram também na pista.

O piloto finalmente percebeu que aquela mulher gritando e acenando brandia uma pistola. Largou o acelerador e o avião se deteve; o barulho dos motores diminuiu.

Reynolds parou ao lado da cabine, levantou o crachá e o piloto abriu o vidro da janela.

– FBI! – gritou ela, rouca. – Tenho uma pessoa gravemente ferida. Preciso de sua aeronave. Você vai nos levar para o hospital mais próximo. Agora! O piloto olhou para o crachá, para a pistola e balançou a cabeça, indiferente.

– Tudo bem – disse.

Todos subiram, Lee levando Faith no colo, junto do seu peito. O piloto voltou para a cabeceira da pista e começou a decolagem outra vez. Um minuto mais tarde o avião subia e voava para o abraço do céu cada vez mais claro.

Capítulo 53

O PILOTO PEDIU PELO RÁDIO E UMA AMBULÂNCIA DOTADA DE EQUIPAMENTO especial para pacientes em estado grave os esperava na pista de Manteo, que por sorte ficava apenas a alguns minutos de Pine Island. Reynolds e Lee usaram bandagens do estojo de primeiros socorros do avião para tentar deter o sangramento, e Lee deu a Faith oxigênio do pequeno cilindro de bordo, mas nada disso pareceu surtir qualquer efeito. Ela ainda não

recuperara a consciência e mal dava para sentir seu pulso. Pernas e braços começavam a apresentar uma perceptível queda de temperatura, mesmo com Lee mantendo-se agarrado a ela, tentando transmitir-lhe o calor do seu corpo, como se isso adiantasse.

Lee acompanhou Faith na ambulância até o Centro Médico da Praia, que tinha um centro de trauma e emergência. Reynolds e Buchanan foram levados de carro. No caminho, Reynolds ligou para Fred Massey em Washington e disse apenas o que bastou para que ele saísse correndo a fim de pegar um avião. Só ele, insistiu Reynolds, ninguém mais devia vir. Massey aceitou a imposição sem comentários. Talvez tivesse sido o tom da voz dela, ou simplesmente o significado assombroso das poucas palavras que havia dito.

Faith foi levada imediatamente para a sala de emergência, onde os médicos trabalharam nela por mais de duas horas, tentando melhorar as condições de seus sinais vitais, regular o batimento cardíaco e deter a hemorragia interna. Nada parecia dar muito certo. Em determinado momento inclusive, o carrinho com o ressuscitador teve que entrar em cena.

Lee observou horrorizado o corpo de Faith ser repetidamente sacudido pelo impacto da massagem cardíaca externa efetuada pelo aparelho. Só quando viu o monitor deixar de mostrar uma linha reta e voltar à linha normal com seus altos e baixos é que descobriu que ainda era capaz de se movimentar.

Quase duas horas mais tarde tiveram que abrir seu peito, afastar as costelas e fazer uma massagem direta no coração para ele continuar batendo. A cada hora parecia sobrevir uma nova crise, enquanto ela mal conseguia se agarrar à vida.

Lee andava de um lado para o outro sem parar, as mãos enfiadas nos bolsos, falando sozinho. Disse todas as orações de que foi capaz de se lembrar e inventou algumas novas. Nada podia fazer por Faith, e era isto que o atormentava. Como pudera deixar aquilo acontecer? Como Constantinople, aquele filho da mãe gordo e velho, pudera dar aquele tiro? E com ele bem ao lado? E Faith, por que fora ela quem levara o tiro? Por quê? Buchanan é quem devia estar na mesa de operação com toda aquela gente em volta, tentando desesperadamente segurar a vida no corpo destruído.

Lee encostou-se na parede e foi escorregando até o chão, cobrindo o rosto com ambas as mãos, enquanto todo seu corpo se sacudia.

Em um quarto particular, Reynolds esperava com Buchanan, mas praticamente não tinha dito uma palavra depois que Faith fora baleada. Limitava-se a ficar sentado com o olhar perdido na parede. Olhando-se para ele, ninguém adivinharia a raiva que ia se avolumando em seu coração, o ódio absoluto que devotava a Robert Thornhill, o homem que destruíra tudo de que gostava.

Mais ou menos na mesma hora em que Fred Massey chegou, Faith foi levada para a UTI. Seu estado por ora tinha se estabilizado, disse o médico. A bala era uma dessas chamadas de bala dundum, de acordo com sua explicação. Entrara pelo corpo dela como uma bola de boliche perdida, causando danos consideráveis aos órgãos, e a hemorragia interna fora muito severa. Era uma moça forte, contudo, e por ora estava viva. Tinha uma chance, mais nada, alertou. Saberiam mais em breve.

Enquanto o médico se afastava, Reynolds pôs a mão sobre o ombro de Lee e lhe deu uma xícara de café.

– Lee, se ela sobreviveu até agora, tenho que acreditar que vai sair dessa.

– Sem garantias – murmurou para si próprio, sem coragem de olhar para Faith.

Quando voltaram ao quarto, Reynolds apresentou Lee e Buchanan a Fred Massey.

– Eu acho que o sr. Buchanan devia começar contando sua história – sugeri Reynolds a Massey.

– E está disposto a isso? – contrapôs Massey ceticamente. Neste instante Buchanan ferveu.

– Mais do que disposto. Mas antes, diga-me uma coisa. O que é mais importante para você – o que eu fiz, ou prender a pessoa que matou seu agente? Massey inclinou-se um pouco para frente.

– Não sei se estou preparado para discutir qualquer tipo de acordo com você.

Buchanan apoiou os cotovelos em cima da mesa.

– Quando eu contar minha história, saberá. Mas só o farei sob uma condição. Você deixa que eu negocie com o homem. A meu modo.

– A agente Reynolds me informou que essa pessoa trabalha para o Governo Federal.

– Exatamente.

– Bem, é inacreditável. Você tem alguma prova?

– Você me deixa agir ao meu modo e terá sua prova. Massey virou-se para Reynolds.

– Os corpos na casa. Já sabemos de quem eram aqueles homens? Ela sacudiu a cabeça.

– Acabei de checar. A polícia e agentes de D.C., Raleigh e Norfolk estão na cena do crime. Mas ainda é cedo demais para se ter esse tipo de informação. Não sairá nada nos noticiários sobre os corpos ou sobre Faith ter sido removida para cá.

Massey balançou a cabeça, em sinal de aprovação. – Bom trabalho.

Como se de repente se lembrasse de algo, abriu a pasta, pegou dois objetos e passou para ela.

Reynolds contemplou sua pistola e as credenciais.

– Sinto muito que isso tenha acontecido, Brooke – desculpou-se Massey. – Eu devia ter confiado em você e não confiei. Talvez eu esteja há muito tempo afastado do setor operacional. Trabalhando com papelada e sem ouvir mais os instintos.

Reynolds enfiou a pistola no coldre e pôs as credenciais na bolsa. Sentia-se completa novamente.

– Talvez eu tivesse agido da mesma forma, se estivesse na sua posição. Mas já passou, Fred, vamos tocar em frente. Não dispomos de muito tempo.

– Fique tranquilo, sr. Massey – disse Buchanan. – Jamais identificará aqueles homens.

Ou se conseguir identificá-los, verá que não têm qualquer vínculo com a pessoa a que estou me referindo.

– Como pode ter tanta certeza? – indagou Massey.

– Confie em mim, sei como esse homem opera.

– Olha aqui, por que não me revela logo a identidade dele e deixa que eu assumo o caso?

– Não – contestou Buchanan com firmeza.

– Como assim, "não"? Nós somos o FBI, meu caro, somos profissionais. Se quer um acordo...

– Ouça o que tenho a dizer – Buchanan raramente levantava a voz, mas seus olhos se fixaram nos de Massey com uma força tão esmagadora que ele perdeu o rumo dos pensamentos

e ficou quieto. – Temos uma chance para pegá-lo. Uma! Eleja se infiltrou no FBI. Constantinople talvez não tenha sido o único agente duplo. Pode haver outros.

– Duvido muito – começou Massey. Foi a vez de Buchanan falar mais alto.

– Pode me garantir que não há outros? Pode?

Massey recostou-se, contrafeito. Deu uma olhada em Reynolds, que deu de ombros.

– Se puderam aliciar Connie, podem aliciar qualquer um – disse ela.

Massey ficou angustiada e sacudiu a cabeça devagar.

– Connie... Ainda não posso acreditar. Buchanan bateu com a mão no tampo da mesa.

– Se houver outro espião em suas fileiras e você tentar pegar esse homem sozinho, falhará redondamente. E terá perdido sua chance. Para sempre. Quer realmente correr esse risco? Massey esfregou o queixo, pensando. Quando ergueu os olhos para Buchanan sua expressão ainda era cautelosa mas agora denotava interesse.

– Você acha mesmo que consegue pegar esse sujeito?

– Estou preparado para morrer tentando. Vou precisar dar uns telefonemas – requisitar ajuda especial.

Virou-se para Lee.

– Preciso também de sua ajuda, Lee. Se estiver disposto. Conversei com Faith a seu respeito ontem à noite. Ela me falou sobre suas habilidades especiais e garantiu que você é uma pessoa ótima para se ter ao lado numa situação ruim.

– Acho que ela se enganou. Se fosse verdade não estaria agora num leito de hospital com um buraco de bala no peito.

Buchanan pôs a mão no braço de Lee.

– Nem sei como estou em pé, tão grande é a culpa que sinto, por Faith ter ficado na frente daquela bala. Mas não posso mudar isso agora. O que posso fazer é me certificar de que ela não arriscou a vida à toa. Você correrá grande perigo, Lee. Mesmo que peguemos esse homem, é bom lembrar que tem muita gente a protegê-lo. Sempre poderá haver uma surpresa desagradável.

Buchanan recostou-se e ficou observando Lee detidamente. Massey e Reynolds o imitaram. Os braços musculosos de Lee e os ombros largos contrastavam tremendamente com a fragilidade visível em seu olhar.

Lee Adams respirou fundo. O que realmente queria era ficar ao lado da cama de Faith e não sair até que ela acordasse, o visse, desse um sorriso e falasse que se sentia bem. Então ele, como ela, se sentiria bem. Mas Lee sabia que na vida raramente se tem aquilo que se deseja. Por isso olhou para Buchanan e decidiu.

– Pode contar comigo.

Capítulo 54

O SEDA PRETO PAROU NA FRENTE DA CASA. ROBERT THORNHILL E a mulher, envergando trajes formais, saíram pela porta da frente. Thornhill trancou a casa, os dois entraram no carro e saíram. Os Thornhill dirigiam-se a um jantar oficial na Casa Branca.

O carro passou pelo pedestal que servia de base à caixa da linha telefônica pertencente à comunidade em que os Thornhills moravam. A caixa de metal era grande, volumosa e pintada

de verde-claro. Fora colocada ali cerca de dois anos atrás quando a companhia telefônica modernizara as linhas da região. A caixa de metal era muito feia para uma área que se orgulhava de suas belas casas e do muito dinheiro gasto com paisagismo. Assim, os moradores tinham mandado plantar arbustos de bom tamanho em torno do pedestal. Os arbustos agora escondiam a caixa por completo da rua, o que significava que os empregados da telefônica que vinham fazer algum conserto tinham que se aproximar por trás. Esteticamente agradáveis, os arbustos também favoreceram o homem que tinha esperado o seda passar para, delicadamente, revirar suas entranhas eletrônicas.

Lee Adams identificou a linha que ia para a casa dos Thornhills com uma peça especial do seu equipamento. Sua experiência com instrumentos de comunicações estava sendo extremamente útil. A casa dos Thornhills tinha um excelente sistema de segurança. Só que todo sistema de segurança tem seu calcanhar de aquiles: a linha telefônica.

Sempre a linha telefônica. Obrigado, Graham Bell.

Mentalmente, Lee passou em revista como a coisa funcionava. Quando um intruso entrava na casa de alguém, o alarme disparava e o computador discava o número da central 399 que monitorava o sistema para informar da invasão. Aí o empregado da firma de segurança de plantão ligava para a casa. Se o proprietário respondesse, tinha que dar o código especial que indicava que estava tudo bem. Caso contrário a polícia era enviada automaticamente.

Resumindo, o que Lee estava fazendo era assegurar-se de que o telefonema dado pelo computador jamais chegasse na central de segurança, dando, contudo, a impressão de que a ligação se completava. O que era conseguido pela inserção no circuito de um simulador de telefone. Ele tinha desligado a casa de Thornhill do serviço telefônico, cortando efetivamente toda a comunicação de fora. Agora tinha que fazer o computador pensar que tudo continuava como antes. Para isto, instalou o tal simulador e acionou o interruptor, dando para os Thornhills o torn de discar e uma linha que não ia absolutamente a lugar nenhum.

Ele também descobriu que o alarme da casa não tinha reforço de celular, era só a linha fixa comum. Aí estava o grande buraco. O reforço do celular era incapaz de ser grampeado, já que era um sistema sem fio, sem acesso à linha de alimentação. Praticamente todos os sistemas de alarme do país tinham o mesmo esquema e os mesmos pontos fracos. Lee acabou de aproveitar o ponto fraco daquele e embrulhou as ferramentas.

Pegou na mochila uma pistola dessas de defesa aproximada que emitem descargas elétricas para assustar o ladrão e segurou-a perto da janela. Sabia que todas as janelas faziam parte do circuito da segurança da casa. Tanto a parte de cima quanto a de baixo tinham contatos. A maioria das casas tem contatos apenas na de baixo. Se fosse este o caso, Lee simplesmente teria aberto com a gazua o fecho e a parte de cima, sem acionar nenhum alarme elétrico.

Acionou o gatilho da pistola e depois passou para a outra posição onde imaginou que estariam localizados os elementos de contato. Ao todo disparou oito descargas da pistola na moldura da janela e com isto derreteu os contatos, fundindo-os e tornando-os inoperantes.

Abriu o trinco, prendeu a respiração e levantou a janela. Nenhum alarme soou. Pulou rapidamente para o lado de dentro e fechou a janela. Então pegou uma lanterna de bolso, descobriu onde ficava a escada e subiu. Os Thornhills, observou rapidamente, viviam em meio a enorme luxo e conforto.

O mobiliário era quase todo antigo, os quadros nas paredes exibiam belas pinturas a óleo e

seus pés chegavam a sumir dentro do carpete, tão grosso que era.

O painel de alarme ficava onde ficam todos os painéis de alarme de casas de família: no quarto de dormir do casal, andar de cima. Desparafusou a placa que o fechava e encontrou o fio do alerta sonoro. Dois golpes de alicate e pronto – o sistema de alarme de repente ficou rouco. Agora estava livre para perambular pela casa. Desceu e passou em frente ao sensor de movimentos, acenando com os braços em sinal de desafio e até mostrando o terceiro dedo da mão, como se Thornhill estivesse ali fazendo cara feia para ele, incapaz de reagir contra a invasão. A luz vermelha acendeu e o alarme foi ativado, embora o sistema não pudesse mais gritar sua advertência.

Logo o computador estaria discando o número da central de segurança, mas a ligação jamais chegaria lá. Discaria o mesmo número oito vezes, não teria resposta e voltaria a dormir. Na central tudo pareceria na mais perfeita ordem: o sonho de um ladrão.

Lee viu a luz vermelha do sensor desaparecer. Cada vez que passasse em frente a ele aconteceria a mesma coisa, com igual resultado. Oito tentativas e depois mais nada. Antes dos Thornhills voltarem para casa religaria o fio do som do alarme. Thornhill ficaria desconfiado se o bip normal não fosse ouvido quando abrisse a porta.

Mas, por ora, ele tinha que trabalhar.

Capítulo 55

O JANTAR DA CASA BRANCA FOI MEMORÁVEL PARA A SRA. THORNHILL.

Seu marido, por outro lado, trabalhou. Sentou-se à mesa comprida e, quando instado, entrava na conversa, falando amenidades inconsequentes, mas passou a maior parte do tempo ouvindo atentamente o que os convidados diziam. Havia diversos estrangeiros e Thornhill sabia que boas informações podem ser conseguidas de fontes pouco comuns, inclusive em jantares oferecidos pela Casa Branca. Se os estrangeiros tinham conhecimento de que ele trabalhava para a CIA, Thornhill não saberia dizer.

A lista de convidados que sairia no Washington Post na manhã seguinte os identificaria apenas como sr. e sra. Robert Thornhill.

Ironicamente, o convite não se devia à posição dele na Agência. Quem era convidado para funções como aquela na Casa Branca e por que constituíam os maiores mistérios da capital. Desta vez, contudo, Thornhill fora convidado por causa do conhecido trabalho filantrópico realizado por sua mulher em prol dos pobres do Distrito de Colúmbia – uma obra de caridade à qual a própria primeira-dama também se dedicava muito. E, tinha que admitir, a sra. Thornhill era dedicada à causa. Quando não estava no country clube, claro.

A volta para casa transcorreu tranquilamente; o casal conversou sobre coisas mundanas enquanto a mente de Thornhill estava quase toda centrada no telefonema dado por Howard Constantinople. A perda dos seus homens fora um golpe, tanto pessoal quanto profissional. Trabalhara anos a fio com eles. Como os três tinham sido mortos era algo além de sua compreensão. Mandara gente sua para a Carolina do Norte para descobrir o que fosse possível.

Não tivera mais notícias de Constantinople. Não se sabia se ele tinha conseguido fugir. Mas Faith e Buchanan estavam mortos. E assim também a agente chamada Reynolds.

Pelo menos tinha quase certeza de que estavam mortos. Mas o fato de nenhum jornal ter trazido a notícia relativa ao encontro de seis corpos em uma casa de praia situada em uma região de gente rica em Outer Banks era altamente perturbador. Mais de uma semana depois, e nada. Podia ser obra do Bureau, escondendo o que rapidamente ia se transformando em um pesadelo de relações públicas para eles. Sim, dava para imaginar essa atitude por parte do FBI. Lamentavelmente, sem Constantinople ele perdera seus olhos e ouvidos no Bureau. Teria que tomar uma providência a esse respeito em breve. Tomava tempo cultivar um novo agente duplo, mas nada era impossível.

Bem, nenhum indício o apontaria. Era praticamente impossível identificar seus três agentes, tantas precauções tinham tomado. Seria uma sorte incrível das autoridades se conseguissem ir além das primeiras informações falsas. Não encontrariam nada, tão fundo a verdade fora escondida. E os três tinham morrido como heróis. Ele e seus colegas tinham brindado à memória deles na sala subterrânea quando souberam de suas mortes.

Havia uma outra ponta solta mais preocupante: Lee Adams. Ele desaparecera com sua motocicleta, indo presumivelmente para Charlottesville a fim de se certificar de que a filha estava segura. Mas nunca tinha chegado lá, e Thornhill sabia disso com absoluta certeza. Onde estava então? Era impossível acreditar que um só homem tivesse liquidado seus três agentes. Constantinople, contudo, não mencionara Adams no telefonema.

Quando o carro entrou na garagem, Thornhill deu uma espiada no relógio. Era tarde e

tinha que acordar cedo. Tinha que depor perante a comissão presidida por Rusty Ward. Conseguir finalmente as respostas que o senador desejava, ou seja, ia mentir tanto que o aparelho de som da sala talvez não aguentasse e explodisse.

Thornhill desarmou o sistema de segurança, deu um beijo de boa-noite na mulher e ficou olhando enquanto ela subia a escada. Ainda era muito atraente, esbelta, de traços finos. A aposentadora viria logo, e talvez não fosse ser tão ruim quanto pensava. Tinha pesadelos a este respeito: via-se sentado, desesperado, em infundáveis jogos de bridge, jantares no country clube, reuniões de levantamento de fundos para obras de caridade ou campanhas políticas; ou então pilotando um carrinho elétrico em intermináveis campos de golfe, com a mulher ao lado, insuportavelmente animada.

No entanto, ao observar agora suas costas lindamente torneadas, Thornhill subitamente percebeu possibilidades mais sedutoras para o futuro. Os dois eram relativamente jovens e ricos – podiam correr o mundo. Chegou inclusive a pensar em ir para a cama cedo e se aproveitar do desejo que sentira subitamente ao observar a sra. Thornhill galgar graciosamente os degraus da escada. Gostava do modo como tirava os sapatos de salto alto, expondo os pés calçados com meias pretas, do jeito como descia a mão pelo quadril curvilíneo, os músculos dos ombros tensos a cada movimento. Aquelas horas que passava no clube certamente não eram um desperdício total. Ia só dar uma passada no estúdio para checar as mensagens e depois subir.

Acendeu a luz e foi direto para a mesa. Já ia pegar o telefone quando ouviu um ruído. Virou-se para a porta francesa que dava para o jardim. As duas folhas, com vidros quase até o chão, estavam sendo abertas por um homem.

Lee levou um dedo aos lábios e sorriu, a pistola apontada diretamente para Thornhill. O homem da CIA esticou-se, olhando para um lado e para outro, procurando uma chance de fuga, mas não havia. Se corresse ou gritasse era um homem morto, podia ver isso nos olhos daquele homem. Lee adiantou-se, passou por ele e trancou com chave a porta do estúdio. Thornhill observou em silêncio.

O segundo choque veio quando outro homem entrou e também trancou a porta que dava para o jardim.

Danny Buchanan parecia quase tão calmo como se estivesse dormindo, com exceção do alto nível de energia que dançava em seus olhos.

– Quem são vocês? O que estão fazendo em minha casa? – Eu esperava algo um pouco mais original, Bob – disse Buchanan. – com que frequência você vê um fantasma do passado muito recente? – Sente-se – ordenou Lee a Thornhill.

Thornhill olhou mais uma vez para a pistola e foi se sentar no sofá de couro, de frente para os dois homens. Desfez o laço da gravata-borboleta que largou em cima do sofá, tentando, com alguma dificuldade, avaliar a situação e decidir-se por uma linha de ação.

– Pensei que tínhamos um trato, Bob – disse Buchanan. – Por que mandou sua equipe de assassinos à casa de praia? Muita gente perdeu a vida desnecessariamente. Por quê? Thornhill dirigiu um olhar desconfiado, primeiro a Buchanan e depois a Lee.

– Não sei de que diabo você está falando. Não sei nem mesmo quem é você.

Ficou claro que Thornhill estava pensando que Lee e Buchanan traziam microfones escondidos no corpo. Talvez estivessem trabalhando para o FBI. E estavam na sua casa.

Sua mulher lá em cima tirando a roupa e aqueles dois homens dentro da sua casa fazendo

aquele tipo de perguntas. Bem, não iam conseguir nada depois de terem tanto trabalho.

– Eu – Buchanan parou e olhou para Lee –, nós viemos aqui como únicos sobreviventes para ver que tipo de acordo conseguimos fechar. Não quero passar o resto da vida com medo de ser atacado pelas costas.

– Acordo? Que tal eu gritar para que minha mulher chame a polícia? Gosta desse acordo?
– Thornhill olhou detidamente para Buchanan e fingiu reconhecê-lo. – Sei que já vi você antes: nos jornais? Buchanan sorriu.

– Sabe uma certa fita que o agente Constantinople disse a você que estava destruída? Ele meteu a mão no bolso do paletó e pegou um cassete.

– Pois bem, não era exatamente verdade.

Thornhill olhou para a fita cassete como se fosse um pedaço de plutônio prestes a ser enfiado na sua boca. Deslocou a mão para dentro do paletó.

Lee levantou a pistola.

Thornhill dirigiu-lhe um olhar desapontado e, lentamente, pegou o cachimbo e o isqueiro, gastando um instante para acendê-lo. Diversas baforadas tranquilizadoras depois, olhou para Buchanan.

– Já que não tenho a a menor ideia do que você está falando, por que não toca a fita? Eu estaria interessado em saber o que há nela. Pode ser que explique por que duas pessoas totalmente estranhas invadiram a minha casa.

Se essa fita fosse uma em que sou ouvido falando sobre a morte de um agente do FBI, nenhum dos dois estaria aqui e eu já teria sido preso. Befe, befe, befe, Danny.

Buchanan bateu de leve no cassete, enquanto Lee aparentava estar nervoso.

– Vamos, toque a fita – disse Thornhill. – Não me provoque com uma coisa e depois a leve embora.

Buchanan largou a fita em cima da mesa.

– Talvez mais tarde. Neste exato momento só quero saber o que você vai fazer por nós.

Tem que ser algo que nos impeça de procurar o FBI para contar o que sabemos.

– E o que poderia ser? Você falou de gente assassinada. Está insinuando que eu possa ter matado alguém? Será que vocês são agentes estrangeiros tentando algum tipo de chantagem bizarra? O problema é que vocês precisariam ter em mãos algo com que pudessem me chantagear. E não têm.

– O que sabemos dá para enterrá-lo.

– Bem, então eu sugiro que pegue uma pá e comece a cavar, sr....? – Adams, Lee Adams – disse Lee, enfurecido.

– Faith está morta, você sabe, Bob – disse Buchanan. Quando falou estas palavras, Lee baixou os olhos. – Quase consegui sobreviver. Constantinople a matou. E também matou dois dos seus homens. Como vingança por terem matado o agente do FBI que era amigo dele.

Thornhill pareceu adequadamente espantado.

– Faith? Constantinople? Quem são essas pessoas? De que estão falando?

Lee adiantou-se e parou na frente dele.

– Seu filho da mãe! Você mata gente como quem esmaga formigas com o pé! Para você tudo não passa de um jogo, uma brincadeira!

– Por favor, guarde essa arma e saia de minha casa. Já!

– Vá para o inferno! – Lee apontou a arma diretamente para a cabeça de Thornhill.

Buchanan voou para o lado dele.

– Lee, não! Por favor. Matá-lo não vai adiantar nada.

– Se eu fosse você ouviria o que seu amigo está dizendo – aconselhou Thornhill tão calmamente quanto pôde.

Já tivera uma arma apontada contra o peito, quando seu disfarce fora descoberto em Istambul muitos anos antes. Foi muita sorte sair vivo. Gostaria de saber se teria a mesma sorte agora.

– Por que devo ouvir alguém? – grunhiu Lee.

– Lee, por favor! – insistiu Buchanan.

O dedo de Lee pairou sobre o gatilho por um instante, encarando Thornhill fixamente. Até que por fim baixou a arma, bem devagar.

– Bem, acho que teremos que ir aos federais com o que temos – disse Lee.

– Só quero que saiam da minha casa.

– E tudo o que eu quero – retrucou Buchanan – é sua garantia pessoal de que ninguém mais será morto. Você já tem o que deseja. Não tem que fazer mal a mais ninguém.

– Certo, certo. Como queira. Não vou matar mais ninguém – disse Thornhill sarcasticamente. – Agora, se vocês por favor deixarem a minha casa, não quero preocupar minha mulher. Ela não tem ideia de que se casou com um assassino em massa. Um genocida.

– Isto não é piada – contestou Buchanan furioso.

– Não, realmente não é. E eu espero que vocês consigam a ajuda de que obviamente necessitam – disse Thornhill. – Por favor, cuide para que seu amigo armado não machuque ninguém.

– Isto deve ficar muito bem na gravação. Eu preocupado com os outros.

Buchanan pegou o cassete.

– Não vai deixar a prova dos meus crimes?

Danny Buchanan virou-se e fitou Thornhill com uma expressão severa.

– Nas circunstâncias, não creio que seja necessário.

Parece que quer me matar, pensou Thornhill. Excelente, excelente mesmo.

Thornhill observou os dois homens saírem apressadamente e desaparecerem na rua escura. Um minuto mais tarde ouviu o motor de um carro sendo ligado. Voou para o telefone em cima da mesa e parou. Estaria grampeado? Será que tudo aquilo não passara de uma encenação para fazer com que cometesse um erro? Olhou para a janela. Sim, eles podiam estar lá fora naquele instante. Acionou um botão sob a mesa. Todas as cortinas da sala desceram e um som que parecia um vento soprando passou a ser produzido em cada janela: barulho de fundo, para prejudicar qualquer gravação que por acaso fosse tentada de fora. Só então abriu uma gaveta e pegou o telefone seguro. Era um aparelho especial, com tantos recursos de segurança e de misturar vozes que nem mesmo aqueles palhaços da NSA poderiam captar uma conversa sua. Usando tecnologia similar à usada nas aeronaves militares, o telefone lançava uma onda eletrônica que desviava qualquer tentativa de interceptação do sinal. Chega de escuta eletrônica, seus amadores! – Buchanan e Lee Adams estiveram aqui, no meu estúdio disse, ao aparelho. – Sim, na minha casa, droga! Acabaram de sair. Quero todos os homens que estiverem disponíveis. Langley fica a poucos minutos daqui. Você deve conseguir encontrá-los.

Fez uma pausa para acender de novo o cachimbo.

– Contaram mentiras sobre a fita cassete onde admiti ter mandado matar um agente do FBI. Mas Buchanan estava só blefando. A fita sumiu. Imaginei que eles tinham microfones ocultos para gravar nossa conversa, de forma que banquei o idiota em relação a tudo. Quase perco a vida. Aquele idiota do Adams por pouco não arrebentou minha cabeça com um tiro.

Buchanan disse que a Lockhart está morta, o que é bom para nós, se for verdade. Mas não sei se estão, de algum jeito, trabalhando associados ao FBI. Só que sem a fita não há provas do que fizemos. O quê? Não, não, Buchanan implorou para que o deixássemos em paz. Poderíamos continuar com o plano da chantagem, se o deixássemos viver. Uma pena, na verdade. Quando vi os dois aqui, achei que tinham vindo me matar. O tal de Adams é perigoso. E disseram que Constantinople matou dois de nossos homens. Constantinople deve estar morto, de modo que precisamos conseguir outro espião dentro do FBI. Faça qualquer coisa, mas ache Buchanan e Adams. E desta vez nada de erros. Eles estão mortos. E depois será a hora de executar o plano. Mal posso esperar para ver aquelas caras patéticas do Capitólio quando eu os golpear com o que temos.

Thornhill desligou e permaneceu sentado. Engraçado, eles terem vindo. Um ato de desespero. De homens desesperados. Teriam realmente pensado que podiam enganar um homem como ele? Insultante. Mas no fim saíra ganhando. A verdade era que amanhã ou depois estariam mortos e ele não.

Levantou-se. Tinha sido corajoso e frio sob pressão.

A sobrevivência é sempre inebriante, pensou, ao apagar a luz.

Capítulo 56

O EDIFÍCIO DE ESCRITÓRIOS DO SENADO QUE LEVA O NOME DO SENADOR

Dirksen estava tumultuado como sempre naquela manhã fria. Robert Thornhill percorreu com especial determinação o corredor comprido, balançando a pasta arrogantemente.

A noite anterior tinha sido um grande sucesso, de muitas maneiras. O único ponto fraco foi não terem conseguido encontrar Buchanan e Adams.

O resto fora absolutamente maravilhoso. A sra. Thornhill ficara impressionada com seu entusiasmo animal. Ela inclusive acordara cedo e preparara o café da manhã vestindo uma roupa justa preta. Isso não acontecia havia anos – nem preparar seu café, nem vestir roupas sensuais.

A sala de audiências ficava na outra ponta do corredor. O pequeno feudo de Rusty Ward, pensou Thornhill ironicamente. Ward presidia a comissão com pulso sulista, significando luvas de veludo disfarçando mãos de ferro. Falava de um jeito tedioso que chegava a dar sono, mas quando menos se esperava, atacava e destruía o interlocutor de um só golpe. Seu olhar intenso e palavras muito bem escolhidas eram capazes de derreter o inimigo inocente como se já estivesse sentado na cadeira elétrica.

Tudo a respeito de Rusty Ward agredia a sensibilidade da velha escola de Thornhill, seu jeito pretensioso de quem tinha estudado em uma das melhores e mais caras universidades do país. Mas para aquela manhã estava preparado. Ia falar sobre esquadrões da morte e redação de declarações, até que as vacas voltassem para casa, para usar uma das frases favoritas de Ward;

e o senador teria menos informações no fim do dia de que quando começara.

Antes de entrar na sala de audiências, Thornhill respirou fundo para se energizar. Visualizou o ambiente que estava prestes a enfrentar, Ward e companhia atrás da pequena tribuna. Ward puxando os suspensórios, o rosto gordo virando para aqui e para ali enquanto mexia nos papéis, não perdendo nada do que se passava nos confins do seu patético reino. Quando entrasse, Ward olharia para ele, acenaria com a cabeça e lhe dirigiria um cumprimento inocente destinado a desarmar suas defesas, como se houvesse possibilidade disto acontecer. Mas eu acho que ele tem que seguir toda a sequência de gestos e falas. Difícil ensinar a um cachorro velho truques novos. Este era outro dos ditados idiotas favoritos de Ward. Que coisa mais tediosa.

Thornhill abriu a porta e entrou confiantemente. Quando já estava a meio caminho percebeu que a sala tinha mais gente que o usual. O pequeno espaço estava literalmente explodindo de gente. E ao olhar em torno viu inúmeros rostos que não conhecia. Ao se aproximar da mesa de testemunhas teve outro choque. Já havia gente sentada, de costas para ele.

Levantou os olhos para a comissão. Ward retribuiu o olhar, mas não houve sorriso, ou qualquer cumprimento idiota da parte do corpulento presidente da comissão.

– Sr. Thornhill, sente-se na fila da frente, sim? Temos uma pessoa testemunhando antes do senhor.

Thornhill pareceu não entender.

– Como?

– Sente-se, sr. Thornhill – repetiu Ward.

Thornhill deu uma olhada no relógio.

– Lamento, mas hoje meu tempo aqui é limitado, sr. presidente. E não me avisaram de que haveria alguém mais depondo. – Thornhill deu uma olhada na mesa de testemunhas. Não reconheceu os homens ali sentados. – Talvez seja melhor marcarmos uma nova data.

Ward olhou para um ponto qualquer além de Thornhill. Este também se virou e seguiu o olhar do senador. O policial uniformizado do Capitólio fechou cerimoniosamente a porta da sala de audiências e encostou nela as costas largas, como que desafiando a que passassem por ele.

Thornhill virou-se de novo para Ward.

– Estou perdendo alguma coisa aqui?

– Se estiver, tudo ficará absolutamente claro num minuto – replicou Ward, ameaçadoramente. Em seguida olhou para um dos seus assessores e fez um gesto com a cabeça.

O assessor desapareceu numa porta estreita atrás da comissão e voltou em poucos segundos. Foi quando Thornhill recebeu aquele que viria a ser o maior choque da sua vida: Danny Buchanan atravessou a porta e encaminhou-se para a mesa das testemunhas. Em nenhum momento olhou para Thornhill, que ficou em pé parado no meio do caminho, a pasta agora descansando imóvel de encontro à perna. Os homens sentados à mesa de testemunhas se levantaram e foram sentar no meio da plateia. Buchanan parou no local adequado, levantou a mão direita, fez o juramento e sentou-se.

Ward voltou seu olhar sobre Thornhill, que ainda não se movera.

– Sr. Thornhill, quer fazer o favor de se sentar para que possamos dar início aos trabalhos?

Sem conseguir tirar os olhos de Buchanan, Thornhill avançou de lado, arrastando os pés, na direção do último lugar remanescente da fila da frente. O homem grande sentado na ponta

afastou-se para que Thornhill pudesse passar. Só quando se sentou é que viu que acabara de passar por Lee Adams.

– Prazer em revê-lo – murmurou Lee antes de se sentar de novo e concentrar-se no que acontecia na frente da sala.

– Sr. Buchanan – começou Ward –, pode nos dizer por que se encontra aqui?

– Para depor a respeito de uma chocante conspiração na Agência Central de Inteligência – respondeu Buchanan, num tom de voz calmo e seguro. Em todos os seus anos de lobista depusera diante de comissões parlamentares mais vezes que todos os envolvidos em Watergate. Assim, estava em terreno conhecido, ainda mais com o seu maior amigo fazendo as perguntas. Chegara sua hora. Finalmente.

– Então eu acho que o senhor deveria começar pelo início.

Buchanan colocou as mãos cuidadosamente à sua frente, inclinou-se um pouco e falou junto do microfone.

– Aproximadamente há quinze meses fui abordado por um alto funcionário da CIA. O cavalheiro era altamente familiarizado com o meu trabalho de lobista. Tinha conhecimento de que eu conhecia muitos parlamentares intimamente. E queria que eu o ajudasse com um projeto muito especial.

– Que tipo de projeto? – instou Ward.

– Queria que eu o ajudasse a reunir provas contra congressistas para que pudesse chantageá-los.

– Chantageá-los? Como?

– Ele sabia tudo a respeito de meus esforços como lobista em favor de países pobres e organizações internacionais.

– Todos nós conhecemos bem seu trabalho nesse sentido concedeu Ward magnânimo.

– Como se pode imaginar, trata-se de tarefa difícilíssima. Eu próprio usei quase todo meu dinheiro nessa cruzada. Esse homem sabia disso também e sentiu que eu estava desesperado. "Alvo fácil", acredito que tenha usado esta expressão a meu respeito.

– Como, precisamente, funcionaria o esquema da chantagem?

– Eu abordaria certos congressistas e burocratas que pudessem influenciar no processo de ajuda ao exterior, em dinheiro ou de outro modo qualquer. Só me aproximaria dos que estivessem precisando de dinheiro. Era para que eu lhes dissesse que, em troca da ajuda, receberiam uma compensação quando não tivessem mais um mandato. Eles não sabiam, claro, mas a CIA é que iria financiar esses pacotes de "aposentadoria". Se concordassem em ajudar, eu usaria um microfone especial fornecido pela CIA e gravaria as conversas incriminadoras que tivéssemos. Também seriam vigiados pela CIA. Toda essa atividade "ilegal" seria captada e subsequentemente usada contra eles pelo homem da CIA.

– Como assim?

– Muitas pessoas que eu deveria subornar faziam parte também de comissões encarregadas de supervisionar a CIA. Por exemplo, dois membros deste comitê presidido pelo senhor, os senadores Johnson e McNamara, que também integram as comissões de compras para operações no exterior, faziam parte da lista. O plano era chantageá-los para que usassem suas posições ajudando a CIA. Maiores orçamentos, maiores responsabilidades, menos supervisão da parte do Congresso. Esse tipo de coisas. Em troca, eu receberia uma grande soma

de dinheiro.

Buchanan olhou para Johnson e McNamara, dois homens que recrutara com enorme facilidade dez anos atrás. Eles devolveram o seu olhar com a expressão apropriada de choque e raiva. Durante a última semana Buchanan se encontrara com cada um dos seus subornados e explicara o que estava acontecendo. Se quisessem sobreviver, teriam que apoiar cada palavra da mentira que estava contando agora. Que outras escolhas tinham? Continuariam também a apoiar as causas de Buchanan e não receberiam um centavo por fazê-lo. Seus esforços passariam a ser verdadeiramente caritativos. Deus existe.

Ele confidenciara também a Ward, que reagira muito melhor do que Buchanan pensara que fosse possível. Não aprovou o que ele fizera, mas mesmo assim decidiu ficar ao lado do velho amigo. Havia crimes maiores a punir.

– Esta é toda a verdade, sr. Buchanan?

– Sim senhor – respondeu Buchanan, com cara de santo. Thornhill continuou sentado, impassível. Sua expressão era como a de um condenado caminhando para a câmara de gás – um misto de amargura, terror e descrença. Buchanan obviamente fizera um acordo. Os políticos iam confirmar sua história – dava para ver isso nos rostos de Johnson e McNamara. Como ele, Thornhill, poderia se contrapor àquela história sem revelar a própria participação? Não poderia levantar-se e dizer: "Não foi assim que aconteceu. Buchanan já os estava subornando. Eu só o peguei e o usei para meus próprios fins de chantagem." Seu calcanhar de aquiles. Nunca lhe ocorrera. O sapo e o escorpião, só que o sapo ia sobreviver.

– O que foi que o senhor fez?

– Fui imediatamente procurar as pessoas da lista, inclusive os senadores Johnson e McNamara, e lhes disse o que tinha acontecido. Sinto muito não o termos colocado a par de tudo na ocasião, Sr. presidente, mas a chave de tudo era o sigilo absoluto. Coletivamente, decidimos armar um esquema em que eu fingiria seguir com o plano da CIA, da mesma forma que eles, os alvos da operação. Ai, ao mesmo tempo em que a CIA reunia seu material de chantagem, eu secretamente colhiera provas contra a CIA. Quando achássemos que tínhamos argumentos bastante fortes, nosso plano era procurar o FBI.

Ward tirou os óculos e segurou-os em frente ao rosto.

– Uma empreitada terrivelmente arriscada, sr. Buchanan. Sabe dizer se essa operação de chantagem foi oficialmente sancionada pela CIA? Buchanan sacudiu a cabeça.

– Era claramente responsabilidade exclusiva do funcionário de quem estou falando.

– E o que aconteceu então? – Fiz aquilo a que me propus, mas minha associada, Faith Lockhart, que não estava a par de nada, desconfiou de mim. Deve ter pensado que eu estava realmente envolvido em um esquema de chantagem. Foi ao FBI e contou sua história. O FBI começou as investigações. O homem da CIA descobriu e providenciou o assassinato da srta. Lockhart. Por sorte ela escapou, mas um outro agente do FBI foi morto.

Os comentários se espalharam por toda a sala. Ward olhou frontalmente para Buchanan.

– O senhor está querendo dizer que um funcionário altamente qualificado da CIA foi responsável pela morte de um agente do FBI?

Buchanan balançou a cabeça. – Sim, senhor. Outras mortes também ocorreram, inclusive – neste ponto Buchanan olhou para baixo por um momento, com os lábios trêmulos – a de Faith Lockhart. É o que explica minha presença hoje aqui. Quero acabar com a matança.

– Quem é esse homem da CIA, sr. Buchanan? – perguntou Ward, com toda a curiosidade e indignação que foi capaz de fingir.

Buchanan virou-se e apontou diretamente para Robert Thornhill.

– O subdiretor de Operações da CIA, Robert Thornhill.

Thornhill pulou da cadeira, brandindo um punho irado no ar, e urrando.

– Mentira deslavada! Tudo isso não passa de um circo como nunca vi igual em todos os meus anos de serviço público! Trazem-me aqui usando desculpas falsas e depois me submetem às acusações ridículas e ultrajantes feitas por esta pessoa. Eles estiveram em minha casa ontem à noite. O tal de Buchanan e este homem! – Thornhill apontou um dedo furiosamente para Lee. – Apontou uma arma para a minha cabeça. Ameaçaram-me com essa mesma história insana. Afirmavam ter provas dessa tolice, mas quando eu disse que era blefe, fugiram. Exijo que determine a prisão imediata deles. Vou processar a todos. E agora, se me dá licença, tenho que tratar de negócios legítimos em outro lugar.

Thornhill tentou passar por Lee, mas o detetive se levantou, bloqueando o caminho.

Thornhill voltou-se para Ward.

– A menos que o senhor faça algo correto agora, sr. presidente, serei forçado a chamar a polícia pelo meu celular. Duvido que a repercussão do noticiário noturno da TV seja boa.

– Tenho provas de tudo quanto falei – disse Buchanan.

– O quê! – exclamou Thornhill. – Aquela fita idiota com que me ameaçou na outra noite? Se estiver em seu poder, mostre-a. Mas seja o que for que contenha, obviamente trata-se de uma falsificação.

Buchanan abriu uma pasta que colocou na mesa à sua frente. Mas em vez de uma fita de áudio, pegou uma fita de vídeo e entregou a um assessor de Ward.

Todo mundo na sala ficou olhando quando outro auxiliar apareceu empurrando um rack sobre rodas com uma televisão e um aparelho de vídeo, e deixou num canto da sala onde todos poderiam ver. Depois inseriu a fita no vídeo, acionou o controle remoto e recuou. com a respiração presa, todos ficaram de olho no aparelho quando a tela ganhou vida.

Na tevê, Lee e Buchanan acabavam de deixar o estúdio de Thornhill. Logo Thornhill adianta-se para sua mesa, apanha o telefone, hesita, e após um momento tira de dentro de uma gaveta outro aparelho, diferente do primeiro e só então faz sua ligação, falando com evidente ansiedade. Sua conversa da noite anterior foi reproduzida diante de todos os presentes. O esquema de chantagem, a morte do agente do FBI, ele mandando matar Buchanan e Lee Adams. O ar de triunfo no seu rosto quando desligou fazia um contraste monumental com sua expressão agora.

Quando a tela voltou a escurecer, os olhos de Thornhill continuaram fixos no aparelho de televisão, a boca ligeiramente aberta, os lábios se mexendo sem emitir som.

Sua pasta, com todos os seus papéis importantes, caiu no chão, esquecida.

Ward bateu com a caneta no microfone, os olhos sem desviar de Thornhill. Havia um pouco de satisfação nas feições do senador, mas não o suficiente para esconder o horror que também sentia. Na verdade, parecia nauseado com o que acabara de ver.

– Suponho que como o senhor admitiu previamente que esses homens estiveram em sua casa na noite de ontem, não irá alegar agora que o que acabamos de ver é um vídeo falsificado, sr. Thornhill? – disse Ward.

Danny Buchanan ficou sentado silenciosamente, os olhos baixos. Seu rosto mostrava alívio, misturado com tristeza e havia também, por trás de tudo, muito cansaço.

Lee observou Thornhill atentamente. A outra tarefa que realizara na residência dos Thornhills na noite passada tinha sido relativamente simples. A tecnologia básica era PLC, a mesma usada por Thornhill para grampear a casa de Ken Newman. Era um sistema sem fio com um transmissor de 2.4 gigahertz, câmera oculta e antena instalada em um equipamento que parecia com o alarme de fumaça existente no estúdio de Thornhill e que na verdade desempenhava as funções de um detector de fumaça, ao mesmo tempo em que funcionava também como equipamento de vigilância. Era alimentado pela corrente elétrica comum da casa e produzia uma imagem muito nítida e clara, captando também todos os sons ao seu alcance. Acionando o equipamento de barulho de fundo, Thornhill impedira que alguém grampeasse sua conversa de fora da casa, mas nunca lhe ocorrera que havia um cavalo-de-troia em miniatura do lado de dentro.

– Estarei disponível para testemunhar no julgamento – disse Danny Buchanan. Levantou-se, virou de costas e começou a avançar pelo corredor.

Lee pôs a mão em cima do ombro de Thornhill.

– Com licença – disse. Thornhill agarrou o braço de Lee. – Como foi que você fez isso? – perguntou.

Lee livrou-se lentamente da mão dele e juntou-se a Buchanan.

Os dois homens saíram juntos, em silêncio.

Capítulo 57

EXATAMENTE UM MÊS APÓS O DEPOIMENTO DE BUCHANAN NA COMISSÃO de Ward, Robert Thornhill desceu pulando os degraus do tribunal federal em Washington, deixando para trás os advogados, no seu rastro de liberdade, misturada, contudo, com uma certa apreensão. O carro o esperava. Conseguira ser libertado mediante pagamento de fiança, após quatro semanas atrás das grades. Agora tocava a trabalhar. Estava mais que na hora da vingança.

– Todos foram contatados? – perguntou Thornhill ao motorista.

O homem fez que sim, balançando a cabeça.

– Já estão lá. À sua espera.

– Buchanan e Adams?

– Buchanan está no Serviço de Proteção às Testemunhas, mas temos algumas pistas.

Adams anda por aí, em campo aberto. Disponível para ser liquidado a qualquer momento.

– Lockhart?

– Morta.

– Tem certeza?

– Não chegamos a desenterrar o corpo, mas tudo indica que morreu dos ferimentos recebidos, em um hospital da Carolina do Norte.

Thornhill recostou-se com um suspiro.

– Sorte a dela.

O carro entrou em uma garagem pública, onde Thornhill saltou e entrou diretamente em uma van que o esperava. A van saiu imediatamente na direção oposta. Fim de linha para o

agente do FBI que o estivesse seguindo.

Em pouco menos de quarenta e cinco minutos estava na pequena rua abandonada. Entrou no elevador e mergulhou algumas dezenas de metros. Quanto mais para baixo era carregado, melhor se sentia, constatação esta que muito o divertiu.

As portas do elevador se abriram e literalmente irrompeu lá de dentro. Os homens, seus colegas, estavam todos lá. A cadeira dele, à cabeceira da mesa, estava vazia.

Seu fiel companheiro Phil Winslow encontrava-se também na cabeceira, à direita do seu lugar. Thornhill permitiu-se dar um sorriso de satisfação. De volta ao trabalho, pronto para começar.

Sentou-se e olhou em torno.

– Congratulações por ter conseguido a fiança, Bob – disse Winslow.

– Com quatro semanas de atraso – retrucou Thornhill amargurado. – Acho que a Agência precisa melhorar a qualificação dos seus advogados.

– Bem, aquele vídeo foi muito prejudicial – comentou Aaron Royce, o membro mais moço da confraria que tivera um atrito com Thornhill na última reunião ali mesmo.

– Na verdade estou surpreso por você ter conseguido que o juiz o libertasse sob fiança. E, com toda a franqueza, surpreendeu-me também o fato da Agência ter achado conveniente lhe proporcionar um advogado.

– Claro que foi prejudicial – disse Thornhill em tom de escárnio. – E a Agência nomeou um advogado por uma questão de lealdade. Ela não esquece seu pessoal. Lamentavelmente, contudo, tenho que desaparecer. Parece que há uma possibilidade legal de impedirmos a apresentação do vídeo em juízo, mas acho que todos concordarão que, a despeito das deficiências técnicas legais, o que a fita apresentou foi um pouco detalhado demais para permitir que eu continue a agir na minha atual capacidade.

Thornhill pareceu entristecido por um momento. Era o fim de sua carreira, e não do modo como planejava. Mas logo suas feições reassumiram a usual expressão dura, e sua determinação invadiu-o novamente como o jorro de um poço de petróleo. Ele olhou em torno, triunfante.

– Mas liderarei a batalha a distância. E ganharemos. Agora, pelo que sei, Buchanan está escondido. Mas Adams não. Seguiremos a via de acesso de menor resistência. Adams primeiro. Depois Buchanan. Quero alguém da Polícia Federal – temos gente lá. Agora, quero ter certeza absoluta de que Faith Lockhart está mesmo morta.

Ele parou, olhando para Winslow.

– Meus documentos de viagem estão prontos, Phil?

– Na verdade, não, Bob – respondeu Winslow, lentamente.

Royce encarou Thornhill. – Esta operação nos custou muito caro – disse Royce. – Três agentes de campo mortos. Você indiciado. A Agência remexida e virada de cabeça para baixo. O FBI inteiro em cima de nós. Foi um desastre total e completo. A mesma desgraça do caso Aldrich Ames.

Thornhill notou que todos os homens presentes, Winslow inclusive, o fitavam com um ar muito inamistoso.

– Nós sobreviveremos, não se iluda quanto a isto – assegurou Thornhill com um tom encorajador.

– Estou seguro de que nós sobreviveremos – disse Royce, enfatizando o pronome.

Royce estava definitivamente começando a incomodar Thornhill. A independência que demonstrava precisava ser reprimida rapidamente. Mas por ora Thornhill decidiu ignorá-lo.

– O maldito FBI – queixou-se. – Grampeando minha casa! A Constituição não se aplica a eles?

– Graças a Deus você não mencionou meu nome durante o telefonema daquela noite – disse Winslow.

Thornhill olhou para ele de novo, estranhando o tom curioso da sua voz.

– Sobre os meus documentos... Devo me preparar para deixar o país o mais cedo possível.

– Não será necessário, Bob – disse Royce. – E, francamente, a despeito das suas constantes explosões querendo provar o contrário, até que você estragasse tudo tínhamos um bom relacionamento com o FBI. Cooperação é a palavra-chave nos dias que correm. Todos saem perdedores nessas guerras por prestígio. Você nos transformou em dinossauros e está nos arrastando para a lama consigo.

Thornhill dirigiu-lhe um olhar exasperado e olhou para Winslow.

– Phil, não tenho tempo para isso. Você resolve com ele. Winslow tossiu nervosamente.

– Lamento, mas está com a razão, Bob.

Thornhill ficou imóvel por um momento e percorreu com o olhar toda a mesa antes de voltar a atenção para Winslow.

– Phil, quero meus documentos, e quero agora. Winslow olhou para Royce e fez um ligeiro gesto com a cabeça.

Aaron Royce levantou-se da cadeira. Não sorriu nem fez ares de vitorioso. Exatamente como havia sido treinado.

– Bob – disse. – Houve uma mudança de planos. Não precisaremos mais de sua colaboração neste assunto.

O rosto de Thornhill ficou vermelho de raiva. – De que diabos você está falando? Estou dirigindo esta operação. E quero Buchanan e Adams mortos. Agora!

– Não haverá mais mortes – disse Winslow energicamente. – Não haverá mais mortes de pessoas inocentes – acrescentou.

Ele levantou-se. – Sinto muito, Bob. Sinceramente.

Thornhill continuou olhando para ele, os primeiros tremores da verdade alcançando-o.

Phil Winslow fora seu colega de turma em Yale, irmão de fraternidade. Os dois eram membros da Skull&Bones. Winslow tinha sido seu padrinho de casamento. Amigos para toda a vida. Toda a vida.

– Phil? – disse Thornhill cautelosamente.

Winslow fez um gesto para os outros homens, que se levantaram também. Todos se dirigiram para o elevador.

– Phil? – repetiu Thornhill, a boca seca.

Quando o grupo chegou ao elevador, Winslow voltou-se para Thornhill.

– Não podemos permitir que este assunto prossiga. Não podemos deixar que vá a julgamento. E não podemos deixar você fugir. Nunca deixarão de procurá-lo. Precisamos encerrar a questão, Bob.

Thornhill meio que levantou da cadeira. – Então podemos forjar minha morte. Meu suicídio.

– Lamento, Bob. Precisamos de um encerramento completo e verdadeiro.

– Phil! – gritou Thornhill. – Por favor!

Quando todos os homens estavam dentro do elevador, Winslow olhou pela última vez para o amigo.

– Sacrifícios às vezes são necessários, Bob. Você sabe disso melhor que ninguém. Pelo bem do país.

As portas do elevador se fecharam. .

Capítulo 58

LEE SEGUROU CUIDADOSAMENTE A CORBELHA DE FLORES com as mãos enquanto seguia pelo corredor. Assim que se recuperara o bastante, Faith foi transferida para um hospital nas proximidades de Richmond, Virgínia. Lá a internaram sob um pseudônimo, e um policial armado ficava o tempo todo diante do seu quarto. Tinham considerado o hospital longe o bastante de Washington para manter absoluto segredo do seu paradeiro e, no entanto, perto o bastante para Brooke Reynolds ficar sempre de olho nela.

Aquela era a primeira vez que Lee tinha permissão para vê-la, a despeito de seus frenéticos apelos a Reynolds. Pelo menos estava viva. E melhorando a cada dia, segundo o que diziam.

Assim, ficou muito espantado quando se aproximou do quarto e não viu o guarda do lado de fora. Bateu, esperou um pouco e empurrou a porta. O quarto estava vazio, a cama sem cobertas. Andou por ali por uns segundos, em transe, e logo correu de volta para o corredor, onde por pouco não esbarrou numa enfermeira. Agarrou o braço da mulher.

– A paciente do 212? Onde está?

A enfermeira deu uma espiada no quarto vazio e olhou de novo para ele, uma expressão triste no rosto.

– O senhor é da família?

– Sim – mentiu.

Ela reparou na corbelha de flores e sua expressão ficou ainda mais angustiada.

– Ninguém lhe telefonou?

– Telefonar? Para falar o quê?

– Ela morreu na noite passada.

O rosto de Lee ficou branco.

– Morreu – repetiu, abobado. – Mas estava fora de perigo. Ia conseguir sair dessa. Que negócio é esse de ela ter morrido?

– Por favor, senhor, há outros pacientes aqui – ela segurou-o pelo braço e o conduziu para fora do quarto. – Não sei os detalhes, porque não era meu plantão. Mas posso encaminhá-lo a uma pessoa capaz de responder suas perguntas.

Lee libertou o braço.

– Olha, ela não pode estar morta, certo? Só pode ser uma história falsa, para protegê-la.

– O quê? – a enfermeira parecia não entender nada.

– Deixa comigo – disse uma voz atrás deles.

Os dois se viraram e deram de cara com Brooke Reynolds. Ela mostrou o crachá para a enfermeira.

– Deixa comigo – repetiu. A enfermeira balançou a cabeça e saiu caminhando depressa.

– O que está acontecendo? – quis saber Lee.

– Vamos para um lugar tranquilo conversar.

– Onde está Faith?

– Lee, aqui não. Droga, você quer estragar tudo?

Reynolds puxou-o pelo braço mas Lee não saiu do lugar, e ela sabia que não adiantava fazer força com ele.

– Por que devo ir com você?

– Porque vou contar a verdade.

Entraram no carro de Reynolds e ela saiu do estacionamento.

– Eu sabia que você vinha hoje, e planejei chegar no hospital antes para esperá-lo. Não consegui. Desculpe por você ter sabido através de uma enfermeira; não era o que eu pretendia.

Reynolds olhou para as flores que ele ainda segurava com força e teve pena. Naquele instante não era uma agente do FBI. Era simplesmente um ser humano sentado ao lado de alguém cujo coração, tinha certeza, estava partido. E o que tinha a lhe dizer ainda tornaria tudo pior.

– Faith foi colocada no Programa de Proteção de Testemunhas. Buchanan também.

– O quê? Buchanan eu posso entender! Mas Faith não é testemunha de nada!

O alívio de Lee foi ultrapassado pela sua raiva. Aquilo tudo estava errado.

– Mas ela precisa de proteção. Se certas pessoas souberem que está viva – bem, você sabe o que poderia acontecer.

– Quando vai ser a droga do julgamento?

– Na verdade, não haverá julgamento.

Ele a encarou, espantado.

– Não me diga que aquele filho da mãe do Thornhill conseguiu um acordo que o favoreça. Não me diga uma coisa dessas!

– Não houve acordo.

– Então por que não haverá julgamento?

– Sem réu não há julgamento – Reynolds bateu com os dedos no volante e depois colocou os óculos de sol. Em seguida passou a mexer no controle do aquecimento.

– Estou esperando – reclamou Lee. – Ou não mereço uma explicação?

Reynolds suspirou e endireitou-se.

– Thornhill está morto. Nós o encontramos em seu carro, numa estrada rural secundária, com um tiro na cabeça. Suicídio.

Lee, atônito, permaneceu em silêncio. Depois de um minuto conseguiu resmungar algo sobre Thornhill ter optado pela saída dos covardes.

– Acho que na verdade todo mundo ficou aliviado. Sei que o pessoal da CIA está. Dizer que toda essa coisa os abalou até os ossos é pouco. Acho que pelo bem do país é melhor sermos poupados de um julgamento lento e embaraçoso.

– Certo, roupa suja se lava em casa – disse Lee, incisivamente. – Viva Tio Sam!

Ele fez uma continência irônica para uma bandeira que drapejava na frente de uma agência dos correios pela qual passaram.

– Se Thornhill está fora do caminho – perguntou –, por que Faith precisa estar protegida?

– Você sabe a resposta. Quando Thornhill morreu, levou com ele para a sepultura a identidade das outras pessoas envolvidas no caso. Mas elas estão soltas por aí, sabemos que estão. Lembra do vídeo obtido por você? Thornhill estava falando com alguém ao telefone e esse alguém ainda está por aí. A CIA abriu uma investigação interna para tirá-los de suas tocas, mas não posso dizer que aguardo pelo resultado dessa investigação com muita ansiedade. E você também sabe que essa gente fará tudo para pegar Faith e Buchanan. Nem que seja por pura vingança.

Ela interrompeu-se e tocou no braço dele. – E você também, Lee.

Ele virou-se para ela e viu quais eram suas intenções.

– Não, de jeito nenhum. Não há como eu entrar para o Programa de Proteção de Testemunhas. Não posso trabalhar com outro nome. Já estou tendo um trabalho danado para fazer com que as pessoas se lembrem do meu nome verdadeiro. Prefiro esperar pelos amigos de Thornhill. No mínimo me divirto um pouco antes de morrer.

– Lee, isto não tem graça. Se você não se esconder, ficará em grande perigo. E não podemos segui-lo vinte e quatro horas por dia.

– Não mesmo? Depois de tudo o que fiz pelo Bureau? Isso significa também que não ganho o decifrador de códigos do FBI e a camiseta de brinde?

– Por que está sendo tão teimoso, Lee?

– Talvez porque eu não ligue mais a mínima, Brooke. Você é uma moça esperta, isto nunca lhe ocorreu?

Nenhum dos dois disse nada durante alguns quilômetros.

– Se dependesse de mim, você teria tudo o que quisesse, inclusive uma ilha particular com criados e tudo, mas não depende de mim – disse Reynolds, quebrando finalmente o silêncio.

Ele deu de ombros. – Eu me arrisco. Se vierem atrás de mim, que venham. Vão achar que sou um osso mais duro de roer do que imaginam.

– Não há nada que eu possa dizer para que você mude de ideia?

Ele levantou as flores.

– Pode me dizer onde Faith está.

– Não posso, e você sabe disso.

– Ora, Brooke, claro que pode. Basta abrir a boca e dizer.

– Lee, por favor...

Ele deu um soco no painel com a mão enorme, rachando-o.

– Que droga, Brooke, você não entende. Eu tenho que ver Faith!

– Você está enganado, Lee, eu entendo. E por entender é que é tão difícil para mim. Se eu lhe disser onde ela está, você irá vê-la, Faith ficará em perigo e você também. Sabe disso, Lee. Quebraria todas as regras. E não vou fazer uma coisa dessas. Desculpe. Você não sabe como me sinto péssima com essa história.

Lee apoiou a cabeça no encosto do banco e os dois permaneceram em silêncio por mais alguns minutos enquanto Reynolds dirigia sem destino.

– Como está ela? – perguntou finalmente, a voz baixa.

– Não vou mentir. Aquela bala fez um estrago e tanto. Está se recuperando, mas lentamente. Os médicos quase a perderam umas duas vezes ao longo destes meses.

Lee pôs a mão no rosto e balançou a cabeça, devagar.

– Se serve de consolo, ela ficou tão aborrecida quanto você com esse arranjo.

– Puxa vida, assim tudo fica maravilhoso. Sou a droga do rei do mundo.

– Não foi o que eu quis dizer.

– Você não vai mesmo me deixar ver Faith, vai?

– Não, não vou.

– Então pode me deixar na esquina.

– Mas seu carro está no hospital.

Ele abriu a porta antes que ela freasse.

– Vou andando.

– São quilômetros – disse Reynolds, a voz tensa. – E está gelado aí fora. Deixe-me levá-lo. A gente pode tomar um café e conversar mais um pouco.

– Preciso de ar fresco. E o que há para conversar? Já falei tudo. Pode ser que eu nunca mais fale de novo.

Saltou e recuou para falar com Reynolds.

– Você pode fazer uma coisa para mim.

– Diga.

Ele lhe entregou a corbelha.

– Pode dar um jeito para que Faith receba estas flores? Fico muito agradecido.

Lee fechou a porta do carro e saiu andando.

Ela pegou as flores e ficou olhando para Lee que se afastava, cabeça baixa, mãos enfiadas nos bolsos. Quando viu seus ombros largos sacudindo, Brooke Reynolds recostou-se no banco do carro e deixou as lágrimas escorrerem pelo rosto.

Capítulo 59

NOVE MESES DEPOIS LEE ESPREITAVA UMA CASA QUE SERVIA DE esconderijo para um homem que logo se veria envolvido em um difícil processo de divórcio com sua muitas-vezes-traída esposa. Lee fora contratado por ela, desconfiadíssima, para descobrir as sujeiras do marido, e não fora preciso muito tempo para acumular uma montanha de lixo, ao mesmo tempo em que observava um desfile de coisas lindas passarem pela tal casa. A esposa queria um acordo financeiro de bom tamanho, já que o cara tinha cerca de quinhentos milhões de dólares em ações da firma de alta tecnologia da Internet que ajudara a fundar. E Lee sentia-se muito feliz em poder ajudá-la. O marido adúltero o fizera lembrar-se de Eddie Stipowicz, o homem de um bilhão de dólares que se casara com sua ex-esposa. Colecionar provas contra aquele cara era mais ou menos como jogar pedras na cabeça de Eddie.

Lee sacou a câmera e tirou alguns retratos de uma loura, alta e de minissaia que se encaminhava para a casa. A foto do sujeito sem camisa parado na porta esperando-a, lata de cerveja na mão e sorriso lascivo imbecil no rosto gordo seria a prova número um para os advogados da esposa. As leis regulando o divórcio amigável, em que nenhuma das partes faz acusações à outra, prejudicaram seriamente o negócio dos detetives particulares, mas quando chega a hora de rachar o patrimônio conjugal, a sujeira que eles descobrem ainda tem seu peso. Ninguém gosta de passar vergonha com fotos desse tipo, especialmente quando há filhos pequenos, como era o caso aqui.

A loura de pernas compridas não podia ter mais que vinte anos, mais ou menos a idade de sua filha Renee, enquanto o marido sob vigilância já ia puxando os cinquenta. Meu Deus, as tais ações deviam mesmo ser lindas. Ou o motivo da atração era a careca do homem, sua estatura diminuta e barriga mole. Não dá para imaginar o que algumas mulheres veem. Nada disso, deve ser a grana. Lee guardou a câmera.

Era agosto em Washington, auge do verão, o que significava que todo mundo, exceto os maridos conquistadores e suas garotas e os detetives particulares que os espionavam, estava fora da cidade. Fazia um calor úmido de matar. Lee manteve as janelas do carro abertas, rezando para que soprasse uma brisa, enquanto mastigava qualquer coisa e tomava água. A coisa mais difícil nesse tipo de vigilância era a falta de intervalos para ir ao banheiro. Por isso preferia água. As garrafas de plástico tinham sido muito úteis para em mais de uma ocasião.

Checou as horas. Quase meia-noite. As luzes dos apartamentos e das casas na área já tinham sido apagadas havia muito tempo. Estava pensando em ir em frente. Já tinha conseguido muita coisa nos últimos dias, inclusive alguns instantâneos embaraçosos de uma farra que teve lugar tarde da noite na banheira de água quente que ficava ao ar livre, suficiente por si só para o cara ser facilmente garfado em três quartos da sua fortuna. Duas garotas nuas que pareciam estar terminando o curso secundário, brincando na água borbulhante com um sujeito velho o bastante para saber que não devia estar fazendo aquilo – provavelmente não teria bom efeito sobre os acionistas de sua companhia high-tech, imaginou Lee.

A vida dele tinha agora uma rotina que batizara de "monotonia obsessiva". Acordava cedo e logo que se levantava fazia um trabalho físico duríssimo, triturando o abdome e levantando pesos até o corpo hestear uma bandeira branca e ele ter a impressão de que estava prestes a ter um aneurisma. Em seguida ia trabalhar e não parava até que, de tanta fome e fraqueza, mal

conseguia chegar na McDonald's drive-through perto do seu apartamento para jantar. Depois ia para casa, sozinho, e tentava dormir, só para descobrir que não conseguia atingir a inconsciência total do sono. Acabava zanzando pelo apartamento, olhando pela janela, pensando sobre um monte de coisas sobre as quais não tinha poder de fazer coisíssima alguma. O livro dos "e se" da sua vida estava preenchido. Precisava comprar outro. Tinham acontecido coisas positivas, no entanto. Brooke Reynolds assumira como sua missão mandar-lhe tantos casos quanto possível, e tudo de alta qualidade, troço que pagava bem. Também fizera com que alguns ex-agentes do FBI, seus amigos, que haviam saído do Bureau e passaram a trabalhar em segurança empresarial, lhe oferecessem emprego, às vezes com opções acionárias. Lee não aceitou nenhum convite. Ficava agradecido, disse a Reynolds, mas preferia trabalhar sozinho. Não era do tipo que gostava de andar de terno. Não fazia refeições que precisassem de talheres. Os elementos tradicionais do sucesso sem dúvida fariam mal à sua saúde.

Passara a ver Renee com frequência, e cada vez mais as coisas melhoravam entre eles. Durante cerca de um mês depois de tudo o que acontecera, praticamente não saíra do lado dela para que nada lhe ocorresse por iniciativa de Robert Thornhill e companhia. Após o suicídio de Thornhill suas preocupações amainaram, embora continuasse sempre alerta em relação a ela. Viria visitá-lo antes do recomeço das aulas, e Lee andava pensando se não seria o caso de mandar a Eddie e Trish, padrasto e mãe de Renee, um cartão-postal para elogiar o trabalho maravilhoso que haviam feito com a menina. Pensando bem, talvez não mandasse nada.

A vida era boa, vivia repetindo para si próprio. Os negócios iam bem, a saúde era boa e sua filha voltara a fazer parte de sua vida. Ele não jazia sete palmos sob a terra para fertilizar a grama e também servira a seu país. O que o fazia perguntar por que se sentia tão infeliz, tão miserável. Para falar a verdade sabia a resposta, só que não podia fazer nada a respeito. Não era uma maravilha? A história da sua vida.

Os faróis de um carro surgiram no seu espelho lateral. O olhar de Lee imediatamente foi para o carro que acabara de se colocar atrás dele. Não era um policial querendo saber por que ficara tanto horas estacionado ali. Ele franziu a testa e olhou para a casa que vigiava. Será que o tal milionário namorador reparara no seu carro e resolvera pedir socorro para dar uma lição no detetive xereta? Lee gostaria que fosse este o caso. Tinha um pé-de-cabra no banco ao seu lado. Dar uma surra em alguém podia ser o antídoto para depressão de que precisava. Algo para fazer a endorfina circular. Pelo menos o ajudaria a dormir naquela noite.

Ficou surpreso quando apenas uma pessoa saiu do lado do passageiro e dirigiu-se para onde se encontrava. Era uma pessoa pequena e magra, escondida dentro de um casaco que ia até os tornozelos com um capuz, não exatamente o traje recomendado para o calor de 32°C com cem por cento de umidade que estava fazendo. Lee apertou a barra de ferro com mais força. No momento em que a figura encapotada chegou do lado direito do seu carro ele acionou a tranca. E no instante seguinte seus pulmões pararam de funcionar e ele precisou fazer força para respirar.

O rosto que olhava para ele era muito pálido e magro. E muito parecido com o de Faith Lockhart. Lee destrancou a porta e ela entrou.

Após algum tempo encarando-a, finalmente conseguiu encontrar a voz.

– Meu Deus, é você, Faith?

Ela sorriu, e de repente não pareceu mais tão pálida, tão cansada, tão frágil. Tirou o casaco. Por baixo vestia uma camisa de manga curta e short caqui. Seus pés estavam metidos

em sandálias. As pernas, muito brancas, estavam mais finas do que se lembrava; o mesmo acontecia com ela toda. Lee deu-se conta de que tantos meses dentro de um hospital a tinham arrasado. O cabelo crescera e estava mais comprido, mas longe do comprimento original. No entanto, ela ficava melhor com a cor verdadeira.

Na verdade, queria aquela mulher mesmo que estivesse sem cabelo.

– Sou eu – disse ela, baixinho. – Pelo menos, o que resta de mim.

– É Reynolds quem está com você?

– Nervosa e preocupada porque a convenci a vir.

– Você está linda, Faith.

Ela sorriu, resignada.

– Mentiroso. Eu não podia estar pior. Não consigo sequer olhar para o meu peito. Meu

Deus!

Faith falou com um jeito brincalhão, mas Lee podia sentir a angústia por trás do tom leve.

Ele tocou muito delicadamente no seu rosto.

– Não estou mentindo, e você sabe disso.

Ela envolveu a mão dele com a sua e apertou com força surpreendente.

– Muito obrigada.

– Como você está indo, de verdade? Quero fatos, nada de histórias.

Faith alongou o braço vagarosamente. Era visível a dor que sentia com aquele movimento tão simples.

– Fui oficialmente aposentada do circuito aeróbico. Mas estou me aguentando. Na verdade, melhoro a cada dia. Os médicos contam com uma recuperação total. Bem, de qualquer modo na faixa dos noventa e nove por cento.

– Nunca pensei que veria você de novo.

– Eu não podia deixar que isso acontecesse.

Lee deslizou no banco para junto dela e abraçou-a. Ela recuou um pouco e ele rapidamente desistiu.

– Desculpe, Faith. Sinto muito.

Ela sorriu e passou o braço dele pelos seus ombros, fazendo um carinho na sua mão.

– Não estou tão frágil. E o dia em que você não puder mais me abraçar é porque minha vida acabou.

– Eu lhe perguntaria onde está morando, mas não quero fazer nada que a ponha em perigo.

– Que jeito maravilhoso de se viver, você não acha? – perguntou Faith.

– Acho.

Ela inclinou-se de encontro a ele, descansando a cabeça no seu peito.

– Vi Danny logo depois que saí do hospital. Quando nos disseram que Thornhill tinha se matado, achei que ele nunca mais ia parar de sorrir.

– Não posso dizer que eu tenha me sentido diferente.

Faith olhou para ele.

– E você, Lee, como vai?

– Eu! Nada me aconteceu. Ninguém atirou em mim. Ninguém me diz onde tenho de morar. Estou numa boa. Entre todos os envolvidos, fiquei com a melhor parte.

- Verdade ou mentira?
- Mentira – respondeu, baixinho.

Trocaram um beijo rápido e depois um mais longo. Os gestos eram tão fáceis, pensou Lee, as cabeças virando no ângulo certo, os braços envolvendo um ao outro sem desperdiçar um movimento, como as peças de um quebra-cabeça que se encaixassem. Podiam estar acordando na casa de praia, no dia seguinte. Como era possível conhecer uma pessoa por tão pouco tempo e depois se sentir como se esse conhecimento datasse de muitas e muitas vidas atrás? Deus só permitiria que uma coisa dessas acontecesse uma vez entre milhões. E no caso de Lee, Deus a levava para longe dele. Não era justo, não era justo. Lee comprimiu o rosto no cabelo de Faith, encharcando-se com cada partícula do seu odor.

- Quanto tempo você tem? – perguntou ele.
- Em que está pensando?
- Nada de complicado. Jantar na minha casa, uma conversa tranquila. Você me deixar abraçá-la a noite inteira.

- Por mais maravilhoso que sua ideia me pareça, não sei se já estou pronta para essa última parte.

- Estou sendo literal, Faith. Só quero abraçá-la. Mais nada. Venho pensando nisso todos esses meses. Abraçar você.

Faith deu a impressão de que ia começar a chorar. Mas afastou a lágrima solitária que caiu no rosto de Lee. Ele deu uma olhada no espelho retrovisor.

- Acho que isso não deve estar nos planos da Reynolds, não é mesmo?
- Duvido.

Lee encarou-a de novo, muito sério.

- Faith – perguntou, num fio de voz –, por que você se colocou na frente daquela bala? Sei que gosta de Buchanan e tudo, mas por quê?

Ela respirou com cuidado, uma inspiração curta, de convalescente.

- Como já falei, ele é uma pessoa única, eu sou comum. Não podia ter deixado que morresse.

- Eu não teria feito isso.
- Nem por mim?
- Por você, sim.
- Você se sacrifica pelas pessoas de quem gosta, por quem se importa. E eu me importo muito com Danny.

- Acho que o fato de você ter todos os recursos para desaparecer – identidade falsa, conta em banco suíço, casa segura e mesmo assim ter procurado o FBI para tentar salvar Buchanan, deveria ter me aberto os olhos.

Ela apertou o braço de Lee. – Mas eu sobrevivi. Consegui vencer a batalha. Talvez isso me faça também um pouco extraordinária, como Danny, você não acha?

Ele colocou a mão em forma de concha no rosto dela.

- Agora que você está aqui, eu realmente não quero que se vá de novo, Faith. O que quero dizer é que eu daria tudo o que tenho, faria qualquer coisa que pudesse, se você não me deixasse mais.

Faith delineou o contorno da sua boca com os dedos, beijou-lhe os lábios e fitou-o direto

nos olhos, que mesmo no escuro pareciam ter o ofuscante calor do sol.

Pensara que nunca mais fosse ver aqueles olhos azuis de novo: talvez o fato de saber que isso só poderia acontecer se sobrevivesse, tenha sido a única coisa que a salvara, que não a deixara morrer. Naquele instante não poderia afirmar se teria algum outro motivo para viver além do amor daquele homem. Representava tudo para ela.

– Ligue o motor – disse Faith.

Ele a olhou intrigado, sem dizer nada. Mas girou a chave na ignição e engrenou o carro.

– Saia – continuou ela.

Ele acelerou, afastando-se do meio-fio. Reynolds, no carro de trás, imediatamente fez o mesmo.

Lee e Faith foram em frente, seguidos pelo carro de trás.

– Reynolds deve estar arrancando os cabelos – comentou Lee.

– Ela se recupera.

– Seu tanque está cheio?

Ele se espantou.

– Eu estava numa campana. Tanque cheio até a boca.

Ela acomodou-se de novo de encontro a ele, a cabeça encostada no seu peito, o cabelo fazendo cócegas no seu nariz. Seu perfume era tão bom que ficou meio tonto.

– Podemos ir até o mirante da GW Parkway.

Faith contemplou o céu recamado de estrelas.

– Posso lhe mostrar as constelações.

– Esteve caçando estrelas ultimamente?

Ela sorriu.

– Sempre.

– E depois?

– Não podem me fazer ficar no programa de Proteção às Testemunhas contra a minha vontade, podem?

– Não. Mas você vai correr perigo.

– Que tal corrermos perigo juntos?

– Em um segundo, Faith. Em um segundo. Mas o que acontece quando ficarmos sem gasolina?

– Por ora, vá em frente, Lee.

Foi exatamente o que fez.

FIM

Este livro foi composto pela
MG Textos Editoriais Ltda.
Av. Venezuela, nº 131/813
e impresso na Editora JPA Ltda.
Av. Brasil, 10.600 – Penha – Rio de Janeiro – RJ
para a Editora Rocco Ltda.